CHRIS GARDNER



à procura da FELICIDADE

Apenas uma coisa para mim é mais importante que todas as outras: meu compromisso com meu filho. E essa é a nossa história.

Novo Conceito

Sumário

Agradecimentos

Nota do autor

PRÓLOGO Siga em frente

PARTE 1

CAPÍTULO 1 Balinhas

CAPÍTULO 2 *Blues* do sem-pai

CAPÍTULO 3 Onde está minha mãe?

CAPÍTULO 4 *Bitches Brew* (lado A)

CAPÍTULO 5 *Bitches Brew* (lado B)

PARTE 2

CAPÍTULO 6 O mundo lá fora

CAPÍTULO 7 Quadros de uma vida

CAPÍTULO 8 Revés (uma introdução)

CAPÍTULO 9 Revés (avançado)

CAPÍTULO 10 *California Dreamin'*

PARTE 3

CAPÍTULO 11 Rosas no gueto

CAPÍTULO 12 A esfera da influência

EPÍLOGO Mais abençoado do que os sonhos de mil homens

À PROCURA DA
felicidade

CHRIS GARDNER

com

Quincy Troupe

e

Mim Eichler Rivas

Tradução:
Alzira Allegro


Editora
Novo Conceito

Para minha mãe,

Bettye Jean

Bem, filho, vou lhe dizer:

para mim, a vida não tem sido uma escada de cristal.

Mas estou sempre subindo...

– “De Mãe para Filho”, Langston Hughes

Agradecimentos

Minha mãe sempre salientou para mim que as palavras mais importantes da língua inglesa são *por favor* e *obrigado.* Com isso em mente, eu gostaria de agradecer a todas as pessoas que tive a bênção de ter em minha vida e que também me ajudaram no enorme desafio de tentar escrever este livro.

Meu primeiro obrigado vai para a equipe da Gardner Rich & Company (GRC), que me concedeu o tempo, o espaço físico e emocional para olhar para trás, enquanto olhavam adiante. Agradeço especialmente a Collene Carlson, presidente da GRC, por me dar total cobertura nos últimos doze anos.

Tenho que gritar um agradecimento para minha garota Lynn Redmond do *20/20* da ABC. Foi a paixão dela por uma parte da minha jornada vida afora que tornou possível tantas bênçãos e oportunidades. Também tenho que agradecer a Bob Brown do *20/20.* Bob levou o "entrar na cabeça do indivíduo" um pouco mais adiante. Bob e eu temos o mesmo barbeiro!

Quincy Troupe uma vez me fez um cumprimento às avessas, dizendo-me que eu era tão louco quanto o seu biografado anterior, Miles Davis. Definitivamente, aceito isso como um cumprimento! Foi Quincy quem me ajudou a abrir todas as portas que eu tentava fechar em minha mente.

Mim Eichler Rivas ajudou-me a expor minha alma. Quincy pôs no papel os fatos ocorridos – Mim pôs no papel as repercussões

emocionais dos fatos ocorridos. Se há aqui algum sentimento, paixão ou sonho, é tudo obra de Mim.

Também vital para este livro foi Dawn Davis, minha brilhante editora da Amistad, que não sabe nada sobre minhas roupas e nem quer saber. Desde o primeiro segundo em que nos encontramos, eu sabia que ela era “a editora” – em momento algum tive qualquer dúvida. Quando nos conhecemos, o último livro que ela havia publicado estava em vias de ganhar o *Pulitzer Prize*. Como eu disse, nunca houve qualquer dúvida! E obrigado a todas as batalhadoras pessoas da Amistad: Rockelle Henderson, Gilda Squire, Morgan Welebir, e às equipes de produção e *design*.

Sou eternamente grato a Will Smith. O rapaz é mesmo o VERDADEIRO NEGÓCIO! Foi a Will que expressei minhas preocupações durante as filmagens de *À Procura da Felicidade*. Continuo encantado com sua dignidade, sua humildade e seu talento.

O pessoal da Escape Artists: Todd Black, Jason Blumenthal e Steve Tisch. Novamente, desde o começo eu soube que era com eles que eu devia me afinar. Obrigado! Obrigado! Obrigado!

Mark Clayman, sua perspicácia continua a me assombrar. Nada disso teria acontecido sem a sagacidade de Mark.

Agradeço a Jennifer Gates, minha agente na Agência Literária Zachary Schuster Harmsworth, por ter acreditado em mim, orientando-me e me permitindo sentir medo.

Nada nesta vida ou na próxima jamais terá mais valor para mim que meus dois filhos. Com muita ajuda alheia, eles foram educados e, hoje, tornaram-se dois jovens absolutamente fabulosos: meu filho, Christopher, e minha filha, Jacintha, minhas grandiosas bênçãos. Obrigado por serem quem são, mesmo que eu não tenha sido quem deveria ser.

Para H., meu eterno amor. Seu apoio constante tornou tudo possível. A Madame Baba, minha musa, obrigado.

Obrigado à família de onde vim, e tão importante quanto ela, obrigado à que me adotou: meu pai Bill Lucy; meu irmão mais velho,

Reggie Weaver; meu destemido primo, Charles Ensley: minha irmã mais velha, Anne Davis; meu “vovô”, reverendo Cecil Williams; o padrinho, o Big Will original; e minha madrinha Charlene Mitchell e Willie L. Brown.

E um agradecimento especial e profundo a minha mentora, Barbara Scott Preiskel.

Nota do autor

Esta não é uma obra de ficção. Os eventos apresentados refletem fiel e verdadeiramente a maneira como os tenho na memória. Alguns nomes e descrições de pessoas foram alterados em respeito a sua privacidade. Peço sinceras desculpas àqueles cujo nome tenha omitido ou dos quais não me recordo. Embora as circunstâncias e conversas aqui retratadas tenham vindo de minhas intensas lembranças, elas não devem ser vistas como a representação precisa das linhas do tempo dos acontecimentos, ou a reprodução exata, palavra por palavra, de minha vida. Os eventos são descritos de forma a evocar o sentimento real e a importância do que foi dito, e minha percepção do que aconteceu comigo, mantendo a verdadeira essência do significado e do estado de espírito daqueles momentos que moldaram minha vida.

À PROCURA DA
felicidade

PRÓLOGO

Siga em frente

Sempre que me perguntam o que foi exatamente que me guiou pelos dias mais sombrios de minha vida, não apenas para sobreviver, mas também para superar aquelas circunstâncias e, no fim, atingir um patamar de sucesso e satisfação pessoal que parecia impossível, dois momentos me vêm à mente.

Um deles aconteceu no início da década de 1980, em uma manhã ensolarada, na região da Bay Area, a Baía de San Francisco, quando eu tinha vinte e sete anos. No estacionamento absolutamente lotado do Hospital Geral de San Francisco, quando eu estava saindo do edifício, um raio forte de sol bloqueou minha visão por um instante. Quando consegui restabelecer o foco, o que vi mudou o modo como eu via o mundo. Em outro momento qualquer de minha vida isso não teria me causado um impacto tão profundo, mas naquele momento e naquela maravilhosa Ferrari 308, vermelha, conversível, circulando vagarosamente pelo estacionamento – dirigida por um sujeito que obviamente procurava uma vaga – havia alguma coisa que me compeliu a ter com ele uma conversa que mudaria totalmente os rumos de minha vida.

Alguns anos antes, recém-saído da Marinha, eu havia chegado a San Francisco – atraído à Costa Oeste por um prestigioso emprego na área de pesquisa e pela oportunidade de trabalhar para um dos mais famosos jovens cirurgiões cardíacos do país. Para um garoto como eu, que mal havia posto os pés fora do quadrado de seis quarteirões do bairro em Milwaukee – sem contar o período de

três anos como paramédico da Marinha na Carolina do Norte –, San Francisco era tudo aquilo com que eu sonhava. A cidade era a Terra do Leite e do Mel e a Cidade Esmeralda de Oz – tudo reunido em um só local. Emergindo da baía em meio a neblinas douradas de possibilidades, ela me seduziu desde o início, exibindo suas muitas colinas e grandes vales, oferecendo-se de braços abertos ao visitante. À noite, era afrodisíaca – suas luzes, como joias raras, cintilavam de Nob Hill e Pacific Heights, passando pelos melhores bairros e ao longo das ruas mais rústicas de Mission e de Tenderloin (meu novo bairro), sem contar as torres do Distrito Financeiro, cujo brilho se refletia na baía perto de Fisherman's Wharf e da Marina.

Nos primeiros dias, não importa quantas vezes fui de carro a oeste, atravessando a ponte Bay Bridge, vindo de Oakland, ou a norte, vindo da cidade de Daly City, passando pela ponte Golden Gate, que se estende até o horizonte antes de entrar no Condado de Marin, aquelas paisagens de San Francisco eram como ficar apaixonado novamente. Mesmo com o passar do tempo e já tendo me acostumado com o clima – os períodos de céu cinzento com neblina alternados com dias de chuva de gelar os ossos –, eu acordava e desfrutava de um daqueles dias gloriosos e perfeitos de San Francisco, cuja beleza apagava todas as minhas lembranças tristes. Até hoje, San Francisco permanece em minha mente como a Paris do Pacífico.

É claro que nessa época não demorou muito para que eu descobrisse que ela também era ilusória, não necessariamente fácil, algumas vezes fria, e, definitivamente, longe de ser uma cidade barata. Entre os aluguéis altíssimos e os crônicos consertos de freio e embreagem do carro, causados pelas colinas íngremes que exigiam muito do motor – para não falar daquela pilha de multas de estacionamento não pagas, tão familiares à maioria dos que vivem em San Francisco – ficar com dinheiro no bolso era sempre um desafio. Mas isso não iria prejudicar minha crença de que eu venceria. Além do mais, eu sabia bastante sobre desafios. Sabia como dar duro e, de fato, nos anos que se seguiram, os desafios me ajudaram a reformular meus sonhos, a buscar mais longe, e perseguir metas com um sentido de premência muito maior.

No início de 1981, quando fui pai pela primeira vez, fiquei tão fascinado que aquele sentido de premência me empurrou para um patamar acima. À medida que meu filho vivia seus primeiros meses, não apenas tentei seguir adiante mais rápido, como também comecei a duvidar do caminho que havia escolhido – se, de alguma forma, em todo o meu esforço, eu não estava tentando subir a escada rolante que descia. Ou, pelo menos, esse era meu estado de espírito naquele dia no estacionamento do Hospital Geral de San Francisco, quando me aproximei do motorista da Ferrari vermelha.

Esse encontro iria se cristalizar em minha memória – quase se transformando em um momento mítico ao qual eu poderia voltar e que eu poderia visitar no presente do indicativo, sempre que o desejasse ou precisasse da mensagem que ele me trazia. Vejo o carro esporte diante de mim exatamente como se fosse hoje, rodando em câmera lenta, o motor inacreditavelmente possante zunindo, enquanto espera ociosamente e ronca baixinho, como um leão se preparando para o ataque. Em minha mente, ouço aquele som incrível do trompete de Miles Davis, meu herói musical; naquela época, eu tinha certeza de que iria ser como ele quando crescesse. Essa é uma daquelas sensações imaginadas na trilha sonora de nossas vidas que nos dizem para prestar atenção.

Com a capota do carro abaixada – o vermelho metálico do capô brilhando, o que me faz lembrar um carro do Corpo de Bombeiros –, o sujeito ao volante é tão interessante como os músicos de *jazz* que eu costumava idolatrar. Branco, cabelos escuros, barba bem-feita, altura mediana e corpo esguio, ele está usando um terno muito moderno e elegante, provavelmente feito sob medida e com um belo tecido. É mais que uma peça de vestuário maravilhosa; é o todo – a gravata de muito bom gosto, a camisa sóbria, o lenço no bolso, as discretas abotoaduras e o relógio. Não há nada a deplorar; tudo combina muito bem. Nenhuma frescura. Nenhuma bobeira. Tudo absolutamente de acordo.

− Ei, cara – eu lhe disse, aproximando-me da Ferrari e acenando para ele, conforme lhe indicava onde havia estacionado meu carro e mostrando-lhe, com um movimento de cabeça, que eu já estava saindo. Será que é a Ferrari que está me seduzindo? Sim. Sou um

macho americano de sangue vermelho. Mas é mais que isso. Nesse instante, o carro simboliza tudo aquilo que me faltou quando eu era criança: liberdade, escapismo, opções. − Pode pegar a minha vaga − disse a ele −, mas antes preciso te fazer algumas perguntas.

Ele pensa que estou lhe propondo um negócio – minha vaga em troca de informação. Em meus vinte e sete anos de vida até então, já aprendi um pouco a respeito do poder da informação e do tipo de moeda que ela pode valer. Vejo agora uma chance de conseguir alguma informação, penso eu, de quem está por dentro; então saco minha fiel espada – uma compulsão por fazer perguntas que tem sido meu *kit* de sobrevivência desde a infância.

Ao perceber que não é um mau negócio para nenhum de nós, ele dá de ombros e diz:

− Tudo bem.

Minhas perguntas são muito simples:

− O que você faz? Como você faz?

Dando uma risada, ele responde à primeira pergunta também de maneira muito simples:

− Sou corretor.

Mas para responder à segunda, combinamos um encontro algumas semanas depois, para uma iniciação no ABC da Wall Street, um local completamente estranho, porém fascinante, onde só um louco como eu poderia pensar em fazer o que ele e outros como ele fazem, se eu conseguisse encontrar um espaço.

Apesar de não ter absolutamente nenhuma experiência e absolutamente nenhum contato no meio, tentar conseguir minha grande chance no mercado de ações tornou-se o meu foco principal nos meses subsequentes, mas o mesmo aconteceu com outros assuntos que exigiam solução imediata, sobretudo quando, de repente, me tornei pai solteiro no meio de uma série de outros acontecimentos imprevistos e tumultuosos.

Nessa época, as atitudes conflitantes em San Francisco com relação à crescente população de moradores de rua já eram bem

conhecidas. O que as autoridades diziam ser uma nova epidemia de moradores de rua já vinha, na verdade, se desenvolvendo há mais de uma década, por obra de vários fatores – incluindo cortes drásticos no orçamento do estado para custeio de instituições psiquiátricas, opções de tratamento limitadas para o grande número de veteranos do Vietnã, que sofriam de síndrome de estresse pós-traumático e haviam se tornado viciados em álcool e drogas, juntamente com as mesmas doenças urbanas que afetavam o restante do país. No decorrer do longo e rigoroso inverno de 1982, conforme os programas governamentais de assistência aos pobres eram eliminados, a economia na Bay Area, como no restante do país, estava em declínio. Em um período no qual emprego e moradia a preços acessíveis estavam cada vez mais difíceis de se encontrar, obter drogas baratas nas ruas, como pó de anjo e PCP, começava a se tornar mais fácil.

Embora alguns líderes executivos se queixassem de que os moradores de rua poderiam afugentar os turistas, se você por acaso visitasse San Francisco no início da década de 1980, muito provavelmente, não perceberia a crise que se aprofundava. Talvez tivesse sido advertido sobre quais bairros evitar – áreas onde poderia encontrar bêbados, drogados, prostitutas, mulheres sem-teto carregando suas trouxas, gente em trânsito e outros que, conforme se dizia no meu bairro em Milwaukee, “eram simplesmente malucos”. Ou talvez você tivesse notado realmente alguns dos sinais – as longas filas para um prato de comida, o crescente número de pedintes, as mães com os filhos nos degraus de abrigos com capacidade excedida, adolescentes que haviam fugido de casa, ou aquelas formas humanas adormecidas que, às vezes, pareciam mais pilhas de roupas amontoadas, descartadas nos becos, em bancos de parques, em estações de baldeação, ou debaixo de marquises e entradas de edifícios. Talvez sua visita a San Francisco lhe trouxesse à lembrança problemas semelhantes aos de sua cidade natal, ou talvez até mesmo o alertasse quanto ao crescente percentual de trabalhadores pobres que haviam entrado para as estatísticas dos sem-teto – legalmente empregados, mas indivíduos e famílias sobrecarregados, forçados a escolher entre pagar o aluguel e comprar comida, remédio, vestuário ou outras

necessidades básicas. Talvez você tenha parado para pensar que tipo de vidas, de sonhos e de histórias já foram vivenciadas antes, e, quem sabe, considerar como seria fácil para qualquer um cair nas brechas de seja lá que estrutura for que porventura tivesse existido, ou enfrentar uma crise súbita de qualquer proporção, e simplesmente tropeçar no fosso do viver sem moradia.

Entretanto, há alguma chance de que, mesmo que seja um bom observador, você não tenha notado minha presença. Ou, se me viu, andando bem depressa e empurrando um frágil carrinho de bebê azul, meu único veículo e dentro do qual eu carregava a carga mais preciosa do universo – meu filho de dezenove meses, Chris Jr., uma criança linda, esperta, alerta, tagarela e *esfomeada* –, é pouco provável que você tenha suspeitado que éramos moradores de rua. Usando um dos meus dois ternos, o outro na sacola de roupas que eu carregava nos ombros, junto com a mochila, cheia de pertences mundanos (incluindo diferentes peças de roupa, objetos de higiene pessoal e poucos livros sem os quais eu não poderia viver), tentando segurar um guarda-chuva em uma das mãos, uma pasta na outra, e equilibrar debaixo do braço a maior caixa de fraldas Pampers do mundo e, ainda, manobrar o carrinho, provavelmente parecíamos mais como se estivéssemos saindo para um longo final de semana fora de casa. Alguns dos lugares onde dormíamos davam a entender que era isso mesmo – as estações de metrô da Bay Area Rapid Transit, as salas de espera dos aeroportos de San Francisco ou de Oakland. E há também que levar em conta os "esconderijos" onde ficávamos, que poderiam trair minha situação: no escritório, onde eu ficava trabalhando até mais tarde para que pudéssemos nos deitar no assoalho debaixo de minha mesa ou, como de vez em quando acontecia, no banheiro público da estação BART, em Oakland.

Aquele *box* pequeno, parecido com uma cela, sem janelas, azulejado – grande o suficiente para nós dois, nossa tralha, e um vaso e uma pia, onde tentávamos fazer nossa higiene pessoal da melhor maneira possível – representava, ao mesmo tempo, meu pior pesadelo de estar confinado, trancado e excluído, e uma dádiva de Deus, uma proteção; eu podia trancar a porta e deixar os perigos

lá fora. Era o que era – uma estação de passagem entre o lugar de onde eu vinha e o lugar para onde eu ia, minha versão de um *pit stop* na ferrovia subterrânea, bem ao estilo dos anos de 1980.

Enquanto mantinha meu foco em metas que estavam adiante, metas com que tive a ousadia de sonhar e que incluíam uma Ferrari vermelha só minha, eu me protegia do desespero. O futuro era absolutamente incerto e havia muitos obstáculos, voltas e reviravoltas à minha espera, mas à medida que eu seguia em frente, passo após passo, as vozes do medo e da vergonha, as mensagens daqueles que queriam me fazer acreditar que eu não era bom o suficiente, se calavam.

Siga em frente. Esse era meu mantra, inspirado pelo reverendo Cecil Williams, um dos homens mais iluminados que já passaram por esse mundo, um amigo e mentor cuja bondade me abençoou de uma maneira que jamais terei condições de descrever com justeza. Na Igreja Metodista Glide Memorial, no bairro Tenderloin – onde o Reverendo alimentava, abrigava e reparava almas (e onde acomodou milhares de sem-teto, que se tornou o primeiro hotel dos sem-teto no país) – ele já era um ícone. Naquela época, e mais tarde, era impensável viver na Bay Area e não ter ouvido falar de Cecil Williams e captar sua mensagem. “Pratique aquilo que você fala”, ele pregava. Aos domingos, seu sermão poderia ser sobre vários assuntos, mas aquele tema estava sempre lá, além dos outros. Pratique aquilo que você fala e siga sempre em frente. Não fique apenas no discurso, pratique-o e siga em frente. E para caminhar, não havia necessidade de dar passos grandes; passos de bebê também contavam. Siga em frente.

Essas frases martelaram em meu cérebro até formarem um jogo de *skat* sem palavras, como um *staccato* de três batidas, à medida que viajávamos no trem da BART, ou como o ritmo sincopado do clac-clac-clac das rodas do carrinho junto com a percussão dos ocasionais *rangidos, chiados e gemidos* que elas faziam, morro acima e morro abaixo, nas calçadas íngremes das ruas de San Francisco, e ao virar as esquinas.

Anos mais tarde, os carrinhos de bebê se tornariam muitíssimo *high-tech*, com rodas duplas ou triplas de cada lado, aerodinâmicos, alinhados, estofamento de couro e compartimentos extras para guardar coisas, e teto encaixáveis para torná-los parecidos com iglus habitáveis. Mas o meu precário carrinho azul, à medida que avançávamos no inverno de 1982, não tinha nada disso. O que ele realmente tinha – no decorrer do que, tenho certeza, foi o mais úmido e frio inverno de que se tem notícia em San Francisco – era uma espécie de toldo, que eu mesmo fiz, usando plástico que consegui de graça das lavanderias; era assim que eu protegia Chris Jr.

Embora eu continuasse seguindo em frente, porque acreditava que um futuro melhor nos aguardava, e por mais certo que estivesse de que o encontro no Hospital Geral de San Francisco havia me colocado na direção desse futuro, a força verdadeira que me impelia para lá veio de outro evento crucial em minha vida – que aconteceu antes, em Milwaukee, em março de 1970, pouco tempo depois que completei dezesseis anos.

De maneira diferente de muitas experiências de infância que teimavam em se misturar em minha memória, formando uma série de imagens que bruxuleavam indistintas como aqueles filmes antigos, esse acontecimento − que deve ter durado pouco mais do que um décimo de segundo – tornou-se uma realidade vívida que eu podia evocar sempre que quisesse, em todos os seus mínimos e perfeitos detalhes.

Esse foi um dos períodos mais instáveis de minha vida, muito mais instável do que a turbulência pública da época – a Guerra do Vietnã, o movimento pelos direitos civis, os ecos dos assassinatos políticos e das agitações públicas, e a influência cultural da música, dos hippies, do *black power*, do ativismo político. Tudo isso combinado colaborou para moldar minha percepção de mim mesmo, de meu país e do mundo.

Durante minha infância e adolescência, eu e minha família − que consistia em minhas três irmãs, nossa mãe, que esteve presente apenas esporadicamente em minha primeira infância, e nosso

padrasto – moramos em diferentes casas, pequenos prédios sem elevador e apartamentos, o que era interrompido por separações intermitentes, quando íamos morar com uma série de parentes, todos vivendo dentro de uma área de quatro quarteirões. Finalmente, mudamos para uma pequena casa em um bairro considerado socialmente um pouco superior, em comparação com o lugar onde vivíamos antes. Contudo, essa casa era, de qualquer forma, um sinal de ascensão – à moda da família Jefferson, para quem ainda faltavam cinco anos até que conseguissem seu próprio *show* na TV.

Nesse dia especial, a TV foi o foco de minha atenção e a chave para meu bom humor cheio de expectativas, não apenas porque eu estava me preparando para assistir às quartas de final da NCAA, mas porque tinha a sala de estar todinha só para mim. Isso significava que eu podia torcer e gritar o quanto quisesse e, se tivesse vontade, podia também falar e responder a mim mesmo imediatamente. Minha mãe tinha o mesmo hábito. Quando perguntavam a ela o que estava fazendo, ela respondia: “Conversando com alguém que tem bom senso”.

O fato de minha mãe ser a única pessoa em casa, além de mim, naquele dia era outra razão por que eu me sentia bem. Mesmo que ela não estivesse sentada ao meu lado para ver o jogo, e sim ali por perto – ocupada, passando roupa na sala de jantar ao lado, como sempre acontecia – era como se a casa estivesse suspirando de alívio pelo fato de apenas nós dois estarmos lá, algo que quase nunca ocorria, considerando, sobretudo, a presença ameaçadora de meu padrasto.

A Loucura de Março, que vinha todo ano ao final da temporada de basquete na faculdade, além de emocionante para mim, era uma excelente válvula de escape de quaisquer pensamentos mais sombrios que eu tinha acerca da corda bamba em que andava me equilibrando no final da adolescência até atingir a idade adulta. O torneio era sempre cheio de surpresas, histórias de Cinderela e drama humano, começando com os 64 melhores times do país em 32 jogos, que rapidamente se reduziam aos Doce Dezesseis, depois aos Oito de Elite, e acabavam com os dois jogos das quartas de

final, antes de os vencedores disputarem o título de campeão. Todos os olhares naquele ano estavam voltados para a UCLA e imaginando como eles se sairiam em sua primeira temporada sem Lew Alcindor (que logo passou a se chamar Kareem Abdul-Jabbar), jogador de mais de dois metros, depois de ele ter levado o time a três títulos consecutivos. O time que parecia destinado a garantir que a UCLA não fosse para casa com o campeonato do ano era o da Jacksonville University, um programa universitário até então desconhecido que se gabava de ter não apenas uma, mas duas estrelas: Artis Gilmore e Pembrook Burrows III, ambos medindo acima de dois metros. Nessa época, não era muito comum ter jogadores tão altos, muito menos dois no mesmo time.

Conhecidos como as Torres Gêmeas originais, ou algumas vezes como as Torres do Poder, Gilmore e Burrows haviam ajudado Jacksonville a aniquilar a oposição e chegar às quartas de final para enfrentar St. Bonaventure. Quando se aproximava o momento da bola parada, o entusiasmo só aumentava com as previsões dos locutores sobre a carreira e a fortuna que estavam à espera dos dois gigantes na NBA ou na ABA.

O que aconteceu foi que o Jacksonville ganhou, mas, no fim, perdeu para a UCLA. Artis Gilmore iria fazer sucesso na NBA, enquanto Pembrook Burrows seria convocado pelo Seattle antes de seguir carreira como oficial de patrulha da Florida Highway.

Nada disso tem muita importância quando estou sentado lá, tão envolvido esperando a bola parada e tão impressionado com o que os locutores falam da capacidade atlética e da fortuna à espera deGilmore e Burrows, que digo alto para ninguém: “Uau! Um dia esses caras vão ganhar um milhão de dólares!”

Minha mãe, de pé, passando roupa na sala ao lado, bem atrás de mim, diz claramente, como se estivesse sentada ao meu lado todo o tempo: “Filho, se você quiser, um dia *você* pode ganhar um milhão de dólares”.

Estupefato, sem responder, deixo suas palavras infiltrarem-se em mim. Não há necessidade de resposta, pois Bettye Jean Triplett, nascida Gardner, fez uma declaração de fato, que não deve ser

questionada e nem precisa ser respondida. É uma coisa factual, como se, na sexta-feira, alguém dissesse que amanhã é sábado.

Aquilo foi bíblico, um dos dez mandamentos vindos diretamente de Deus para minha mãe: “Se você quiser, um dia você pode ganhar um milhão de dólares”.

Instantaneamente, meu mundo virou de cabeça para baixo. Em 1970, a única maneira de um garoto do gueto como eu ter uma chance de ganhar um milhão de dólares estava em cantar, dançar, correr, saltar, pegar bolas ou traficar drogas. Cantar não era para mim. Sou ainda o único negro nos Estados Unidos que não dança e não joga bola. E foi minha mãe quem me mostrou que eu não poderia ser Miles Davis.

− Chris − ela me disse depois de me ouvir falar várias vezes que eu seria Miles Davis. − Você não pode ser Miles Davis porque esse cargo já é dele. − Entendi, a partir daquele momento, que meu cargo seria o de ser Chris Gardner – não importava o que isso implicasse.

Ela me disse, e eu tinha dezesseis anos e acreditava nela, que poderia ter um emprego e ganhar um milhão de dólares – *se* eu quisesse. Não era a quantia de dinheiro que importava quando mamãe disse aquilo; era a parte operacional de sua mensagem: se eu quisesse fazer alguma coisa, não interessava o que, eu podia fazê-la.

Acreditei no que ela me disse, não só aos dezesseis anos, mas também em todos os dias que se seguiram, inclusive quando, naquele fatídico dia em San Francisco, me veio, pela primeira vez, a ideia de um futuro na Wall Street, e quando subia as colinas na chuva torrencial, e meu filho, em seu carrinho, olhando para mim através do plástico da lavanderia todo salpicado dos pingos da chuva, e quando me via em momentos tristes, refugiado em um banheiro da estação BART.

Foi somente mais tarde, em minha vida adulta, após aquele período de perambulações pelo deserto dos sem-teto, acreditando na terra prometida sobre a qual minha mãe havia falado – e encontrando-a – e somente depois de gerar muitos milhões de

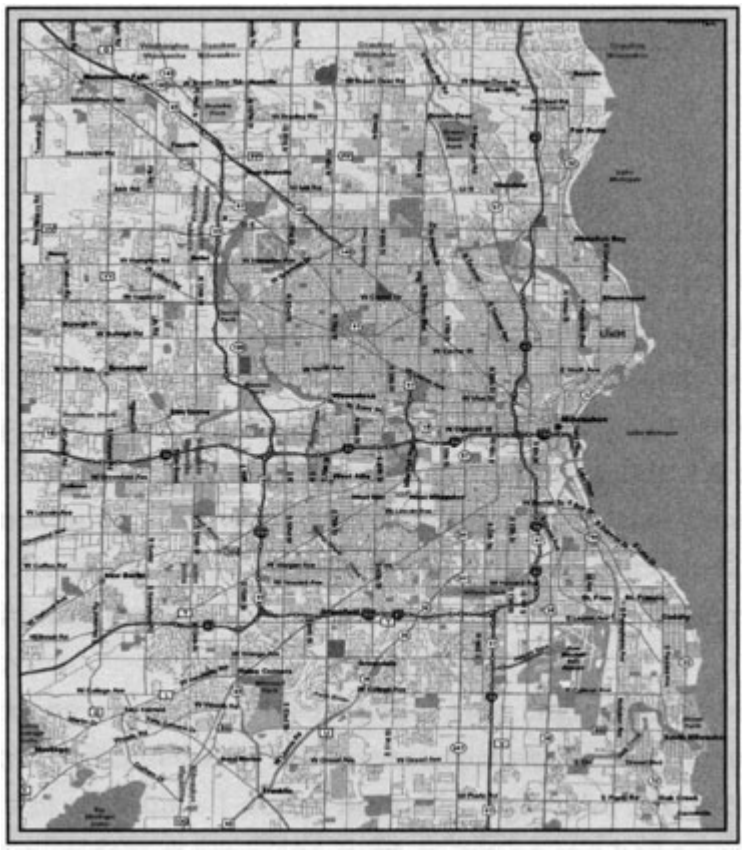
dólares, que eu entendi por que esses dois eventos foram tão essenciais para o meu sucesso subsequente. Meu encontro com o dono da Ferrari havia me mostrado como descobrir a *qual* arena eu podia me candidatar e também *como* fazê-lo. Entretanto, foi o que minha mãe havia dito antes que semeou em mim a crença de que eu *poderia* atingir quaisquer metas que eu me propusesse a atingir.

Só depois de examinar o mais profundamente possível a vida de minha mãe, pude compreender com mais clareza por que ela me disse aquelas palavras na época em que o fez. Compreendendo as frustrações que ela teve antes e depois de mim, pude ver que, embora muitos de seus sonhos tivessem sido destruídos, ao me desafiar a sonhar, ela estava se dando uma nova chance.

Para responder integralmente à pergunta sobre o que me guiou pelos caminhos da vida e tornou-se o segredo do sucesso que alcancei, tive que voltar à minha própria infância e fazer uma jornada até o lugar de onde minha mãe veio – para compreender, finalmente, como aquela chama do sonho se acendeu em mim.

Minha história é a história dela.

PARTE 1



CAPÍTULO 1

Balinhas

No esboço de minhas memórias de infância, desenhado por um artista da escola impressionista, há uma imagem que se destaca – quando invocada, é precedida do aroma de dar água na boca do melado para panqueca sendo aquecido na frigideira, e do seu crepitar e borbulhar até transformar-se magicamente em bala puxa-puxa feita em casa. Em seguida, *ela* surge à minha frente: aquela mulher muito, muito bonita, que está de pé ao fogão, fazendo essa mágica especialmente para mim.

Ou, pelo menos, é assim que se sente um garoto de três anos. Há um outro cheiro delicioso que acompanha sua presença, conforme ela se vira, sorrindo, bem na minha direção, e se aproxima de mim no meio da cozinha– esperando ansiosamente ao lado de minha irmã, Ophelia, de sete anos, e de duas outras crianças, Rufus e Pookie, que também moram nessa casa. Quando ela faz a bala escorregar da colher de pau, puxando-a e quebrando-a em pedaços que ela traz e coloca em minha mão já estendida, e enquanto ela me observa me deleitando com aquela maravilha, sua fragrância incrível está lá novamente. Não é bem um perfume ou qualquer coisa floral ou acre – é apenas um cheirinho limpo, quente, *gostoso* que me envolve como a capa do Super-Homem, fazendo eu me sentir forte, especial e amado – mesmo que eu ainda não tenha palavras para expressar esses conceitos.

Embora eu não saiba quem ela é, sinto nela certa familiaridade, não apenas porque ela já havia vindo anteriormente e feito balas da

mesma maneira, mas também por causa do jeito como ela me olha, como se estivesse conversando comigo por meio do olhar, dizendo: “Você se lembra de mim, não?”

Nesse ponto de minha infância e na maior parte dos meus primeiros cinco anos, o mapa de meu mundo era dividido em dois territórios distintos: o familiar e o desconhecido. A zona feliz e segura do familiar era muito pequena, frequentemente um ponto mutante no mapa, enquanto que a do desconhecido era vasta, apavorante e permanente.

O que eu sabia, quando tinha três ou quatro anos, era que Ophelia era minha irmã mais velha e minha melhor amiga, e também que éramos tratados com gentileza pelo senhor Robinson e sua esposa, os adultos em cuja casa morávamos. O que eu não sabia era que a casa do senhor Robinson era um lar de adoção ou seja lá o que isso significava. Nossa situação – onde estavam nossos pais de verdade e por que não morávamos com eles, ou por que algumas vezes íamos morar com tios, tias e primos – era tão misteriosa quanto a situação das outras crianças adotivas que também moravam com os Robinsons.

O que realmente mais importava era que eu tinha uma irmã, que cuidava de mim, e Rufus, Pookie e os outros garotos, com quem eu saía para brincar e fazer estrepolias. Tudo o que era familiar, o quintal e o resto do quarteirão, era território seguro, onde podíamos correr e brincar de pega-pega, esconde-esconde e de chutar lata até mesmo depois que escurecia, isto é, exceto a casa que ficava duas portas depois da dos Robinson.

Toda vez que passávamos lá, eu tinha quase que olhar para o outro lado, sabendo que a velha branca que ali morava poderia aparecer de repente e rogar uma praga contra mim – porque, segundo dizia Ophelia e todos os outros da vizinhança, ela era bruxa.

Uma vez, quando Ophelia e eu passamos na frente da casa juntos e eu confessei a ela que estava com medo da bruxa, minha irmã disse:

− Eu não tenho medo dela − e para prová-lo, entrou no jardim e apanhou bem depressa um punhado de cerejas da cerejeira da mulher.

Ophelia comeu as cerejas com um sorriso nos lábios. Porém, na semana seguinte, eu estava na casa dos Robinson, quando ela me aparece, voando escada acima e tropeçando, mal conseguindo respirar e descrevendo como a bruxa a havia flagrado roubando as cerejas, e havia agarrado seu braço cacarejando:

− Ainda te pego, menina!

Embora estivesse apavorada, Ophelia logo decidiu que, já que havia escapado de uma morte prematura uma vez, bem que poderia voltar a roubar cerejas. Mesmo assim, ela me fez prometer que eu evitaria passar na frente da casa daquela mulher estranha:

− Lembre-se − Ophelia me advertiu. − Quando você sair e a vir no alpendre, não olhe para ela e nunca fale nadinha com ela, mesmo se ela chamar você pelo nome.

Eu nem precisei prometer, porque sabia que nada nem ninguém jamais me obrigariam a fazer isso. Porém, eu ainda estava atormentado com pesadelos tão reais, que poderia ter jurado que realmente entrei sorrateiramente na casa dela e me vi bem no meio de uma sala escura, amedrontadora, onde fui rodeado por um exército de gatos, apoiados em suas patas traseiras, mostrando suas garras e dentes afiados. Eram pesadelos tão intensos que, por um longuíssimo tempo, odiei gatos e tive um medo irracional deles. Ao mesmo tempo, eu não estava completamente convencido de que aquela velha era de fato uma bruxa. Talvez ela fosse apenas diferente. E já que eu não havia visto nenhuma outra pessoa de cor branca além dela, imaginei que todas podiam ser iguais a ela.

Mas também há que considerar o fato de minha irmã mais velha ser meu único recurso para me explicar tudo o que era desconhecido; eu acreditava nela e aceitava todas as suas explicações. Porém, com o passar dos anos, conforme fui juntando fragmentos de informações sobre nossa família, obtidos

principalmente de Ophelia e de alguns tios e tias, descobri que era muito mais difícil compreender as respostas.

Como a mulher bonita que vinha fazer as balinhas se ajustava ao quebra-cabeça, nunca me contaram, mas alguma coisa antiga e sábia dentro de mim me dizia que ela era importante. Talvez fosse pela maneira como ela parecia prestar atenção especial em mim, embora fosse igualmente gentil com Ophelia e com as outras crianças, ou talvez porque ela e eu parecíamos ter um jeito secreto de conversar sem palavras. Nessas conversas, eu entendia que ela me dizia que se sentia mais feliz quando me via feliz; assim, em algum lugar de minhas células, este se tornou meu primeiro emprego na vida: fazer tão bem a ela como ela fazia a mim. Intuitivamente, também compreendia quem ela era, embora ninguém jamais tivesse me contado; e há um momento de reconhecimento que vem de uma de suas visitas – conforme eu a observo ao fogão e faço comentários que serão reforçados nos anos seguintes.

Mais que bonita, ela é linda; aquele tipo que faz você parar, olhar, olhar para trás e olhar de novo. Ela não é alta – um metro e sessenta – mas tem uma estatura que lhe dá um ar de nobreza e que a faz parecer muito mais alta. Tem a pele marrom-claro, mas não muito claro – quase da cor do denso melado que ela aquece na panela e mexe até virar bala. Suas unhas parecem sobrenaturais de tão fortes que são, capazes de partir uma maçã pela metade, sem usar mais nada, algo que me impressionou durante toda a vida e que poucas mulheres ou homens conseguem fazer. Ela tem um jeito elegante de se vestir – os vestidos vermelho-escuros ou de estampado vivo chamam a atenção –, com uma echarpe ou um xale sobre os ombros para dar um toque feminino, leve e solto. A cor radiante e as camadas esvoaçantes do tecido dão a ela uma aparência que, mais tarde, eu descreveria como afrocêntricas.

Entretanto, as características que mais marcam sua beleza são seus olhos expressivos e seu fabuloso sorriso. Naquela época e mesmo mais tarde, equiparo aquele sorriso ao abrir de uma geladeira durante a noite. Você abre a porta – sorri – e o cômodo se enche de luz. Mesmo nas noites subsequentes, quando a geladeira

não tem nada, exceto a lâmpada e a água gelada, seu sorriso e a memória desse sorriso são tudo aquilo de que preciso.

Quando esse reconhecimento ocorre exatamente, não me lembro; só sei que acontece em algum momento de meu quarto ano de vida, talvez depois que ela me dá uma bala, quando finalmente posso responder àquele olhar que ela vem dirigindo a mim, para tranquilizá-la com o meu próprio olhar: *Claro que me lembro de você, você é minha mamãe!*

———

Nossa família era uma família cheia de segredos. Com o passar dos anos, tomei conhecimento, por meio de fontes variadas, apenas de partes da saga de minha mãe e, no final, o que entendi é que a história dela era parecida com a da Gata Borralheira – sem a fada madrinha e sem aquela parte final, quando ela se casa com o príncipe e eles vivem felizes para sempre. Filha mais velha e a única mulher de quatro filhos sobreviventes de Archie e Ophelia Gardner, Bettye Jean veio ao mundo em 1928, em Little Rock, no estado de Arkansas, mas foi criada durante a Depressão, em uma região rural pobre da Louisiana – mais ou menos perto de Rayville, uma cidadezinha com 500 habitantes. Enfrentando as agruras da pobreza e do racismo, a vida não foi fácil para os Gardner. Bettye e seu irmão Archie – que, já adulto, chorava quando se lembrava dos tempos em que caminhava pelas estradas poeirentas para ir à escola nas décadas de 1930 e 1940, em Rayville – tinham que manter sua cabeça erguida quando as crianças brancas passavam em charretes puxadas por cavalos, ou mesmo quando iam a cavalo e olhavam para eles com desprezo, apontavam, chamavam-nos de “negros” e cuspiam neles.

Ainda assim, apesar dos tempos difíceis e da abominável ignorância, a infância de Bettye foi relativamente estável e repleta de carinho. Adorada por seus três irmãos mais novos – Archie Jr., Willie e Henry – ela era, na verdade, a garota de ouro, a promessa de um sonho a se realizar, uma aluna brilhante que terminou em terceiro lugar em sua turma, quando se formou pela Rayville

Colored High School em 1946. Seus sonhos, porém, rapidamente se foram, quando chegou o momento de ir para a faculdade e seguir carreira de educadora, começando com a súbita morte de sua mãe, o que a deixou arrasada. Como na história da Gata Borralheira, enquanto ainda estava de luto, seu pai se casou novamente quase que da noite para o dia, deixando Bettye sozinha, a se virar com uma madrasta dominadora – conhecida pelo irônico apelido de Mãezinha – e um novo conjunto muito competitivo de irmãos postiços. Bem nesse tempo, quando Bettye Jean dependia de ajuda financeira do pai para poder freqüentar a faculdade, Mãezinha deu um jeito para que o dinheiro fosse para sua própria filha, Eddie Lee, que havia se formado na mesma classe de Bettye, mas não estava entre as melhores alunas.

Em vez de desistir, e muito embora estivesse com o coração partido por causa da recusa do pai em ajudá-la, Bettye conseguiu um emprego como professora substituta para poder pagar um curso de cabelereiros. Entretanto, uma vez mais, quando precisou da ajuda financeira do pai para pagar as despesas com a licença para trabalhar, ele recusou.

Mesmo com todo o talento, inteligência e beleza que a natureza lhe concedeu, Bettye Jean Gardner aparentemente sacava a carta errada quando se tratava de homens; a maioria deles parecia destinada a decepcioná-la, a começar pelo próprio pai. Houve Samuel Salter, um professor casado que declarou seu amor por ela e seus planos de deixar a esposa, mas que deve ter mudado de ideia quando ela ficou grávida. Como era de se esperar, seu papai e Mãezinha não a ajudaram em nada. Tornaram público que, se já era constrangedor para eles ter uma filha solteira aos 22 anos de idade, era muito mais vergonhoso ter que tolerar em casa uma mulher já madura *e* mãe solteira. Com base nessas justificativas, eles a puseram para fora de casa.

Foi assim que começou a difícil jornada de quatro anos de minha mãe para Milwaukee, onde seus três irmãos haviam se estabelecido. No caminho, ela deu à luz minha irmã – chamada Ophelia em homenagem a sua querida mãe – antes de seu futuro se cruzar com o de um desconhecido, bonito, alto e escuro, durante

uma viagem de volta a Lousiana. Seu nome era Thomas Turner, um homem casado que simplesmente tirou Bettye Jean de seus eixos, ou romanticamente ou por meio de força. O resultado foi eu, Christopher Paul Gardner, nascido em Milwaukee, Wisconsin, em 9 de fevereiro de 1954 – o mesmo ano, felizmente, em que a Suprema Corte dos Estados Unidos passou a considerar a segregação racial nas escolas como violação da Emenda Quatorze.

Da mesma maneira como ocorria com outros mistérios da família, meu pai foi uma fantasia do vasto desconhecido durante toda a minha infância. Seu nome foi mencionado uma vez ou duas apenas. Talvez isso tivesse me aborrecido muito mais se eu não estivesse tão ocupado, tentando chegar ao fundo de outras questões mais importantes, sobretudo com relação a como-quando-onde-por que minha forte, linda e inteligente mãe foi se enroscar com Freddie Triplett.

Alto e de pele escura, mas não exatamente bonito – às vezes lembrava muito Sonny Liston –, Freddie tinha o comportamento de um malfadado cruzamento de um *pit bull* com Godzilla. Com quase um metro e noventa e pesando mais de 110 quilos, ele tinha a estatura e a força física que agrada a algumas mulheres. Seja lá o que for que tenha chamado a atenção de minha mãe, deve ter sido alguma coisa que o redimia, mas que mais tarde desapareceu. Ou talvez, como eu pensava em minha imaginação juvenil, ela tenha sido enganada por alguma magia e levada a pensar que ele era um daqueles príncipes-sapo. Afinal de contas, os outros homens que pareciam bons acabaram não sendo muito confiáveis; talvez ela tenha pensado que Freddie fosse o oposto – um homem que parecia perigoso, mas, na verdade, era simpático e meigo debaixo de seu disfarce. Se era esse o caso e se ela acreditou que, como no conto de fadas, seu beijo transformaria o sapo em um príncipe, infelizmente ela estava muito enganada. Na verdade, ele acabou se revelando muito mais perigoso do que parecia, sobretudo depois do primeiro beijo e de ele decidir que ela lhe pertencia.

Ninguém jamais mostrou a sequência de eventos que levaram minha mãe a ser processada e presa por suposta fraude nos cofres públicos. Aparentemente, tudo começou com uma informação

anônima que dizia que ela representava, de alguma forma, um perigo para a sociedade, porque estava recebendo salário em um emprego – para alimentar e cuidar de seus dois filhos (Ophelia e eu), e de um terceiro a caminho (minha irmã Sharon) – e assistência do governo ao mesmo tempo. A informação anônima havia vindo de Freddie, um homem disposto a fazer ou dizer qualquer coisa para vê-la atrás das grades por três anos, pois ela havia cometido o crime de tentar se livrar dele e seu maldito traseiro.

Foi por causa do que Freddie fez para mandá-la para longe que Ophelia e eu passamos aqueles três anos em lares de adoção ou com pessoas da família. Entretanto, nunca sabíamos por que ou quando ocorreriam mudanças em nossa vida.

Da mesma maneira como ninguém me disse que era minha mãe a mulher que vinha nos visitar e fazer doces para nós no lar de adoção, quando recebia licença especial e supervisionada, também ninguém me deu qualquer explicação quando Ophelia e eu fomos passar um tempo com tio Archie e sua esposa Clara, ou TT, como costumávamos chamá-la. Bem lá atrás, em Louisiana, toda a família Gardner deve ter assinado um juramento de guardar algum segredo, porque perguntas sérias sobre o passado eram quase sempre respondidas com um dar de ombros, uma política que minha mãe deve ter instituído por causa do desprazer que tinha em discutir qualquer coisa desagradável.

Mais tarde, em minha adolescência, houve uma ocasião em que eu a pressionei para que me dissesse quem era meu pai e por que ele não fazia parte de minha vida. Mamãe me dirigiu um daqueles seus olhares secantes que me fez calar rapidamente.

− Mas... − tentei protestar.

Ela simplesmente balançou a cabeça, mostrando que não queria falar.

− Por quê?

− Bem, porque o passado é passado − ela disse com firmeza. Vendo minha frustração, ela suspirou e ainda insistiu: − Não há nada que se possa fazer. − Assim, ela pôs um ponto final em minhas

perguntas, não sem antes comentar pensativamente: − As coisas acontecem.

E isso foi tudo o que aconteceu.

Mesmo que minhas perguntas continuassem, enquanto esperava que alguma explicação chegasse por si mesma, voltei ao meu emprego de tentar ser o mais feliz possível – no começo, uma tarefa não tão difícil.

———

O território familiar onde cresci, em uma das áreas pobres no norte de Milwaukee, era um mundo que, no fim, eu via como um *Happy Days* negro. Exatamente como naquele programa de tv da década de 1950 – o mesmo período em que meu bairro parecia congelado até mesmo nas décadas posteriores –, havia pontos de encontro locais, lugares onde gente de diferentes faixas etárias se reunia para se socializar, comerciantes conhecidos e esquisitos e uma grande abundância de figuras incríveis. Enquanto no programa de tv a única cor negra que se via era a jaqueta de couro de Fonzie, no meu bairro, durante quase todos os primeiros doze anos de minha vida, as únicas pessoas brancas que eu via estavam na televisão e em viaturas policiais.

Alguns dos maiores personagens de nossa versão de *Happy Days* eram os membros da minha própria família, começando com três tios teimosos. Depois que Willie e Henry deixaram o exército, tendo viajado para praias distantes, ambos retornaram para Louisiana com tempo suficiente para se juntarem a tio Archie, quando cada um deles chegou simultaneamente à decisão de ficar tão longe quanto possível da intolerância do sul. O plano deles era ir para o Canadá, mas, segundo a história que corre, quando o carro em que viajavam quebrou em Milwaukee, eles baixaram âncora e acabaram ficando por lá mesmo.

Os esforçados irmãos Gardner não tiveram muita dificuldade em fazer de Milwaukee seu lar. Para eles, a cidade produtiva e versátil, encravada no encontro do rio Milwaukee com o lago Michigan – que

fornecia solo fértil para agricultura e abundância de água para comércio e indústria –, foi a sua terra do leite e do mel, de oportunidades de ouro. Para suportar os extremos das estações, os invernos rigorosos e os verões escaldantes, era necessário ter dureza inata e um tipo de habilidade profundamente prática, que meus parentes e muitas das outras minorias e imigrantes trouxeram de outros lugares para Wisconsin. Tais traços devem ter existido também nos descendentes dos habitantes genuínos de Milwaukee – membros de tribos como os winnebago e potawatomi. Havia um outro traço de personalidade não exclusivo dos recém-chegados negros, judeus, italianos e povos da Europa oriental ou das famílias da primeira leva de colonizadores da Alemanha, Irlanda e Escandinávia, ou dos americanos nativos da área: um otimismo quase insano.

Todo esse sonhar ambicioso e pragmático algumas vezes resultou em sucesso excepcional. Não era suficiente ter apenas uma marca de cerveja; Milwaukee precisava ter várias. A região não podia apenas ser famosa por seus laticínios; tinha que ter o melhor queijo do mundo; não havia apenas uma grande indústria, mas várias – de olarias, curtumes, cervejarias, estaleiros, frigoríficos, aciarias poderosas, como a Inland Steel e a A. O. Smith e a gigante automotiva American Motors (que faleceu no final da década de 1980).

Foram, sobretudo, as aciarias, as fundições e as indústrias automotivas que trouxeram tantos negros de estados como Louisiana, Alabama, Mississippi, Geórgia, e de todas as partes ao sul da linha Mason-Dixon, para o norte – Milwaukee, Detroit, Chicago e Cleveland. Esses empregos de operários eram, sem dúvida, preferíveis a uma vida de meeiros no calor escaldante do sul, em Dixie, em locais onde, menos de um século antes, muitos dos nossos eram escravos. Parecia que quase todo mundo tinha membros da família que trouxeram consigo seu jeito de gente do interior que procurava manter-se unida. Sam Salter – pai de Ophelia – acabou indo com a família para Milwaukee, bem como outros amigos de Louisiana. Os Tripletts, as pessoas mais simpáticas e

agradáveis do mundo – com exceção de Freddie, a ovelha negra –, tinham vindo do Mississippi.

Como todo mundo trabalhava muito durante a semana toda, pelo menos na minha vizinhança, nos finais de semana eles jogavam e oravam ainda com mais afinco. No nosso lado de Milwaukee não havia essa história de beber por esporte. A partir da tarde da sexta-feira, quando soava o apito na Inland Steel – onde meus três tios trabalhavam, Archie e Willie até se aposentarem, e Henry, até sua morte, que veio cedo demais –, a festa começava e ia até a manhã de domingo, quando chegava a hora de ir para a igreja e rezar, pedindo perdão a Deus.

Entre a idade de quatro e cinco anos, quando eu morava com tio Archie e tia TT, passei a gostar do ritmo de trabalho semanal da família. Meu tio e sua esposa mantinham uma atmosfera tranquila, harmônica, sem muitas regras. TT, cristã muito devota, queria garantir que tivéssemos uma religião à moda antiga. Todo domingo, durante o dia inteiro, ficávamos na Igreja Tabernacle Baptist, e durante o verão frequentávamos diariamente a escola da Bíblia, além de irmos com ela a quaisquer reuniões especiais de meio de semana e ao enterro de cada membro da igreja que morria, não importava se o conhecíamos ou não. Eu não me importava muito com a maioria dessas coisas, considerando toda a diversão que tinha, ao observar o pessoal do bairro que eu havia visto cometendo seus pecados, agora trocando de roupa e de personalidade. Adorava os cantos e os gritos que expressavam um sentimento de ardor e paixão, e, principalmente, a ligação que eu tinha com a comunidade em uma época em que eu não sabia exatamente quem era minha mãe ou onde ela estava.

TT nunca tentou substituir mamãe, mas mesmo assim ela nos dava carinho e segurança. Ninguém cozinhava como Bettye Jean, mas minha tia era capaz de fazer um pão de milho que uma criança em fase de crescimento como eu jamais poderia engolir suficientemente rápido. Da mesma forma, eu não conseguia devorar com a devida rapidez os livros que TT comprava para mim com dinheiro que parecia não acabar nunca. Mais tarde, minha mãe reforçou a importância da leitura, educando-me de acordo com sua

própria crença: passar o maior tempo possível em nossa biblioteca pública. O que ela me dizia para me mostrar o poder que um prédio cheio de livros tinha sobre uma pessoa era: “O lugar mais perigoso do mundo é uma biblioteca pública”. Quer dizer, era verdade somente se você soubesse ler, porque, mamãe explicava, se você soubesse ler, poderia ir até lá e descobrir a respeito de qualquer coisa. Mas se não soubesse ler...

Foi TT, entretanto, quem primeiro incutiu em mim o amor pelos livros e narrativas. Embora eu ainda não lesse naquela época, depois que TT lia para mim, eu olhava as ilustrações e conseguia me lembrar parcialmente de palavras e histórias e me sentia como se já estivesse lendo. Havia livros de mitologia grega e romana, contos de fada, aventuras e − meu primeiro gênero favorito – as histórias do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda. A história da espada encravada na terra causou uma profunda impressão em mim, sedimentando a ideia de que algum dia, de alguma maneira, eu iria encontrar o destino que me aguardava.

Os livros me permitiam não apenas viajar em minha imaginação como também ver através das janelas o mundo do desconhecido e não ter medo; isso até TT trazer-me um livro que eu estava louco para ter: *O Livro das Cobras para Crianças,* um livro grande e verde-claro, da cor de uma cobra de jardim, que me prendeu por muitos dias. Eu ficava estudando cada mínimo detalhe do mundo das cobras – das cobras de leite que pareciam amigáveis, das cobras-coral, até da venenosa cascavel, da naja, da jiboia e da sucuri. Enquanto eu estava acordado, tudo era fascinante, mas à noite, sobretudo quando tive um pesadelo muito particular, em que minha cama ficou infestada de cobras venenosas que se retorciam e sibilavam, eu me arrependia de ter visto aquelas ilustrações.

Aparentemente, TT e tio Archie sentiram a mesma coisa, pois acordaram no meio da noite comigo espremido entre eles na cama:

− Que diabos você... – tio Archie começou a falar, mas nenhuma tentativa de me acalmar me fez voltar para minha própria cama. No fim das contas, os dois acabaram adormecendo novamente, deixando-me seguro e nem um pouco constrangido. Mais tarde,

quando eu já era um sujeito grande e forte, eles caçoavam de mim sem dó nem piedade sobre o que havia ocorrido naquela noite.

A outra janela para o mundo do desconhecido era a televisão em preto e branco, em que vi a coisa mais bonita do mundo: Sugar Ray Robinson, de pé, ao lado de um Cadillac.

– Era só essa que me faltava! – exclamou tio Archie, com a mão em meu ombro, apontando para a tela da televisão. – Sugar Ray Robinson comprou um Cadillac *rosa!*

Com uma televisão em preto e branco não teríamos como saber que o Cadillac era rosa se o locutor não tivesse dito, mas foi emocionante do mesmo jeito.

Sexta-feira – noite de luta, patrocinada pelas Lâminas Gillete – era nossa noite favorita. Tio Archie e eu sentávamos juntos – sem TT e Ophelia – e curtíamos cada minuto, de nossas conversas antes da luta, quando ele me dizia tudo o que sabia sobre a história do boxe, passando pelo momento em que ouvíamos aquela música inicial, cheia de suspense, antes de o locutor anunciar com entusiasmo “A Gillette apresenta!” até começar a luta propriamente dita.

Tio Archie tinha uma aura contagiante de paz, que ele mantinha mesmo em momentos difíceis das lutas ou quando emergia alguma crise. Como naquela época, já perto dos trinta anos, ele não tinha filhos e eu não tinha pai, nós nos tornamos muito ligados um ao outro. Além de sua ética no trabalho, Archie usava sua inteligência tranquila e forte para se destacar no seu cargo na Inland Steel, dando-me um exemplo de tenacidade e foco. Um homem muito bonito que, no físico, era a versão masculina de mamãe: moreno escuro, esguio, pendendo mais para o baixinho, embora parecesse mais alto que realmente era. Vestia-se incrivelmente bem, algo que influenciou, mais tarde, meu próprio senso de estilo e o hábito de comprar roupas muito antes de ter o dinheiro suficiente para isso. Sempre sem exageros, seu penteado era imaculado, o cabelo curto, o bigode muito bem-aparado e suas roupas nunca eram chamativas e sempre eram impecáveis. Sempre.

No folclore de tio Archie, ninguém podia encostar a mão em Joe Louis, o Demolidor Moreno, o lutador cuja carreira ele seguiu desde pequeno pelo rádio, ouvindo, sentindo, cheirando e vendo cada passo, cada golpe, cada soco – tudo em um meio de comunicação não visual. Como resultado, tio Archie conseguia narrar aquelas lutas tão bem quanto qualquer locutor de seu tempo. Agora estávamos vendo a história se desdobrar com Sugar Ray Robinson ainda bem forte, inclusive sua luta com Jake LaMotta, que nunca vou esquecer. Sugar Ray e os outros boxeadores tinham uma personalidade forte, eram super-heróis que podiam e tinham tudo, inclusive um Cadillac rosa. Para uma criança pobre do gueto como eu, aquilo já dizia tudo: era um prenúncio da Ferrari vermelha. Mas Sugar Ray Robinson e seu Cadillac estavam na televisão. Eu tinha algo mais ao alcance das mãos para me mostrar o belo mundo fora do gueto: o catálogo da Spiegel.

Folheando aquelas páginas de sonho, Ophelia e eu vivíamos vicariamente, enquanto brincávamos com um jogo que havíamos inventado com o catálogo que havia na casa. Chamávamos esse jogo de “esta página-aquela página” e o jogávamos virando aleatoriamente uma página e então reivindicando todos os tesouros lá mostrados como meus ou dela.

– Olhe quanta coisa tenho! – eu dizia quando era a minha vez de virar a página. – Olhe meus móveis, e todas essas roupas são minhas! – E Ophelia faria a mesma coisa, virando sua página e cantando:

– Veja as minhas coisas, meu lindo fogão e minhas joias! – O catálogo da Spiegel deveria ter trezentas páginas ou mais e, por isso, nunca nos cansávamos de brincar de “esta página-aquela página”.

Uma vez, no auge do inverno, mudamos o jogo em reconhecimento do Natal. Quando foi a vez de Ophelia jogar, ela virou uma página e deu aquele seu sorriso de irmã mais velha, anunciando que aquela página era minha, apontando para tudo o que ela estava me dando de presente de Natal:

– Essa página é sua. Todinha sua.

Então chegou a minha vez. Eu virei uma página e exclamei:

– Essa página é sua como presente de Natal. Todinha sua! – Eu não sabia o que me deixava mais feliz, se era ganhar uma página para mim ou se era poder dar uma a ela.

Naqueles momentos em que brincávamos de “esta página-aquela página”, não havia qualquer conversa sobre quem era mamãe, para onde ela havia ido ou quando voltaria. Mas havia uma sensação de expectativa. Estávamos dando um tempo, esperando por algo ou alguém que viesse nos buscar. Por essa razão, não foi nem um choque, nem um acontecimento memorável, quando, finalmente, descobri que mamãe estava deixando o lugar onde estava, não importava qual – a prisão, sei agora –, e estava vindo nos buscar; eu, Ophelia e nossa irmãzinha Sharon, que muito de repente entrou em cena.

Embora a história de Gata Borralheira de mamãe não tenha dado certo como no livro, eu tive por algum tempo uma leve ideia de que um conto de fadas estava para acontecer, pois iria me juntar a minha mãe. Todas as boas memórias da linda mulher que fazia balinhas para mim me encheram de uma expectativa incrível e com um fulgurante *flash* no tempo a realidade de nosso reencontro me fez mais feliz do que eu jamais poderia imaginar. Porém, esses sentimentos foram rapidamente anuviados no primeiro instante em que Freddie Triplett entrou feito um trator em minha vida. Até se poderia pensar que eu teria tido um período de lua de mel com o homem que havia se tornado marido de mamãe e nosso padrasto, mas ele foi meu inimigo desde o primeiro momento em que pus os olhos nele.

Embora eu não tivesse qualquer noção da violência que ele iria causar em nossas vidas, devo ter sentido que ele era mesquinho e parecia ter prazer em machucar meus sentimentos. Meu palpite se confirmou quando ele lançou para mim a corda que adorava lançar em qualquer chance que tivesse, o que acabava comigo toda vez, e agitou o sentimento de raiva e ressentimento que mais tarde iria entrar em erupção. Sem qualquer provocação, simplesmente do nada, na primeira vez que me lembro de tê-lo visto, ele se virou para

mim com os olhos flamejantes e em altos brados proclamou com muita segurança:

– Eu não sou seu maldito paizinho!

CAPÍTULO 2

Blues do sem-pai

– Chris! Chris, acorde!

Ouço a voz de Sharon, minha irmãzinha de três anos, sacudindo meu ombro com sua mãozinha e falando com sua língua presa.

Sem abrir os olhos, tento com dificuldade lembrar-me onde estou. É noite de *Halloween*, já bem tarde, e estou em minha cama, a qual ocupa a maior parte do quartinho no fundo da casa onde estamos morando agora – atrás da Casa Grande na rua Eighth com a avenida Wright, cuja proprietária é Bessie, irmã de Freddie. Assim que registro esses fatos, relaxo-me para dormir novamente, tentando descansar só mais um pouquinho. A grande ironia é que, embora o sono algumas vezes traga pesadelos, a realidade da minha vida quando estou acordado é o que amedronta mais.

Desde o tempo em que mamãe veio nos buscar − eu, Ophelia e Sharon, que havia nascido nas dependências da unidade correcional durante o tempo em que mamãe esteve distante de nós, – para viver com ela e Freddie, a vida havia mudado drasticamente, e para pior. O mundo do desconhecido, que me oprimia quando vivíamos com tio Archie e TT, parecia maravilhoso quando comparado com tudo o que ocorreu no mundo do familiar, que Freddie comandava. Mamãe nos dava todo o amor, proteção e apoio que podia, mas muitas vezes isso parecia tornar Freddie mais violento que ele naturalmente já era.

Meu instinto dizia-me que a coisa mais lógica a fazer era encontrar um jeito de fazer Freddie gostar de mim. Mas não importava o que eu fizesse, sua reação era sempre a de me agredir, muitas vezes literalmente. Ophelia e eu raramente apanhávamos quando morávamos com tio Archie e TT, mas Freddie nos espancava toda hora, geralmente pela simples razão de que ele era analfabeto, belicoso, abusivo e beberrão.

No início, pensei que Freddie pudesse se orgulhar de meu sucesso acadêmico. Quando eu tinha cinco, seis e sete anos, a escola era um porto seguro para mim; um lugar onde eu parecia florescer, tanto aprendendo coisas como interagindo socialmente. O fato de ter sido exposto a livros muito cedo valeu a pena, e com o contínuo estímulo de mamãe, rapidamente aprendi a ler. Uma de minhas professoras favoritas, a professora Broderick, reforçava minha paixão pelos livros, pedindo-me sempre que lesse em voz alta para a classe – e por muito mais tempo que meus colegas. Já que não tínhamos televisão em casa nessa época, ler tornou-se ainda mais importante, sobretudo porque mamãe adorava sentar-se depois de seu longo dia de trabalho como doméstica e ouvir o que eu havia lido ou aprendido naquele dia.

Minha mãe ainda se agarrava à esperança de que ela teria a formação e a licença necessárias para dar aulas no estado de Wisconsin. Enquanto esse tempo não chegava, ela dedicava-se àquilo que tinha que fazer, ou seja, cuidar de seus quatro filhos – Ophelia, eu, Sharon e Kim, minha irmãzinha mais nova que chegou nessa época. Embora não reclamasse de fazer faxina nas casas dos ricos (brancos), ela também não falava sobre isso; pelo contrário, vivia vicariamente através dos relatórios de meus professores contando o que haviam ensinado naquele dia, ou olhando comigo alguns dos livros de histórias ilustrados que eu trazia para casa. *O Balão Vermelho* era um livro que eu lia e relia, sentado perto de mamãe e mostrando a ela as ilustrações de uma cidade mágica que um garotinho e seu balão vermelho sobrevoavam observando os telhados das casas. Os olhos de mamãe iluminavam-se com uma serenidade linda, como se ela estivesse em algum lugar lá nas nuvens, talvez sonhando em ser

aquele balão e voando para o alto, mais alto e para bem longe. Eu nunca soube que a cidade mágica da história era um lugar chamado Paris em um país chamado França. E, com certeza, não imaginava de jeito nenhum que eu iria visitar Paris várias vezes.

Meu desempenho como estudante da escola primária com certeza deixou mamãe orgulhosa de mim. Mas se eu tentasse me iludir pensando que, com isso, ganharia uns pontinhos com Freddie, eu estava redondamente enganado. Na verdade, Freddie Triplett – que não sabia ler nem escrever para salvar sua pele – gastava cada minuto de seu tempo empreendendo uma campanha de um homem só contra a alfabetização. Com pouco mais de trinta anos nessa época, Freddie havia parado de estudar na terceira série, lá no Mississippi, e só muito mais tarde aprendeu a discar os números do telefone, e mesmo assim, com muita dificuldade. Isso, com certeza, criou uma insegurança enorme nele, que ele escondia declarando que qualquer um que soubesse ler e escrever era um “grandíssimo filho da puta”.

Obviamente, na lógica dele, isso incluía mamãe, eu, minhas irmãs, ou qualquer outro que soubesse alguma coisa que ele não sabia, e isso significava que poderiam se aproveitar dele. Era possível notar no brilho selvagem de seus olhos que ele vivia em um mundo cheio de grandíssimos filhos da puta, prontos para pegá-lo. É só misturar essa atitude com álcool para se ter como resultado uma enorme paranoia.

Embora eu tivesse começado a entender um pouco dessas dinâmicas bem cedo, por um certo tempo eu quis, na verdade, passar por cima delas e mostrar meu melhor comportamento na esperança de que, de alguma forma, Freddie encontrasse seu lado paternal e o exercitasse comigo. Essa esperança desmoronou em uma tarde durante uma visita de Sam Salter, papai de Ophelia.

Em um estranho confronto, Salter e Freddie acabaram se tornando grandes amigos e companheiros de bar. Isso não fazia qualquer sentido, não apenas porque ambos tinham filhos com mamãe, mas também porque eram muito diferentes um do outro. Como sempre fazia quando nos visitava, Salter entrava em casa de

forma calorosa e com todo o charme de um cavalheiro do sul. Um professor de colegial bem-vestido e articulado, que sabia ler, escrever e falar besteiras tão bem que todos pensavam que ele era advogado, embora Freddie nunca o tenha acusado de ser um grandíssimo filho da puta. Samuel Salter nada tinha em comum com Freddie Triplett, que fazia o cerco de qualquer espaço que ocupava. Às vezes, Freddie desocupava um cômodo com a mira do revólver, balançando a arma e gritando: “Cai fora dessa maldita casa!”. Outras vezes Freddie desocupava o cômodo com um berro, gesticulando furiosamente com o Pall Mall aceso em uma mão e sua eterna meia-garrafa de uísque na outra.

A marca favorita de Freddie era Old Taylor, mas ele bebia também Old Granddad e Old Crow, ou seja, praticamente qualquer marca que estivesse à mão. Ele não tinha um cantil especial para carregar seu uísque, como faziam alguns dos negros mais sofisticados que eu via. Vestido em seu uniforme de operário, calça jeans ou cáqui, camisa de lã sobre uma camiseta e sapatos de trabalho, Freddie só carregava sua garrafinha. Onde quer que fosse, ela era um apêndice dele. Como ele conseguia manter seu emprego na A. O. Smith – finalmente aposentando-se de lá, com pensão e tudo – era outro mistério para mim. Verdade seja dita, como operário, ele era muito dedicado. Mas como beberrão, era mais dedicado ainda.

Naquela tarde, quando Salter chegou, Ophelia e eu corremos para abraçá-lo, e Freddie apareceu na sala de estar quase no mesmo instante. Sempre que vinha nos visitar, Salter nos trazia alguma coisinha – geralmente dois dólares para Ophelia, sua filha verdadeira, e um dólar para mim, já que ele me tratava como um filho. Nesse dia, passamos pela rotina de sempre: Ophelia ganhou um abraço, um beijo, seus dois dólares e saiu correndo, acenando com as mãos:

– Tchau, paizinho!

Em seguida, foi a minha vez.

Salter achava muita graça quando via minha mão aberta e não me deixava esperando: cumprimentava-me primeiro pelo bom

desempenho na escola e depois me passava a nota fresquinha de um dólar. Uma sensação gostosa de felicidade fluía dentro de mim e eu não conseguia me segurar e lhe perguntava:

– Você não é meu paizinho também?

– Sim – dizia Salter, concordando com a cabeça pensativamente. – Sou seu paizinho também. Aqui, pegue – e me dava outra nota de um dólar. – Agora, vá e guarde essa no seu banco, filho.

Com um largo sorriso na face, mesmo sem ter nenhum banco, comecei a me virar para sair e a me gabar por estar um dólar mais rico e por ter o papai de Ophelia concordado em ser meu papai também. Foi quando topei com a cara mal-humorada de Freddie, que gritava sem mais nem menos:

– Bom... Eu não sou seu maldito papai, e você não vai ganhar merda nenhuma de mim.

Típica conversa de desmancha-prazeres. Por alguns segundos, olhei rapidamente para Salter, que, por cima de minha cabeça, olhou para Freddie de um jeito estranho. Provavelmente Salter queria dizer alguma coisa com relação ao que eu estava sentindo – que Freddie não tinha nada que dizer o que disse, primeiro porque eu estava falando com Salter naquele momento, e, segundo, porque era uma punição cruel e inesperada. Freddie só estava repetindo o que já havia dito muitas vezes, além de seu constante comentário sobre o tamanho de minhas orelhas.

Mesmo quando eu estava por perto, quando qualquer pessoa perguntava onde eu estava, ele respondia com um urro:

– Não sei onde aquele filho da mãe orelhudo está.

Então, como se não desse a mínima, virava-se e olhava para mim com um risinho maldoso – como se pisar em mim e em minha autoestima o tornasse mais homem – enquanto eu ficava lá, de pé, e sentia minha pele, já naturalmente escura, ficar vermelha de tão ofendido e constrangido.

Outra ocasião, eu estava no banheiro quando ouvi alguém perguntando por mim e tive que ouvir Freddie rosnar:

– Não faço a menor ideia onde está aquele filho da mãe orelhudo.

Já era horrível quando ele dizia isso na minha frente, principalmente porque ele se divertia me vendo, aos setes anos, tentar esconder meu sofrimento. Mas era pior ainda ouvi-lo dizer aquilo quando ele realmente não sabia onde eu estava. Além disso, quando examinei minhas orelhas no espelho do banheiro, percebi que elas eram meio grandes mesmo, o que fazia os comentários dele doerem ainda mais. Não importava se um dia eu iria crescer e elas iriam ficar na proporção adequada.

Entre as observações de Freddie e as de algumas crianças da vizinhança e da escola que me chamavam de “Dumbo” – o elefante voador do desenho da Disney –, minha autoestima estava sendo atingida, e ela já se compunha do enorme buraco aberto pelo fato de eu não ter pai. Todos os outros tinham um papai. O de Ophelia era Salter; o de Sharon e Kim era Freddie; todos os meus amigos tinham seu papai. A observação desnecessária de Freddie naquela tarde, quando Salter me deu a nota de um dólar, acabou tornando claro, para minha sensibilidade, que ele jamais iria ter qualquer afeto por mim. Surgiu, então, para mim, a pergunta: “O que eu poderia fazer com relação a isso?”

Meu plano a longo prazo já havia sido traçado, começando com a promessa solene que fiz a mim mesmo: quando crescer e tiver meu próprio filho, ele sempre saberá quem eu sou e eu nunca irei desaparecer de sua vida. Mas o plano a curto prazo era mais difícil de traçar. Como poderia eu me defender da fragilidade de não apenas não ter pai e de ser carimbado de “filho da mãe orelhudo”, mas também da fragilidade, ainda pior para minha psique, que vinha do medo que eu sentia dentro de casa nunca arrefecer?

Era medo do que Freddie poderia fazer e do que ele já havia feito. Um medo enorme. Medo de chegar em casa e encontrar minha mãe assassinada. Medo de minhas irmãs e eu sermos assassinados. Medo de que, na próxima vez que Freddie chegasse

em casa bêbado, ele sacasse o revólver e nos acordasse gritando: “Todos vocês caiam fora dessa maldita casa!” e realizasse sua promessa de nos matar. A coisa havia chegado ao ponto de mamãe dormir de sapatos no sofá da sala de estar, pronta para sair correndo, carregando o bebê e nos arrastando bem depressa. Medo de, na próxima vez que Freddie espancasse mamãe, ele acabasse matando-a. Medo de ter que ver essa cena ou ver Freddie espancar Ophelia, ou mesmo me espancar e não poder fazer nada para impedi-lo. O que eu poderia fazer que a polícia não poderia ou não faria, já que muitas vezes eles apareciam e ou nada faziam ou levavam Freddie embora por algum tempo e, quando ele estava novamente sóbrio, mandavam-no de volta para casa?

O que eu iria fazer e como eu o faria eram questões de grande magnitude para mim. Elas me perseguiam na escola e colavam-se nos meus passos e pensamentos enquanto eu dormia e tinha os pesadelos que me perturbaram durante a maior parte de minha vida de criança; pesadelos que me levavam de volta ao lar de adoção, quando diziam que havia uma bruxa lá na rua. Alguns dos sonhos que eu tinha eram tão apavorantes que eu me sentia paralisado ao acordar, acreditando durante o sono que, se pudesse derrubar alguma coisa, um abajur do criado-mudo, por exemplo, acordaria alguém na casa que viria me salvar e me ajudar a fugir do terror daquele sonho.

− Chris! − A voz de Sharon novamente espeta meu estado de semiconsciência.

Então abro os olhos, sento-me ereto e faço um rápido inventário. Antes de ir para a cama, nada de especial aconteceu, além de um pouco de “gostosuras ou travessuras” do *Halloween*, antes de Ophelia ir com seus amigos para uma festa, onde deve estar agora. Fora isso, foi uma noite bem tranquila na casa dos fundos alugada de minha tia empresária, senhorita Bessie, a primeira entre nossos parentes a possuir uma casa, em cujo porão ficava seu salão de beleza, Bessie’s Hair Factory.

Chorando, Sharon puxa a manga de meu pijama e me diz:

− Mamãe está caída no chão.

Não sabendo o que vou encontrar, largo a colcha, agarro meu roupão e corro pelo *hall* em direção à saleta de entrada. Lá, com o rosto voltado para o assoalho, está mamãe, inconsciente, com um pedaço de madeira preso na parte de trás de sua cabeça e uma poça de sangue espalhando-se ao redor dela. Os gritos de Sharon aumentam quando, ao meu lado, ela olha para nossa mãe e grita:

− Acorda, acorda! Acorda!

Lutando contra a paralisia do choque, sinto um outro mecanismo se apoderar de mim, e minha reação imediata é avaliar o que aconteceu, como um detetive examina a cena de um crime.

Primeiro, concluo que mamãe estava tentando sair de casa, dirigindo-se à porta, quando Freddie a atacou com o pedaço de madeira na parte posterior do crânio com tanta força que a madeira se partiu e uma lasca penetrou em sua cabeça, espirrando sangue não apenas nela, mas também em toda a sala.

Segundo, sentindo as ondas de terror diante da possibilidade de mamãe estar morta ou quase morrendo, viro-me e vejo Baby ao telefone chamando uma ambulância. A irmã mais nova de Freddie, carinhosamente chamada de Baby, consola-me dizendo que os paramédicos estão a caminho e, em seguida, vai acalmar Sharon.

Em meio a tudo o que eu sentia, tentando computar a confusão de sangue, medo, os soluços de minha irmã e o fato de Baby insistir que mamãe vai ser levada para o hospital e vai ficar boa logo, e mais sangue, a pergunta vulcânica *O que posso fazer?* emerge novamente. A resposta: limpe o forno. Tenho que fazer alguma coisa, qualquer coisa. Preciso fazer algum serviço, uma obrigação qualquer. Então voo para a cozinha e começo a esfregar nosso velho fogão que parece estar em uso desde o tempo dos Pais Peregrinos; está empastado com uma fuligem de linhagem desconhecida. Usando um pedaço de pano de limpeza, uma esponja de aço, água e sabão, começo a limpá-lo e raspá-lo com toda minha força, ao mesmo tempo que começo a rezar. Minha prece é ainda mais elaborada que: *Oh, Deus, por favor, não deixe minha mãe morrer*. É isso, mas é também: *Deus, por favor, não deixe ninguém vir aqui e ver toda essa sujeira*.

Imaginar que os paramédicos brancos e os policiais verão sangue por toda a parte e o fogão sujo é muita vergonha para mim. Então, minha obrigação é limpá-lo para provar que pessoas decentes, não selvagens, moram aqui − com exceção de Freddie, que extraiu, mais uma vez, sangue de uma mulher.

Quando a ambulância chegou, os atendentes correram, falaram com Baby e Bessie, e, claro, não falaram comigo. Puseram mamãe em uma maca, com o pedaço de madeira já removido, levaram-na para a ambulância e foram embora.

Mesmo depois disso, continuei a limpar, a única tarefa que eu poderia fazer para pôr ordem no caos. Naquela noite, o mundo tornou-se muito pequeno para mim. Uma parte de mim fechou-se de tal forma que me congelou emocionalmente, mas isso foi também necessário para minha sobrevivência.

Não foram meus esforços que salvaram mamãe. O que a salvou foi sua cabeça dura. Literalmente. Graças à resistência e à resiliência de seu crânio, a tentativa de Freddie de matá-la havia fracassado. Ela voltou para casa no dia seguinte, com a cabeça enfaixada, mas consciente o suficiente para jurar que nunca mais ele teria permissão para voltar. Com uma determinação que eu não havia visto antes, ela olhou para nós e prometeu:

− Bem... Aqui ele não põe mais os pés.

É bem possível que tenhamos passado uma semana inteira sem ele, mas antes que eu pudesse relaxar, lá estava Freddie de volta. Eu já conhecia essa montanha-russa. Estávamos nela desde que minha memória surgiu. Cada vez que voltava, contrito, sempre com um pedido de desculpa, ele recomeçava de maneira legal, sendo até muito simpático. Mas era tão previsível quanto a chuva. Ninguém sabia quando ele explodiria novamente, mas todo mundo sabia que isso aconteceria. Uma vez mais, uma vez mais, e outra vez mais.

Por que mamãe caía nessa toda vez era inexplicável, sem dúvida. Da mesma maneira, eu entendia que algumas vezes corríamos um grande risco quando tentávamos fugir dele.

Já que eu não tinha qualquer controle sobre o curto prazo, eu expandia meu plano para o longo prazo. Não apenas iria garantir que meus filhos tivessem um papai, mas eu jamais seria um Freddie Triplett. Eu jamais iria aterrorizar, ameaçar, agredir ou abusar de uma mulher ou criança, e jamais iria beber a ponto de não poder me responsabilizar por meus atos. Esse plano evoluiu com o passar do tempo, à medida que eu aprendia na faculdade virtual como crescer e não ser Freddie. Por enquanto, eu só conseguia odiá-lo. Era uma verdade emocional que vivia debaixo de minha pele, bem perto do osso.

Pequenas centelhas de rebelião começaram a aparecer. Como um antídoto ao meu sentimento de impotência, eu fazia pequenas coisas apenas para ver se conseguia arranjar encrenca com Freddie. Por exemplo, eu sabia que ele era analfabeto e se sentia ameaçado por qualquer um que não fosse – o que me dava uma boa oportunidade.

Algumas vezes eu começava a ler em voz alta, sem qualquer outro motivo que não fosse o de enviar-lhe uma mensagem. *Posso ter orelhas grandes, mas sei ler. Sei ler muito bem. Você pode nos derrotar, mas não sabe ler*. Outras vezes eu era ainda mais matreiro: segurando meu livro, apontava para uma palavra e, bem alto, para ter certeza de que Freddie estava ouvindo, perguntava a mamãe: “O que significa esta palavra?” Ou uma variação: “Que palavra essas letras formam?” Ou, quando eu me tornava diabólico, e sem que ninguém esperasse, perguntava a ela como se soletrava determinada palavra.

Mamãe só me lançava um olhar meigo, respondendo apenas com a expressão de seus olhos: *Filho, você sabe muito bem qual é a resposta.* Essa era nossa conspiração silenciosa, nosso acordo particular, e que ele não iria estragar. Então, bem alto, ela dizia: “Eu não sei”, e, só com os olhos, nós dois sorríamos um para o outro.

Finalmente, na calada da noite, naquele mesmo inverno depois do acidente do pedaço de madeira, mamãe recrutou todos nós para uma rebelião de ampla escala. Depois que Freddie descarregou seu rancor sobre ela pela enésima vez e saiu para beber em um dos

vários botecos da redondeza, ela levantou-se do chão, pôs gelo em seu rosto inchado e começou a empacotar suas coisas, pedindo-nos que a ajudássemos.

− Temos que ir embora − ela disse, enquanto Ophelia e eu a ajudávamos a fazer as malas, atirando nossas roupas e coisas dentro de sacolas, juntando o que dava para juntar, porque sabíamos – ninguém precisava nos dizer − que o tempo era crucial.

Em vez de ficarmos com parentes, estávamos nos mudando para um lugar que mamãe havia alugado na rua Sixth, a apenas dois quarteirões da casa dos fundos na Eighth com a Wright. Depois de enfiarmos tudo dentro de um carrinho de compras que, juntos, conduzimos para a nova casa, todos os quatro a reboque, notei que ela tinha uma expressão transtornada, conforme remexia freneticamente nos bolsos e na bolsa. Levantando os olhos para o apartamento no segundo andar, ela balançou a cabeça com desalento e disse:

− A chave... Estou sem a chave.

Mamãe parecia uma traumatizada de guerra, completamente derrotada.

Estudando o prédio, apontei para um poste e disse a ela:

− Posso subir até lá, pular na varanda, entrar pela janela e abrir a porta do lado de dentro.

Como eu era um garoto briguento e magrelo − acostumado a subir em árvores bem altas só por diversão – não apenas achei que podia fazê-lo, como senti que era imperativo que fosse bem-sucedido, abrindo aquela porta para nossa nova vida, longe de Freddie. Era como se tivesse um serviço para fazer, alguma coisa concreta, além de se tratar de uma batalha entre mim e ele. Eu tinha que vencê-la. Conforme proposto, executei meu plano: escalei o poste até o telhado, pulei na varanda, felizmente consegui levantar a janela da varanda e deslizei para dentro. De lá, abri a porta do apartamento e voei para o andar debaixo, onde o olhar aliviado de minha mãe era tudo o que eu precisava ver. Quando estávamos todos acomodados naquela noite, eu era só orgulho de mim mesmo.

Nos dias que se seguiram, mamãe notou que eu estava preocupado e ela sabia que eu tinha medo de Freddie aparecer e tentar conquistar nosso novo território.

− Ele não vai voltar − ela me garantiu com palavras. − Nunca mais. Ele não vai voltar nunca mais.

Uma noite, fui atraído para a sala de estar da nova casa pelo som da voz de um homem que parecia fazer uma ameaça. A conversa era sobre dinheiro ou aluguel. Em vez de ser de Freddie, a voz era de um homem branco que eu nunca havia visto. Um tipo bem comum, vestido com várias camadas de roupas de inverno apropriadas para a estação, que falava de uma maneira tão desrespeitosa que fazia minha mãe tremer.

Quase que por reflexo, corri até a cozinha e voltei com uma faca de açougueiro, apontando-a para aquele homem branco e o interrompi:

− Você não pode falar com minha mãe desse jeito.

Minha mãe lançou-me um olhar que falava milhões de coisas, advertindo-me para eu maneirar meu tom, medir minhas palavras e ser gentil.

Devolvi-lhe imediatamente o olhar, dizendo que a obedeceria. Voltando-me para o homem, com a faca ainda na mão, falei novamente, mas dessa vez eu disse:

− *Senhor*, não fale com minha mãe desse jeito.

Ele recuou e logo nos deixou sozinhos. Infelizmente, essa não foi a última vez que ouvi aquele tom arrogante e insensível ser usado com minha mãe, meus irmãos e comigo mesmo. No decorrer de toda a minha vida, eu iria lutar com o mesmo reflexo para revidar quando certos indivíduos de uma raça ou classe diferentes falassem comigo dessa maneira.

A consequência mais imediata foi que Freddie voltou. A montanha-russa subiu até o topo e desceu novamente. Cada vez que ele voltava, eu o odiava mais. Pouco mais de uma semana no apartamento, lá estávamos nós, embalando nossas coisas e

voltando para a casa dos fundos, com Freddie dando-nos uma trégua de poucos dias sem violência. A frustração e a total incapacidade de compreender o porquê me devoravam. Como eu não sabia que mamãe havia passado um tempo na prisão antes, eu ainda não conseguia entender que ela morria de medo de Freddie mandá-la para lá novamente. Somente mais tarde é que compreendi com clareza que suas condições financeiras eram muito precárias e, com certeza, insuficientes para criar quatro filhos e para encontrar um modo de escapar disso, mas eu já conseguia sentir que ela estava entre a cruz e a espada.

Isso tornou muito mais premente minha necessidade de encontrar uma saída para nossa situação. A resposta chegou em uma tarde de domingo, enquanto eu observava Freddie comer um prato que mamãe havia preparado – nesse caso, os seus incomparáveis ossobucos. Via de regra, observar Freddie comer era o mais próximo de um porco que um garoto da cidade como eu podia chegar. Porém, observá-lo dessa vez chupar e quebrar ossos na mesa da cozinha foi suficiente para que eu sentisse uma repulsa permanente por ele; desprovido de qualquer senso de constrangimento, Freddie não apenas abarcava sua essência suína enquanto comia, como também combinava isso com uma aparente facilidade de peidar, arrotar e espirrar – tudo ao mesmo tempo. Quem era esse homem gigante, com cara de Sonny Liston, fumante de Pall Mall, bebedor inveterado de uísque e louco por um revólver? Onde estava a humanidade em um homem que não parecia dar a mínima para o que os outros pensavam dele e nunca perdia uma única oportunidade para agredir, insultar, constranger ou humilhar qualquer um de nós, principalmente eu? Será que era porque eu era o único macho da casa, porque eu sabia ler, porque eu era o único filho homem de minha mãe? Ou será que era a combinação de tudo isso e mais outras coisas, das quais somente ele sabia?

As soluções dessas perguntas demoraram a chegar, se é que chegaram. Porém, finalmente, tive uma resposta quanto ao meu plano de ação de curto prazo. Eu ainda nem tinha oito anos quando, tal qual um raio, uma luz se acendeu para mim; foi em uma tarde de

domingo, enquanto eu o observava chupar aqueles ossos, que pensei comigo mesmo: *Vou matar esse filho da puta*.

_____

Em contraste com o perigo que rondava nossa casa, nas ruas do lado norte de Milwaukee – com toda a diversão e o drama de nosso cenário negro de *Happy Days –,* cheguei a viver rudimentos de uma infância relativamente segura e normal. A segurança vinha em parte porque eu conhecia o estado das coisas. E também porque eu tinha um senso dos limites geográficos. Na fronteira do norte, correndo no sentido leste-oeste, ficava a W. Capitol Drive, onde moravam os negros emergentes – onde os papais dos filhinhos trabalhavam como profissionais: alguns doutores e advogados, outros professores, corretores de seguro ou funcionários do governo. Lá no centro, do lado norte, ficava nossa comunidade de baixa renda, porém muito trabalhadora – a maioria operários de aciarias e de indústrias automotivas, presos entre a terra dos que tentavam a ascensão social (aonde todos nós secretamente aspirávamos chegar um dia, embora fingíssemos que não queríamos nos juntar com toda aquela gente de nariz empinado) e a ponte para o mundo dos brancos, no lado sul, que não deveria jamais ser ultrapassada. Lá ficava a lei não registrada oficialmente da fronteira racial. Uma das principais artérias, correndo no sentido norte-sul, era a rua Third, onde ficavam as melhores lojas, como a Gimbels, a Boston Store e a Brill's, assim como o Discount Center, bem na Third com a North, meu local favorito para comprar roupas, conforme o orçamento permitia.

Alguns quarteirões além de onde morávamos, na Eighth com a Wright, ficava a alegre intersecção da Ninth com a Meineke, perto da minha escola, a Lee Street Elementary School – coincidentemente, a mesma escola onde Pat, irmã de Oprah Winfrey estudou, quando elas moravam in Wisconsin –, e no outro lado ficava a loja de Sy. Um judeu forte, meio careca, Sy era um daqueles poucos brancos em nossa comunidade – mesmo que eu não soubesse ainda que ser judeu era diferente de ser um WASP –

Anglo-saxão Branco e Protestante – e ele era benquisto por oferecer pequenas linhas de crédito para fregueses regulares como nós. Também nos sentíamos à vontade com os dois negros que ajudavam Sy na loja e que, mais tarde, se tornaram donos dela. Henry e seu filho – apropriadamente chamado de Bulldog, por conta daquilo com que ele parecia – eram grandes figuras e contribuíam para uma atmosfera convidativa.

Sy fazia e vendia uma série de pratos de sabor incrível, inclusive a melhor salsicha que já comi na minha vida, e oferecia uma eclética seleção de artigos domésticos e pessoais. Quando mamãe gritava "Chrissy Paul..." eu sabia que era sua deixa vocal que me pediria para sair e buscar alguma coisa na loja de Sy, qualquer coisa – uma lata de pipoca Sweet Garrett, rapé, que ela adorava, ou Day's Work, uma marca popular de tabaco, ou algum obscuro artigo de uso pessoal de que eu jamais havia ouvido falar. Eu não tinha a menor ideia do que era Kotex. Muito embora quisesse agradar minha mãe e voltar trazendo aquilo de que ela precisava, eu quase sempre voltava com a mercadoria errada, sobretudo quando ela pedia:

– Chrissy Paul, corra até a Sy's e me traga um par de meias marrom-acinzentadas.

No fim, ela preferia escrever pequenos bilhetes para Sy a confiar as decisões a mim.

Dois quarteirões acima, em direção ao norte, na rua Ninth com a avenida Clarke, ficava outro ponto de referência do bairro, ao qual familiarmente nos referíamos como "a loja dos pretos" – sem qualquer conotação pejorativa, apenas porque os proprietários eram negros diferentemente da maioria dos negócios de lá, que eram administrados por brancos. Qualquer dinheirinho que eu tivesse em meu bolso, porta afora eu ia em direção à Ninth com a Clarke para comprar um docinho e um ou dois sacos de pipoca sabor queijo da Okey Doke.

O grande desafio para mim, que começou aos sete anos, ou até mais cedo, era descobrir como garantir aquele dinheiro no bolso. A maioria das crianças mais velhas e todos os adultos que eu via pareciam ter preocupações semelhantes. Todos, em algum nível,

procuravam sua atividade privada, seu esqueminha para resolver o problema. Meu primo Terry, o filho de treze anos de Bessie, era o líder de um grupo de garotos que, algumas vezes, eu seguia por aí; eles me forneceram os fundamentos do que é ser um empresário, bem ao estilo do gueto na década de 1960.

A oportunidade bateu à porta quando a Cidade de Milwaukee começou a construir um trecho da rodovia Interstate 43, bem no meio de nosso bairro, entre a Seventh e a Eighth. Já que todas as propriedades particulares e comerciais da Seventh estavam sendo desapropriadas, evacuadas e preparadas para demolição, Terry e seu grupo resolveram tentar vender sucata.

Louco para me juntar a eles, mesmo sem saber o que significava sucata, eu os acompanhei e ajudei os mais velhos a, literalmente, revirar locais que haviam sido condenados, procurando por material – artefatos, chumbo, fios de cobre, pesos de janelas, roupas velhas, trapos, até mesmo papel. Aquilo não era furto – ou, pelo menos, era o que Terry afirmava – porque estávamos realmente ajudando a cidade a demolir casas condenadas. E, em vez de os caras da demolição removerem tudo sozinhos, nós ajudávamos, enchendo carrinhos de compras e rolando-os até o lado leste de Milwaukee, bem perto de onde se cruza o rio, antes de chegar ao lago. Era ali que o Sr. Katz, um empresário judeu que comprava essas coisas por peso, administrava seu negócio de sucata.

Como queríamos aumentar nossa margem de lucro, tentávamos bancar os espertinhos algumas vezes, mas não dava para competir com o Sr. Katz – ele tinha inventado esse jogo. Nossa manobra tola era tentar fazer a nossa carga ficar mais pesada – antes que ele a pusesse em sua balança – e, por isso, molhávamos e escondíamos trapos sob as caixas de leite enterradas no fundo da pilha de sucata.

O Sr. Katz conhecia todos os truques de cor e salteado. Ele sabia, quase que instintivamente, quando o peso era maior que aquilo que estava vendo, pois imediatamente começava a falar em iídiche e a cavar até encontrar os trapos molhados. O truque nunca funcionou. Entretanto, não nos saíamos muito mal no negócio de

sucata, tendo o senhor Katz como nosso comprador. Quer dizer, Terry e seus amigos não se saíam mal. Minha retirada de cinco ou dez dólares era muito menor que aquilo que cada um deles ganhava. Ainda assim, eu me sentia para lá de feliz em poder gastar meu dinheiro em umas coisinhas que eu queria; não precisava pedir grana a minha mãe para o cinema ou para comprar balas. Isso também me apresentou o princípio de qualquer mercado: oferta e procura. A procura era obviamente alguém que pagava o Sr. Katz pela sucata que fornecíamos. Não era uma transação indigna.

Algumas das outras atividades do primo Terry não estavam propriamente em ascensão, como aconteceu aquela vez em que ele apareceu em nosso quintal com caixas de pacotes de cigarros e, de repente, todas as crianças da vizinhança, inclusive eu, estávamos lá fumando. Ele chegou com uma história meio suspeita de que as caixas haviam caído de um caminhão ou coisa parecida. Na verdade, elas haviam sido roubadas por Terry de um bar da região. Para mim, não fazia a menor diferença. Éramos tão legais, eu pensava. O melhor de tudo foi que ninguém nos pegou.

Mas geralmente nos pegavam. Para falar a verdade, boa parte dos motivos pelos quais nos davam muita liberdade para ir e vir conforme quiséssemos era que os pais de nossos amigos estavam de olho em todos nós. Isso ficou muito claro para mim quando, uma vez, fui ver os irmãos Ball – Arthur e Willie. Com esse grupo de amigos, o futebol americano virou nossa diversão favorita, e, conforme eu crescia e ficava mais alto, assumi a posição de zagueiro. Nossas jogadas eram todas de passar, correr e marcar, o que resultou em tantos *touchdowns* que os resultados finais acabavam quase sempre em torno de 114 a 98, mais ou menos como os resultados de basquete. Os irmãos Ball eram os melhores bloqueadores que qualquer time poderia querer para jogar depois da escola, a caminho de se tornarem os melhores garotos que alguém já viu. Duas das pessoas mais simpáticas e gentis que já conheci, Arthur e Willie, eram do tamanho de atacantes profissionais de futebol americano quando chegaram à adolescência. Antes disso, em uma das primeiras vezes em que fui até a casa deles, em um dia muito quente de verão, pude notar, assim que cheguei, que a tela na

porta de entrada da casa dos Ball havia sido destruída e a porta tinha se tornado apenas uma moldura de madeira. Então, em vez de comentar o óbvio, passei direto pela moldura de madeira e entrei na casa.

Subitamente a senhora Ball, mãe dos meninos, surgiu à minha frente e sacudiu o dedo para mim:

– Moleque, é melhor você voltar por aqui e abrir aquela porta! Onde é que estão suas boas maneiras?

Fiquei lá, sem entender, por alguns segundos. A tela havia sido derrubada e, então, a porta já estava aberta, certo?

Mas a senhora Ball não via a coisa desse jeito. Conforme dei meia-volta para obedecer a ela, ela ainda falou:

– Você não foi criado desse jeito! Conheço sua mãe. Agora, abra aquela porta como alguém que tem bom senso. Volte lá e abra a porta. Você me ouviu?

Mulher atarracada, um pouco mais velha que mamãe, a senhora Ball deixou bem claro que essa era a sua casa e que era ela quem dava as ordens.

Ainda sem dizer nada, eu não sabia como fazer para voltar até uma porta que já havia sido aberta. Eu tinha que sair do jeito que entrei ou tinha que empurrar a armação da porta? Com ela, de pé, as mãos nos quadris, olhando-me com aqueles olhos de águia, abri a armação de madeira da porta, recuei e a fechei.

Então ela falou:

– Entre.

No momento em que entrei, a senhora Ball sorriu e acrescentou:

– Como vai, Chrissy?

Não era toda família que dava tanta importância para boas maneiras desse jeito, mas havia regras tácitas na comunidade para manter as crianças longe de confusão. Em muitas casas, naquela época, havia a distinção entre abuso e punição por algo errado que você havia feito. Definitivamente, não economizavam palmadas. E já

que as mamães e os papais de todos se conheciam, era perfeitamente aceitável que o pai de um amigo lhe desse uma sova se você saísse da linha. Depois, eles chamavam sua mãe e você ganharia mais algumas palmadas dela quando chegasse em casa. Aí você esperava o velho chegar e ele iria cuidar de você novamente, dessa vez de maneira bem pior que todas as anteriores.

Em nossa casa, a coisa era um pouco diferente. Já que Freddie era exagerado o suficiente em uma base regular, não importava se estávamos sendo punidos ou não, mamãe preferia não usar o chicote. Como uma professora de verdade, ela nos dava a verdadeira lição de que necessitávamos, sem recorrer à violência; pelo contrário, suas palavras bem escolhidas, o tom penetrante de sua voz e o olhar que ela nos lançava diziam tudo o que precisávamos ouvir.

Havia exceções muito ocasionais, como aquela vez que surrupiei um saco de pipoca de queijo Okey Doke de dez centavos da “loja dos pretos”. A proprietária afro-americana não apenas conhecia minha mãe, como ela anunciou quando me pegou tentando bancar o espertinho e sair da loja com toda a inocência de meus sete anos, e me agarrou pelo colarinho, mas também sabia onde minha mãe trabalhava. Pela minha tentativa de furtar um saco de pipoca de dez centavos, tanto a polícia como minha mãe receberam um telefonema. E depois que minha mãe me pegou na loja e me levou para casa, a surra no traseiro mostrou toda a ferocidade de uma mulher firmemente decidida a garantir que eu jamais praticasse qualquer furto novamente.

Mamãe foi bastante criativa: usou o cordão grosso e retorcido de nosso velho telefone, o que fazia o aparelho soar cada vez que ela desferia uma chicotada. *Trim!Trim!Trim!* Além da dor física – severa o suficiente para me fazer pensar que ela iria me matar – havia o impacto na parte psicológica: semanas mais tarde, cada vez que o telefone tocava, eu me lembrava daquele dia. Como essa foi a última surra que levei dela, com certeza, por muito tempo, isso me impediu até mesmo de pensar em roubar qualquer coisa – pelo menos enquanto eu era adolescente.

Talvez parte da fúria de minha mãe era para se assegurar de que, embora eu gostasse de andar com meu primo Terry, ela não queria me ver seguindo os passos dele. O fato é que todos nós percebíamos que Terry vivia procurando encrenca; era um daqueles garotos fadados a se tornar um arruaceiro.

– Ei, Chrissy – Terry estava sempre me chamando do outro lado de nosso quintal e me convidando para a Casa Grande, como aconteceu uma manhã quando uma parte da turma – suas irmãs e as minhas – seguiu suas orientações e transformou a escada grande da casa em um passeio pela Disneylândia. Foi uma coisa diferente, um jeito diferente de competir para ver quem poderia afirmar ser o personagem mais interessante de diferentes filmes. Minha escolha foi o personagem Chris, do filme *Sete Homens e um Destino*, interpretado por Yul Brynner, um tipo muito legal. Mesmo que meu nome fosse o mesmo do personagem, eu fui indeferido pelos garotos mais velhos, que fizeram suas escolhas primeiro. Tanto o cinema quanto os livros sempre exerceram grande influência sobre mim, levando-me a olhar através de janelas e ver mundos diferentes. Nada moldou mais minha visão do mundo que *O Mágico de Oz*, meu filme de infância favorito. Um dia planejei viver em Kansas, onde não existia o mal, exceto algum furacão ocasional.

Nesse ínterim, instigado por Terry, eu tinha que me dedicar ao velho e bom tempo de folga. Enquanto os adultos estavam fora, passamos a maior parte daquele dia escorregando em caixas de papelão que zumbiam escada abaixo e colidiam com as almofadas do sofá, transformadas em amortecedores. Quando cansamos da brincadeira, Terry propôs:

– Ei, Chris, vamos brincar de luta de travesseiro? Meninos contra meninas!

– Oba! – Eu estava muito a fim. Era ele e eu contra minhas duas irmãs e três primas.

Logo a luta de travesseiros ficou fora do controle, principalmente porque Terry decidiu colocar um belo pedaço de chumbo dentro de sua fronha. O que aconteceu em seguida foi que ele acertou a cabeça de sua irmã, Elaine, com seu travesseiro de chumbo. Ela

começou a chorar, a gritar, e nós começamos a ver sangue por toda a parte.

Houve debandada geral quando uma das garotas mais velhas foi chamar Paul Crawford, o pai de Terry, que todos chamavam pelo nome completo. Embora ele não fosse casado com a senhorita Bessie, Paul Crawford – carpinteiro, pau para toda a obra e meio malandro – estava sempre muito presente na Casa Grande, não apenas como nosso xerife residente, mas como o provedor de uma quantidade infinita de sacos de batata de cinquenta quilos. Podíamos não ter dinheiro, mas nunca iríamos morrer de fome.

Paul Crawford era o papai de outra criança, mas eu teria orgulho de chamá-lo de pai, se fosse esse o caso. Ele tinha um jeito de durão, um operário com uma vitalidade enorme e ninguém jamais o viu sem seu cinturão de ferramentas totalmente cheio pendurado bem baixo, sem seu boné de operário, que lhe dava um toque de autoridade, e sem um charuto apagado pendendo no canto da boca. A única vez que vi Paul Crawford acendendo um foi no dia em que ele confrontou o filho depois do acidente com o travesseiro de chumbo, que machucou Elaine seriamente.

Depois que Elaine foi enfaixada e levada para a sala de emergência do hospital, Paul Crawford convocou todos nós na sala de estar da Casa Grande; os móveis haviam sido todos encostados em um lado. Em uma sinistra reconstituição do filme *O Estranho sem Nome,* que eu vi muitos anos mais tarde, Paul Crawford retirou seu cinturão de ferramentas, começou a andar pela sala e a nos olhar bem dentro dos olhos, esperando que um de nós desse com a língua nos dentes e denunciasse Terry. Ninguém assumiu responsabilidade, nem mesmo Terry.

– Bem – disse Paul Crawford, lançando terror em nossas almas. – Alguém vai ter que me dizer alguma coisa – e então ele tirou o cinto da calça e parou de maneira dramática para acender o charuto.

A única diferença entre o jeito de acender seu charuto e a versão de Clint Eastwood era que no filme, o ator usava um chapéu de caubói e na versão de Paul Crawford, ele usava um chapéu de

operário. Em vez de ser um pistoleiro, ele era um “cintoleiro”, com o cinto criando vida em suas mãos, como uma cobra enfurecida fora de controle. Embora seu foco principal fosse Terry, todos nós fomos atingidos pelo ricochetear do cinto de Paul Crawford, à medida que ele ensinava a cada um de nós o que significava “aplicar o temor de Deus no seu traseiro preto”.

Foi esse o fim de nossa Disneylândia doméstica, cigarros e lutas de travesseiros.

Procurando uma atividade menos controvertida algum tempo mais tarde, quando o tempo já havia se tornado mais bonito e ensolarado, Terry e eu achamos que ninguém se importaria se construíssemos para nós um pequeno clube no pátio dos fundos, usando uma parte da madeira que estava lá e não era utilizada para nada.

Sem que soubéssemos, Freddie se importava, e muito. Aparentemente, havia gritado um “Parem com esse maldito barulho!”, porque estava tentando dormir. Com Terry martelando lá fora e eu martelando dentro da sede do clube, não ouvíamos nada. Então, percebi que Terry havia parado de martelar. De repente, a casa-clube começou a se desintegrar em volta de mim com um som gigantesco que reverberava *Hop! Hop! Hop!* e o sol refletindo-se na lâmina de metal do machado de cabo longo que Freddie segurava.

Tudo que sei é que a sede do clube estava virando picadinho comigo dentro dela, e que Terry havia se mandado. Freddie não apenas não dava a mínima se eu estava dentro da casa, como parecia não ter o menor interesse no fato de que uma lasca de madeira havia produzido um corte em minha perna, que agora estava sangrando e formando um pequeno rio sobre a nossa construção, agora transformada em um monte de lenha. Eu gritava de dor. Freddie era impermeável como se fosse uma serra circular humana, possuído da intenção demoníaca de transformar nosso barulhento e irritante projeto, e eu, em matéria orgânica.

No meio da cacofonia de *hops!* e meus gritos e sangue e lascas de madeira voando para todo lado, surgiu a voz de mamãe gritando para Freddie:

– Pare! Pare com isso!

Com um grunhido, ele fez uma pausa no seu trabalho de destruição e se defendeu, declarando:

– Eu o mandei parar de fazer todo esse maldito barulho.

É típico de Freddie atrapalhar a diversão de outros. Mamãe me acalmou, limpou o talho na minha perna e enfaixou a parte machucada. Quando o ferimento começou a secar, eu me senti tão irritado que comecei a tirar as cascas e a coisa logo se infeccionou. Mamãe pôs outra faixa, que um dia caiu, quando ela estava trabalhando.

Depois de lavar o ferimento novamente, procurei por outra atadura para protegê-lo e encontrei uma limpinha, branquinha e que parecia macia e fofa, naquele pacote da Sy. Coloquei-a com muito cuidado sobre a área que estava descascando e a amarrei em volta da perna. Depois, muito orgulhoso de minhas precoces habilidades médicas, pensei em dar uma voltinha pelas redondezas para mostrar minha atadura nota 10.

Com quem topo na rua senão meu primo Terry? Passei por ele bem empertigado e vi sua cara apavorada, olhando-me de cima a baixo:

– O que é isso na sua perna, Chrissy? – ele exclamou. – O que é isso? Você está usando um Kotex? Ficou maluco? – continuou antes da minha resposta.

Sinceramente, não entendi por que ele estava tão irritado e constrangido.

Terry agitava o dedo à minha frente:

– Nunca mais apareça na minha frente usando Kotex. Tire isso já! Imediatamente! Não quero vê-lo nunca mais usando essas coisas de mulher novamente!

Embora a cicatriz causada pelo acidente do machado nunca tenha desaparecido, acabei superando a humilhação postergada que me atingiu, quando descobri por que não se devia usar Kotex como atadura.

Esse foi, entretanto, mais um lembrete do quanto eu odiava Freddie, do quanto eu desejava vê-lo longe de nossas vidas. Porém, encontrar um jeito de me livrar dele parecia uma daquelas missões impossíveis delegadas a cavaleiros jovens e inexperientes, para irem e matarem “imatáveis” dragões cuspidores de fogo.

Como eu poderia fazê-lo? Com um revólver? A ideia era apavorante. Para Freddie, com sua formação rural de caça e pesca, brincar com armas era coisa natural, algo que ele vinha fazendo pela vida toda. Era também uma espécie de vício, como a bebida, e a única forma que ele conhecia de se expressar, quando as coisas não funcionavam como ele queria, para aplacar a raiva interior, ou para acertar diferenças, quando apenas chutar o traseiro de alguém não resolvia a situação.

Quando eu tinha oito anos, minha reputação com uma arma carregada era pífia. Alguns anos antes, um de meus amigos e eu estávamos brincando em uma viela perto do Thunderbird Inn e achamos um .22 dentro de um fogão abandonado. Sem saber se era verdadeiro ou não, decidimos testá-lo, mirando alguém – um genuíno cenário de pesadelo. Miraculosamente, erramos o alvo, mas a garota que mirávamos poderia ter sido morta. Quando Freddie recebeu aquele telefonema, que deve ter sido de mamãe, se bem a conheço, ele partiu para cima de mim. Eu sabia que o que eu havia feito era terrível, estúpido e errado, mas não queria levar uma surra. Então voei para meu quarto, escorreguei para debaixo da cama e prendi a respiração. Antes de conseguir um segundo para respirar, Freddie já havia levantado a cama inteira e me encontrado tremendo feito vara verde no chão. Apanhar com o cinto era ruim, mas ter a sensação de que Freddie era onipotente era bem pior.

Além do mais, mesmo que eu tivesse um revólver e pudesse usá-lo, não necessariamente resolveria a situação. Na verdade, houve uma noite quando chegou a notícia de que ele havia se envolvido em uma briga de beberrões em um bar, e que seu melhor amigo, Simon Grant, o havia atingido com um tiro no estômago. *Glória! Aleluia! Deus seja louvado!* Porém, a enorme barriga de Freddie atuou como colete à prova de bala. Ele sangrou

profusamente, mas depois que removeram a bala e o mantiveram no hospital por uma noite para observação, ele levantou-se no dia seguinte e foi direto para o serviço. Sem saber que tática me serviria na busca que eu havia me resignado totalmente a empreender, cada episódio violento era outra evidência de que eu não tinha outra escolha a não ser me livrar dele. Era isso que ficou claro na minha mente uma noite, quando ele estava, sem dúvida nenhuma, preparando-se para agredir mamãe novamente. Corri e chamei a polícia.

Bem pertinho da Sy's, no cruzamento da Ninth com a Meineke, ficava o bar Casbah. Claro que alguém me emprestou vinte centavos para eu fazer uma ligação fora do bar; cheguei perto do primeiro cara que vi – um tipo que parecia uma versão de cartão postal de um jogador de Milwaukee, da parte norte, em 1962, usando um chapéu de aba, um terno de tecido tropical e gravata com alfinete.

– Senhor – disse correndo em sua direção, quase sem fôlego. – Pode, por favor, me dar uma moedinha? Preciso chamar a polícia, porque meu pai vai bater em minha mãe.

Sem piscar os olhos, o cara apenas disse:

– Não me obrigue a fazer nada contra você, negrinho.

Agora, além de Freddie, quero matar esse filho da puta.

Depois de encontrar alguém disposto a confiar em minha história e acreditar que a vida de minha mãe realmente corre perigo, chamo a polícia, e dois policiais, ambos brancos, são enviados à minha casa.

Quando chegam lá, Freddie está sentado no sofá; obviamente eles se surpreendem com o tamanho de Freddie. Depois de trocarem olhares nervosos, um deles limpa a garganta e pergunta:

– Senhor Triplett, podemos usar seu telefone? Precisamos pedir a viatura.

Em uma das poucas vezes em que Freddie mostra algo próximo de certo senso de humor, ele inclina-se para eles e responde:

– Diabos! Não, vocês não podem usar meu maldito telefone para pedir uma viatura e me levar para a cadeia. Fodam-se!

A cena foi ridícula. Os policiais acabaram convencendo-o a ir com eles para a delegacia. Com ele longe de casa, perguntei a mamãe por que eles tentaram usar nosso telefone para chamar a polícia se eles *eram* a polícia e já *estavam* em nossa casa. Ela disse:

– Bem, talvez eles tenham pensado que iriam precisar de policiais *grandes* para retirar Freddie daqui.

Foi tudo tão louco quanto o dia em que mamãe correu para se esconder na loja dos Odom, na esquina da Tenth com a Wright. O proprietário, senhor Odom, era pai de um amigo meu da escola, e ele não fez nada para impedir que minha mãe se abaixasse e se escondesse atrás do balcão.

Balançando o revólver, Freddie, procurava por ela dentro da loja, exigindo que o senhor Odom lhe respondesse:

– Onde está aquela cadela?

O senhor Odom encolheu os ombros:

– Bem, ela não está aqui, Freddie, e você não vai ficar aqui na minha loja com esse revólver. Está entendendo?

O senhor Odom não tolerava gente estúpida. Sabendo disso, Freddie, como qualquer valentão, era, na verdade, um grande covarde quando se deparava com alguém que se recusava a ser intimidado. Sem argumento, Freddie virou-se, saiu da loja e seguiu pelo quarteirão, segurando o revólver em plena luz do dia e procurando minha mãe.

Ela ficou muito mal até bem tarde naquela noite, quando ele aparentemente se acalmou. Nos dois dias, ou mais, que se seguiram, a pressão barométrica interna de Freddie parecia indicar que não havia tempestades iminentes, como se a válvula já tivesse liberado temporariamente um pouco do vapor. Mas, algumas vezes, esses sinais eram enganosos; por isso, o tempo todo, pisávamos

em ovos, todos nós – eu, Mamãe, Ophelia, em seus doze anos, Sharon em seus quatro, e Kim, em seus dois aninhos.

Embora eu soubesse que todos nós temíamos e odiávamos Freddie, a questão sobre como minha mãe se sentia com relação àquela situação, que se tornava a cada dia mais intolerável, ficou tão sem resposta quanto a questão sobre quem era e onde estava meu pai de verdade. Isto é, até que aconteceu de eu tropeçar em uma das únicas chaves do mundo interior de minha mãe.

Nessa época, mamãe, na verdade, fez uma das únicas referências ao homem que me gerou. Freddie havia me lembrado, uma vez mais, com seu vocabulário rude, que ele não era meu pai. Tentando me consolar, minha mãe mencionou de maneira casual que eu tinha um pai, que ele morava em Louisiana, e que uma vez ele havia me enviado uma carta com cinco dólares ou coisa parecida. Eu jamais havia visto a carta, o dinheiro ou seu nome. Mamãe salientou que sempre que podia me dava dinheiro, o que era verdade. Mas aquilo não explicava por que ela achava que se eu visse a carta de meu pai verdadeiro eu sofreria mais do que se não soubesse nada sobre ele.

É bem provável que isso tudo estava na minha cabeça, quando, em um final de tarde, me vi sozinho na casa dos fundos e resolvi revirar as gavetas e procurar aquela carta e, talvez, outras. Em vez disso, o que achei foi uma carta de mamãe, escrita com sua caligrafia cuidadosa e singela; não havia nenhuma saudação inicial, embora estivesse obviamente sendo enviada para alguma amiga de sua confiança. Parecia que ela escorregou direto para minhas mãos, quando abri a gaveta do criado-mudo para apanhar a pequena e gasta Bíblia que mamãe guardava lá.

Estava mais que evidente que, mesmo que Freddie não pudesse ler nada do que estava escrito lá, mamãe sabia que só o fato de ver a carta, o faria pensar em traição. Por isso, ela provavelmente teve que escrevê-la às escondidas e guardá-la secretamente dentro da Bíblia, na qual ele dificilmente mexia.

Havia na carta muitas coisas a respeito do que estava acontecendo entre ela e o velho, coisas das quais eu nada sabia e

nem entendia, inclusive uma proposta de negócio em Detroit, que nunca decolou. O conteúdo da carta era desconcertante, principalmente o evidente sentimento de pânico expresso nas palavras iniciais: *Socorro, temo pela minha vida.*

Eu sabia, é claro, que não era certo ficar bisbilhotando. Mas mesmo assim, li a carta e fiquei sabendo a verdade sobre o que ela estava sentindo, e também que estava tentando conseguir ajuda. Passei a observá-la nos dias que se seguiram, tomando cuidado para que ela não suspeitasse que eu havia encontrado aquela carta. Sem perceber, já havia desenvolvido a habilidade típica da família: guardar segredos.

O resultado foi que, quando finalmente encontrei um método viável de matar Freddie e comecei a bolar a poção letal que ele confundiria com álcool, ninguém tinha a menor ideia do que eu estava fazendo. Minha primeira façanha foi sumir com *sua* taça, sua taça de aço inoxidável, a única que ele usava para beber e a qual tratava com amor, como se fosse um copo de prata incrustado de joias. Em seguida, sem que ninguém notasse, despejei lá dentro um pouco de alvejante, um pouco de álcool etílico, doses bem sadias de todos os agentes branqueadores e remédios que tinham advertência sobre venenos, e, finalmente, misturei tudo e acrescentei água quase fervente. Tudo começou a borbulhar e espumar; melhor que qualquer coisa que qualquer Dr. Frankenstein pudesse preparar em um filme. O problema era o cheiro horrível. Como fazer Freddie beber aquilo?

Uma possibilidade era deixar o produto no banheiro e esperar que ele tomasse um gole só por curiosidade. Grande ideia. Exceto que, quando cheguei lá e ouvi vozes que se aproximavam, fiquei nervoso com medo de que ele me fizesse beber aquilo – só por curiosidade. Minha próxima ideia foi tentar enganá-lo, fazendo-o pensar que era um daqueles drinques flamejantes e criativos. Por mais ridículo que pudesse parecer, risquei um fósforo e o atirei lá dentro. *Poof!,* uma enorme chama azul e laranja saiu da grandiosa taça de aço de Freddie! Além do fato de minha poção da morte ser um fracasso, eu ia agora me queimar com aquilo. A única opção em que eu podia pensar era jogar a bagunça espumante e flamejante

dentro do vaso sanitário. Virando o topo para baixo, imaginei que tudo tinha acabado, mas fumaça e chamas começaram a subir em minha direção.

− Que diabo de cheiro é esse? − apareceu a voz de Freddie.

Dando descarga no vaso – que, miraculosamente fez o cheiro desaparecer e não provocou nenhuma explosão para me queimar ou derrubar a casa –, saí do banheiro, pus a taça de Freddie de volta no lugar onde eu a havia encontrado, e respondi:

− Que cheiro?

Deprimido, porque meus esforços acabaram em nada, tentei me consolar dizendo a mim mesmo que era apenas um teste e que a próxima tentativa seria bem-sucedida. O plano seguinte era tentar matá-lo enquanto dormia. Mal sabia eu que minha mãe, com todo o seu talento para guardar segredos, estava sendo forçada a uma situação extrema. Uma noite, depois de outro espancamento brutal, ela disse em voz bem alta para todos ouvirem:

− Aqui ele não põe mais os pés. − E ainda acrescentou que se ele voltasse, ela o mataria antes que ele a agredisse ou nos agredisse novamente, afirmando de maneira bem prosaica: − Vou matá-lo enquanto ele estiver dormindo.

Se ela mantinha segredo dos detalhes de suas próprias fantasias de vingança, lá estava uma coisa que Bettye Gardner Triplett não podia esconder de mim. No final dos três anos e meio que se seguiram, desde que ela veio nos buscar na casa do tio Archie e pouco antes de ela desaparecer de novo – sem qualquer aviso ou explicação da parte dos outros – descobri que ela tinha a incrível habilidade de se tornar quase que supernaturalmente imóvel. Uma noite, logo depois de encontrar a carta que ela havia escrito, eu estava na sala de estar vendo televisão e ela na sala de jantar lendo o jornal, quando Freddie executou seu “estouro da boiada” de um “boi” só, ao lado dela e, soltando espuma pela boca, tentou irritá-la e provocá-la batendo seu recorde anterior de baixaria linguística.

Até certo ponto, essa foi a atmosfera mais surreal de tentar negar a realidade, com Freddie fazendo o papel do assassino da machadinha no filme de horror, enquanto mamãe e eu fingíamos fazer o papel da criança vendo televisão e a mãe lendo o jornal – uma família normal dentro de casa. Quanto mais som e fúria vinham de Freddie, mais imóvel minha mãe ficava.

Eu nunca havia presenciado coisa igual em toda a minha vida – quer dizer, até então. Sua calma era alimentada um milhão de vezes mais que a energia que explodia em Freddie. Nunca vi nada nem ninguém tão imóvel em minha vida. Até uma mesa parece se mexer mais. Mamãe estava lá sentada, os olhos presos no jornal, congelada − nem mesmo virava uma página. Era como se tivesse desaparecido totalmente dentro de si mesma para se garantir que não iria reagir, pois ela sabia que se dissesse qualquer coisa, se virasse uma folha, se movesse uma pestana ou se respirasse, ele a agrediria. Sua paralisia derrotou a tempestade dele. Para minha enorme surpresa, ele desistiu. Gastou toda a sua cota de fúria, virou-se para ela como se tivesse simplesmente mudado de canal na televisão e disse:

− Vamos lá! Vamos transar!

De tanto observar minha mãe aquela noite, nasceu em mim a habilidade de também ficar imóvel. Uma habilidade que existe no âmago do instinto, quando se tem que escolher entre fugir ou fugir. Imobilidade era a única defesa de minha mãe contra um predador, a única maneira que a presa tem para se defender do ataque de uma naja assassina ou de um tubarão. Ficava tão parada que parecia ser invisível. E pode bem ter sido naquele momento de imobilidade que ela decidiu que havia chegado a hora de a presa encontrar outro meio de se livrar do predador e criar seu próprio plano para garantir que Freddie não voltaria. Pode ter sido naquele momento que ela decidiu tomar as precauções necessárias para garantir que todos os seus filhos, inclusive eu, estivessem fora da casa, uma noite, depois que Freddie voltou bêbado e apagou completamente.

Com os filhos longe do perigo, ela deu continuidade ao seu plano de pôr fogo na casa, enquanto Freddie dormia. Ou, pelo

menos, essa era a história que eu acabaria ouvindo mais tarde. Como foi que ele acordou e apagou o fogo, jamais fiquei sabendo. O que sei é que Freddie usou a tentativa dela de matá-lo para sustentar sua queixa de que mamãe havia violado sua liberdade condicional da sentença anterior – que ele também havia instigado. E, uma vez mais, as ações dele a levaram de volta à prisão.

Nunca revelaram, nem a mim nem a minhas irmãs, detalhes mais completos a respeito disso. Tudo o que aprendi desse período foi um mecanismo para me tornar imóvel quando forças amedrontadoras caem sobre mim. Medo de perder minha vida, a vida de um ente querido, ou medo de perder tudo o que tenho – esses medos ficaram comigo por muitos anos. A imobilidade é meu refúgio e minha defesa. Mesmo mais tarde, quando adulto, livrava-me de certos problemas, ficando imóvel. Imóvel mesmo. Nem sempre é uma coisa com a qual me sinto bem, mas é para lá que vou quando o caos à minha volta é muito grande, quando o mundo parece estar desmoronando, quando subitamente sinto medo de que tudo ou todos os que amo sejam tirados de mim em um piscar de olhos.

Fico imóvel.

CAPÍTULO 3

Onde está minha mãe?

Em um piscar de olhos, um de meus maiores medos aconteceu. Depois de ter retornado por apenas alguns anos, minha mãe desapareceu quase tão rapidamente como havia reaparecido. Tudo em meu mundo subitamente transformou-se em um ruído branco – uma incerteza infinita, granulada. Quando pisquei novamente, me vi 12 quarteirões à oeste da casa de tio Willie, na Nineteenth com a Meineke – onde eu iria viver pela maior parte de um período de três anos. Era como se o *script* que eu estava seguindo em um dia fosse trocado e eu tivesse que, rapidamente, no dia seguinte, seguir um novo *script* com um novo elenco, sem direito a qualquer pergunta.

Diferentemente das respostas evasivas às perguntas que eu fazia quando, ainda bem pequeno, morava na casa do tio Archie, ou da maneira genérica ou parcial como minha mãe costumava responder a uma questão, sempre que eu fazia perguntas na casa do tio Willie, nem ele nem sua esposa, Ella Mae, me davam qualquer resposta; era como se eu estivesse falando outra língua.

Quase dez meses se passaram – uma longa existência para uma criança de oito anos – antes de eu ter pelo menos uma pista sobre o que havia acontecido com mamãe e onde ela estava. Em uma das ocasiões mais tristes de minha infância – durante um enterro – eu a vi à distância; ela estava de pé, com uma policial da prisão ao lado dela. Até aquela dura evidência aparecer – uma grande peça do quebra-cabeça que somente décadas mais tarde foi completado – eu não sabia nem mesmo se ela estava viva ou morta.

Para piorar ainda mais as coisas, foi durante esse período que mandaram Ophelia embora. Agora me faltava a segunda pessoa mais importante da minha vida. As explicações, como sempre, eram vagas, mas muitos, muitos anos mais tarde, descobri que tio Willie e tia Ella Mae haviam decidido que seria melhor para minha irmã de doze anos viver em uma espécie de centro de reabilitação e de escola para meninas que tinham problemas de aceitação de normas e regulamentos.

Com a casa cheia, incluindo a mim e seus três filhos, era perfeitamente compreensível que meu tio e, em particular, minha tia, achassem justo estabelecer um código de conduta bastante rígido. Entretanto, comparando com a atmosfera liberal que tio Archie e tia TT haviam mantido em sua casa, e em contraste com o caótico reino do sempre embriagado Freddie – onde nós, crianças, poderíamos fazer o que quiséssemos desde que ficássemos fora de seu caminho – as novas regras representavam um grande choque cultural. Enquanto Ophelia, inicialmente, tivesse feito o possível para se adaptar a elas, eu, a princípio, rebelei-me, pois detestava a ideia de, de repente, ser hora de ir para a cama ou de fazer tarefas domésticas, mesmo porque só havia uma maneira de fazê-las.

Os pratos? Eu tinha que lavá-los se fosse a ordem de tia Ella Mae – bem morena, alta, ossuda, estatura parecida com uma amazona –, que nos observava feito um falcão, atrás daqueles óculos em forma de gato. Mas lavar pratos? Isso ia contra as minhas normas. Na verdade, esse foi o tema de uma das poucas discussões que tive com Ophelia, quando mamãe deixou essa tarefa sob responsabilidade dela e ela tentou me forçar a limpar a cozinha – inclusive lavar os pratos. Na única vez em minha vida em que invoquei a filosofia de Freddie Triplett, recusei, insistindo:

− O Freddie diz que lavar pratos é coisa de menina.

Ophelia estava prontinha para me dar um pontapé no traseiro, mas saí correndo e dando risada.

Mas de tia Ella ninguém escapava. Uma vez, ela me fez lavar os pratos por um mês inteiro, porque tinha notado um pouco de

gordura em um copo – depois de eu ter jurado que o tinha lavado. Ela deu um sorriso maroto e disse:

− Dá para ver que tem gordura aqui. Nem preciso pôr os óculos.
− Isso foi só o começo.

Pelo menos 15 cm mais alta que tio Willie – que se preocupava com coisas muito mais importantes que as tarefas domésticas – tia Ella Mae, na minha opinião, havia simplesmente descoberto como nos dar mais serviço para que ela tivesse menos. Além do mais, ela realmente levava ao pé da letra o ditado “Quem economiza tem quando precisa”. Para conservar leite, por exemplo, ela fazia todos nós, crianças, nos revezarmos, comendo cereal na mesma tigela, com um garfo, um de cada vez. Depois que aprendi a conhecer bem o método dela, eu me prontificava a ser o último da fila, sabendo que, quando meu cereal acabasse, eu poderia virar a tigela e ficar com a parte do leão.

Talvez Ophelia já estivesse a ponto de explodir de raiva ou por causa de nossa situação ou por causa do acúmulo de medo e sofrimento por que havíamos passado. Ou talvez porque ela era, por si mesma, uma pessoa resoluta, que expressava sua rebeldia desempenhando um papel. Sempre uma pessoa bondosa, inteligente, amorosa, Ophelia não fez nada de especial – que eu saiba, é claro – para ser mandada embora, mas ela deve ter pelo menos retrucado ou desobedecido a alguma regra ou voltado tarde para casa muitas vezes. De qualquer forma, piscar meus olhos ainda uma vez e não encontrar nem mamãe nem Ophelia era muito duro de suportar. Para pôr mais lenha na fogueira, Sharon e Kim estavam morando na casa de membros da família de Freddie e, por isso, eu era um estranho em uma terra estranha, mesmo que tio Willie e tia Ella Mae fossem da família.

Foi só depois de Ophelia sair de casa que percebi que ela sempre esteve lá para cuidar de mim; que cuidávamos um do outro. Quase nunca brigávamos, exceto uma vez, acho, quando fiz uma cirurgia em sua Barbie e a decapitei. Talvez isso tivesse acontecido por ciúme, já que ela havia ganhado mais presentes de Natal que eu – por um bom tempo, eu só ganhei meias. Ou podia também ser

minha raiva, deslocada de Freddie para ela, lembrando que ele dizia: “Você é o único que não tem pai”, ou podia ainda ser uma precoce exploração de minhas latentes habilidades cirúrgicas. É claro que Ophelia ficou louca de raiva por eu destruir seu brinquedo. Mas ela logo me perdoou. Depois, teve aquela vez que eu a espiei junto com suas amigas em um encontro do clube das meninas. Quando percebeu que eu estava olhando pelo buraco da fechadura, uma de suas amigas pegou uma flanela encharcada com água e sabão e a borrifou bem dentro de meu olho! Queimou feito o inferno, mas o que realmente feriu o olho foi quando corri para casa e tentei lavá-lo com um trapo que já estava sujo com cosméticos. Fiquei louco da vida com Ophelia por não ter mostrado nenhuma preocupação com o meu estado – e depois disso, meu olho sofreu dano permanente.

Quanto ao resto, éramos quase inseparáveis, amigos de verdade. O quatro de julho anterior ficou gravado em minha memória. Os filhos de Bessie e alguns de nossos parentes e amigos mais velhos tinham grana para ir até a praia de Muskogee*, o* lugar para um passeio. Como não tínhamos dinheiro para isso, nossa opção era ir para o Lago Michigan e ver os fogos de artifício. Mas para chegar lá, tínhamos que depender de Freddie para nos levar de carro, nos deixar lá e depois voltar para nos buscar.

Chegamos em tempo de ver os fogos de artifício no meio de uma enorme multidão local, e gostamos muito. Quer dizer, gostamos muito até que, como se fosse coreografado, o último rojão explodiu em milhares de faíscas brilhantes no céu, seguido de um súbito ribombar de trovões e da chuva que começou a despencar. Não havia abrigo algum para nos protegermos e logo descobrimos também não havia Freddie nenhum para vir nos buscar.

Depois que ficou realmente tarde, a única coisa que nos restou foi voltar para casa a pé – como Joãozinho e Maria, tentando reencontrar o caminho com base nas marcas deixadas pelos pés. Lutando contra a umidade, o frio, a fome e o medo de nos perdermos, conforme andávamos e andávamos, íamos batendo papo, batendo papo. Ophelia, minha principal fonte de informação

sobre tudo aquilo que eu não sabia, resolveu me explicar por que o correio nunca chegava em tempo a nosso bairro.

− Por quê? − A chuva caía tão pesada que tínhamos que aumentar o tom de voz para que um pudesse ouvir o outro.

− É porque − ela disse − nosso carteiro está sempre no bar do Luke com o Freddie. – Era um dos botecos preferidos de Freddie e ficava bem em frente da Casa Grande, na Eighth com a Wright. Tínhamos certeza de que era lá que Freddie estava naquela noite, bêbado demais para se lembrar ou se preocupar em vir nos buscar. Ophelia contou que os adultos do bairro diziam que se a gente quisesse o correio em tempo, a gente teria que ir até o bar do Luke, procurar o carteiro sentado no seu costumeiro banquinho, mexer em sua sacola e pegar o que nos pertencia. Se quiséssemos receber o cheque da pensão, dizia Ophelia, teríamos que ir até o bar e dizer ao carteiro:

− Negrão, me dê aqui meu pagamento!

A chuva continuou a cair forte, enquanto fomos a pé do lago até nossa casa, mas as histórias dela tornaram o suplício mais suportável. Quando chegamos em casa, não havia ninguém lá; mas eu consegui entrar espremendo-me por entre a canaleta da porta por onde entregavam o leite.

Para encurtar o assunto, foi assim que sobrevivemos como uma equipe, um encorajando ao outro, um reclamando para o outro, arranjando distração para não pensarmos naquela situação problemática que era penosa demais para discutir. Sem mamãe e sem Ophelia como aliadas por perto, eu não conseguia pensar em ninguém que pudesse preencher aquele vácuo.

Entretanto, aparentemente, conforme o ditado, a natureza abomina o vácuo, e no momento em que dei outra piscadela, os três irmãos de minha mãe apresentaram-se para ocupar aquele espaço vazio e cuidarem para que eu não ficasse desamparado. Eram figuras paternas, professores, profissionais de entretenimento e pregadores religiosos, cada um à sua maneira. O perfeito antídoto para alguém que sofria de *blues* do sem-papai, sem-mamãe, sem-

irmã. Eles, coletivamente, me ajudaram a entender, justamente quando eu começava a sentir pena de mim mesmo, como eu era afortunado por ser um Gardner.

Sempre que eu ia visitar ou passar um tempo com tio Archie, tinha aulas permanentes sobre o valor do trabalho sério, da necessidade de estabelecer metas, de ter um foco e da autoeducação. Sindicalista inato, tio Archie acabou galgando os degraus do sucesso e tornou-se presidente de seu sindicato. Durante todo o tempo, ele lia, estudava e se familiarizava com assuntos de interesse da comunidade.

E também havia tio Willie, gente finíssima, que conseguia transformar uma tarde enfadonha em uma aventura cheia de intriga internacional e espionagem. Desde que voltou da Guerra da Coreia, conforme me contaram, tio Willie não estava muito bom da cabeça. Esse era um dos eufemismos usados para doenças mentais, que, como acabou acontecendo, corria forte em diferentes ramos da família e no bairro onde, além de não poder pagar por assistência, muita gente ia a um encantador de serpentes antes de procurar psicoterapia.

Chamar alguém de maluco, um eufemismo que poderia ser aplicado a alguém como Freddie, provavelmente bipolar ou quase esquizofrênico em edição piorada por causa do álcool, era realmente outra forma de negar o quão perturbado alguém era, o que tornava o problema, se não aceitável, pelo menos, típico. Por pior que fosse, era comum ouvir as pessoas dizerem: “Bem, o negro é pirado, sabe. Ele é simplesmente pirado”. E ninguém pensava em terapia. Essa solução é que era loucura para muita gente: “Ah, não”, diziam eles sobre Freddie. “Ele vai ficar bem. Ele só está bêbado. Talvez fosse melhor ele comer alguma coisa para proteger o estômago contra a bebida.”

Na realidade, algum tipo de fadiga ou trauma de guerra havia sido diagnosticado em tio Willie, que ia piorando com o tempo, embora ele fosse inofensivo. Apesar de não ter me dito nada sobre sua condição durante o período em que morei com ele, ele parecia ter certeza de que estava no FBI – e até hoje está convencido disso,

e ninguém da instituição psiquiátrica onde ele mora tentou corrigi-lo nessa parte. Nem mesmo eu quis fazê-lo na primeira vez que tive experiência direta trabalhando com ele em uma “atribuição”, um pouco depois desse período. Um dia, nessa ocasião, estávamos indo fazer uns serviços, e, enquanto ele dirigia seu modesto Rambler – um dos clássicos modelos de meados da década de 1960, fabricados bem aqui em Milwaukee –, eu observava sem parar seus trajes bem modernos: jaqueta e camisa brancas, gravata com alfinete, um pequeno chapéu de palha com abas estreitas e óculos de sol, seu disfarce secreto que o ajudava a se misturar com os outros e a fazer parte da comunidade, pelo menos é o que ele dizia. Sem qualquer referência ao seu “serviço”, de repente, ele parou no acostamento, olhou bem à sua frente, e falou com os dentes cerrados como os de um ventríloquo para não parecer que estava falando comigo:

− É... Lá estão eles me fiscalizando − tio Willie disse. − Eles estão me fiscalizando.

− Ah, é? − perguntei todo agitado, lembrando-me da série *I Spy,* de Bill Cosby, e de todas as últimas histórias de James Bond que eu havia visto ou lido. Uau! Aquilo era muito legal!

Assim que me virei para olhar para o lado e ver quem estava nos vigiando, tio Willie agarrou a direção e murmurou com voz rouca:

− Não olhe! Não olhe! Eles vão desconfiar que nós os vimos!

Infelizmente, eu já havia me virado e olhado para descobrir que não havia ninguém lá. Em uma tacada só, percebi que isso significava que muitas das afirmações mirabolantes que ele fazia com o passar dos anos, ou que outros haviam ouvido dele, não eram verdadeiras. Uma dessas histórias, por exemplo, era que ele tinha alguns quadros autênticos de Picasso em um local secreto e que os havia deixado em testamento para Ophelia. Eram visões glamorosas e ousadas. O tipo de devaneio que eu adorava ter e que detestei saber que fazia parte apenas de seu mundo de fantasia.

Ainda assim, ele conseguia ser muito convincente. Não muito tempo depois que fui fazer um serviço com ele, um dos membros da família Gardner recebeu uma ligação do Palmer House Hotel – um dos hotéis mais luxuosos de Chicago, na mesma linha do Waldorf Astoria, de Nova York. Parecia que tio Willie – que frequentava pistas de corrida – havia dado entrada no hotel, mostrando na recepção seus canhotos vencedores da corrida de cavalos. Com a explicação de que pagaria no dia seguinte, depois de sacar o valor dos bilhetes, ele esbaldou-se na suíte presidencial, e quando a gerência do hotel descobriu que os canhotos não valiam nada – eram apenas canhotos que haviam sido jogados fora e nem ao menos eram de páreos vencedores − eles ligaram para a família, pedindo que fossem buscá-lo. Acharam isso melhor que a publicidade negativa que o envolvimento da polícia poderia lhes trazer.

Como um dos membros da família, escalado para convencer tio Willie a sair do apartamento de cobertura, tive a sorte de vislumbrar de que matéria os sonhos são feitos. O *lobby* luxuoso do Palmer House fazia as páginas do catálogo da Spiegel parecer quase coisa comum. E aquela suíte na cobertura – com quartos duplos, banheiro que poderia abrigar duas famílias, sala de estar aqui, sala de estar acolá, móveis feitos de ouro, seda, cetim, veludo – era algo com que eu jamais havia sonhado, muito menos visto. Pensar que eu pudesse alguma vez ficar em um lugar como aquele era sonhar alto demais, desejar coisas demais. Porém, enquanto tentava convencer tio Willie a voltar para casa conosco, também plantei aquela fantasia em minha cabeça.

Muitos anos mais tarde, depois de me hospedar nas suítes de alguns hotéis de altíssimo padrão, fui convidado pelo presidente da Associação Nacional de Educação – NEA –, um de meus maiores clientes de investimento institucional, para uma recepção no Palmer House Hotel. Enquanto não cheguei à recepção e percebi que se tratava da mesma suíte presidencial, não me ocorreu por que foi que eu comecei a ter uma sensação de *déjà-vu*. No começo, achei melhor não confessar a razão pela qual eu mostrava, a quem perguntasse, o caminho para o toalete, para o barzinho, ou o

caminho da saída para o pátio, mas depois acabei contando tudo para algumas senhoras, que riram muito comigo.

Uma delas disse:

− Todos nós temos um tio Willie na família.

A outra acrescentou:

− E alguns de nós temos uma tia Willamena também.

Quando eu tinha oito anos, era óbvio que eu tinha alguns *insights* das causas de doenças mentais. Assim, quando comecei a perceber que alguns membros de minha família não eram muito bons da cabeça, meus temores ganharam mais um companheiro. Se essa história de loucura era coisa de família, onde eu entrava nessa? Será que eu era louco também, ou iria ficar louco? O medo pode também ter sido a razão pela qual fiquei longe da bebida. Eu não queria perder o pouco controle que tinha de meu mundo, aquele sentimento modesto de poder reagir a mudanças rápidas de ambientes e nem a situações e circunstâncias sobre as quais eu, de outra forma, não teria qualquer controle.

Ao mesmo tempo, as histórias de tio Willie, delirantes ou não, deram-me uma visão de mundo que eu não havia tido antes, substituindo o velho medo do desconhecido por um desejo de ver alguns dos lugares sobre os quais ele falava. Além dos portos de escala estrangeiros que ele descrevia, do tempo em que serviu – na Coreia, nas Filipinas, na Itália e em outros pontos de parada ao longo do caminho – ele também falava de como eram bonitas e hospitaleiras as mulheres desses locais, um assunto que se tornaria uma fonte de fascinação cada vez mais poderosa para mim.

Todavia, a pessoa que mais me abriu as portas para o mundo além do nosso bairro e me fez saber que eu tinha que ir vê-lo um dia foi meu tio Henry, que, nessa fase, entrou fulgurante em minha vida, como se tivesse sido enviado especialmente para mim. Havíamos encontrado o irmão caçula de mamãe apenas periodicamente em anos anteriores, pois, nessa época, ele havia sido designado para um posto no exterior. Agora que havia se aposentado do exército e trabalhava como metalúrgico junto com meus outros tios, ele

subitamente entrou em cena – tão subitamente quanto mamãe desapareceu.

Sempre que tio Henry vinha para cuidar de nós na casa de tio Willie – ou melhor ainda, para me levar para passear em algum lugar, só nós dois, – era Natal, meu aniversário, ou qualquer outro feriado embalado em um único dia. Ele me fazia sentir especial, como mamãe também fazia para mim quando vinha nos visitar no lar de adoção e fazia aquelas balinhas. Tio Henry não apenas me fazia sentir especial, mas permitia que eu, pela primeiríssima vez, sentisse amor por um homem – amor de verdade, do mesmo jeito que garotos se apaixonam por seus pais e desejam muito ser como eles um dia. Eu sabia o que era essa coisa de ficar apaixonado pelas mulheres importantes em minha vida, como mamãe, com seu largo sorriso – o que sempre me fazia pensar em uma porta de refrigerador se abrindo e deixando sair uma luz de esperança e conforto. Eu conhecia o amor de minha irmã; sabia como ele era incondicional e sem limites. Mas até eu completar oito anos, quando tio Henry me pôs sob sua proteção, amor e humor, as mensagens dominantes de um adulto do sexo masculino haviam sido, sobretudo: “Cai fora dessa casa” e “Não sou seu maldito pai”, que eu ouvia ladrarem na mira do cano de um revólver.

Tio Henry e eu tínhamos o acordo tácito de que, sempre que ele viesse ficar conosco – se acontecesse de tio Willie e tia Mae estarem passando o final de semana fora ou se saíssem à noite –, eu iria para a cama com as crianças menores e depois que elas adormecessem, eu sairia do quarto de mansinho. Quando eu descia na ponta dos pés para o andar de baixo, sempre estava rolando uma festa, com Henry Gardner no comando. Medindo um metro e setenta – embora, como mamãe, ele parecesse muito mais alto – tio Henry era um rapaz bonitão, solteiro e adorado pelas damas; tinha um porte elegante e um jeito atlético e tigresco de andar. Com seu cavanhaque da moda, ele escaneava um salão, sem perder um detalhe, consciente de que as damas não o perdiam de vista. Nunca aconteceu de eu vê-lo sem ele estar impecavelmente vestido – cada prega, cada dobra e cada punho passados a ferro com perfeição.

Em uma dessas festas, não muito tempo depois de eu ter descido para o andar de baixo e começado a examinar os diferentes amigos de Henry e a observar os vários convidados – alguns jogando cartas, outros conversando, uns poucos dançando – aconteceu uma coisa incrível. Quando cheguei, tocava um tipo de música bem-distinto – do aparelho de som saía *soul*, *blues* e música convencional, na voz de cantores como Sam Cooke, Jackie Wilson e Sarah Vaughan, que agitavam aquela atmosfera festiva. Em meio à música, às risadas, à tagarelice e à fumaça, o ambiente era quente, agitado e turbulento. Então, de repente, quando puseram um disco que eu nunca tinha ouvido, o clima mudou. Tudo parou: as risadas, a tagarelice e até mesmo a fumaça. O disco era de Miles Davis e ele tocava *Round Midnight*. Mais tarde, eu iria descobrir a sua mestria no trompete, o tom obsessivo que penetrou em minha pele e as incríveis complexidades de ritmo e melodia. Mas o que me arrebatou de verdade naquela noite foi o poder que Miles Davis tinha de alterar daquele jeito todo o clima do salão. Ainda era uma festa, mas agora muito mais intimista, profunda, muito mais fluida. Parecia até que eu me movia de maneira diferente, com Davis no toca-discos. Minha decisão de estudar trompete não foi tomada naquela noite, mas foi lá que eu realmente contemplei pela primeira vez o que significava mudar o clima de um ambiente daquele jeito e fazer estranhos sentirem que algo poderia ser radicalmente transformado. O bichinho da música havia me picado.

A partir daí, tio Henry e eu tínhamos Miles Davis como ídolo em comum. Passar o tempo ouvindo música juntos era para mim um abrigo na tempestade; assim eu esquecia toda a minha angústia, mesmo que fosse por pouco tempo. Nessas muitas ocasiões, quando ele me deixava ficar acordado até tarde da noite ouvindo com ele cada novo disco de Miles Davis que ele conseguia, ele me contava sobre suas aventuras além-mar, nas Filipinas, na Coreia e no Japão.

− Venha cá − ele me chamou um dia, no meio de uma conversa, e me levou até a estante, de onde puxou a enciclopédia que tio Willie e tia Ella Mãe tinham em casa.

Então, ele mostrou fatos e informações culturais desses diferentes países, recomendando-me que sempre tirasse vantagem de recursos como uma enciclopédia. Ele fez questão de enfatizar que o mundo era cheio de tipos muito diferentes de pessoas com atitudes, costumes, crenças e cores diferentes das nossas. Em seguida, com um sorriso iluminando seu rosto, ele descreveu as mulheres daqueles lugares. Era como se ele estivesse rodopiando o mundo para mim e me instigando a sair pela porta, quando dizia:

− Aqui está o mundo, Chris. Ele é sua ostra. Cabe a você encontrar as pérolas.

Nada do que tio Henry dizia ou fazia mostrava ou indicava que nossa vida juntos seria limitada por qualquer motivo, mas relembrando o passado, mais tarde, eu iria conjeturar se, de alguma forma, ele sabia que não estaria por perto sempre e estava tentando me transmitir, em pouco espaço de tempo, tudo o que havia visto e aprendido. De qualquer forma, sua mensagem não era explícita, mas o tema era sempre muito claro: viva grande.

Era uma mensagem nem um pouco negativa ou egoísta. Para mim, significava ter a ousadia de sonhar, de me comprometer a viver do meu jeito e de correr atrás de minha visão – uma visão que os outros não precisavam ter, apenas eu.

Um de nossos primeiros passeios juntos foi no rio Mississippi, onde tio Henry me ensinou a nadar e aonde ele me levava para andar de barco sempre que o tempo estava bom. Houve um dia que ficou marcado em minha memória como a essência da felicidade; um daqueles perfeitos dias de verão que se alongam para sempre. Nenhuma nuvem no céu, apenas o som e o cheiro do motor a gás, e nós dois: tio Henry na parte de trás, acelerando um motor Evinrude e guiando-nos pelo rio, e eu, na parte da frente, com as pernas balançando do lado de fora do barco, chutando a água e jogando borrifos em meu rosto. Uma sensação de bem-estar invadiu todos os meus sentidos: o sobe e desce da pequena embarcação deslizando no suave rolar das ondas, a sensação das ondas batendo no fundo do barco e do som que faziam, e as gotículas de

água que formavam uma neblina à minha volta e tocavam com delicadeza meu rosto e meu corpo.

Aquela era provavelmente a posição mais perigosa para se ficar em um barco pequeno, mas isso fazia parte do que tornava aquela diversão a mais ousada que eu já havia tido. Décadas mais tarde, eu me lembraria daquele glorioso dia, enquanto assistia ao *Titanic* e via Leonardo DiCaprio gritando: Foi "Sou o rei do mundo!" exatamente assim que me senti no Mississippi, com tio Henry; era a sensação de estar completamente vivo. Tio Henry exibiu um olhar de satisfação ao me ver feliz, como se tivesse agido bem, colocando-me no caminho certo, caso ele não pudesse estar sempre por perto para me guiar. Ou foi essa a forma como interpretei o mais memorável período que passamos juntos.

Uma noite, ao final daquele primeiro verão que passei com tio Willie e tia Ella Mae, eu tinha ido para a cama, mas ainda estava acordado, quando ouvi minha tia gritar "Ah, não!" e depois o choro abafado dela e de meu tio. Sentei-me na cama em pânico, não apenas porque nunca havia visto adultos chorarem, mas também porque sabia. Era tio Henry, sem dúvida. A dor foi tão profunda que reverberou por todo o sótão, onde eu dormia nessa época. Rezei com mais fervor do que nunca: *Querido Deus, não deixe que isso aconteça com meu tio Henry*. Não dormi, rezei e rezei, sentindo-me mais impotente que nunca para mudar o que fosse.

Na manhã seguinte, durante o café, minha tia Ella Mae, com os olhos inchados atrás dos óculos de gato, disse com uma voz tensa e sombria:

− Henry sofreu um acidente. Ontem. Morreu afogado.

Cambaleando com o choque e a dor de saber que ele havia partido para sempre e com a dificuldade de acreditar que ele pudesse ter sofrido um acidente − porque ele sabia tudo e era cuidadoso e porque ele não podia ter morrido, não podia −, eu mal conseguia juntar todos os detalhes. Tia Ella Mae estava, de fato, falando comigo, já que as crianças mais novas não entenderiam muito, mas eu me sentia arrasado. Naquele lugar de imobilidade para onde eu ia quando queria me refazer do sofrimento, limpei a

névoa e tentei entender a cronologia do que aconteceu. Aparentemente, tio Henry havia saído de uma pequena ilha para uma pescaria e o barco havia se soltado do atracadouro e ido à deriva. Quando ele tentou nadar para trazer o barco de volta ao desembarcadouro, a corrente submarina estava muito forte e o arrastou para baixo.

Perdi a conta de quantas vezes tio Henry havia me advertido sobre a corrente submarina, que nunca se podia saber como estava, observando apenas a superfície. Não fazia sentido. Nada fazia sentido. Meu coração queria explodir em um milhão de pedacinhos, mas alguma coisa dentro de mim não deixava. Era aquele sentimento de não se permitir chorar, já que eu estava certo de que se começasse, nunca pararia. Então, peguei toda aquela emoção, aquele peso do mundo sobre mim sob o formato de um enorme ponto de interrogação, e arrastei tudo lá para o fundo, em uma perigosa corrente submarina de mim mesmo.

Depois de assistir a tantos funerais com TT, pensei que saberia o que esperar do enterro de tio Henry. Mas, claro, eu era ainda muito novo e nós não conhecíamos realmente nenhuma das pessoas da igreja que haviam morrido. Eu não estava preparado para o caráter inexorável dessa perda, como se eu estivesse esperando ouvir que havia sido um equívoco ou mesmo uma brincadeira, para que ele pudesse decolar e partir para uma aventura no estrangeiro sem se despedir de ninguém. Mais que isso, eu não estava nem um pouco preparado para ver mamãe lá, a primeira vez em quase um ano.

Toda vez que eu tentava me aproximar dela, vários parentes bloqueavam meu caminho. Não pudemos nos abraçar. Ela não pôde me dizer onde estava morando, o que havia acontecido, quando e se voltaria para nós. A atmosfera era bastante surreal, com todas aquelas lágrimas e lamentos, mas ver minha mamãe ali, à minha frente, bem real e ainda assim longe de meu alcance, foi o suficiente para me colocar na cova ao lado de tio Henry. Talvez porque soubesse que doeria demais, ela não fez nem mesmo contato com os olhos e nem tentou falar comigo. Meu único consolo foi perceber que ela me olhava de soslaio quando eu não estava olhando para

ela. Eu queria que mamãe visse que eu estava ficando alto, que estava sereno, que era forte, que era um bom menino – na maior parte das vezes. Toda vez que eu olhava para ela, esperando algum sinal de que ela havia me visto, tudo o que eu via era a dor da perda de seu irmão caçula e de não poder falar com seus filhos. Ela mantinha seu olhar voltado para o chão, para a terra onde eles colocaram o caixão de tio Henry.

Quando caiu a minha ficha, percebi que a mulher de pé ao lado de minha mãe era uma guarda feminina da prisão, vestida com um uniforme azul-marinho – a única pessoa branca no enterro. Foi como uma cacetada; descobri aonde ela tinha ido. Mas, da mesma forma como uma pergunta monumental havia sido respondida, um outro lote de perguntas novas e confusas surgia: “Por que ela estava na prisão? Quando ela voltaria? Ela voltaria?”

Somente muito mais tarde eu perceberia que essa era a segunda vez que ela ia para a prisão. Porém, mesmo naquele dia, alguma coisa me dizia que Freddie era responsável por tudo. Embora fosse ele quem deveria estar cumprindo pena por abuso, Freddie havia dito às autoridades que ela tinha tentado pôr fogo na casa com ele lá dentro e com isso quebrou sua liberdade condicional. Nem é preciso dizer que ele fez isso sem um pingo de preocupação com o impacto disso tudo sobre nós, os filhos.

No funeral, reencontrei também meus irmãos. Ver Ophelia, Sharon e Kim lá foi estranho, com nossa tradição de família “não pergunte, não diga”. A configuração antagônica das emoções dentro de mim era tão poderosa que eu a reverti para a necessidade de ter algo para fazer, algum plano de ação para manter meu foco. Em primeiro lugar, apesar de eu não ter visto Freddie muitas vezes depois que mamãe se foi, resolvi voltar ao serviço de tirá-lo de nossa vida de sofrimento, uma meta que eu havia engavetado apenas temporariamente, depois que minha poção letal explodiu em mim. E outra coisa: decidi, independentemente do tempo em que minha mãe ficasse longe, que eu iria viver minha infância tanto quanto possível. Eu iria sair com meu grupo de amigos, “minha galera”, arranjar um pouco de encrenca – e também instigar alguns para arranjar encrenca –, andar em nossos carrinhos caseiros feitos

de madeira e velhas rodas de *skate,* e talvez descobrir como ganhar algum dinheirinho, fazendo serviços domésticos, para poder comprar uma bicicleta. Depois, minha galera e eu iríamos fazer um *tour* em volta da cidade. Iríamos ao lago, se tivéssemos vontade, ou pedalar colina acima até o ponto mais alto em nossa região de Milwaukee, perto do reservatório de água, e olhar a paisagem lá de cima, sentindo-nos como reis do mundo. E depois, vivendo grande, pedalaríamos colina abaixo na Snake Hill, competindo na maior corrida de ciclismo de nossas vidas, tirando os pés do pedal para podermos correr ainda mais, forçando os limites do perigo e da emoção e simplesmente deixando rolar.

Outra coisa que decidi no funeral de tio Henry foi que eu nunca choraria. Esse foi meu sinal para mamãe – que eu estava segurando as emoções e que ela não precisava se preocupar comigo.

No decorrer dos dois anos seguintes fiz o que pude para não sucumbir e minha decisão sofreu um sério desafio uma tarde, quando passei pela casa de Baby, onde minhas irmãs mais novas estavam morando. Um dos únicos aspectos que podem compensar o tormento de termos Freddie em nossas vidas era ver como eram bondosas e como nos tratavam bem suas irmãs Baby e Bessie. Baby sabia muito bem como seu irmão me atormentava, e tentava compensar dizendo-me coisas boas sempre que podia, e chegava até mesmo a jogar alguns dólares em minha direção.

− Está com fome, Chris? − ela me cumprimentou aquele dia, sabendo a resposta mesmo antes de eu fazer um sim com a cabeça, e começou a separar alguns frios para fazer um sanduíche.

Conforme os preparava, Baby lembrou-se das roupas que estava lavando no andar de baixo e pediu-me para ir até lá e colocá-las na secadora. Sem hesitar um minuto, corro para o térreo e começo a retirar as roupas molhadas da lavadora, quando um cheiro gostoso me envolve. É um aroma maravilhoso que meus sentidos captaram pela primeira vez quando morei na casa de adoção. Não é um perfume específico, nada penetrante ou forte – apenas um cheirinho limpo, quente, gostoso que me envolve como a

capa do Super-homem, fazendo eu me sentir forte, especial e amado, e *ela.*

De pé, lá, carregando a secadora, sem saber direito por que a presença de minha mãe é tão vívida em meus sentidos, ainda não sei que Baby está guardando algumas roupas e coisas de minha mãe aqui no porão. Não sei ainda que dentro de poucas semanas haverá mais um piscar de olhos e que haverá mudança de canal, que mamãe virá para casa e estaremos todos juntos novamente, vivendo exatamente como antes.

Exatamente como se os roteiros voltassem para trás, vamos retornar ao ponto onde paramos – praticamente no meio da sentença. Sem explicação, e com Freddie.

No vazio do porão de Baby, tudo o que sei é que estou a ponto de chorar até não ter mais lágrimas, conforme a represa ameaça explodir, depois de dez anos de interrogações reprimidas e as lágrimas de um Mississippi inteiro não derramadas.

Mas primeiro, conforme seu gostoso perfume me envolve ainda mais, apenas para me certificar, viro-me e digo em voz alta:

− Mamãe?

CAPÍTULO 4

Bitches Brew
(lado A)

Chrissy Paul! passou a ser um refrão constante na Casa Grande da Eighth com a Wright – nossa próxima moradia temporária com Bessie – dito não apenas por minha mãe, agora livre, para me dizer que precisava que eu fizesse algum serviço na rua para ela, mas também por minhas irmãs e primas.

Entre os 10 e os 14 anos, sem ter pedido, recebi treinamento intensivo para uma carreira profissional de *office-boy*. Mas isso não era o que eu tinha em mente como preparação para meu futuro ilustre como Miles Davis, uma meta que eu estava obcecado em atingir, desde que ouvi sua música pela primeira vez naquela noite com tio Henry.

Mesmo assim, fiquei tão grato a minha mãe por me ouvir falando sem parar sobre o quão desesperado eu estava para aprender a tocar, por encontrar e comprar um trompete de segunda mão para mim e por arranjar aulas particulares também, que eu não podia dizer não quando ela me pedia para fazer qualquer coisa na rua. Alguns dos serviços eu não me importava de fazer de jeito nenhum, inclusive as diferentes paradas que fazia nos dias em que tínhamos que pagar a conta da mercearia. Uma típica saída para a rua poderia começar com mamãe dizendo:

− Chrissy Paul, vá até a casa da Baby e pegue um pacote.

Eu sabia que aquilo significava que estávamos fazendo um pequeno empréstimo para pagar outro empréstimo, embora os detalhes não fossem discutidos. Tudo era feito de forma muito discreta, como se discutir o quanto a grana estava curta em casa fosse coisa de mau gosto. Quando chegava à casa de Baby, também ela não fazia referência ao conteúdo do pequeno envelope dobrado que ela me dava, mas é claro que eu sabia que lá dentro havia notas de dois ou três dólares. Como *office-boy* nessa transação, posso não ter sido informado quanto aos números exatos envolvidos, mas o processo me fez aprofundar meu apreço pela habilidade que minha mãe tinha de manter os gastos sob controle – algumas vezes para garantir que tivéssemos comida naquela noite.

Todo esse lance do dinheiro iria se tornar assunto de grande interesse, já que eu não tinha nenhum papai para bancar minhas necessidades e meus desejos: um determinado estilo de roupa, que aprendi a comprar economizando e esticando aquilo que eu ganhava fazendo pequenos serviços quando podia, e, mais tarde, quando minha ambição era ter meu próprio carro. Nesse ínterim, essas andanças lidando com dinheiro ensinaram-me uma série de princípios financeiros, como ativo *versus* déficit, empréstimos e juros, e como conseguir mais valor por menos dinheiro.

Além de ter que ir até a Sy's e outras mercearias locais, de tempos em tempos eu parava para fazer pagamentos na loja Uncle Ben, na Ninth com a Meineke. Essa loja, cujo proprietário era negro, tinha um balcão de carne, onde mamãe ocasionalmente me fazia apanhar frios sortidos por um dólar – cinquenta centavos de salame e cinquenta centavos de queijo, o que consistia em um jantar para uma família de sete: ela, Freddie, eu, Sharon, Kim, Ophelia, e a mais recente aquisição da família, DeShanna, a filha de Ophelia, nascida quando minha irmã esteve na casa de custódia.

A menos que estivesse literalmente morrendo de fome, eu me recusava a comer qualquer coisa que viesse do balcão de carne da Uncle Ben. Nada contra Ben, mas ele tinha um gato e o deixava comer as carnes de sua loja. Ver aquele bicho cheirando e

passando suas patas nos frios me deixava horrorizado, de um ponto de vista científico e médico. Eu devia ter apenas uns 12 anos e não era nenhum *expert*, mas a lógica me dizia que um gato que acabou de enterrar seu próprio cocô não devia ficar rastejando sobre o salame que iríamos comer. Entretanto, eu guardava minhas apreensões comigo mesmo.

Uma das pequenas tarefas na rua que eu menos apreciava aconteceu na época em que estávamos todos vivendo juntos e DeShanna ainda estava em uma creche, até que Ophelia conseguisse um emprego e pudesse trazê-la para casa para morar conosco. Minha tarefa era pegar DeShanna lá, dez quarteirões adiante, trazê-la para visitar Ophelia em nossa casa, e depois devolvê-la à creche.

A pobrezinha da DeShanna não me conhecia, e mal conhecia Ophelia; assim, sempre que ela me via, era uma cena de cortar o coração para todos nós. E a senhora da creche que cuidava de DeShanna não tornava as coisas nem um pouco mais fáceis. Assim que o bebê começava a chorar e fazer escândalo, gritando, jogando-se ao chão, batendo os punhos e esperneando, a mãe adotiva começava a chorar também – dirigindo a mim um olhar maligno, como se eu tivesse sido o causador de toda aquela barafunda. Logo era eu quem estava a ponto de cair na choradeira, porque eu não tinha voz ativa naquele caso. DeShanna não era minha filha, e eu estava apenas fazendo o meu serviço. A expressão “Não atire no mensageiro, ele não tem culpa” ressoaria em meus ouvidos a partir dessa experiência.

Quando finalmente saímos pela porta, DeShanna chorou todo o tempo em que tentei fazê-la ir caminhando até nossa casa, mas acabei tendo que carregá-la no colo. A cada viagem, parecia que ela chorava mais alto e ficava mais pesada. Então, eu a colocava no chão e tentava convencê-la a andar. DeShanna mostrava seu descontentamento gritando mais ainda e recusando-se a segurar em meus dedos, como crianças que ainda estão aprendendo a andar geralmente fazem. Isso significava que eu tinha que segurar sua mão, o que lhe dava mais uma razão para gritar e tentar se libertar. As pessoas paravam e olhavam, sem nada dizer, mas,

claro, pensando: *O que será que ele está fazendo com aquela criança? O que está acontecendo com aquele bebê?*

A viagem de volta, depois que DeShanna visitava Ophelia não era tão ruim, principalmente depois que as duas começaram a fortalecer os laços, e a visita parecia acalmar minha sobrinha. Mas voltar lá era tão horrível quanto antes. Por isso, ficamos todos felizes quando DeShanna finalmente teve permissão do serviço social para morar com Ophelia e nós. Não é de se surpreender que as circunstâncias que levaram minha irmã a ficar grávida não foram discutidas. Não perguntou, ninguém contou. Mas pensar na situação de DeShanna, que não tinha um papai em sua vida, era outro lembrete para mim que eu não iria trazer filhos e filhas para este mundo se não pudesse estar presente em suas vidas.

———

− Chrissy Paul...! − ecoou pela casa um dia, vindo de três vozes distintas, quase como um ensaio de coral. Mamãe veio primeiro e continuou:

− Vá até a loja do “preto” e me traga uma caixa de Kotex.

Ophelia e minha prima Linda repetiram em uníssono que também queriam Kotex. Esse era o serviço de *office-boy* que eu mais detestava. Por que elas não podiam dividir o mesmo pacote? Porque mamãe queria o pacote vermelho *light*, Ophelia, o azul-celeste, e Linda, o de fragrância lavanda. Como era possível a mesma marca de absorvente feminino ter tantas variações? Meu primo Terry havia também passado por essa fartura com suas três irmãs e havia ignorado tudo com um sorriso maroto. Sempre que lhe pediam para ir comprar Kotex, ele dizia bem contente:

− Peça ao Chris!

Mais tarde, Ophelia, pelo menos, ficou com pena de mim e começou a me dar um dólar e um saco de papel marrom para esse serviço, mas era tarde demais. Naquele dia em especial, eu voltava para casa carregando três caixas diferentes de Kotex – que não

cabiam no saco da loja – quando ouvi uma voz de escárnio atrás de mim, dizendo:

− Ei, dengosinho! Dengosinho!

O que eu deveria fazer? Derrubar os absorventes e dar-lhe um chute no traseiro? Ou ignorá-lo e aguentar as consequências quando tudo chegasse à escola e à vizinhança? Na minha cabeça, eu já podia até ver o carteiro e Freddie – o Roda Grande, como todos o chamavam, temendo-o e quase admirando-o – morgando no bar do Luke e contando a todo mundo sobre o dengosinho que não tinha pai. Como eu iria aguentar tudo aquilo até que eles se cansassem?

Ainda assim, escolhi não morder a isca e continuei minha penosa caminhada de volta a todos aqueles membros femininos da família que resolveram ter seu ciclo menstrual ao mesmo tempo, e não imaginaram que minha sensibilidade às mulheres poderia se tornar um trunfo um dia. Embora eu estivesse louco da vida com quem quer que tenha me chamado daquilo, meu *modus operandi* com meus pares nesse momento foi tomar o caminho da menor resistência onde fosse possível. Já era suficientemente ruim ter que estar em modo de batalha todo o tempo em casa. Por isso, na escola e na vizinhança, preferi usar diplomacia.

Infelizmente, como eu já estava me tornando uma criança grande, sempre cerca de um palmo mais alto que qualquer um do meu grupo de amigos, toda vez que íamos a algum lugar e arranjávamos alguma encrenca, era inevitável que era eu quem tinha que brigar. Era a lógica de rua. Outros garotos pulavam sobre mim primeiro para intimidar meus amigos, e a tática era meus amigos atacarem se eu levasse uma surra. Cansado dessa rotina, pensei várias vezes: *Cara, preciso arranjar uns amigos grandões.* Mas logo aprendi a usar meu tamanho e minha intensidade, com um olhar e uma observação, para evitar confrontos. Era preciso haver provocação séria para me fazer querer brigar com alguém.

Um de meus amigos, Norman, descobriu o que era provocação séria para mim quando, uma tarde, alguns de nós estávamos

caminhando de volta para a Tenth com a Wright, brincando informalmente de insultar um ao outro.

Norman tinha tomado conhecimento do que havia acontecido na semana anterior, quando mamãe correu para uma loja, fugindo de Freddie, que a caçou lá com um revólver na mão. Não foi um incidente que testemunhei, mas eu estava ainda com muita raiva do que havia ouvido dizer sobre como Freddie havia aterrorizado todo mundo na loja, apontando o revólver para eles e exigindo resposta ao seu “Onde ela está?” e como o motorista de um táxi nem se mexeu quando ela saiu sorrateiramente de seu esconderijo implorando:

− Vamos embora! Vamos embora!

Fiquei doente de raiva quando soube o modo como Freddie correu e arrastou mamãe para fora do táxi e a agrediu bem no meio da rua, e as pessoas, saindo das lojas e ficando em sacadas para ver, nada faziam e nada diziam. Era mais lenha na fogueira. Ninguém me explicou por que a polícia e as pessoas da vizinhança não puderam ou não quiseram intervir. Até mesmo meus tios perderam pontos comigo, por não terem enfrentado Freddie. Não era medo, já que qualquer um deles poderia se sair bem em uma briga de rua; era mais uma questão de não se meter na vida de mamãe. Aquilo não colava comigo. Sem que eu soubesse, naquela época, muitas comunidades já estavam começando a romper o silêncio sobre violência doméstica, mas fossem lá quais fossem os recursos disponíveis, não os conhecíamos. O que eu vi foi muita gente olhando para o outro lado, para não ver o que eu achava – e ainda acho – irracional.

Não que eu precisasse ser mais incitado a matar Freddie Triplett, mas quando vi Norman imitando minha mãe fugindo de meu padrasto, meu senso de premência foi multiplicado por dez.

− Ei, Chris! − diz Norman, caminhando ao meu lado, agachando-se, fingindo ser mamãe. − Lembra-se? − E então ele imita Freddie apontando o revólver e diz: − Onde ela está? Onde ela está? Lembra-se?

Como um vulcão, assustando até a mim mesmo, entrei em erupção. Parti para cima de Norman, agredindo-o com meus punhos fechados e chutando-o quarteirão abaixo, dando-lhe a surra que eu gostaria de ter dado em Freddie.

A partir desse dia, ninguém mais teve a coragem de trazer minha mãe à baila novamente, com jogo de insultos ou não. Exceção feita a um parente de Freddie, que, nessa época, tinha mais de 20 anos e, mais tarde, começou a aparecer na nossa casa com frequência demais para o meu gosto, agindo como se tivesse o direito de mandar em mamãe e desrespeitá-la da maneira que lhe satisfizesse. Uma vez, em minha adolescência, depois que ela pediu a ele que parasse de importuná-la, ele a fulminou dizendo-lhe:

− Você não sabe com quem está falando. Vou arrebentar seus miolos.

Embora eu quisesse fazer com esse verme exatamente o que pensava em fazer com o Freddie, tive que me sentar lá e me segurar. Mas nunca esqueci. Embora ele não significasse muito, não me tornei nem um pouco mais magnânimo nos anos seguintes, e quase quatro décadas mais tarde, quando um membro da família o convidou para um jantar de Ação de Graças em Chicago – na minha casa, que era minha propriedade, para comer comida comprada por mim – eu não conseguia comer. Eu não conseguia me sentar à sua frente e confiar em mim mesmo e resistir à tentação de pular sobre ele e dar-lhe uma surra daquelas. Ele já não tinha um rim, o que significava que eu poderia facilmente matá-lo dando-lhe um soco no único rim que tinha. Eu não conseguia me esquecer do que ele havia dito a mamãe e também não podia perdoá-lo. Era isso o que uma provocação grave fazia comigo.

Porém, para outros casos que envolviam meus amigos, quando acontecia de alguém estar se divertindo às minhas custas, desenvolvi pele grossa. Para resumir, eu queria que gostassem de mim, não para ser tão popular com todos – inclusive meus professores e os diretores da escola – mas ser especial, ter minha própria identidade, ser legal.

Com essa finalidade, no ano anterior, eu havia enfiado na cabeça que seria o máximo dos máximos levar o globo ocular de vidro que pertencia a uma das irmãs de Freddie e mostrá-lo para todos os meus colegas da quinta série. Cada vez mais, parecia-me que quando uma ideia entrava na minha cabeça, eu tinha a habilidade de me *concentrar* apenas e tão somente nela. Essa foi a maior espada de dois gumes que aprendi a brandir. O que foi que me levou a importunar Sis – assim chamávamos a irmã de Freddie – para me deixar levar seu globo ocular de vidro na escola, não sei dizer. Mas eu fui implacável.

Perto de seus 50 anos, Sis vivia enfiada em seu roupão, com sua dose de uísque em um dos bolsos e um maço de Lucky Strikes no outro. Mesmo fora de casa, ela raramente usava qualquer outro tipo de roupa; nunca a vi em roupa de festa. Em 1965, no nordeste de Milwaukee, as mulheres tinham mesmo mania de roupão − costumavam vestir um desses sobre qualquer coisa que estivessem usando, e saíam pela cidade como se estivessem exibindo um casaco de pele. Outro membro da família estendida, dona Alberta, uma mulher grande, redonda e gorda, tinha o hábito de usar cinco camadas de roupas sob o roupão – outra figura curiosa no nosso bairro negro de *Happy Days*. Sis não ficava muito atrás de dona Alberta.

Cada vez que eu pedia: “Sis, posso levar seu globo ocular para a escola e mostrá-lo aos meus colegas?”, a resposta era sempre a mesma. Depois de uma dose de uísque, ela sempre respondia:

− Não, seu filho da puta. Levar meu maldito globo ocular? Não! Diacho! Claro que não!

Finalmente, consegui desenvolver um plano de ação alternativo. Como eu sabia onde ela guardava o tal do globo ocular – em um pote com algum líquido para mantê-lo molhado durante a noite, enquanto dormia – meu plano era dar uma passadinha lá pela manhã, tomá-lo emprestado, enquanto ela ainda dormia, e devolvê-lo na hora do almoço, antes da hora em que ela costumava se levantar.

Tudo estava indo maravilhosamente bem naquela manhã e quando cheguei à escola, mal pude esperar a hora de mostrar e contar. Ninguém jamais havia trazido um globo ocular para a escola. Sentado em meu lugar, bem antes de chegar minha vez, eu não conseguia disfarçar o sorriso que se estendia em meu rosto, pois esse seria meu dia de glória.

De repente, um grito medonho ressoou pelo *hall*; a princípio, ininteligível, mas logo ficou coerente o bastante para que todos ouvissem:

− Chris! Chris! Me dê meu olho de volta. Me dê meu olho de volta. Vou te dar uma surra daquelas! Me dê meu maldito olho de volta!

Um por um, meus colegas viraram-se e olharam para mim, embasbacados.

Outra tempestade de berros, claramente ameaçadores:

− Menino, me devolva meu maldito olho. Eu quero meu olho! Vou fazer picadinho de você, seu ladrãozinho filho da puta!

Então Sis abriu a porta da sala de aula e ficou lá, sem fôlego, com os cabelos ensebados e desgrenhados, de chinelo e roupão surrado. Espumando de raiva, encarou todos com o seu olho normal e a outra órbita vazia e gritou:

− Me devolva meu maldito olho!

De queixo caído, a professora e os colegas olhavam para mim, perplexos, sem saber quem ela era e sem saber qualquer coisa a respeito do olho. Um fiasco completo.

O constrangimento pesou como sapatos de cimento, quando tive que me levantar, ir até Sis, na frente de todos e procurar o seu globo ocular no meu bolso. Ela apertou o olho normal para ver melhor o que parecia uma bolinha de gude na minha mão e a arrancou de mim, encaixando-a imediatamente na órbita vazia, bem na frente da turma. Depois, virou-se e saiu, amaldiçoando-me pelo corredor afora.

Achei que minha professora fosse desmaiar. Uma garota acabou vomitando. Aparentemente, ninguém lá havia jamais visto um tipo como Sis ou alguém encaixando um olho de vidro na órbita.

Em casa, a repercussão não foi tão terrível. Freddie foi absolutamente previsível e latiu:

− Chris, não me pegue o olho de Sis outra vez, ouviu bem? Se você fizer isso, vou bater tanto no seu traseiro que você ficará sem poder se sentar por uma semana!

Aquilo não me preocupou muito, porque ele se aproveitava de qualquer desculpa para me agredir.

Foi na escola que a coisa doeu. Por um bom tempo, fui motivo de chacota na Lee Elementary, e a garotada ficou falando de Sis e de seu olho de vidro durante semanas. Mas, claro, vivi para contar a história. Com exceção daquele desastre, eu geralmente ia bem na escola – contanto que estivesse interessado e tivesse desafios. Além de meu apetite voraz por livros crescer sempre, o que me levava para corredores de bibliotecas em busca de clássicos como Charles Dickens e Mark Twain, e de um emergente interesse por história, eu achava matemática uma matéria divertida e bastante interessante, com problemas para resolver iguais a jogos que produziam respostas a perguntas que eram ou certas ou erradas, ou sim ou não.

Bem diferente das perguntas que predominavam em casa.

———

Durante os primeiros anos após mamãe voltar da prisão, tentei descobrir alguma coisa a respeito do que haviam feito com ela, como ela havia mudado, ou não, e o que havia em seu coração. Freddie, o velhote, era uma prisão para todos nós – os grilhões completos. Ele deveria ser um vício, imagino, e essa era a razão por que, não importava quantas vezes ela escapasse ou o expulsasse de casa prometendo “Ele não voltará nunca mais”, ele sempre voltava. Depois de certo tempo, eu me perguntava se ela realmente ainda tinha *medo* de Freddie. Eu me perguntava se ela não

continuava com ele como um lembrete de que, não importava quais sonhos dela ele havia destruído, ele não conseguiria dobrá-la. Mesmo que a tivesse mandado para a prisão duas vezes, ele não conseguiria derrotar Bettye Jean. De fato, se alguma vez ela se sentiu desanimada, ela jamais o revelou.

Raramente ela expressava impaciência ou frustração em relação a mim, mesmo quando eu merecia. Mas para exemplificar algumas vezes em que isso aconteceu, naquele seu inimitável estilo de dizer coisas brutais nas entrelinhas, ela dava seu recado muito melhor que qualquer chicotada no traseiro.

Houve aquela vez quando ela chegou em casa e me deu de presente uma calça que havia comprado em algum lugar mais ou menos como a Gimbels. Quando vi a calça e notei a etiqueta de oito dólares, sem pensar, e, em vez de me sentir honrado e grato por ela ter gastado dinheiro comigo, eu disse, quase que para mim mesmo:

− Caramba! Por oito dólares, no Discount Center, eu compraria um par de sapatos, uma calça e uma camisa *e* ainda teria dinheiro para ir ao cinema.

Mamãe dirigiu-me um olhar que me cortou o coração; agarrou a calça de volta e disse:

− Menino, você é insignificante demais para usar uma calça de oito dólares.

Tarde demais para pedir desculpas; fiquei muito mal, sabendo que não veria mais aquela calça. Aquele dia me mostrou que eu precisava trabalhar ainda mais arduamente para controlar minha boca. Não quero me justificar, mas a tendência de usar palavras de maneira mesquinha, maldosa e sem pensar era uma característica muito feia que eu tinha assimilado de Freddie. Na verdade, minhas três irmãs e eu desenvolvemos a habilidade de praticar abusos verbais em situações extremas. Mesmo agora ainda tenho que fazer um esforço consciente, nem sempre bem-sucedido, de manter minha língua sob controle.

À sua maneira, mamãe mostrou-me o alto poder das palavras e do silêncio. Depois da surra que levei com o cordão do telefone por

ter roubado um saco de pipoca, bastou ela me dar um olhar de decepção, quando tentei bancar o esperto e furtar outra coisa, para eu me lembrar da dor provocada pelo cordão.

Aos 13 anos, os hormônios todos em ebulição, menino grande que eu estou ficando, querendo ser legal e parecer bonzinho, saio decidido a roubar uma calça da Discount Center, pensando que eu sou realmente muito esperto. A estupidez da ideia está no fato de que ser apanhado no flagrante nunca passa pela cabeça enquanto o cérebro está concentrado apenas na oportunidade de vestir a calça debaixo da que estou usando e me enganar, pensando que ninguém irá suspeitar de um estudante como eu, cheio de livros debaixo dos braços e tudo o mais.

Quando vou em direção à porta, a realidade se configura na figura do gerente da loja, que me dá um tapinha no ombro. Agora sou um criminoso, cheio de livros e tudo o mais. Preparando-me para um belo sermão e uma advertência, sou atingido por algo muito pior: a chegada de dois tiras brancos, que me empurram e me jogam dentro de uma viatura e me levam para a delegacia. Mais uma vez, preparo-me para a dolorosa ligação telefônica e a subsequente chegada de minha mãe transtornada e enfurecida, e de meu padrasto, bêbado. Fico de pé, enquanto o policial completa a ligação, e ouço quando ele fala com o velho. Então, obviamente, o plano muda. Conforme conta a Freddie que estou detido na delegacia até que alguém venha me buscar, o tira começa a rir sem parar e depois desliga e me arrasta para dentro de uma cela.

Ele me diz que Freddie não virá me buscar. Cita Freddie literalmente: “Buscá-lo? Que nada! Deixe esse idiota aí! Ele que se dane!”

Falando baixinho comigo mesmo, apanho um livro da minha pilha e começo a ler, esperando que Melville, *Moby Dick* e a fuga pela literatura possam me acalmar.

Isso também faz os tiras morrerem de rir. Um deles pergunta:

− Você não está lendo essa merda, está? Se você é tão inteligente, que diabos está fazendo na cadeia?

O outro tira repete as palavras de Freddie:

− O velho dele disse: “Deixe esse idiota aí. Ele que se dane!”

Quando mamãe e Freddie resolvem vir me buscar, nenhum deles diz uma palavra, porque percebem, pela vergonha que estou sentindo, que fiz um curso intensivo de como se sente quem entra em fria com a polícia, é confinado e trancado em uma cela – nada disso havia ocorrido comigo até então. Por um segundo, o olhar regozijante de Freddie me deixa irritado o bastante para eu me esquecer que era eu o culpado nessa situação. O olhar de decepção no rosto de mamãe corrige esse equívoco em uma única batida do coração.

É claro que não havia nada que eu quisesse mais no mundo do que fazer minha mãe orgulhosa de mim. Assim, era natural que nas poucas ocasiões em que eu a decepcionava, aquilo me machucava para sempre.

Tocar trompete, eu esperava, poderia ser algo que pudesse deixar minha mãe orgulhosa de mim. Eu praticava com muita vontade tanto para os concertos da juventude, que eu estava começando a fazer, como para a banda da Roosevelt Junior High School. Uma noite, antes do jantar, em vez de me pedir para sair e comprar algumas coisas básicas – enfim, fazer meu serviço –, mamãe ouviu-me praticando e decidiu que ela mesma iria às compras, contanto que eu ficasse de olho no feijão que estava cozinhando.

− Ótimo! − respondi feliz por não ter que sair e por poder ficar em meu quarto e continuar a memorizar *Some Song for My Father*, de Horace Silver, meu solo em um concerto que estava para acontecer. Com meu enorme talento para concentração total, fiquei tão imerso na coisa que esqueci do feijão, até que um cheiro de queimado veio flutuando até meu quarto. Voei para a cozinha e dei uma olhada: o feijão estava bem queimado.

De alguma forma pensei que deixaria minha mãe menos furiosa se continuasse a praticar, mesmo sabendo que haveria problema

quando ela chegasse em casa, achando que eu estava prestando atenção no feijão o tempo todo:

− Mamãe − chamei do meu quarto, quando ela apareceu na porta de entrada. − É bom dar uma olhada no feijão, acho que ele acabou queimando.

O som da tampa da panela sendo removida e depois recolocada com um barulhão ecoou no corredor. Meu estômago comprimiu-se. Mamãe fazia mágica dia após dia para esticar nosso dinheiro e nos alimentar, e eu tinha que deixar o feijão queimar! Mesmo que provavelmente ela quisesse me matar, ela arregimentou toda a sua capacidade de controle, caminhou pelo *hall,* parou na porta de meu quarto e disse com muita calma:

− Chris, você sabe que a maior parte das discussões e brigas que tenho com Freddie são por sua causa, e você não consegue nem mesmo cuidar de uma panela de feijão?

Essa simples declaração falou por mil. Cada inferência dela me penetrou até os ossos. A verdade mais dolorida era que eu havia sido egoísta, havia pensado só em mim e na prática de meu trompete. A outra verdade era que ela faria qualquer coisa por mim, até mesmo incitar a ira dele para me defender. Era mesmo verdade que eu era a principal razão de suas brigas? Se era, aquilo era coisa de maluco, tão maluco quanto Freddie era um maluco. Só esse pensamento foi o suficiente para reacender a chama escondida de meu ódio por ele, queimando-me por dentro como aquele feijão.

Depois de dizer o que disse, mamãe deixou as coisas rolarem. Virou-se e voltou à cozinha, abriu uma lata de molho de tomate, acrescentou lá alguns temperos, salvando o feijão queimado e transformando-o em uma grande tigela de feijão satisfatório, que comemos no jantar daquela noite.

Ainda assim, com base em tudo que eu conhecia sobre seu temperamento, ela era um mistério. Pouquíssimas vezes eu consegui captar um pequeno vislumbre do que ela vivia em seu mundo interior. Uma dessas vezes foi quando, em uma noite em que Freddie estava fora e eu tinha acabado de fazer a lição de casa, nós

dois assistimos a um filme de Bette Davis na televisão. Mamãe adorava Bette Davis; acho que era porque elas tinham nomes quase idênticos. Mas mamãe, toda melancólica e filosófica, dizia que não e que a razão pela qual ela gostava dos filmes de Bette Davis era o jeito forte e convincente da atriz.

− E ela interpreta tão bem − admitiu mamãe − que você só pode ficar louco da vida com ela.

O que mais deixava minha mãe feliz? Provavelmente era quando ela sentia que estava sendo aquilo que havia sido destinada a ser: professora. À sua própria maneira, para mim e minhas irmãs, ela era nossa professora, nosso Sócrates. Ela só podia ficar feliz ao ver que estava se comunicando conosco, vendo-me reagir à sua repetida insistência de que sem saber ler e escrever, eu não seria nada mais que um escravo. Quando eu saía para a biblioteca pública na Seventh com a North, com apenas um livro ou uma pergunta cuja resposta eu procurava, mas acabava explorando as fichas catalográficas e descobrindo outros livros, os quais eu lia durante todo o dia, mamãe ficava feliz. Livros a deixavam feliz. Ela adorava ler, e adorava o *Reader's Digest*. E acabou transferindo o seu vício para mim. Nós dois o líamos de cabo a rabo e depois discutíamos os assuntos. Talvez o momento em que a vi mais feliz tenha sido o dia em que encontrei um poema em uma velha edição do *Reader's Digest* na biblioteca e o copiei para ler a ela. Poesia não era coisa que me atraísse muito, mas havia algo de Elizabeth Barrett Browning que me pegou; acho que foi o ritmo, a musicalidade e o sentimento. Mamãe ouviu em silêncio, no início. Ficou imóvel – como só ela sabia fazer – quando li as primeiras linhas: "Como te amo? Deixa-me dizer de quantas maneiras. *Eu te amo com toda a profundidade, imensidão e altura que minha alma pode alcançar*. Quando terminei de ler *How Do I Love Thee*, vi lágrimas escorrendo dos olhos de minha mãe. Ela disse que aquele era seu poema favorito e que o fato de eu tê-lo descoberto a deixava feliz.

———

O ano de 1968 foi o ano do Grande Despertar para mim. Eu havia provocado um Big Bang no universo de meu ser, explodindo com a energia atômica de minha própria condição por ter amadurecido, e com as mudanças monumentais que aconteciam todas à minha volta. Esse período marcou a aurora de minha conscientização como uma pessoa de cor, seguindo de perto minha descoberta – veja só! – de que o mundo não era inteiramente negro. Cinco anos antes, a reação adulta ao assassinato do presidente Kennedy havia sido uma indicação do que significava ser minoria e perder um defensor. Mas foi no ano seguinte, quando alguns de meus colegas de classe e eu fomos levados de ônibus para uma escola de brancos no lado leste de Milwaukee, que eu vi com meus próprios olhos o que mamãe havia vivido cada dia, quando ela deixava o bairro para trabalhar. Não era só o fato de que, com as poucas exceções de porteiros e algumas crianças negras aqui e ali, todos eram brancos, o exato oposto do gueto, onde todos eram negros, exceto um comerciante aqui e um policial acolá. Era também sentir o que significava ter minha cor como identidade, ser tratado com desprezo, ser considerado um nada, sentir vergonha, ser invisível, uma não entidade, um garoto de pele escura. Mas o choque verdadeiro foi saber que quatro garotinhas haviam sido mortas com a explosão de uma bomba em Birmingham, Alabama, porque elas eram negras.

Ver mamãe chorando enquanto assistia à cobertura pela TV fez uma luz se acender. As garotas poderiam ser minhas irmãs. E, de fato, percebi naquele momento, em minha ligação com a comunidade negra em geral, que elas eram realmente minhas irmãs. Diante desse novo ultraje e com fervor para protestar contra todos os males do passado, do presente e do futuro, perpetrados contra a minha gente, senti uma nova dimensão nos nossos laços, quando comecei a acompanhar o que andava acontecendo no mundo além de Milwaukee.Em 1965, aconteceram os conflitos Watts, em Los Angeles, o Dr. Martin Luther King liderou as marchas pelos direitos civis em Selma, Alabama, e Malcolm X foi assassinado no Harlem. No ano seguinte, quando houve uma coalizão de grupos de minoria de Milwaukee e ativistas – organizados pelo padre católico James Groppi – fui para as ruas

protestar, junto com dois de meus grandes amigos: Garvin, trompetista da banda da escola, e Ken, ou “Zulu”, como o chamávamos. Um tipo genuíno, Zulu estava longe de ser um rapaz atraente, mas tinha um enorme talento como ator e, se o tivesse usado, teria ido longe. Mais tarde, na verdade, ele pôs na cabeça que iria aparecer no cinema e acabou me convencendo de que eu também poderia me tornar ator.

Testando essa possibilidade, conversei com mamãe durante o café da manhã, falando como quem não quer nada, entre uma mordida e outra no pão:

− Sabe, vou virar ator quando terminar a escola.

Minha mãe concordou com um aceno de cabeça, com a maior paciência, e perguntou retoricamente:

− Ok, Chris, vá buscar o jornal e me diga: quantas vagas eles têm lá para atores?

Mas isso não foi suficiente para me dissuadir da ideia, e eu continuei a lançar comentários sobre como eu tinha estatura, voz e domínio de mim mesmo para ser um ótimo ator.

E assim foi até que pedi a mamãe cinco dólares para comprar alguma coisa – uma vez mais.

Com os olhos no jornal que estava lendo, nem mesmo levantando-os, em vez de dar alguma indicação de que eu poderia sair para alguns servicinhos rápidos depois da escola, ela disse com um sarcasmo sutil, sua marca registrada:

− Bem... Por que você simplesmente não *atua* como se tivesse cinco dólares?

O que significa atuar como se eu tivesse cinco dólares? Entendi o que ela quis dizer.

Com isso, superei aquela ambição passageira e voltei a me dedicar ao trompete. Zulu era quem deveria realmente ter persistido. Ele tinha talento para protestar e cantar *We Shall Overcome* com a intensidade e o poder de um líder, ao mesmo tempo que usava cada oportunidade para beliscar o traseiro das mulheres. Quando elas se

viravam para ver quem havia feito isso, Zulu disfarçava e exibia a mais nobre das expressões e continuava cantando.

Garvin e eu ficávamos assombrados.

− Se ele fizesse isso a uma mulher negra − Garvin disse quando vimos Zulu beliscando o traseiro de várias mulheres durante um grande protesto que fizemos − ela se viraria e lhe daria um tabefe no rosto.

− É verdade – falei baixinho. − E contaria para a mãe dele também.

A Igreja Católica St. Boniface, quartel general do Padre Groppi, oferecia um paraíso longe dos campos minados do clã dos Triplett e, além de protestarem defendendo questões importantes, como moradias populares e dessegregação de clubes que ainda barravam a entrada de negros, judeus e católicos, os organizadores nos alimentavam – havia de tudo, de rosquinhas e sanduíches a uma grande variedade de comidas étnicas de produção caseira. Preenchendo muitas necessidades, nosso ativismo jovem era geralmente tão divertido quanto importante. Ter esse estímulo tão poderoso para minha autoimagem, especialmente em um período em que minhas preocupações com o sexo oposto me consumiam integralmente, era uma verdadeira bênção.

Minha autoestima havia sofrido não apenas com os ataques quase diários de Freddie, mas com o *status* mais alto que minha comunidade parecia dar aos negros de pele mais clara. Durante anos eu havia odiado Smokey Robinson, por ele ser o protótipo do cara com que toda garota sonhava. Esbelto, de pele clara, olhos verdes, o cabelo “bom” e ondulado, e a voz melodiosa, ele não tinha a menor ideia de como arruinava a vida de caras como eu: altos, musculosos, de pele escura, cabelo afro e voz de barítono. Até hoje, juro, se ele entrasse na sala, eu teria que desafiá-lo para um duelo pela dor e sofrimento que me causou, inclusive aquela vez, quando uma garota de quem eu gostava, arrebitou o nariz e me disse:

− Você é apenas um preto feioso e filho da puta.

Misericordiosamente, logo entendi que Smokey não era o único cantor “acontecendo”. É verdade. Smokey cantava e era um incrível compositor e *performer,* mas isso não era nada especial, pois havia muitos garotos negros que faziam a mesma coisa. Quando James Brown, o padrinho da *soul music,* surgiu e proclamou: “Digam em voz alta, sou negro e tenho orgulho disso”, isso se tornou o Santo Graal para um garoto negro como eu.

Não demorou muito e produtos para alisamento de cabelo que nunca davam certo para mim – só queimavam meu couro cabeludo – saiu de moda e, no seu lugar, entrou o estilo afro, com túnicas e colares feitos de contas. Cara, me liguei naquele *look* bem rapidinho; acho que fui o primeiro e mais jovem *hippie* negro da América. O lance da túnica não pegou muito bem no bairro em Milwaukee, mas, no fim das contas, fiz uma fusão entre o estilo “Negro e Orgulhoso” e os trajes *hippie* de segunda mão, comprados na Legião da Boa Vontade e no Exército da Salvação, para ter os melhores colares de contas, as melhores calças boca de sino e as melhores *tie-dyes* arrematados com um belo cabelo afro. Smokey Robinson até puxaria meu saco.

James Brown era *o cara* para mim. Quando meu amigo Garvin e eu começamos a frequentar a St. Boniface e entramos nessa de protestar, criamos a política de convencer todos os nossos conhecidos a só fazer compras onde aceitassem os Selos Black & Brown, que James Brown estava promovendo para ajudar as cidades pobres do interior do país. Eram selos parecidos com os Selos Verdes da S & H – Sperry & Hutchinson. Nossos esforços pareciam estar indo bem, até que enchemos dois carrinhos no supermercado A & P, em um bairro de brancos, e esperamos até chegarmos no caixa, quando fiz a pergunta de um jeito *black power*, no estilo de um adolescente de treze anos:

− Vocês têm Selos Black & Brown? Porque se não tiverem Selos Black & Brown, não vamos comprar nada aqui. Não podemos comprar aqui.

Foi tudo tão rápido que em um minuto a polícia entrou em cena e os agentes ficaram lá, de pé, como cantores de um coral atrás do

gerente, que olhou friamente para nós e disse:

− Vocês dois, ponham tudo de volta no lugar e vamos esquecer o que aconteceu. Mas se não devolverem tudo, vão para a cadeia.

Quando ele virou-se para ir embora e nós, feito cordeirinhos, fomos colocar as mercadorias em seus respectivos lugares nas prateleiras, muitos dos funcionários começaram a rir feito idiotas.

Entretanto, sentimo-nos orgulhosos de nossos esforços, quando voltamos para a St. Boniface, para uma reunião e um protesto público junto com o Conselho da Juventude da NAACP – Associação Nacional para o Progresso dos Negros. Chegando lá, ficamos sabendo que haviam jogado uma bomba no escritório da Associação em Milwaukee, o que reforçou imediatamente a seriedade do que estávamos fazendo.

No dia 30 de julho de 1967, logo depois dos conflitos de Detroit, Newark, Harlem e D.C., houve um tumulto em Milwaukee, depois que se espalhou a notícia de que a polícia havia usado violência para conter uma briga em um clube noturno de negros. Embora eu estivesse nas ruas participando só em espírito, fiquei muito triste de ver lojas como a Sy's saqueadas. Mas aquilo não me impediu de correr para a rua Third, na esperança de chegar ao Discount Center, antes que ele também fosse saqueado. Infelizmente, quando cheguei lá não havia mais nada do meu tamanho e tudo o que consegui pegar foram roupas que eu nunca usaria. Felizmente, não me levaram para a prisão outra vez junto com as quase duas mil pessoas que foram presas – inclusive meu primo, Terry, depois que o pegaram experimentando sapatos e examinando-os em seu pé na frente de um espelho. O distúrbio foi relevante o bastante para que a Guarda Nacional fosse chamada e um toque de recolher de três dias fosse imposto. Houve cerca de cem feridos e três mortos naquela noite.

Em meio a toda aquela desordem, a guerra do Vietnã estava no auge, e americanos jovens, pobres, negros e brancos eram enviados para lá para lutar e, em número cada vez maior, voltavam para casa ou dentro de caixões, ou drogados, ou com traumas da guerra. Cassius Clay era meu herói como pugilista mesmo antes de

mudar seu nome para Muhammad Ali, lá no começo de sua carreira, quando provocou uma reviravolta no mundo do boxe ao derrotar Sonny Liston. Mas quando ele se recusou a lutar na guerra – porque, como ele mesmo disse: “Não tenho nada contra os vietcongues, que nunca me chamaram de ‘negro’ nem me lincharam” – Ali tornou-se meu herói pela vida toda, um herói diferente, quase uma figura simbólica de pai.

O momento que definiu a evolução de minha conscientização nessa época – e a de milhões de americanos de todos os níveis sociais – aconteceu na noite de 4 de abril de 1968. Depois de retornar de um ato público por moradias populares à Igreja St. Boniface, eu e meus companheiros inseparáveis, Garvin e Zulu, sentamo-nos, esfomeados, diante de pratos cheios de rosquinhas, frios e fritas, e um irmão da NAACP, de terno e gravata, entrou no meio de nós, chorando muito e quase sufocado, e disse:

− O Dr. King levou um tiro!

Começa o pandemônio. Todos começam a gritar querendo saber o que aconteceu. Alguém liga um rádio, alguém mais corre para ligar a TV; ouvimos pedaços de relatos sobre Memphis, Tennessee, sobre a greve do pessoal do departamento de saneamento que o Dr. King tinha ido visitar para dar seu apoio, sobre como ele levou um tiro na sacada de seu motel. Então, de repente surge uma voz gritando mais alto do que as outras:

− Ele morreu. Mataram o Dr. King!

Silêncio. Choque. É difícil de acreditar. Toda uma existência se passa nesses segundos. Uma onda de dor e fúria explode na sala envolvendo-me com força, empurrando-nos todos para fora, e começamos a atirar na rua tudo o que encontramos pela frente. Loucura. Terror. Raiva. A força subjacente a essas emoções faz lembrar a noite dos conflitos multiplicada n vezes, mesmo que a conversa inflamada sobre atacar os bairros dos brancos para provocar mais tumulto logo passe.

Com o assassinato de Robert Kennedy, alguns meses mais tarde, o ano de 1968 significou o auge de tudo o que estava

acontecendo no campo dos direitos civis, dos protestos contra a guerra do Vietnã, do movimento feminista e da revolução sexual, bem como do que andava acontecendo no campo da música e da cultura em geral. Boa parte de nosso idealismo havia sido abatida, ao mesmo tempo que o *momentum* de poder ao povo tornava-se irreversível. A promessa de que iríamos sobreviver e chegaríamos ao topo de montanha não havia sido quebrada, mas a luta seria muito mais longa e árdua do que a princípio havíamos pensado.

Livros, como sempre, preenchiam minha necessidade de encontrar força por meio do conhecimento. Nos anos seguintes, viajei pela história dos negros, lendo tudo o que me caía nas mãos. Mamãe nunca me desencorajou de qualquer leitura, embora tivesse ficado um pouco alarmada quando, um dia, cheguei em casa com *Die, Nigger, Die,* de H. Rap Brown, e *Soul on Ice,* de Eldridge Cleaver. Ela concordava com o movimento antiguerra e não criou qualquer problema com relação às camisetas que usávamos e vendíamos, pintadas com *slogans* do "orgulho negro", tais como *Soul Brother* e *Black Power* e *Keep the Faith* e o genérico *Sock It to Me*. Até ela usava sua camiseta *Soul Sister*, enquanto lavava minhas roupas. Mas, só para garantir que eu não fosse muito radical ou militante demais, de tempos em tempos ela me alertava:

− Menino, se você quer ser outro Rap Brown, é melhor sair de casa.

Quando eu continuava a ler, não porque eu era excessivamente radical, mas porque queria conhecer mais sobre algo que havia sido dito, antes de eu rejeitá-lo, ela me perguntava um pouco nervosa:

− Você não acredita em tudo isso, acredita?

Claro que, para acalmá-la, eu lhe respondi dizendo que não acreditava em tudo aquilo e que não iria me tornar militante.

Mamãe também sabia que havia muitas outras influências sobre mim, mas nenhuma delas foi mais poderosa que a música. Só mais tarde é que realmente percebi quão incrível foi eu atingir a maioridade no auge de cada fenômeno significativo que o final dos anos 1960 havia produzido; de James Brown e Bob Dylan aos

Beatles, Rolling Stones, Martin Gaye, Stevie Wonder, The Temptations, Jimi Hendrix, Sly Stone, e, claro, Miles Davis – que coroou essa década com seu absolutamente inovador *Bitches Brew*. Considerado por muitos como a maior obra musical do século XX, *Bitches Brew* foi quase tão transformacional quanto a invenção do próprio *jazz*. Para mim, foi como se Miles Davis tivesse despejado tudo o que estava acontecendo histórica, política, social, racial e musicalmente dentro de um caldeirão, misturado tudo com cada alto e cada baixo emocional, cada esperança e medo, cada prazer, cada dor, cada raiva e cada êxtase, e criado essa incrível fusão.

Essa fusão também parecia a expressão musical do que estava acontecendo em minha vida pessoal durante minha adolescência – um lento cozinhar de novas – e velhas – preocupações. Na nova fronteira, junto com a puberdade, havia chegado o mais incrível e constante interesse por garotas e por sexo. Eu adorava tudo a respeito de ambos. Por vários anos, nessa época, tudo sobre a espécie feminina me excitava. Tudo, aparentemente, me excitava. De repente, o vento soprava e meu pinto ficava duro. Isso já havia começado antes e sem qualquer aviso. Até o sacolejar do ônibus era suficiente para me excitar. Ninguém me explicou que isso era normal, ou que, algumas vezes, quando o órgão ficava tão duro que parecia que ia se quebrar, era normal sentir-se daquele jeito e nada aconteceria.

Por um lado, ter a habilidade de sentir-me tão potente era miraculoso. Como se você acordasse um dia e tivesse ganhado, sem ter pedido, um carro esporte caríssimo e superpotente. Por outro lado, ser um garoto com os hormônios todos em ebulição e com poucas oportunidades de fazer qualquer coisa a respeito, era como ter um carro esporte superpotente e ainda não ter a carteira de habilitação! É verdade que tive algumas chances de fazer um *test drive*, mas até ter uma namorada fixa, sobrou-me fazer as coisas que fazia quando era ainda menino e morava com tio Willie. Tentei chamar a atenção de uma garota vizinha ficando de pé em um caixote de leite debaixo da janela do quarto dela e acabei quebrando a patela. Depois disso, parei de pensar em fazer serenatas para as meninas.

A coisa mais constrangedora para mim era ficar com a barraca armada em momentos totalmente inapropriados, como aconteceu quando a velhinha que me pagou para puxar a neve da frente da casa dela e fazer alguns outros pequenos serviços, precisou de minha ajuda para levantar-se do sofá.

− Chris, ajude-me aqui! − pediu-me ela. − Segure-me até que eu fique bem firme de pé, ok?

− Sim, senhora − respondi e, com cuidado, a ajudei a se levantar. Mas, conforme eu me inclinei para segurar uma frágil solteirona de setenta anos e com a vista fraca, fiquei excitado. Aquilo era mais horripilante que qualquer um dos filmes de terror que meu amigo Garvin e eu tínhamos pagado para ver no Cine Oásis, na Twenty com a Center. Mesmo sabendo que não era nada mais que uma onda de calor do corpo humano, e de jeito nenhum significava que eu me sentia atraído por uma cidadã idosa, fiquei apavorado o suficiente para reduzir meu período de trabalho para ela.

A única pessoa a quem eu poderia ter confiado essas últimas confusões era Ophelia, mas ela e DeShanna haviam-se mudado de nossa casa. Foi difícil para mim e para minhas irmãs mais jovens. Embora fôssemos meio-irmãos, nenhum de nós havia sido educado assim. Era puro e simples: elas eram minhas três irmãs e eu era seu único irmão. Isso se devia, em parte, à maneira como mamãe insistia em que assim deveria ser e também porque éramos todos um único time: nós *versus* Freddie. Mais tarde, até minha irmã caçula, Kim, embora tivesse nascido uma Triplett, usava Gardner como seu sobrenome, colocando-o em cada pedacinho de identificação que possuía. Kim e Sharon provavelmente sentiam-se como eu, desejando que Sam Salter fosse o papai delas. Freddie maltratava todos de maneira equânime, isto é, não poupava as duas só porque era pai delas.

O que eu confiei a Ophelia, quando a vi, foi minha crescente vontade de pôr um fim em Freddie e em sua brutalidade, mesmo que isso significasse ir para a cadeia. Já que Freddie havia sido a razão pela qual ela havia se mudado – ele, na verdade, havia feito

campanha para que ela o fizesse –, ela entendeu minha motivação. Primeiro, quando ela saía para namorar, Freddie aparecia bem no momento exato para mostrar ao cara que não gostava nada dele – falando mal de suas roupas, ou que eram esfarrapadas, ou que eram de mauricinho, ou peidando, arrotando, fazendo barulho com a boca quando bebia, coçando-se – qualquer coisa que pudesse para fazer Ophelia querer se esconder de vergonha em um buraco no assoalho. A partir de então, qualquer um que viesse buscá-la para sair, apenas buzinava e ela saía rapidinho e ia embora.

Depois, ele começou a pegar no pé dela porque ela não fazia as tarefas domésticas. Quando um confronto especial começou a esquentar e ele a advertiu para que não retrucasse senão ele lhe daria um pontapé no traseiro, Ophelia tentou sair de casa, mas ele a impediu e berrou:

− Ou te dou um pontapé no traseiro ou você tira seu traseiro daqui. Uma das duas coisas vai acontecer! Escolha!

A última gota aconteceu na semana seguinte, quando ele começou a entrar sorrateiramente no quarto que Ophelia e DeShanna dividiam com Sharon e Kim – as três dormindo na cama e DeShanna, no berço.

Uma noite Ophelia sentiu-se tão ameaçada pelo tom da voz de Freddie e ficou com tanto medo de que ele agredisse DeShanna, que ela pegou um compasso grande, que eu usava para minhas lições de geometria e usou a parte pontiaguda para intimidá-lo:

− Se encostar a mão em mim, eu te mato.

Dois dias depois, minha irmã mais velha e minha sobrinha partiram para sempre e foram morar com nossa prima Elaine na Eighth – duas casas além da casa de Sam Salter. Ophelia passou a ver seu pai todos os dias, conheceu sua esposa e seus filhos e, sempre que precisava de alguma coisa, pedia ajuda a Sam e ele a dava – embora sempre dissesse que eram seus últimos dois dólares.

Sempre que podia, eu ia visitar Ophelia e com ela dividia minhas preocupações e segredos. Mas nem todos.

CAPÍTULO 5

Bitches Brew
(lado B)

− O que você está fazendo? − pergunto a Garvin em uma noite de sexta-feira, quando ele e eu, junto com Sam Gordo, nosso amigo guitarrista, a caminho do cinema, passamos pelo The Auditorium e Garvin sai correndo em direção à porta de entrada.

É primavera, clima decente, pouco tempo depois que completo 13 anos. São os últimos dias da Feira Casa e Jardim, uma grande convenção anual, e Garvin sugere que entremos de penetras para dar uma conferida na exposição. Assim que abrimos a porta, sai uma avalanche de gente, o que nos dá a chance de entrarmos sem pagar.

Sam Gordo diz:

− Vamos fingir que estamos passando mal − e eu sugiro, então, que tomemos o caminho da escada e nos deitemos entre os pisos da arquibancada.

Não demora muito e o local fica vazio, e nós na semiescuridão, com as placas indicando a saída fornecendo uma claridade tênue. Seguramos a respiração quando um guarda com uma lanterna faz sua última ronda. Finalmente, passado o perigo, vamos para nossa primeira parada: um mostruário de padaria, completo, com bolos de casamento, rolinhos de gelatina, massas, pão fresco, tudo

parecendo de sabor tão delicioso quanto o mostruário que destruímos. Empanturrados, com os bolsos cheios de coisas para comer mais tarde, começamos a atirar rosquinhas salpicadas de açúcar uns nos outros e a gargalhar com o rosto coberto de pó branco açucarado.

Garvin nos chama, entusiasmado, para ver o que ele havia encontrado no mostruário seguinte. Sam Gordo e eu chegamos lá e ficamos de queixo caído. Em um mostruário genial está tudo o que três músicos emergentes poderiam querer para criar sua própria música (e que música): amplificadores, estéreos, transistores, microfones, gravadores de duas pistas. Levar tudo é crime, sabemos disso. Mas estamos basicamente bêbados com o açúcar e nossas aspirações musicais subitamente põem de lado um juízo melhor. Crianças em uma loja de doces! Depois de tirarmos os doces e as massas dos bolsos para dar lugar aos rádios e aos rolos de fitas, pegamos os artigos maiores, empilhando-os e enrolando-os de qualquer jeito. Sam pega um conjunto de amplificadores Vox sobre rodinhas e eu pego um gravador de pista dupla, de última geração, além de outras coisas. É como estar brincando de “esta página, aquela página”, só que agora a coisa é de verdade.

Levar tudo isso para casa é um suplício – nem tanto para Sam Gordo, porque ele mora perto, no projeto de moradia popular; mas para mim e para Garvin é um grande problema. Vamos dando voltas pelos corredores em direção à parte norte, tomando cuidado para não sermos apanhados pela polícia. Toda vez que começo a repensar sobre o que estamos fazendo, Garvin me empurra para frente e diz:

− Cara, acabamos de surrupiar algumas coisas legais. Só falta andar mais um pouquinho e estamos livres.

No apartamento do segundo andar, onde minha família está morando agora, estão todos em casa e eu não tenho chave. Para entrar na surdina, tenho que usar a escada que eu adaptei de uma cerca de ferro para trazer as mercadorias que roubava para dentro e escondê-las em meu quartinho, na parte de trás da casa, onde ninguém jamais vai. Exausto, mas triunfante, eu me descontraio e

os sonhos crescem à minha volta: eu, gravando meu primeiro álbum de *jazz* e ganhando uma grana extra vendendo os aparelhos eletrônicos dos quais não vou precisar. Agora a minha capacidade de focar torna-se muito intensa. Quem vai comprar a mercadoria roubada?

Na tarde seguinte, quando todos haviam saído, ocupo-me varrendo a escadaria na entrada do prédio – um dos últimos compromissos de meio período que assumi para ganhar cinco dólares, pagos pelo zelador – e vejo um grupo de novos vizinhos chegando da rua. Por um segundo, meu instinto lembra-me que não conheço nada a respeito dessa gente. São muito barulhentos e exaltados e não parecem ser uma família, mas apenas um grupo de adultos compartilhando talvez o aluguel. Fazendo-me de bem tranquilo, observando-os subirem a escada, noto que há um trio junto com eles, que não mora no prédio. Parecem tipos meio suspeitos, mas não o tipo de gente que possa entregar um garoto por vender aparelhos eletrônicos roubados. Ouvindo meus instintos, levanto os olhos do chão que estou varrendo e digo ao que parece ser o líder do bando:

− Ei, cara, quer comprar uns rádios?

Olhando rapidamente para os outros dois, ele dá de ombros:

− Estou interessado. Vamos dar uma olhada no que você tem.

Legal. Sou agora o senhor Trapaça, talento natural. Os três me seguem até nosso apartamento e descemos ao meu quarto, onde lhes mostro meu esconderijo, onde guardo as mercadorias roubadas. Eles olham tudo, examinam, conversam como se elas não possuem lá essas coisas, e meus instintos começam a soar alarmes fortíssimos, dizendo-me que esses caras não são flor que se cheire e que cometi um grande erro de julgamento. Esgueirando-me pelo corredor em direção ao local onde Freddie guarda seu revólver, sinto os tremores do medo apoderando-se de mim, ao mesmo tempo que procuro não me descontrolar. Assim que entro no *closet* e tento pegar o revólver, o líder do bando agarra meu braço, puxa-me para fora do *closet*, e os três pulam em cima de mim, jogando-me no chão, sem me machucar, mas me dominando o

tempo suficiente para pegarem toda a mercadoria e cair fora – o que dói de verdade.

Furioso com eles e comigo mesmo, espumo de raiva, sabendo muito bem que não posso chamar a polícia e, com certeza, também não posso contar ao velho. Como se tivesse saída, entro em estado de ebulição, tentando esboçar um retrato de cada um deles em minha mente. Pelo menos vou dizer a Garvin e Sam Gordo para tomarem cuidado com esses filhos da puta, que já estão todos quase chegando aos trinta anos. O cara principal é de altura mediana, tipo comum e o segundo é alto e desengonçado, também um tipo comum. Mas o terceiro – que parecia ficar na retaguarda quando os outros dois pularam sobre mim – chamava facilmente a atenção pela maneira como andava: manquitolando visivelmente – um deficiente físico, talvez resultado mais de uma deformidade que de um acidente.

Sem poder recorrer a ninguém e sem usar as lições aprendidas, sinto-me um merda, mas não tenho alternativa a não ser voltar a varrer as escadas. Como de hábito, mudo de foco e tento esquecer minha fracassada aventura como senhor Trapaça.

− Ei! − ouço uma voz, bem baixinho, chamando-me cerca de vinte minutos depois do acontecido. Levanto os olhos e vejo o tipo que manquitolava, de pé, segurando uma sacola de mercearia. Ele me explica. − Escuta aqui, cara, eu trouxe de volta um pouco das suas coisas. E trouxe também um pouco de grana.

Joia. Isso facilita as coisas. Voltamos ao apartamento e faço um inventário rápido do que ele devolveu. Quase um terço de toda a mercadoria está lá, a sua cota, é claro, mas falta o gravador de pista dupla. Ele me passa dez dólares e quando ponho o dinheiro no bolso, em vez de caminhar em direção à porta para sair, ele dá um passo em minha direção e diz:

− Fiz um favor para você. Agora quero que você faça um para mim.

− Ah, é? − digo − Qual?

− Quero brincar com isso que você tem entre as pernas.

− Ah, cara, essa não! − protesto, pensando que ainda tenho o direito de recusar e uma chance de manobrá-lo em direção à porta. Outro erro de julgamento.

Os minutos seguintes, talvez dez, quinze, ou menos, não acontecem em velocidade normal: uma parte se alonga em uma tortuosa câmera lenta, e outra parte com uma rapidez fantástica. Mas mesmo que eu não possa saber quanto tempo se passa, lembro-me de cada detalhe do que acontece, desde o segundo em que ele põe uma faca na minha garganta, me força a ficar de costas, abaixa minha calça e põe o seu pau entre minhas pernas, até o registro confuso em minha mente do horror de sentir meu próprio pinto ficar duro por causa do estímulo provocado, e também o horror genuíno de vê-lo me levantando até ficar na posição em que ele possa me foder, bem lá no chão da sala de estar. Cada gemido, cada resfolegar. Seu cheiro é horrível. Repugnante. Não é cheiro de gente. Dor quente e branca. Linóleo frio.

Ele termina e diz:

− Ótimo. − Puxa-me pela camisa, empurra-me pelo corredor em direção à porta do banheiro e me força a ficar com o rosto no ladrilho. Come meu rabo. Novamente meu cérebro entende que fui estuprado pela segunda vez, mas minhas emoções se recusam a computar isso, tudo misturado com o medo de que ele possa me matar depois que terminar. É o que ele diz em seguida que acende minha raiva: − Que droga! Nem gozei.

No terrível momento do medo em que acho que ele vai me obrigar a fazer alguma coisa mais, ele se levanta, põe a faca de lado − como se entendesse que outras pessoas podem aparecer −, abotoa a calça, sai mancando pelo corredor e vai embora. O cheiro dele permanece. Sentindo náusea, sentindo-me sujo, permanentemente sujo, começo a girar as engrenagens analíticas de meu cérebro, tentando montar uma estratégia do que fazer em seguida. O que fazer. Ninguém pode saber. Nem Freddie, o Roda Grande, que irá espalhar a história do bar do Luke até o outro lado da cidade. Mamãe, também não. Ela vai querer saber onde arranjei a mercadoria e, para início de conversa, como ele chegou até o

apartamento. A polícia também não pode saber. Ninguém. Em vez disso, faço o registro mental, enrolo tudo em um carretel e o prendo em um lugar seguro. Sem esquecê-lo, mas sem deixar que ele viva em minha consciência do dia a dia.

Um silêncio desolado desce ao apartamento e uma sensação de total impotência e muita tristeza toma conta de mim. O *blues* do sem-pai toca em minha imaginação, lembrando-me que se eu tivesse um pai, ele me protegeria – seja de meus próprios erros juvenis, seja dos predadores de rua. Para sufocar todos esses sons, vou para meu quarto, retiro meu trompete da caixa e começo a praticar, tocando sem paixão e de memória, sabendo que, enquanto faço isso, há dois filhos da puta neste mundo que preciso matar.

———

Será que havia alguma coisa positiva a ser dita a respeito de Freddie Triplett? Ele era, afinal de contas, o marido de minha mãe, na alegria e na dor. Qual seria a melhor parte de nossas vidas do dia a dia? Dificilmente eu pensava em alguma coisa mais que no fato de que todos os membros de sua família eram maravilhosos. Havia sua irmã Bessie, sempre na labuta, dona da Casa Grande e do salão Bessie's Hair Factory, e generosa com os parentes das várias árvores genealógicas. Havia sua irmã Baby, sempre tomando o partido de mamãe, indo contra o próprio irmão, até mesmo me advertindo para tomar cuidado quando começasse a falar – provavelmente a falar demais – sobre meus planos de matar Freddie.

Baby não tentava me dissuadir de meus planos; apenas queria que eu fizesse a coisa certa:

− Chris, se ele descobrir que você está planejando matá-lo, ele pega o revólver e mata você primeiro. Você está entendendo? Acredite em mim; não se esqueça disso!

Ela estava certa. O plano tornou-se não planejar, mas aproveitar uma oportunidade, como se fosse por acidente, para não me trair nem com ele, nem com ninguém mais. Meus amigos e eu

andávamos assistindo às seções de luta romana de amadores no centro da cidade, e mesmo que muito daquilo fosse apenas exibição – conforme percebi, para minha grande frustração – eu tinha mentalmente praticado submeter Freddie a uma série de golpes de triturar os ossos. Tudo teria que acontecer rapidamente e eu não poderia apenas mutilá-lo. Aniquilação total era a única saída.

Logo depois da advertência de Baby, tive uma oportunidade de ouro de levar Freddie a sofrer um estranho acidente fatal, quando ele e eu tivemos que carregar um refrigerador para dentro da casa dela. Latindo suas ordens, Freddie mandou eu ir na frente e puxar a plataforma, enquanto ele ficava na posição inferior, empurrando a plataforma e o refrigerador escada acima. Na hora certa, pisei em falso em um dos degraus, de propósito, e soltei o refrigerador. Um olhar indescritível de confusão e horror tomou conta do rosto dele, e como em uma obra de arte, a próxima coisa que vi foi Freddie com um refrigerador sobre o peito e os dois rolando escada abaixo. Tudo o que ele disse foi “Maldito!” quando o refrigerador caiu em cima dele. “Acidentalmente.” Ele escorregou, desviou-se para trás, com seu último fôlego, e no exato segundo em que poderia ter sido esmagado, ele se refez, encheu o peito, recuperou o seu chão, conseguiu se equilibrar e ergueu todas aquelas centenas de quilos de metal de volta à sua posição nos degraus.

Ele *era* um Godzilla. Dirigindo a mim seu olhar malévolo, com certeza ele não imaginou que o acidente havia sido proposital. Caso contrário, ele teria *me* esmagado com o refrigerador. Só Baby, notando minha cara de frustração quando trouxemos a plataforma para dentro, percebeu o que realmente havia ocorrido na escada.

Além de Baby e das outras irmãs de Freddie, eu gostava também de um de seus amigos, que se tornou meu tio adotivo, que todos chamavam de Matabicho – um apelido que pode ou não ter sido baseado em algo como “Mata o bicho”. As pessoas diziam que ele parecia um bicho; era tão feio que dava a impressão que Deus o tinha atingido no rosto com uma pá. Ele era baixinho, magricela, completamente desdentado e vivia bêbado – o dia inteiro –, mas todos gostavam dele mesmo assim, embora não tivesse qualquer parentesco com qualquer um de nós. No passado, havia sido

jogador e andava sempre muito bem-vestido, tinha mulheres, carros e dinheiro, mas acabou caindo no poço do desemprego e do álcool de onde nunca mais saiu. Ao mesmo tempo que me ensinou outra lição sobre os perigos da bebida, ele também se tornou um exemplo vivo do velho provérbio “Querer é poder”. Não me pergunte como ele chegou lá, mas quando o tio Matabicho decidiu que ia me fazer uma doação muito especial, que ninguém jamais havia feito para mim, ele manteve a sua palavra e me deu meu primeiro par de ceroulas de seda e uma camiseta preta, também de seda, para combinar. Eu as usei até que sobrou só o elástico da cintura.

Tio Matabicho revelou-me o melhor de Freddie. De fato, no bar do Luke, que Freddie controlava como se fosse o dono, porque ele era desprezível mesmo, qualquer um que mexesse com tio Matabicho ouvia de Freddie: “Se você importunar o Matabicho vai ter que acertar contas comigo”. Mas a natureza protetora de Freddie desgastou-se durante uma excursão, quando tio Matabicho adormeceu com um cigarro pendurado na boca, no assento traseiro do orgulho e alegria de Freddie – seu Cadillac azul Coupe de Ville, ano 1964. Era um rabo de peixe com o teto de vinil em tom de azul mais escuro e interior azul-escuro, supostamente parecido com um que Elvis tinha − aquele Cadillac, o Elvis-móvel, era o espaço sacrossanto do velho Freddie e ninguém ousava derramar nem mesmo uma gota de suor no assento. Ninguém, exceto tio Matabicho, que adormeceu e não notou o cheiro de algo queimando, até que Freddie – ao volante – e eu, no banco da frente ao seu lado, percebemos que o cheiro de queimado vinha do estofamento do banco de trás. De repente, tio Matabicho e o banco de trás foram engolfados por chamas. Freddie apagou o fogo com meu refrigerante de laranja, praguejando com todas as suas forças:

− Cai fora do meu carro, Matabicho, seu beberrão filho da puta!

Felizmente, ninguém se feriu, embora eu não conseguisse parar de fantasiar uma cena na qual tio Matabicho e eu sobreviveríamos a um fogo infernal que tiraria a vida de Freddie.

Sob outro ângulo, Matabicho trouxe à tona o lado sensível de Freddie. Seja lá o que tenha se tornado tão corrompido em Freddie,

a única outra vez que ele pareceu dócil foi quando ele estava no meio do rio em algum tipo de embarcação, com seu melhor equipamento de pesca e uma meia garrafa de Old Taylor. Na verdade, era fácil manter Freddie longe − pescando ou caçando, ele ficava muito bem. Garoto do interior do Mississippi, ele provavelmente nunca deveria ter vindo para a cidade. Fora de casa, quanto mais longe da cidade, melhor; lá era a sua praia. Algumas vezes fui pescar com ele e com outros membros da família de ambos os lados, a dos Triplett e a dos Gardner, e outras vezes só com Freddie. Quando em grupos, eu me sentia no paraíso, ouvindo os homens contarem suas histórias de pescaria na loja de iscas, de suas viagens para lugares distantes nos confins de Wisconsin e Minnesota. Eu curtia os dias e noites de verão, aprendia sobre a arte, a ciência, a sorte e o sucesso de um pescador, e limpava o suor da testa em um dia de sol forte, tentando encontrar um local gostoso, onde uma brisa leve pudesse aliviar o calor que eu sentia.

Sozinho com Freddie, eu tinha que ficar mais em alerta. Pode ser que, à medida que eu crescia e representava uma certa ameaça para ele, ele estivesse testando a tática de fazer de mim seu serviçal, trazendo-me para essas pescarias possivelmente para me treinar e me transformar em um Huckleberry Finn negro ou coisa parecida. Não que eu confiasse ou gostasse dele, mas, na verdade, eu gostava de pescar e me sentia razoavelmente seguro quando ele não tinha nenhuma arma do seu lado.

No rio, Freddie costumava beber, mas não pirava. Havia até momentos fugazes de camaradagem entre nós, quando preparávamos o peixe que havíamos pescado em uma frigideira sobre o fogo às margens do rio, e o comíamos lá mesmo. E havia momentos em que éramos só eu e ele, dentro do barco, no meio do rio, enquanto esperávamos o peixe morder a isca, com o céu ainda claro e o sol não muito alto; nesses momentos, eu percebia uma sensação de paz dentro dele.

Mas quando retornávamos para casa, ele voltava ao seu velho eu e agredia mamãe, eu, minhas irmãs; pegava o revólver, acordava-nos no meio da noite e exigia que saíssemos de sua “maldita casa”. Não é preciso dizer que eu evitava viagens de

caçadas com ele, embora, para seu crédito, ele pusesse muita comida na mesa. Freddie gostava de se chamar de “O Grande Caçador Branco do Gueto”, porque ele podia preparar armadilhas ou matar qualquer coisa que encontrasse nas florestas. Não era exagero, a não ser a parte do branco. Ele trazia para casa todo tipo de animal: guaxinim, esquilo, coelho, gambá, tartaruga, ganso, pato e uma grande variedade de criaturas aladas. Para sua grande tristeza, ele nunca matou um veado, embora tenha trazido um, amarrado ao capô de seu Elvis-móvel, como se matar Bambi fosse alguma coisa de que se gabar. Nem mesmo os bebuns locais perguntaram onde ele o havia encontrado, porque estava na cara que o animal não havia sido morto com um tiro, mas atropelado.

Quer seja quando pescávamos juntos, quer quando ele trazia para casa um saco cheio de coelhos e esquilos, quer fosse lá o que fosse, meu emprego agora não era mais de *office-boy*, mas de aprendiz de Freddie na arte de estripar, escamar, tirar a pele, cortar as garras, limpar e desossar a caça. Não é surpresa para ninguém que isso envolvia facas. Facas afiadas.

Quando o assunto era peixe, eu ficava extasiado com a consistência da anatomia: a bexiga, o estômago, o coração, os pulmões e as guelras. Eu não me importava de tirar a pele, estripar e limpar o peixe, porque quanto mais caprichado eu fizesse o serviço, mais saboroso o peixe ficava no jantar que mamãe preparava, o qual comíamos com pão branco e molho picante. Mas eu descobri que detestava estripar e limpar os outros animais. No começo, era interessante ter umas lições práticas de anatomia. Para alguém que não sabia ler nem escrever, Freddie era brilhante na demonstração de como identificar o estômago, a vesícula biliar, o fígado e os órgãos vitais de várias espécies. Muito embora mamãe cozinhasse qualquer coisa que Freddie trazia para casa, fosse frito, com arroz ou com molho, tudo era filé mignon para mim: perfeito com pão de milho, verduras e talvez alguns inhames de guarnição. Limpar e tirar a pele de qualquer coisa com pele ou penas acabou se tornando um empreendimento horrível para mim. As redes de caça e pesca de Freddie viviam espalhadas pela pequena casa no número 3951 da rua North Fourteenth, onde vivíamos quando

comecei o colegial. Nossa boa sorte de termos conseguido mudar para a Capitol Drive, para um bairro melhor, não mais dentro do gueto, devia-se principalmente ao tio Archie, que era proprietário da casa que estávamos alugando. Aparecia peixe na banheira, gambá no *freezer* e nunca se sabia o que mais poderia aparecer por lá.

Esse era o negócio do velho. Nunca era possível saber quem vinha para jantar – se era o homem livre do campo ou o psicopata. A cada vez que eu achava que ele estava se abrandando, eu chegava em casa e encontrava uma típica cena de crime: a polícia levando-o embora novamente. Todos na família estavam alarmados com a crescente coleção de armas de fogo de Freddie. A meia-irmã de minha mãe, Dicey Bell – que morava agora em Chicago –, era a que mais se preocupava. (Parecia que todas aquelas tias e primas do sul tinham dois nomes, como Bettye Jean, Dicey Bell, Lillie Mae e Eddi Lee.) Os parentes mais velhos davam um jeito de não deixar crianças, especialmente meninas, sozinhas com Freddie.

Uma vez, mamãe e eu estávamos sozinhos em casa e sabíamos que corríamos sério perigo com Freddie voltando a qualquer momento. Assim que ele entrou em casa, sem que Mamãe tivesse dito uma única palavra, eu percebi pelo olhar dela que ela me dizia: “Chame a polícia”. Esse pânico e esse medo, enquanto eu corria, convenceram-me, sem dúvida alguma, de que, quando eu chegasse à cabine telefônica, um quarteirão adiante, ela já estaria morta. Voando de volta para casa, imaginei uma cena sangrenta esperando por mim e meu pavor subiu às alturas, formando uma torre gigantesca. Foi essa sensação que Spike Lee capturou mais tarde em suas filmagens. Movendo a câmera em vez de mover o ator, ele demonstra exatamente como os fios de nosso cérebro ficam retorcidos durante um período de crise. Quando avistei a casa naquele dia, vi que a polícia tinha acabado de tirar um .38 carregado das mãos de Freddie e o estava levando embora na viatura. Pelo menos por uma noite.

Em 1970, com 16 anos e já um jovem, eu, honestamente, não achava que poderia mais sobreviver àquela montanha-russa. Mamãe percebeu isso e insistiu para que eu aguentasse firme, lembrando-me que eu já havia pulado uma série e teria apenas mais

um ano letivo antes de me graduar. Nessa época, tocar trompete, ter namoradas e ficar morgando com meus amigos – tudo servia de válvula de escape. A escola não era mais o refúgio que havia sido. Além do fato de que os acadêmicos não me interessavam mais, minha atitude *anti establishment* entrava em conflito com aquela atmosfera repressiva, racialmente carregada.

Um grande confronto aconteceu em meu segundo ano de colegial, quando o técnico do time de futebol americano recusou-se a me deixar jogar como zagueiro. Um ultraje. Eu sempre havia jogado como zagueiro em todos os times de que havia participado, desde a época dos jogos na rua, até as temporadas de jogos no colegial. Todos sabiam que Chris sabia dar o passe. Aquela era minha reputação e meu futuro – pelo menos era isso o que eu imaginava, já que mamãe havia me convencido de que eu não seria nenhum Miles Davis, porque aquele emprego já tinha dono. Afinal de contas, com 16 anos, Miles havia saído de casa e tinha aulas com Charlie Parker e Dizzy Gillespie em Nova York. Eu tinha uma banda legal, mas, de repente, não me via logo lançando meu próprio *Bitches Brew.* O futebol pode não ter sido uma carreira, mas eu era bom “pra burro” naquilo e o melhor candidato a zagueiro.

O técnico do recentemente integrado time do colegial não pensava como eu. Ele me examinou bem, viu um garoto negro, grande, já com um e oitenta e dois, não muito longe de minha altura máxima, um e oitenta e seis, e chegou à conclusão que eu seria um jogador perigoso quando tivesse que derrubar o adversário. Eu, bloquear o caminho? Jogar na linha? Nada contra os atacantes, que são importantes para qualquer zagueiro, mas era aquela posição de estrela que eu queria para mim. Além da precisão de meu braço, eu possuía a inteligência, a estratégia e as qualidades de liderança para vencer partidas de futebol americano e estava gastando-as com os treinos. Mantendo-me dentro desse princípio, embora concordasse em jogar no ataque, continuei a levantar a questão com o técnico até que nossas discussões começaram a ir um pouco além da conta e ficou claro que ele queria me tirar do time. Entretanto, a menos que ele tivesse uma boa razão para fazê-lo, daria a impressão de ser racista se fizesse isso.

A razão, anunciada a mim no escritório dele, foi a descoberta de que eu estava envolvido em contrabando, que havia sido encontrado em meu armário. Dando de ombros, ele me disse que eu estava sendo cortado do time porque “você é um mau elemento e não se ajusta ao que estamos tentando fazer aqui nesta escola”.

O contrabando? Livros. Para ser mais preciso: *Die, Nigger, Die*; *Soul on Ice* e *The Autobiography of Malcolm X.*

Foi assim que terminou qualquer prazer que eu tinha por esportes. Isso, combinado com meu contínuo ativismo, minhas novas descobertas sobre o fosso entre os ricos e os pobres, negros e brancos, e com as histórias que comecei a ouvir dos meus irmãos que voltavam do Vietnã, fortaleceu meu desejo de me rebelar ainda mais contra o *status quo.* Em vez de me tornar militante, rebelei-me criando minha própria forma de contestação – meu estilo afro, *tie-dyes* e colares de contas – e empregando minhas energias na banda à qual eu pertencia.

A Realistic Band, que eu estava tentando promover, era uma banda à moda James Brown, com acordes de Sly Stones e Buddy Miles. É claro que eu estava totalmente de acordo com o senhor Brown, e durante anos, sempre que ele vinha à cidade, lá estava eu, assimilando tudo o que ele e sua banda faziam para criar aquela energia incrível.

Em cada show dele, eu fazia todo o caminho das arquibancadas do estádio de Milwaukee County, com 16 mil fãs, e no momento em que James chegava ao palco, eu estava na primeira fila. Uma plateia de maioria negra; todos ficavam enlouquecidos. Era um pandemônio total antes mesmo de ele abrir a boca, e, depois de cada canção, vinha uma tempestade de aplausos, uma experiência religiosa. Alguma coisa na maneira como ele cantava *Please, Please, Please,* naquele tom gutural, suplicante, sentimental e em ritmo lento, era inesquecível. Aquilo sempre me atingia em cheio.

Em um concerto memorável, uma irmã pulou no palco enquanto ele cantava, rasgou a capa rosa choque bordada que ele estava usando e a atirou para a plateia. A próxima coisa que vimos foi um frenesi, com todo mundo rasgando um pedaço da capa de James

Brown para guardar de lembrança. Meu pedaço, pouco maior que uma toalhinha de mão, tornou-se meu mais valioso objeto naquele tempo. Mamãe, que também adorava algumas das músicas de James Brown, ficou muito feliz por mim quando cheguei em casa com meu pedacinho rosa de imortalidade.

Duplicar o som de James Brown – com seu próprio ritmo e emoção – era meta impossível. Mas não éramos de todo ruins. Grande Ed, nosso vocalista, um cara já na casa dos 20 anos e mais velho que a maioria do grupo, tinha começado a banda, mas depois foi para o Vietnã, e nós continuamos a tocar. Quando ele voltou, pegou o microfone onde o havia deixado. Para Milwaukee, ele fez um bom show gritando e se jogando ao chão, vestindo roupas espalhafatosas e estranhas − a calça pequena demais para sua estrutura − e coletes de seda que não combinavam muito bem com o resto. Do fundo do meu coração, eu sabia que aquele tipo de música não seria meu bilhete de entrada no mundo da fama e do dinheiro – uma das várias descobertas pessoais que logo me motivaram a procurar emprego depois das aulas e nos finais de semana.

Outra preocupação era que, depois que voltou do Vietnã, Grande Ed tornou-se cada vez mais instável. Um dia, Garvin e eu passamos em sua casa para visitá-lo e para revermos a lista do que tocaríamos naquela noite. A TV estava ligada atrás de nós e mostrava notícias. Estávamos batendo papo, quando Grande Ed, do nada, puxou uma .45, mirou a tela da TV, bem sobre minha cabeça, e apertou o gatilho. *Ka-bum!* O aparelho simplesmente explodiu! Desintegrou-se! Em seguida, com a maior calma, ele colocou o revólver de lado, como em um truque de prestidigitação, e continuou a conversar como se nada tivesse acontecido:

− E aí, Chris, o que vamos tocar hoje à noite?

Garvin e eu demos um jeito de sair de lá o quanto antes.

− Diabos! − eu disse. – Era só mudar de canal e pronto!

Ficamos sabendo mais tarde que ele já havia explodido outras TVs, e que sua própria mãe tinha que esconder a televisão dela

sempre que ele aparecia para uma visita.

Foi a droga que contribuiu para que ele ficasse mais leve. Alguns dias mais tarde, Garvin e eu estávamos com Grande Ed, sentados em um carro estacionado, enquanto ele fumava um baseado. Quando um carro da polícia parou atrás do nosso, Grande Ed conseguiu jogar fora o que havia sobrado da droga antes de os policiais se aproximarem.

Eles nos deram ordem para que saíssemos do carro e deram uma busca lá dentro. Havia bastante fumaça. Não encontrando nada, um deles disse:

− Acho que vocês estavam fumando maconha, porque estou sentindo o cheiro. Vou ter que prender vocês.

Grande Ed disse:

− Leve o cheiro para o tribunal, cara. Não temos nada conosco.

Por um tenso segundo, o tira pareceu abalado como se não tivesse acreditado no que havia acabado de ouvir. Mas funcionou. Ele nos liberou com uma advertência.

Meu respeito por Grande Ed cresceu assustadoramente. Para um carinha que perdia as estribeiras com uma notícia e que atirava em TVs, ele, com certeza, soube manter a calma naquela situação.

A maconha do final dos anos 1960 e dos anos 1970 era bem diferente das outras drogas das décadas posteriores. Para mim, muito embora nessa época eu me divertisse bebendo vinho barato, era preferível fumar maconha. Mas eu nunca quis ficar alto demais, porque precisava ficar preparado para lidar com qualquer insanidade de Freddie dentro de casa.

Uma noite, saindo com a turma depois de um show, na mesma época de nosso encontro com os tiras, fumei um *Thai-stick* e voltei para casa totalmente paranoico, com uma vontade louca de comer. Desci as escadas na ponta dos pés e fui em direção ao refrigerador do porão e, no momento em que abri a porta, ouvi o *honk-honk-honk* de uma ave. Virando-me, dou de cara com um ganso vivo. No nosso

porão! Ou eu estava muito chapado ou Freddie havia transformado o porão em uma reserva animal.

O fato é que Freddie havia trazido aquele ganso vivo para o jantar de domingo. Essa é a explicação que ele me dá quando acordo no dia seguinte. Nós três – Freddie, eu e o azarado ganso – vamos juntos ao quintal para a mesa de cortar carne.

Freddie, com o maior cheiro de uísque, em pleno meio-dia, me passa a machadinha. Ri como o demônio, como se quisesse dizer que ou eu estou me iniciando no ofício de cortar a cabeça de um ganso vivo, o que eu não quero fazer, ou, conforme penso no momento, que tenho a melhor chance de fazer o que venho tentando há anos.

Quando hesito em pegar a machadinha, ele diz:

− Droga! Dê-me a machadinha e segure o ganso.

Zonzo com a oportunidade que tenho, entendo que ele está me dando uma escolha: ou eu seguro o ganso enquanto ele corta a sua cabeça com a machadinha ou eu corto a cabeça do ganso enquanto ele o segura. Com a imagem desse filho da puta bêbado cortando meus dedos fora, escolho a machadinha.

Com a lâmina suspensa no ar, olho para baixo e vejo o ganso, e o que me vem à mente é uma imagem de uma fêmea agachada, vulnerável, indefesa; não muito diferente da imagem que tenho de mamãe quando Freddie a domina. Olho para ele e em que parte de sua anatomia posso descer a machadinha. Meu pensamento mais elevado é um cálculo geométrico: tenho o ângulo absolutamente correto que me permite gerar força e velocidade suficientes para matar Freddie com apenas um golpe? Não pode haver essa de *chop-chop-chop*. Tenho *uma chance, um golpe.* Respiro fundo, vivo toda uma vida em minha deliberação, penso na história que vou contar para explicar o acidente e revivo meus fracassos anteriores, não querendo fracassar novamente. Inspiro profundamente, expiro, e desço a machadinha com toda a minha força, decapitando a mãe gansa.

Droga! Depois de todo esse tempo, finalmente tive minha verdadeira chance e fracassei. O resultado foi uma sensação irredutível de derrota. Como se um prêmio tivesse ficado balançando à minha frente e eu não conseguisse apanhá-lo.

Freddie diz:

− Belo serviço! Agora você vai, primeiro, depená-lo, segundo, colocá-lo na fervura e, terceiro, estripá-lo.

Embora tenha levado anos para compreender o quanto eu teria arruinado minha vida se tivesse matado o velho, eu me senti diminuído. Sem ter onde extravasar meus sentimentos de raiva contra Freddie, eu os transferi para a conta poupança do outro cara que eu estava querendo matar – oportunidade que chegou logo depois do incidente com o ganso.

Mais cedo ou mais tarde, imaginei que cruzaria o caminho dele. Quando o fiz, foi seu manquitolar e seu cheiro, ambos inconfundíveis, que me chamaram a atenção. Quando o vi, senti medo de novo. Não medo de que ele pudesse fazer alguma coisa comigo, mas medo de que ele pudesse escapar. Mais ainda, com o meu ódio todo contido por três anos, era medo do que eu iria fazer com ele. Depois que passou por mim na rua, ele virou uma esquina e entrou em um boteco. Esperei mais de uma hora, segurando um tijolo de carvão.

Cada vez que a porta do boteco se abria, saía lá de dentro uma mistura de música, risos, fumaça de cigarro, e a combinação de cheiro de cerveja e de diferentes tipos de bebida alcoólica, cheiro de bar antigo e de corpo humano. Toda hora saía alguém, menos ele. Talvez ele tivesse escapado. Talvez tivesse saído sorrateiramente. Mas então, finalmente, a porta abriu-se e com ela os cheiros e sons chegaram até mim novamente; ele apareceu, sozinho e virou-se na direção de onde eu estava. Eu precisava que ele me visse; precisava que ele me reconhecesse nos olhos. Quando caminhei em sua direção, vi não apenas que ele me havia me reconhecido, mas que também sentia medo, talvez a única vez em minha vida que vi no olhar de alguém o medo que sentiu de mim.

− Merda! − ele disse e, antes mesmo que terminasse de falar, pulei sobre ele com o bloco de carvão, jogando-me com todas as minhas forças sobre sua cabeça.

Ele não caiu de imediato, vacilou. Depois que o golpeei mais, ele finalmente caiu na calçada e eu joguei o tijolo fora e fui embora. Não olhei para trás e não corri. Certo ou errado, eu disse silenciosamente para mim mesmo as últimas palavras que eu diria pensando nele: *Agora peguei você, seu filho da puta.*

O que aconteceu com ele depois, eu nunca soube. Mas de uma coisa eu tinha certeza: ele teve uma dor de cabeça gigantesca e jamais me esqueceria. Para mim, não havia necessidade de manter a imagem na memória. Joguei-a fora naquela noite, como fiz com ele e com o tijolo de carvão.

Havíamos acertado as contas. Caso encerrado.

———

Meu destino provavelmente foi esculpido no rio Mississippi, quando eu tinha oito anos e passeava de barco com tio Henry, ouvindo dele histórias de viagens ao exterior, de encontros com mulheres e do mundo lá fora. Entre ele e tio Willie, era apenas uma questão de tempo, antes que eu ficasse a par dessas histórias, que me levaram para a divisão de alistamento.

Não havia muita coisa segurando-me em Milwaukee. Depois daquela primavera de 1970, enquanto assistia às finais da temporada “March Madness”, da NCAA – Associação Atlética dos Colegiados Nacionais –, quando mamãe deu-me o maior presente que sua sabedoria poderia oferecer, dizendo: “Filho, se você quiser, um dia você pode ganhar um milhão de dólares”, eu sabia que qualquer que fosse meu caminho, eu teria que deixar o torrão natal e ir atrás dele.

Algumas vezes, nos anos que se seguiriam, eu iria perceber que devia ter nascido no momento ideal – para poder testemunhar tudo o que aconteceu em cada década depois dos anos 1950. Sorte a minha que o alistamento compulsório estava sendo abolido quando

atingi a maioridade. Se eu tivesse nascido um ou dois anos antes, eu teria sido convocado, e provavelmente teria ido para o Vietnã também. Foi também incrível crescer no meio de uma revolução sexual, em uma época em que os estereótipos de cor estavam mudando e o negro era especialmente bonito. Os meus primeiros casos românticos deixaram-me com sentimentos positivos sobre o que estava ocorrendo emocional e fisicamente.

Minha primeira namorada firme foi Jeanetta, a garota mais doce e mais bonita do norte de Milwaukee. Não me havia ocorrido o quão louco eu estava por ela, até que mamãe me disse alguma coisa, uma noite, quando cheguei tarde pela enésima vez:

− Menino, eu costumava acertar meu relógio com você e agora não posso mais.

Jeanetta e eu nos amávamos de maneira simples, mas muito apaixonada. Mesmo depois que terminamos, de vez em quando íamos, às escondidas, para o porão da casa dela e fazíamos amor feito coelhos.

Minha namorada seguinte era filha de um pregador da parte alta da cidade, e eu a achava irresistível, porque ela usava meias de náilon. Nenhuma outra garota que eu tinha namorado usava meias de náilon, e ela também foi minha primeira namorada que vivia com os pais. A maioria das que eu conhecia vivia ou só com o pai ou só com a mãe. Ela era muito retraída, discreta e digna. Era uma virgem que queria fazer sexo só para ter um bebê. Sem saber muito, eu tinha muitos exemplos vivos que me ensinavam que ser pai durante o colegial não era para mim. Rompemos o namoro antes que se tornasse mais sério.

A namorada seguinte foi Belinda; éramos almas gêmeas e o namoro ficou sério bem depressa. Como eu, ela era negra. Deslumbrante, de lábios deliciosos e sensuais, era escultural como uma rainha africana. Mas o que mais me atraía nela era a sua inteligência. Ela gostava de ler e me fazia ler mais e me fazia perguntas. Belinda expandiu minha visão de mundo para além da experiência afro-americana, conduzindo-me para livros sobre a África do Sul e o *apartheid*, sobre a história de eventos como o do

Massacre de Sharpsville, tornando-me mais consciente de minha conexão com povos de cor ao redor do mundo. Belinda usava cabelo estilo afro, era rica e tinha um sorriso largo e lindo. Eu a amava, sobretudo o seu corpo, que era incrível. Seu bumbum era espetacular, modelado como uma bola de basquete. Juro por Deus, toda vez que eu a via por trás, eu tinha vontade de começar a driblar. Não apenas isso, ela era sexualmente desinibida e fazia coisas malucas, como pular em meu colo na sala de estar da casa de seu pai, enquanto ele dormia no quarto ao lado. Para mim, naquela época, fazer aquilo era fazer a coisa selvagem.

Belinda e eu havíamos combinado de ir ao cinema na tarde do dia de Natal, uma chance bem-vinda para mim, pois eu poderia me livrar da festa anual da família na casa de um dos nossos parentes. Natal, de acordo com os costumes e relatos verdadeiros que eu ouvia de pessoas normais, deveria ser uma ocasião para a família se reunir para comer, beber e ser feliz. Não na minha família. A rotina era que todos se reuniam para comer, beber e brigar. Todo feriado, religioso, secular, nacional, pagão – não importava – na terceira rodada de bebidas, as brigas começavam. Assim, quando Mamãe, Sharon e Kim acompanharam Freddie até o carro dele, eu apenas gritei:

− Feliz Natal! Vão vocês para a festa que eu vou ao cinema com Belinda e talvez mais tarde eu apareça por lá.

Com a casa todinha para mim – um luxo – separo as roupas que vou usar no meu encontro, vou para o banheiro e tomo um banho quente. A expectativa de um grande e longo dia de Natal me deixava calmo e sereno. Logo depois que mergulho na água, fecho os olhos e começo a ver uma série de imagens que me fazem meditar e me levam para o rio em um dia de verão; relaxando, dentro da banheira, sem qualquer preocupação com o mundo, de repente ouço um “Filho da puta!” daqui e um “Cadela!” dali, vindo da varanda. Barulho de passos na sala de estar me dizem que mamãe e minhas irmãs estão de volta, assim como Freddie. Parece uma cena daquele filme *Poltergeist* que surgiu alguns anos mais tarde:

− Eles estão de voooooolta.

Deitado na banheira, peladão, estou pensando: “Droga! Demorei demais”. Mas antes de eu entrar em ação, a porta se abre e apontado bem na minha direção está o cano do revólver de Freddie. Nunca como hoje ele se pareceu tanto com o mais malvado, o mais bêbado, o mais louco Sonny Liston, esbravejando comigo com seus mais letais “Cai fora dessa maldita casa!”, “Cai fora dessa maldita casa”!

Sem tempo para responder e perguntar que diabos eu havia feito, e como todos na casa, literalmente, saem correndo ou vão para o andar de cima ou para o porão, tive vontade de me matar por não tê-lo matado no lugar do ganso, agora que ele finalmente vai fazer valer sua promessa de acabar comigo. Não tenho escolha; pulo fora da banheira, o coração disparado, e corro para a porta da frente e de lá para a varanda. Peladão para todo o mundo me ver, em Milwaukee, Wisconsin, no Dia de Natal.

Antes de pensar no próximo passo, olho para baixo e vejo um lindo garotinho passando, protegido em seu casaco de inverno para uma temperatura de 15°C. Ele é parecido comigo quando eu tinha a idade dele, com as orelhas um pouco grande demais, mas que certamente serão normais quando ele crescer. Quando ele me vê, abre-se em um sorriso enorme. Sincero até não poder mais, ele diz:

− Feliz Natal, senhor.

Sem responder, eu o observo caminhando rua abaixo, logo desaparecendo na neblina do inverno de Wisconsin.

Belinda não tentou me consolar quando chegamos ao cinema mais tarde. Não havia sobrado absolutamente nada de alegre em mim.

Esse dia marcou a última vez que me dei ao trabalho de comemorar um feriado na família de Freddie Triplett e, infelizmente, isso arruinou o dia de Natal para mim. Durante muitos anos não me preocupei em comprar uma árvore, e se realmente marquei a data, foi no esforço de fazer alguma coisa que honrasse o espírito de Cristo, em algum contexto espiritual. Foi preciso eu fazer o balanço de minha vida para verdadeiramente apreciar o sentido do dia de

Natal. Da mesma maneira, o presente que Freddie me deu naquele ano foi fazer meu relógio começar a funcionar, para me mostrar que logo eu poderia sair de Dodge.

Pouco tempo depois, Belinda e eu acabamos o namoro, não por falta de amor, mas por causa de nossos ritmos diferentes e de minha imaturidade, não a ajudando a superar a morte de um amigo comum. Naquele verão, em 1971, eu tinha dezessete anos e estava indo para meu último ano de colegial. Um dia, quando sai pela avenida Wisconsin, meu território principal nessa época, olhei através do vidro para dentro da loja de excedentes do exército e vi uma garota lá dentro, segurando uma camiseta no peito, como se estivesse decidindo se a provaria ou não. Bastou vê-la e já me apaixonei. Uma bala certeira no coração.

Depois que entrei na loja e me apresentei, descobri que o nome dela era Sherry Dyson, que era de Virginia, estudante do último ano do Morgan State College, e que visitava a cidade com parentes. De pele clara, cabelo todo afro e os seios mais lindamente torneados que já vi − simplesmente incomparáveis − ela não era aquela beleza de revistas de cinema, mas era de uma beleza sutil, realista e de tirar o fôlego. Era brilhante, simpática e tinha um senso de humor que me deixou à vontade desde a primeira conversa. Depois desse primeiro encontro, passamos dois dias só conversando.

No começo, Sherry nem imaginava que eu era quatro anos mais jovem que ela, embora depois de termos visto *Houve uma Vez um Verão* – um filme romântico e absolutamente perfeito para uma relação amorosa entre uma mulher mais velha e um adolescente – eu tivesse que contar a verdade a ela. Pelo resto de minha vida, toda vez que eu ouvia ou mesmo pensava naquela trilha sonora, eu voltava aos meus 17 anos, louco de amor por Sherry Dyson, a mulher de meus sonhos, originária de uma família rica de Richmond, Virginia. Filha de um agente funerário, proprietário da casa funerária A. D. Price, e de uma professora de colegial, Sherry havia vivido durante toda a sua vida em uma casa, uma graciosa casa colonial na avenida Hanes, em Richmond, Virginia – uma rua de cujo nome nunca vou me esquecer, levando em conta a quantidade de cartas e cartões que trocamos.

Nessa altura do campeonato, as namoradas que já havia tido me forneceram curso intensivo em economia básica. Meu último ano de colegial e a chocante descoberta de que, fazendo interurbanos para Sherry, eu havia acumulado uma conta telefônica de novecentos dólares eram tudo o que eu precisava para saber que o que eu ganhava como lavador de pratos na churrascaria Nino's – no máximo cem dólares por semana – não me levaria muito longe.

Escondi a conta, mas mamãe recebeu uma chamada da companhia telefônica informando-a que nosso telefone seria cortado por falta de pagamento. Mamãe retrucou, dizendo que não havia recebido nem mesmo a conta, mas não demorou nada para ela descobrir o que havia acontecido. Com a cabeça muito no lugar, ela me levou até o escritório da companhia telefônica e me fez confessar por que nossa conta estava tão alta. Fizemos um acordo para evitar que o telefone fosse cortado, o que exigiu de mim devolver a ela cada centavo que ganhava pelo resto de minha adolescência.

Foi tudo culpa minha, mas isso não impediu que eu fizesse o maior escândalo na noite seguinte, no Nino's, quando minha cabeça ferveu porque os garçons, que deveriam dividir as gorjetas comigo, não o fizeram. Eles eram da mesma equipe que corria à cozinha e pedia, gritando, mais pratos limpos. O gerente dava de ombros e dizia que eu deveria me sentir feliz por ter um emprego lavando pratos. Lívido de raiva e delirando com o calor de tanto "montar naquela Hobart ardente", que era como descrevíamos a tarefa na lavadora, eu fiz a coisa mais repugnante que me veio à cabeça. Fiquei muito mal depois de tudo, e a mesma coisa aconteceu mais tarde, quando entrei em outro sufoco financeiro por causa de interurbanos para Sherry e penhorei o aparelho de TV de Ophelia. Naquela noite no Nino's, fiz xixi bem em cima dos pratos que saíam da Hobart. Não apenas uma vez, mas tantas vezes quanto eu conseguia beber líquido suficiente para explicitar minha declaração de como eu me sentia nas minhas últimas horas em serviço, lavando pratos naquela churrascaria.

Deus deve ter dado boas risadas quando viu que meu emprego seguinte era lidar com urinóis e limpar xixi e cocô de pessoas

idosas. Mais importante ainda, conheci um novo nível de compaixão, até então desconhecido para mim, e finalmente acabei de pagar a conta telefônica.

A pessoa que me ajudou a conseguir um emprego de enfermeiro na Casa de Repouso Heartside foi Ophelia, que trabalhava lá como ajudante de enfermagem. Eu queria fazer tudo da maneira certa, principalmente porque havia enfiado na cabeça que em qualquer coisa que fizesse na vida, eu queria dar tudo de mim e ultrapassar as expectativas dos outros. Meu primeiro passo, que seria muito providencial nos próximos e essenciais capítulos de minha vida, foi aprender as tarefas que eu precisava dominar o mais rápido possível e com quem era melhor nelas. Com esse pensamento, realmente comecei a gostar de fazer esse tipo de serviço: servir a comida, trocar fraldas, arrumar cama e esvaziar urinóis e comadres.

Não demorou muito e comecei a pensar: “Claro, posso fazer isso”. Logo depois, eu já conseguia fazer melhor que o enfermeiro-chefe. De fato, a administração percebeu que eu era realmente bom e acabou dando uma ala só para mim. Dos trinta e tantos pacientes, todos brancos, alguns conseguiam cuidar de si mesmos e outros precisavam de muita ajuda. O serviço era muito gratificante. Eu me sentia bem ajudando as pessoas, e melhor ainda quando elas reconheciam que eu as tratava bem. De maneira diferente de alguns outros enfermeiros e funcionários, eu não os ignorava quando apertavam o botão para pedir ajuda. Imediatamente eu atendia e ia ajudá-los. Ninguém mais lá se mostrava disposto a tratá-los com eu. A verdade era que eu realmente gostava de ajudá-los, gostava do que fazia.

O senhor John McCarville, um velhinho aposentado da Marinha, havia perdido a habilidade da fala, mas conseguia cumprimentar. Toda noite, quando eu o colocava na cama, ou toda vez que eu o ajudava a fazer alguma coisa, ele me fazia uma saudação:

− Obrigado − dizia sem palavras. − Você é muito gentil.− Seus olhos brilhavam com gratidão. Dois outros pacientes, que chamávamos de Flintstones – porque um deles parecia o Fred Flintstone e o outro, o Barney Rubble –, eram deficientes mentais e

estavam na meia-idade. Ambos estavam naquela ala já fazia tanto tempo que pareciam uma dupla de amantes homossexuais e ninguém queria separá-los. Fred era o ativo e Barney, o passivo. Fiquei apavorado quando vi um deles comendo as próprias fezes.

− Há algum jeito de levá-los para outro lugar? − perguntei ao meu chefe, achando que eu não estava preparado para lidar com aquele tipo de comportamento.

− Não, eles precisam ficar nesta ala. Portanto, você precisa enfrentar isso.

Então, eu enfrentei tudo aquilo.

Ida, uma velhinha italiana miúda e com um dente de ouro, era outra paciente. Estava sempre usando uma camisola e os minúsculos sapatos fornecidos pelo hospital. Sempre muito meiga, Ida era o que chamávamos de senil, provavelmente sofrendo do mal de Alzheimer ou algum outro tipo de demência.

A primeira vez que a vi, ela caminhou vagarosamente até mim e me perguntou:

− Você é meu garotinho?

Fiquei realmente preocupado ao notar como ela estava confusa e, então, respondi: − Sou sim. Sou seu garotinho.

Muito séria, ela disse:

− Oh, que estranho! A última vez que o vi, você não era tão alto. E nem era negro.

Apenas uma vez perdi as estribeiras e fiz uma coisa da qual me arrependi logo em seguida. Uma das minhas pacientes, uma ricaça, de alguma família de sangue azul, reclamava sem parar e estava ficando cada vez mais espalhafatosa e antipática. Ralhava com todo mundo, até comigo, e se recusava a comer. Quando queria alguma coisa, ela queria *pra já!* Se você não a atendesse imediatamente, ela chamaria o advogado dela. O gueto dentro de mim explodiu um dia, quando ela começou a dizer coisas realmente desagradáveis, e, em vez de deixar o pedaço de torta de limão no seu prato, eu o peguei e o esfreguei – *plac!* – na cara dela.

No mesmo instante, fiquei extremamente envergonhado e disse:

− Oh, mil desculpas! − disse pegando uma toalha e limpando cuidadosamente suas bochechas e seu nariz. Descobri que ela só precisava de atenção. Ela olhou para mim com gratidão e disse:

− Obrigado, meu filho, essa é a primeira vez hoje que lavam meu rosto.

_____

Quando minhas irmãs anunciaram a mamãe, antecipando-se a mim, que eu havia me alistado na Marinha, quase um ano depois de minha graduação do colegial, ela deve ter exprimido sua decepção. Talvez, se meus últimos anos de colegial não tivessem sido tão frustrantes – principalmente quanto à diretoria, que me tratava como se eu fosse um foragido dos Panteras Negras –, eu teria seguido a educação universitária que minha mãe não conseguiu. Quando lhe dei a notícia do alistamento, Bettye Jean Gardner Triplett me deu aquele seu sorriso típico, que podia lançar mil navios ao mar, e me perguntou se ainda havia tempo para uma festa.

Nos últimos anos, eu estava trabalhando na Inland Steel, graças ao tio Archie, que me ajudou a conseguir o emprego. Embora eu tivesse aprendido muito na clínica dos idosos, o salário do sindicato significava uma melhora considerável em meu bolso. Ainda assim, descobri um frio princípio econômico: quanto mais você ganha, mais você gasta. Para aprender isso, obviamente eu não precisava sair de Milwaukee. Mas havia tanta coisa lá fora que eu não conhecia, que a verdade era, de fato, que eu precisava sair de minha cidade natal, terreno do familiar.

Quanto ao porquê de minha decisão de me juntar à Marinha em detrimento de outras áreas do serviço, deve ter sido seu *slogan* convidativo, *Junte-se à Marinha, Conheça o Mundo*, que explicava tudo. Ou talvez tenha sido tudo culpa de Jack Nicholson, pois eu havia acabado de vê-lo atuando como marinheiro em *A Última Missão,* antes de seguir para o centro de recrutamento. Além disso, a Marinha prometia que eu iria realmente conhecer todos os lugares

lá fora, lugares dos quais meus tios falavam. Mas a maior motivação, mesmo com Sherry não totalmente fora de cogitação, era que eu ia conhecer aquelas mulheres lindas. Eu até podia ouvir tio Henry contando sobre as italianas e sobre as coreanas, que pulavam em suas costas para fazer uma massagem que curava para sempre qualquer dor na coluna. Elas tinham “pés iguais às mãos”, ele me disse muitas vezes. Eu não aguentava mais esperar.

Nos primeiros 18 anos de minha vida, eu me orientei sem um pai, acreditando que minha obrigação principal era proteger minha mãe. Tendo fracassado em garantir-lhe proteção contra Freddie, agora era hora de deixá-la com muito amor e segurança nas mãos de Deus, e seguir em busca da felicidade, que era tudo o que minha mãe sempre quis para mim.

PARTE 2



CAPÍTULO 6

O mundo lá fora

O USS *Chris Gardner* levantou vela – via aérea, a primeira vez que voei –, mas, em vez de ser mandado para um campo de recrutas em uma base perto de San Diego ou no Havaí, onde parecia que todas as fotos de recrutas eram tiradas, deixaram-me escolher entre ir para Great Lake, em Illinois, que não era longe, ou para Orlando, na Flórida. Optando pelo lugar mais distante, imaginando que seria o melhor local de onde eu poderia pular para todos aqueles portos de escala estrangeiros, escolhi Orlando, que não tinha acesso pelo mar. Um lugar mais quente que o inferno, com uma umidade pantanosa e insetos que se alimentavam de esteroides.

Como cresci na montanha-russa pilotada por Freddie Triplett, eu me senti aliviado com a estrutura institucional. Ao contrário de um ambiente onde eu nunca fazia nada certo, a Marinha fornecia-me pautas claras e objetivas para fazer certo ou errado, e tinha um método de compensar ou punir conforme o desempenho. Havia definitivamente uma parte de mim que rejeitava autoridade e repudiava a ideia de perder minha individualidade, mas entendi o propósito e aprendi como lidar com isso sem perder totalmente o senso de quem eu era. Claro, a transformação pela qual passei – de um rebelde com roupas *tie-dye*, colares de contas, cabelo afro e barba rala para um marinheiro de barba bem feita e uniforme – foi um choque e tanto. O resultado foi um terrível caso de pseudofoliculite, na falta de diagnóstico melhor, que muitos caras têm, principalmente os negros, quando se barbeiam pela primeira vez. Depois do campo de recrutas, meu cabelo nunca mais foi o

mesmo. Com o passar dos anos, acabei desistindo de deixá-lo crescer novamente, e mais tarde agradeci a Isaac Hayes por ser o pioneiro do estilo cabeça raspada.

O calor e a umidade foram terríveis desde o começo, mas eu não sabia o que era calor de verdade enquanto não fiquei de uniforme e em pé, em formação, ao sol. Meu “estágio” anterior, de ficar imóvel, ajudou. Eu não podia me mover ou reagir de forma alguma aos rios de suor escorrendo pelo meu rosto e pelas minhas costas, fazendo cócegas no meu traseiro. Nem uma vacilada.

Em uma tarde em que estávamos em formação, vi o Alto Chefe, suboficial White, comandante da Guarnição 208, vir em minha direção com passadas largas. Preparei-me para ouvir o que ele tinha a me dizer.

− Filho, sabe o que sei sobre você? − perguntou-me, quase encostando seu nariz no meu, enquanto as gotas de suor rolavam pelo meu rosto e pelo meu corpo tocando-me como longos dedos de fogo ou como um desfile de insetos rastejantes provocando-me coceira. Não me mexi. O próprio suboficial White respondeu à pergunta. − O que sei é que você tem muita autodisciplina.

Não que eu não fizesse besteiras. Antes de isso acontecer, em meu entusiasmo, eu havia saudado um oficial dentro de sua sala. Quem é que sabia que isso não podia ser feito? Eu não sabia. Eu só queria alardear, com o peito inchado: *Ei! Estou na Marinha e quero viajar para conhecer o mundo!* Consequência: mandaram-me para o convés – na verdade, um gramado na frente do acampamento – onde aprendi exatamente como, onde e quando saudar um oficial. Ao redor desse simulacro de convés, havia palmeiras esculturais habitadas por esquilos, um cenário perfeito para meu oficial superior me fazer entender qual era meu lugar, ordenando-me que ficasse de pé no convés e cada vez que eu visse um esquilo, corresse até ele, prestasse continência, saudasse-o dizendo:

− Boa tarde, senhor.

Era só o que me faltava! Aqueles esquilos deviam ter telefones celulares de safra bem antiga, porque descobri, em seguida, que

parecia que eles surgiam do nada, pulando das árvores, espalhando-se pelo convés conforme eu corria de um para outro, fazendo continência e dizendo: “Boa tarde, senhor”. Como já estava planejado, a parte humilhante de tudo era a grande plateia de colegas recrutas, observando de uma janela do quartel, enquanto eu corria para lá e para cá saudando aquele maldito bando de esquilos.

Entretanto, de maneira geral, meu desempenho no campo de treinamento foi, como se diz, nota dez, sucesso total. Os recrutas graduados podiam escolher entre integrar-se a uma frota ou ir para uma escola “A”. Juntamente com Jarvis Boykin, um recruta que conheci no campo, escolhi a escola “A”. Era uma excelente oportunidade, pensei, de solidificar as bases médicas que minha experiência na Casa de Repouso Heartside havia me dado. Foi o degrau para eu me tornar um paramédico no prestigiado corpo médico do hospital da Marinha, e eu já me imaginava sendo levado para servir nas Filipinas ou na Coreia.

O campo de recrutas me treinou bem, mas não me livrou de meu temperamento romântico. Eu estava não apenas pronto para ver o mundo além das praias familiares, mas também começando a pensar que poderia curar e ajudar os menos afortunados, e mudar e salvar o mundo. Ironicamente, a escola que eu teria que frequentar para me colocar nessa trilha era nada mais nada menos do que a U.S. Navy Hospital Corps School – Escola de Medicina do Hospital da Marinha dos EUA –, em Great Lakes, Illinois – não muito distante de Milwaukee, Wisconsin.

Ainda haveria outras ironias no caminho. Depois de fazer aquela volta completa e acabar exatamente onde havia começado, no norte, enfrentei a surpreendente informação de que o U.S. Navy Hospital Corps fornecia suporte médico para o Corpo Médico da divisão de fuzileiros navais da Marinha americana. Na verdade, o Corpo de Fuzileiros Navais era parte do Departamento da Marinha Americana, algo que ninguém havia me dito, quando me alistei. Minha esperança era de ir para a área médica do exterior, rodeado de enfermeiras uniformizadas como Houlihan Lábios Quentes, de *M*A*S*H,* razoavelmente interessadas em sexo. A última coisa que eu queria era estar no Corpo de Fuzileiros Navais. Conforme me

queixei disso com Boykin e com alguns outros companheiros que conheci em Great Lakes, durante o período de treinamento básico de primeiros socorros, se eu quisesse ir para o Corpo de Fuzileiros Navais, eu teria me alistado lá. Tenha dó! Essa foi outra razão pela qual eu estava cada vez mais preocupado com relação ao local para onde eu seria designado.

Comecei a ter a deprimente sensação de que meus planos de viajar pelos mares nunca iriam se concretizar. Que raiva! Comecei a ficar preocupado. Talvez eu nem mesmo saísse dos Estados Unidos. Foi por isso que passei a prestar muita atenção no que fazia, justamente para me assegurar de que eu seria enviado para um dos lugares que havia escolhido no mapa de meus sonhos, e não ser embarcado junto com os fuzileiros.

Felizmente, eu havia-me destacado por assimilar facilmente o treinamento médico que recebíamos. No papel, tudo parecia muito promissor. Quando o período de treinamento de doze semanas terminou, eu tinha conseguido ficar longe dos problemas nos quais outros haviam caído. Tendo Freddie como exemplo, eu havia sido desencorajado de exagerar na bebida, além do fato de que eu nem gostava muito do sabor de bebida alcoólica. Mas quando a turma saía do campo para uma cerveja, eu ia com eles e tomava algumas. Isso praticamente combinava com o uniforme. Uma noite, quando meu amigo Boykin e eu saímos da base e fomos para um bar chamado Rathskeller, exageramos na dose. Ficamos bêbados, bêbados sentimentais, perdemos a carona e tivemos que voltar para a base a pé. Em vez de fazermos o longo percurso de volta pelo portão principal e chegarmos atrasados, decidimos cortar caminho, pulando a cerca.

Era pouco antes da meia-noite e estava escuro como breu quando pulamos a cerca e vimos o que parecia um lugar firme para aterrissarmos: ou era o chão ou o telhado de um prédio. Ao cairmos, os dois simultaneamente, em uma superfície de metal, percebemos, apavorados, que havíamos pulado em cima de uma van. Mas não era uma van qualquer. Era uma van ocupada por dois colegas da Patrulha Costeira. A julgar pela aparência grogue deles, eles

deveriam estar tirando uma soneca e nós os havíamos acordado. Eles ficaram loucos de raiva.

− Droga! − disse Boykin.

− Lá vamos nós − disse eu.

Assim, na manhã seguinte, tivemos que nos apresentar na “Missa do Capitão” – quando ele decidiria nossa sorte. Boykin saiu da audiência com a má notícia de que estava sendo mandado para o sudeste da Ásia. Mesmo com a guerra do Vietnã arrefecendo, havia necessidade de paramédicos para ajudar as tropas a voltarem para casa. Não que eu quisesse ir para lá, mas, pelo menos, estaria viajando além-mar.

Confiante, entrei e esperei pelo capitão, torcendo para que ele examinasse minha ficha, visse os lugares para os quais eu havia pedido para ir, e passasse por cima das minhas besteiras da noite anterior.

O capitão entrou com passos pesados, sentou-se e examinou-me da cabeça aos pés. Pensou por uns momentos e depois perguntou:

− Você joga futebol americano?

− Sim, senhor, jogo futebol americano.

− Ótimo − ele disse anotando a informação. − Você vai para Camp Lejeune. Eles têm um bom time de futebol americano lá e precisam de um tipo como você. − Colocou minha ficha de lado e gritou: − Próximo!

———

Notícia ruim e notícia boa. A notícia ruim: como eu já havia começado a suspeitar antes de Great Lakes e chegar a Camp Lejeune, eu realmente não iria sair dos Estados Unidos. Conhecer o mundo significava conhecer o sertão de Jacksonville, Carolina do Norte, onde Jim Crow parecia estar ainda vivo, forte e firme a qualquer hora em que saíamos da base. Não apenas isso, mas

Camp Lejeune era a maior base do Corpo de Fuzileiros do mundo, com uma população de 60 mil fuzileiros e seiscentos marinheiros. Então, agora, como eu temia, eu estava no Corpo de Fuzileiros. A única luzinha positiva dessa notícia ruim foi que me enviaram para o Centro Médico Regional da Marinha, em vez de me enviarem para a Fleet Marine Force – só porque o capitão que havia me designado para lá era amigo íntimo do time de futebol do Hospital da Marinha, um dos melhores times daquele órgão do governo.

A notícia boa: nos anos seguintes, servi, trabalhei, aprendi e vivi em um ambiente não muito diferente de um cenário de colegial. Enquanto a Marinha cuidava de minhas despesas básicas de sobrevivência, eu jogava futebol, recebia treinamento e educação para competir com a maioria dos estudantes de curso pré-médico nas melhores universidades, e me divertia muito também. Quando cheguei, um coordenador explicou-me que os alojamentos estavam lotados e que, por enquanto, não havia nenhum beliche disponível. Junto com três outros caras que estavam na mesma situação, levaram-me para dar um giro pelo hospital.

Quando chegamos a uma ala que ainda não havia sido aberta oficialmente para os pacientes, o coordenador anunciou:

− É aqui que vocês ficarão.

Da noite para o dia, transformamos o local em uma central de festas. Não era a suíte de cobertura do Palmer House, mas aproveitamos o espaço convertendo o solário e a sala de TV dos pacientes em nosso apartamento de solteiro, adaptando nosso magnífico sistema de som. De repente, tudo ficou o máximo. O que havia parecido uma furada, acabou se revelando uma verdadeira bênção. O hospital era altamente sofisticado, e a equipe, tanto militar quanto civil, incluía algumas das melhores e mais brilhantes cabeças da nação. Novamente, quando recebi minha tarefa, que poderia ter sido qualquer coisa entre ortopedia, pediatria ou proctologia e psiquiatria, tirei o cartão da sorte e fui designado para a Ala de Cirurgia Geral, com a Tenente Comandante Charlotte Gannon, uma joia perfeita.

Usando de maneira muito apropiada um uniforme branco e um boné da Marinha revelando sua patente, a Tenente Comandante

Gannon era do Hospital Geral de Massachusetts e administrava a ala com autoridade, competência e compaixão. Era o ambiente ideal para eu aprender e, de fato, floresci sob a supervisão dela. Lançando-me com disposição em cada parte de meu trabalho, não havia muito o que fazer para ajudar os pacientes – principalmente fuzileiros e membros de suas famílias, bem como alguns dos habitantes locais que precisavam de cirurgia especializada não disponível em hospitais de outras áreas. Nesse ponto, eu já havia assimilado o poder de fazer perguntas e sabia que os melhores doutores não se importariam de respondê-las.

Gannon apreciava minha capacidade de ter um foco e meu desejo de aprender mais, e aceitava minha ladainha de perguntas: “Como se chama isso?”, “Como se faz aquilo?”, “Por que você faz isso?”, “Poderia me mostrar?”, “Tudo bem se eu tentar?” Ela ensinou-me tanto que acabou influenciando-me em todas as minhas futuras decisões de vida ou morte. Graças à minha experiência no Heartside e algumas boas lições recebidas na Escola do Hospital de Great Lakes, eu estava claramente muito acima de qualquer um que trabalhava na mesma posição. Rapidamente tornei-me um dos seus favoritos e era respeitado por vários outros doutores, o que era muito útil quando eu entrava em alguma fria e precisava de alguém que intercedesse por mim.

Nenhum dos outros doutores parecia se importar com minhas perguntas, sobretudo porque, geralmente, só tinham que explicar alguma coisa para mim uma única vez, pois eu entendia logo. Embora eu ainda não soubesse, muitos aspectos de meu trabalho na área médica reverteriam para outras áreas, e entre eles, talvez nenhum fosse mais importante do que saber como organizar meu tempo. Mais ainda, eu adorava o que estava fazendo, de trocar os curativos dos pacientes e ligar a bolsa de infusão, até cuidar de feridas cirúrgicas, examinando os tecidos e desbridando ferimentos – muitas vezes fazendo vários procedimentos simultâneos. Além de ser realmente bom nesses serviços especiais, eu tomava cuidado para que aquilo que eu estava fazendo tivesse um papel relevante

na recuperação e bem-estar geral do paciente. Com essa finalidade, eu acreditava ser muito importante manter anotações detalhadas em um quadro, que ajudavam os cirurgiões e enfermeiras a seguir o tratamento de um paciente: a que horas um curativo havia sido trocado, que tipo de ferimento o paciente tinha, qual o cheiro do ferimento, se um ferimento parecia estar secando ou melhorando, ou se o paciente queixava-se disso ou daquilo.

Depois de um pequeno período, todos – independentemente de sua formação – perguntavam pelo “Doc”, meu apelido. Minha reputação era tamanha que sempre que alguém levava um tiro, o conselho era perguntar por mim, antes mesmo de chegar à ala, pois, quando se tratava de um ferimento por bala, não havia ninguém melhor que eu para cuidar da vítima. Mesmo que eu estivesse ocupado ou não estivesse lá, sempre que alguém era encaminhado para a ala, eles diziam:

− Não, vou esperar o Doc.

A mesma coisa valia para qualquer um que precisasse trocar curativos. Era como se eu tivesse percorrido um longo caminho desde que tentei proteger minha ferida, fazendo curativo com um absorvente Kotex.

Uma das tarefas mais difíceis que me atribuíram foi ter que ir ao local de um acidente, envolvendo uma van que levava 12 irmãos porto-riquenhos, todos fuzileiros, a Nova York para o final de semana. Sem contar o sangue e as tripas, tive que ajudar a retirar da van todos os fuzileiros inconscientes ou bêbados. Havia estilhaços de vidro por toda a parte e Dominguez, um dos caras, tinha tanto caco de vidro no rosto que tive que usar fórceps para removê-los. Se eu não tivesse feito o que fiz, ele teria ficado com cicatrizes horríveis pelo resto da vida, como um Frankenstein humano. Eu sentia que essa era minha obrigação, mesmo que outros em minha posição tivessem, muito provavelmente, costurado o rosto dele e deixado os estilhaços lá. Ele nunca se esqueceu que eu o consertei e fomos grandes amigos por um bom tempo depois.

Além do fato de que eu adorava o que fazia e adorava aquele sentimento de gratidão por ter ajudado, era gratificante ver

pacientes gravemente feridos superar as condições que os haviam trazido ao hospital. Ver alguns desses caipiras branquelos subitamente colocando seus preconceitos de lado era incrível. Muitos dos fuzileiros, era possível perceber facilmente, o chamariam de negro em um segundo, mas prostrados na cama, gemendo de dor, incapazes de se moverem, eles passavam por transformações pessoais simplesmente dizendo:

− Não, só estou esperando o Doc. A que horas ele vai chegar?

Eles estavam esperando por um negro grande como eu para ajudá-los a superar a crise em que se encontravam. Eles pareciam realmente mudados, não porque eu os havia mudado, mas porque eles mudaram a si mesmos, desafiando suas próprias crenças. De minha parte, minhas próprias suposições sobre aqueles que eram diferentes de mim também significaram um desafio. Pela primeira vez, só depois que descobri que o mundo não era totalmente negro, foi que comecei a ver as pessoas como pessoas. Debaixo da pele, descobri, somos todos iguais.

Fora da base, a tolerância racial ainda tinha um longo caminho a percorrer. Ao atender o telefone na clínica de cirurgia durante um período de trabalho, recebi muitas ligações semelhantes àquela de uma mulher, que berrava:

− Quebrei o pé. Quebrei o pé porque um negro pesando cem quilos pisou nele.

− Ok... Bem... Deixe-me ver se entendi tudo direitinho. O pé está quebrado?

− Sim! − ela disse.

− Agora me diga: ele o quebrou porque pesava cem quilos ou porque era negro?

− As duas coisas! − ela disse.

Só algumas vezes encontrei, cara a cara, pessoas como ela. Durante uma viagem de final de semana, eu e meu amigo Willie Bonitão – tão oposto de bonito que fazia meu tio Matabicho parecer lindo – tivemos que parar em um posto da gasolina para encher o

tanque. Willie Bonitão, que era de Aiken, na Carolina do Sul, advertiu-me que poderíamos passar por alguns lugares não muito hospitaleiros mais adiante.

O posto local não estendeu o tapete vermelho para nós. Na verdade, mal encostamos e uma velha branca e magrela veio se aproximando de nós com um revólver de cano duplo, e com os olhos apertados e ameaçadores conforme anunciava:

− Não vendo gasolina para negros! Uma vez vendi gasolina a um negro e ele tentou pôr fogo no meu posto! Portanto, caiam fora daqui imediatamente! − Eu nunca havia passado por uma situação tão explícita como aquela. Até Willie Bonitão ficou tão chocado quanto eu.

De meu ativismo, quando adolescente, aprendi que a miséria e o analfabetismo tornavam o racismo muito acentuado. E havia muitas pessoas pobres, negros e brancos, que viviam nas proximidades da base – mas eu tinha pouco contato com elas. Como eu agora pertencia a uma instituição, não precisava viver aquela miséria, o que me motivou a querer ajudar, embora não tivesse nenhuma ideia de como fazê-lo.

Nesse ínterim, o quadro de meu futuro na profissão médica, fora da Marinha, começou a se formar em minha mente. Sherry Dyson, nessa época, não estava muito em primeiro plano para mim, provavelmente porque nosso relacionamento não estava tão bom e forte como havia sido, embora ainda nos falássemos bastante. Mesmo assim, ela se ajustava à figura de esposa de médico, e toda vez que eu a imaginava segurando aquela camiseta no peito, no mostruário da loja de roupas da Marinha e do Exército, eu realmente não conseguia imaginar meu futuro a longo prazo sem ela. Mas, por enquanto, já que eu havia perdido a oportunidade de realizar minhas fantasias românticas com mulheres do além-mar, concedi a mim mesmo a licença de entregar-me aos prazeres da vida.

Um dos pontos altos foi uma viagem que fiz com três de meus amigos para a Universidade de Howard, em Washington. No Candell Hall, tivemos uma iniciação repleta da fantasia de como era a vida em uma escola onde moravam estudantes de ambos os sexos. Os

rapazes moravam em um andar e as moças, em outro. Jovens lindas e liberadas do início dos anos 1970. Quando chegamos ao dormitório e vimos o que estava acontecendo, dissemos, quase ao mesmo tempo:

− Não vamos mais voltar para a Carolina do Norte!

Vimos todas aquelas garotas negras lindas e fomos considerados AWOL – Ausente do Exército sem Licença. Depois de gastarmos todo o nosso dinheiro, não tivemos saída senão recorrer à Patrulha Costeira. Emitiram ordens, deram-nos cinquenta dólares para voltarmos para Camp Lejeune e, imediatamente, fomos AWOL novamente. Jovens e tolos, a maioria com 19 anos, não conseguíamos nos conter. Com todas aquelas irmãs da Howard, achávamos que tínhamos morrido e ido para o céu! Finalmente, depois de tantas festas, tivemos que recorrer novamente à Patrulha Costeira. Em vez de nos dar dinheiro, dessa vez eles nos levaram direto para a estação rodoviária e nos acompanharam até entrarmos no ônibus. Todos chegaram em casa intactos, exceto o doido do Haze, que conseguiu arranjar uma briga e foi AWOL pela terceira vez. Quando voltou, ele foi trabalhar na cozinha, teve o pagamento cortado e foi severamente punido. Os outros dois caras não se deram tão mal quanto Haze, mas certamente o que fizeram teve consequências desagradáveis para eles.

Justo quando eu estava esperando para ver qual seria o meu destino, a Tenente Comandante Charlotte Gannon apareceu, passou por mim com um olhar sério e foi se juntar aos oficiais encarregados da disciplina na base. Foi direto ao ponto, explicando:

− Vejam, ele é meu braço direito. É o Gardner. Deixem-no em paz.

Foi isso mesmo. Charlotte Gannon salvou minha pele com facilidade. Logo que voltamos para a ala, ela, obviamente, advertiu-me:

− Olha aqui, Gardner, não faça mais isso. Cumpra suas obrigações e eu esqueço tudo!

A partir daí, consegui andar na linha. Foi fácil depois que mudei de base. Assim que conheci um marinheiro chamado Leon Webb – estava escrito que ele seria um dos meus melhores amigos na vida –, encontramos um trailer por um aluguel bem razoável e achamos que poderíamos ter nossa própria vida e não entrar mais em fria do jeito que entrávamos. Embora eu não tivesse carro, supunha que poderia pegar carona com Leon. Às vezes, quando nossa escala de trabalho não coincidia, eu tinha que garantir carona com outros. Apesar de a Marinha nos fornecer dinheiro extra para alimentação e suprimentos, perdemos o privilégio de comer na base. Não entendíamos muito bem que isso era como a vida real: quando acabava o dinheiro, acabava a comida. Em uma noite inesquecivelmente gelada – e o frio no sertão era de matar – nosso armário de cozinha estava completamente vazio, exceto por uma lata de feijão e um ovo de avestruz. Leon e eu concordamos que aquele foi o melhor ovo de avestruz que já havíamos comido na vida.

Felizmente, eu estava sendo alimentado e mantido bem aquecido naquelas noites frias por uma mulher, dez anos mais velha que eu, que morava longe da base, não muito distante do local onde eu morava. Ela não era má cozinheira; tinha carro, era fantástica na cama – muito pervertida – e me ensinou novos lances. Eu não me incomodava nem um pouco que ela tivesse outros homens; pelo contrário, aquilo me permitia desempenhar o papel de um aluno muito motivado, que não tinha qualquer pretensão a um relacionamento mais sério.

Uma noite, por uma infeliz conjunção temporal, pois estamos começando, ouço uma batida na porta como se fosse um martelo de perfuração – *bruum, brruuum, brruuum, brruuum, brruuum!* – e alguém dizendo:

– Abra a porta, abra a porta!

Ela ignora tudo, tentando voltar ao ponto em que estávamos.

Brruuum, brruuum, brruuum, brruuum, brruuum! Onde esse cara está pensando que vai?

Ah, cara. Paro e pergunto:

– Quem será? Ele não para.

– É o Leon – ela diz.

Conheço a voz de meu companheiro de quarto, e essa não é a voz dele.

– Leon? – Seja lá quem for, estou aqui e ele não está; e ele está atrapalhando minha brincadeira. Então, eu continuo: – Abra a porta. Vou mandar esse cara para a puta que o pariu.

– Não, não! É o *Leon.* E você não vai fazer isso. Acredite em mim, ele é pugilista e você não vai fazer isso.

– *Leon* de quê?

– Leon Spinks! – Ela percebe que eu ainda não entendi e então me lembra. – Peso pesado da base?

– Ah – digo. – *Aquele* outro Leon.

Leon Spinks!? Designado para o Corpo de Fuzileiros de Camp Lejeune, ele já é um campeão de boxe na base e, treinando para os próximos jogos olímpicos, acabará ganhando o título de campeão mundial de peso pesado.

Leon Spinks está do lado de fora, bêbado, praguejando, querendo entrar porque agora é “sua vez”. Como foi que entrei nessa fria? Como saio dessa agora? Não, não vou me envolver em nenhuma briga com Leon Spinks.

– Vou derrubar esta porta! – ele ameaça parecendo o Lobo Mau da história dos Três Porquinhos. Em seguida, ele começa a bufar, sacudir e tentar virar o trailer.

Como sou uma verdadeira enciclopédia ambulante, graças aos longos dias que passei em livrarias públicas, faço um esquema da física dessa emergência e encontro uma solução que talvez eu tenha lido em algum lugar ou visto em um episódio de *Os Três Patetas.* Então, quando ele começa a se preparar para deitar a porta abaixo, estabeleço meu plano: assim que ele atingir os degraus e

jogar o ombro contra a porta, eu a abro e *bang,* ele voa no vazio e eu voo para fora de lá.

Com a precisão de um relógio, calculo o tempo certo, abrindo a porta conforme ele vem correndo e colide com a mesa e com a parede, apagando imediatamente. Considerando que ele já está muito chapado, isso não leva muito tempo. Deitado lá no chão, Leon Spinks tira uma boa soneca, enquanto minha anfitriã me enxota, e não fica muito feliz quando pego as chaves do seu carro, mas prometo deixá-lo na base para ela.

Da próxima vez em que nos encontramos, agora em meu apartamento, ela me convence a deixá-la me amarrar. Comparado com todo o sexo missionário que venho fazendo com outras mulheres, isso é realmente novidade. Mas já que também a amarro às vezes, quando ela pede, acabo concordando. Usando alguns nós bem intrincados, ela me prende à cama, borrifa talco sobre todo o meu corpo e joga um enorme animal empalhado na cama.

– Vai ficar um pouco apertado. Tudo bem? – Diz ela, mas como estamos apenas fazendo uma farrinha e eu acho que será bem rápido, não reclamo.

Lá estou, com as pernas bem abertas, peladão, todo coberto de talco com um panda gigante empalhado na cama; fecho os olhos esperando que a sedução continue. Nada acontece. Abro os olhos e vejo que ela se mandou. Escafedeu-se. Sem mais nem menos.

A única coisa que posso fazer agora é esperar meu companheiro de quarto chegar. Quem vai me ouvir se eu gritar aqui no meio deste sertão? Talvez a proprietária, mas não quero que ela me veja desse jeito. Assim, espero, literalmente, durante horas, o que parece um dia.

Finalmente, Leon chega e estaciona o carro. Sinto um pânico passageiro só de pensar que ele esteja com Willie Bonitão ou Haze, ou, Deus me livre, uma mulher. Sem me mover, espero para ver quem vai aparecer à porta.

Do quarto, infelizmente, não consigo ver quem é. Parece que ele está levando uma eternidade, embromando com alguma coisa na

sala de estar. Não aguento mais e grito:

– Ei, cara! Olha aqui. Dá um pulinho aqui e me dê uma mão.

– Tudo bem, já estou indo.

Vários minutos se passam.

– Ah, não, cara, você tem que vir agora. Venha depressa e me dê uma mão.

“Beleza, cara, aguenta firme aí, preciso ir ao banheiro”, ele diz e vai em direção ao banheiro, mas antes passa pela porta do quarto. Finalmente, ele vê aquele quadro ignominioso e começa a gargalhar, perguntando-me que diabos estou fazendo com o urso e toda essa merda branca me cobrindo o corpo.

Até eu começo a rir.

Depois que Leon, misericordiosamente, desamarrou-me, nós dois começamos a rir e só paramos depois de três dias. Eu era o motivo da piada.

_____

Um dos serviços mais difíceis e, no entanto, mais pesados para qualquer paramédico em um hospital que cuida de fuzileiros insensíveis é definitivamente o de proctologia. É certamente o tipo de serviço que requer um conjunto de habilidades ímpar e envolve princípios que poderiam ser transferidos para outras áreas. Quem não se beneficiaria da experiência de quem trabalha com um bando de idiotas?

Assim, saindo da Ala de Cirurgia Geral e indo para a clínica cirúrgica, acabei me tornando o mais importante especialista em proctologia da base. Isso significava que toda segunda-feira pela manhã, cada idiota com problema batia à minha porta. Fosse o problema hemorroidas, hemorroida trombosada, abcesso perirretal, cisto pilonidal, qualquer coisa relacionada com o reto, o ânus e redondezas, eles me procuravam antes de ir ao verdadeiro proctologista. Depois de algum tempo, entretanto, os doutores me

deixaram encarregado do serviço e se mandavam para o campo de golfe.

Sem problema. Cheguei ao ponto de drenar um abscesso e almoçar ao mesmo tempo. Eu não me importei nem um pouco. Minha destreza incluía fazer e retirar qualquer tipo de curativo, mais uma variedade de procedimentos para tratar de pacientes com cisto pilonidal – basicamente um tipo de cisto que se desenvolve na fenda do ânus, causado por pelos que lá entram e inflamam. Muito comuns, os cistos podem simplesmente crescer e ficar parecidos com uma terceira bunda. Eu os lancetava, drenava e enfaixava, assegurando-me de que a infecção havia sido debelada e que a gaze havia sido corretamente colocada para continuar a drenar a infecção.

Coronéis cobertos de estrelas procuravam-me com vários desses problemas. Raramente eu era alvo de respeito por parte desses oficiais, que estavam lá para uma consulta com o médico e não achavam que deveriam ser simpáticos com o paramédico – mesmo que eu fosse o responsável por ajeitá-los na posição invertida, de cabeça para baixo, na cadeira de dentista usada para esses exames.

Um desses coronéis estava nessa posição, com o traseiro para cima, quando o doutor entrou e disse:

– Ok, vou deixá-lo aqui com o Gardner e ele vai cuidar de você.

Isso é que era poder. De repente, o figurão ficava totalmente vulnerável, com o traseiro para cima e a bunda cheia de faixas. Eu saía e retornava logo em seguida com a lupa. O que acontecia em seguida era que ele se tornava meu melhor amigo, dizendo:

– Ai, doutor! Ai, doutor! Chega, por favor! Agora não! Diga-me, posso ajudá-lo em alguma coisa?

Algumas vezes, inserindo um pouco de humor “proctológico”, eu dizia que o lubrificante havia acabado.

Fuzileiros com traseiros ferrados viravam bebês chorões:

– Ai, doutor! Ai!

Uma vez, quando o médico não estava lá, prescrevi supositórios para um oficial, um coronel cheio de estrelas. Ele não acreditou muito em mim:

– Não se preocupe – eu lhe disse. – Vou cuidar do senhor. Aplique esses supositórios e volte na segunda-feira.

Na segunda, ele e a mulher apareceram na ala, exigindo falar com meu superior. Ambos olharam para mim com desprezo, como se dissessem: *Quem você pensa que é? Você não é médico, e ainda por cima é negro!* Embora eu não soubesse o que havia feito de errado, percebi que ele pretendia me incriminar. Finalmente, ele berrou furioso:

– Você não tem a menor ideia do que está fazendo! Você é perigoso! Você não devia estar aqui! E aquelas pílulas que você receitou não resolveram absolutamente nada! Eu bem poderia tê-las enfiado no rabo!

Precisei por em prática toda a minha capacidade de autocontrole para não cair na gargalhada. Ele não havia aplicado os supositórios. Ele tomou os medicamentos por via oral. Esse coronel pilotava um jato de cinquenta milhões de dólares e estava tomando supositórios retais por via oral! Seu rabo doía e ele ainda queria saber por quê.

– Senhor – eu lhe disse calmamente –, sabe aquelas pílulas que o senhor ingeriu? Elas *eram* para ser enfiadas no seu rabo; só assim elas irão aliviar a dor e o inchaço.

É lógico que depois que o virei de cabeça para baixo na cadeira, com o cu exposto, sua atitude mudou totalmente e ele se tornou um chorão covarde, exatamente como todos os outros. E também se esqueceu de me denunciar. Depois que sua dor passou, ficou tão grato quanto outros de cujos problemas cuidei com sucesso.

Apesar do crescente nível de autoconfiança que meu tempo de serviço no Centro Médico Regional da Marinha havia me dado, de tempos em tempos eu tinha crises de incerteza, sobretudo sabendo que, em seis meses, meu período de alistamento terminaria. Até então, com uma estrutura institucional fornecendo-me quatrocentos dólares e mais alguns trocados por mês, seguro saúde e o

sentimento de que eu contribuía para a sociedade, eu não tinha maiores preocupações. De repente, porém, pensar sobre o que fazer depois daqueles seis meses estava começando a me afligir com perguntas, trazendo à memória ecos do *blues* do sem-pai. Certo ou errado, parecia-me que se eu tivesse tido um pai, ele teria me dado conselhos concretos. Meus tios – meus pais postiços – tinham me ajudado a me direcionar para esse serviço. Mamãe havia me dito que eu poderia ser bem-sucedido em qualquer coisa que eu eventualmente escolhesse fazer. O que diria meu pai, quem quer que fosse esse tal de Thomas Turner, de Louisiana – o nome dele, de alguma forma, eu havia arrancado de mamãe –, do filho que ele não conheceu e se tornou médico? Será que ele não iria exigir na justiça que eu fosse morar com ele?

Alguns dos rapazes alistados que conheci haviam decidido se alistar novamente, enquanto outros estavam voltando para casa e procurando emprego, ou se preparando para casar e constituir família, ou voltando para suas esposas e filhos já esperando por eles. Era algo que eu queria um dia para mim, sem dúvida alguma. Mas, independente de quão mundano eu achei que havia me tornado, havia uma parte de mim que ainda se sentia enganada por eu não ter saído do país para conhecer o mundo. Entretanto, nessa fase de minha vida adulta, se eu quisesse seguir uma carreira em medicina, isso significaria muitos anos de faculdade, o que mais exatamente não deixaria espaço para viagens.

Uma tarde, quando eu passava pela Ala de Cirurgia Geral, encontrei a resposta a várias dessas perguntas sob a forma de uma oferta feita pelo Dr. Robert Ellis. Ele era um dos médicos que haviam ouvido Carlotte Gannon falar de mim e havia me levado para sua ala para eu fazer um estágio com ele. Médico brilhante, Dr. Ellis – o Bob Búfalo, como alguns de nós, marinheiros, o chamávamos com carinho, porque ele era uma pessoa intensa e porque trabalhava na Marinha sob coerção nacional – havia feito estágio no Hospital Infantil do Texas, em Houston, com dois dos mais renomados cirurgiões cardíacos e cardiovasculares: Dr. Denton Cooley e Dr. Michael Debakey.

Agora que Ellis estava sendo dispensado, conforme me contou, ele estava indo para San Francisco para estabelecer seu próprio laboratório de pesquisa, no Centro Médico da Universidade da Califórnia e no Hospital dos Veteranos.

Sabendo como isso seria merecido e estimulante, dei-lhe um aperto de mão e parabenizei-o com todo o meu coração – sem pretender fazer qualquer trocadilho.

– E você? – ele me perguntou, sabendo que eu ainda tinha seis meses para cumprir.

Dei de ombros, fazendo-o entender que eu estava analisando minhas opções.

– Bem – Dr. Ellis disse de uma maneira bem geral. – Se quiser dar uma olhada na carreira de medicina, posso ajudá-lo.

Agucei os ouvidos. Ouvi-o com atenção, conforme ele descrevia o laboratório que estava montando e a vaga de assistente de pesquisa que tinha para preencher.

– Você poderia me ajudar – ele disse, indicando que o emprego seria meu se eu o quisesse. – Mas o salário é de apenas 7.500 dólares por ano.

Era bem melhor que meu salário na Marinha. Ainda longe de ser o salário dos sonhos. Mas era a chance de fazer estágio com um dos melhores médicos da área em San Francisco – o lugar mais distante para onde eu poderia ir no país e sentir como se estivesse visitando outro canto do mundo.

– Pense a respeito – ele disse. – E entre em contato comigo.

Pensei durante dois segundos e entrei em contato com Ellis:

– Aceito – disse-lhe. – Irei para lá.

CAPÍTULO 7

Quadros de uma vida

– Sabe de uma coisa? San Francisco deve ser a Paris do Pacífico – diz o executivo de meia-idade, de pé, ao meu lado, usando óculos e carregando uma pasta, enquanto observo a paisagem na Union Square na primavera de 1976 – há alguns anos já trabalhando com o Dr. Robert Ellis tanto na Universidade da Califórnia quanto no Hospital dos Veteranos.

– Sabe – digo pensando no tempo que moro na Bay Area –, você tem razão.

Claro que até agora, não muito tempo depois de completar 22 anos, nunca estive em Paris. Mas fico tão impressionado com esse comentário que começo a descrever minha nova casa para os outros como a “Paris do Pacífico”, expressão que acabarei tornando minha.

O dia está lindo hoje. E um dia lindo em San Francisco não é como um dia lindo em qualquer outro lugar do mundo. O azul do céu – nenhuma nuvem – representa a definição do dicionário para “céu azul”. Uma brisa agradável sopra nas árvores e parques e todos, habitantes locais e turistas, estão nas ruas, como eu, com nada melhor para fazer que se maravilhar com essa linda cidade.

Foi também sensacional estar em San Francisco nesse momento cultural e histórico. Mesmo que não fosse mais o auge das crianças com flores e do amor livre, na década de 1970, a cidade ainda era a meca para um sujeito como eu, o primeiro negro *hippie*

da América. Com muitas das turbulentas mudanças da década de 1960 tendo ficado para trás, com as conquistas nos movimentos dos direitos civis evidentes em toda a parte, com Nixon exposto e o fim da guerra do Vietnã, a era do protesto havia aparentemente cedido lugar às celebrações. Em nenhuma outra parte isso parecia mais verdadeiro que na atmosfera tolerante, experimental e livre de San Francisco, onde valia de tudo.

Depois de deixar as Forças Armadas, em que tudo havia girado em torno de disciplina, processo, ordem e estrutura, descobri a cidade que celebrava a individualidade e o não conformismo acima de tudo, como se eu estivesse realmente visitando um país estrangeiro. Meu território favorito tornou-se Haight-Ashbury, que antes havia sido o berço do sexo, das drogas e do *rock and roll*, ainda pululando com clubes musicais, restaurantes, livrarias, lojas vendendo apetrechos para uso de drogas, e um cenário de rua muito louco – colorido e bem vivo.

Nessa época, eu estava na idade perfeita para tentar coisas novas; assim, a Bay Area não era apenas a arena certa para eu explorar e experimentar, mas também o lugar ideal para conhecer novas filosofias, descobrir novos sabores e decidir que tipo de vida, afinal, eu queria construir para mim mesmo. Quando, mais tarde, avaliei os aspectos externos ao trabalho, às relações e ao dinheiro, compreendi que esse período foi também muito importante pelo que me ensinou a respeito de quem eu era internamente, do que eu era realmente feito, e qual minha verdadeira visão do mundo.

Não muito tempo após eu ter chegado à Costa Oeste, isso tornou-se aparente, quando alguns amigos convidaram-me para ir com eles a uma espécie de palestra. Três de nós havíamos concordado em ir depois da insistência de Bill, um sujeito extremamente bem-articulado e, ao mesmo tempo, um malandro. Éramos os únicos heterossexuais então residentes na ACM – Associação Cristã de Moços – do Tenderloin. Cagávamos, barbeávamo-nos e tomávamos ducha fazendo rodízio para, literalmente, ver só as costas um do outro. Tínhamos que ficar juntos e, se Bill era moderno e queria ir, sentíamo-nos na obrigação de ir também.

Mas tive que perguntar:

– Qual é o assunto da palestra?

– Chris – prometeu-me ele –, esse seminário vai mudar sua vida. Veja, cara, estamos todos condicionados a reagir às coisas de uma maneira particular – de nossos pais, da escola, do governo. É todo o programa capitalista de controle da mente que nos faz correr atrás dessas coisas materiais. Estou falando de autodeterminação, do fim da escravidão ao todo-poderoso dólar, cara.

– Então a palestra é sobre isso? – perguntei lembrando-o de que meu horário de trabalho era bem-apertado.

– Aí está o problema – continuou ele. – Querer coisas materiais, querer ser classe média, aspirar a ser burguês. Você acha que é o que faz, certo? Não, cara, você é o que é, não o que faz.

Parecia bem interessante. Mesmo naquela época, naquilo que acabou sendo um seminário chamado EST, conduzido por um sujeito chamado Werner Erhard, ninguém sabia explicar o que era IT. Na verdade, você tinha que ter IT. E se não pudesse ter IT, você tinha que fazer um treinamento para ter IT. E tinha que gastar muito dinheiro para fazer treinamento e ter IT. Sentado no chão, com as pernas cruzadas, em uma sala com aproximadamente cem pessoas, meu três amigos e eu continuamos a trocar olhares de frustração, conforme Werner Erhard e seus tenentes revezavam-se, gritando conosco exatamente como nas Forças Armadas, e dizendo como nossas vidas não estavam indo bem e como todos nós tínhamos uma bagagem pela qual não nos responsabilizávamos. Como poderíamos fazer aquilo? Tínhamos que ter IT. Mas ninguém nos dizia o que era IT! E tem mais – eles não queriam que saíssemos enquanto não tivéssemos IT. Não podíamos sair para comer nem ir ao banheiro. Com meus três amigos, inclusive Bill, logo comecei a rolar os olhos de tanta decepção. O que eu queria dizer era: *Veja bem, só nos diga o que é IT, porque talvez possamos ter IT se soubermos o que é IT. Talvez até já tenhamos IT*.

Então, ocorreu-me que nem mesmo os palestrantes sabiam o que era IT. Quando isso ficou aparente, depois de cerca de uma

hora com eles fazendo toda essa exortação, levantei-me e finalmente disse:

– Sim, eu tenho IT. – Antes que o exército do EST se deslocasse, acrescentei: – Foda-se o IT. Foda-se o IT e fodam-se vocês e foda-se tudo. – Nós quatro nos tornamos muito veementes:

– É isso aí! Foda-se o IT! – repetiu um dos caras.

– IT não é merda não! – gritou outro.

Bill esbravejou:

– Eu não quero IT!

E eu encerrei dizendo:

– Guardem o IT para vocês.

Como os únicos irmãos de cor da sala, começamos a sentir que haveria um conflito racial, mas não demorou muito e a maioria dos brancos que lá estavam começou a nos olhar como se dissessem *Ah, eles com certeza têm IT.* Aquilo virou um inferno quando um sujeito branco levantou-se e juntou-se a nós dizendo:

– É isso aí! Foda-se o IT!

Foi o suficiente para sermos rapidamente escoltados para fora, porque havíamos definitivamente estragado o jogo. Essa pequena experiência provou a mim que eu não precisava de outras doutrinas para me iluminar. Mas Bill continuou sua procura.

Alguns anos mais tarde, ouvi dizer que ele e sua esposa haviam se tornado seguidores de um líder carismático, que havia convencido seu rebanho a dispor de todos os seus bens materiais – em favor dele –, deixar os Estados Unidos e ir para a comunidade de Jonestown, na Guiana. Em novembro de 1978, eu ouviria a notícia que Jim Jones havia persuadido mais de novecentos seguidores a beber o refresco *Kool-Aid* com cianureto, o que resultou em um suicídio em massa. Bill estava entre os que morreram naquele dia. Isso me levou a me perguntar como alguém que era tão inteligente e articulado e que desafiava as crenças do

status quo pôde se submeter a esse lance tão radical de Jonestown sem questioná-lo.

Parte de meu mecanismo de defesa era a necessidade de autocontrole que eu mantinha desde a infância. Essa também era a razão pela qual eu continuava a resistir aos excessos das drogas e do álcool nesses anos experimentais. Obviamente eu usava droga de vez em quando, como naquela vez que fumei um pouco de pó de anjo e tive que convencer a mim mesmo de que eu não poderia voar. Quando a droga chegou ao cérebro, comecei a fazer exercícios de flexão na barra, usando a tubulação de aquecimento de meu prédio – fiz cem vezes, um feito espantoso quando comparado com o que eu conseguia fazer na Marinha em um dia normal: vinte e cinco.

Quando comecei a olhar para fora da janela para decidir em que direção deveria voar, alguma coisa prudente e sábia dentro de mim me recomendou: *Esqueça essa de voar; que tal uma caminhada?*

Do Tenderloin, caminhei, caminhei e caminhei sem esforço, sentindo que subi conforme o ângulo das colinas, depois desci e me deixei levar em direção a uma ponte e depois outra. Magicamente, cheguei em Chinatown, como se estivesse velejando e chegado à praia, coincidentemente no meio de um feriado chinês, marcado por um magnífico desfile. Sem ter sido convidado, juntei-me ao grupo de pessoas fantasiadas e de máscaras que dançavam na rua e seguravam lanternas chinesas e figuras de papel machê. Muitos me olhavam de um jeito estranho e, sem dúvida, se perguntavam: *O que será que esse homem tão alegre está fazendo aqui? Ele não é chinês*.

Quando o efeito da droga começou a passar, eu estava em um bar na região de North Beach, curtindo uma banda elétrica que consistia em um tambor de caixa e uma gaita de boca. Cara, pensei que estava no Carnegie Hall. Foi bom eu reconhecer como era perigoso ficar dopado daquele jeito. A própria música pode ser uma experiência transmutadora; então, para ficar em um nível ainda mais alterado, a música também era eletrizante. Fora de controle! Quando chegou a hora de voltar para o Tenderloin, eu arrastei-me

para casa, agora com um certo esforço, voltando logo ao normal e percebendo que essa era uma droga que eu não deveria mais usar.

O fato foi que, em todas as minhas horas livres, meu foco principal incidia sobre o laboratório, em que eu fazia o trabalho pelo qual Dr. Ellis me havia trazido para San Francisco. Meu amigo Bill, que me levou para a reunião do EST, havia-me acusado de ter aspirações burguesas, e era verdade – eu estava seduzido pela ideia de uma possível carreira em medicina. Se era isso mesmo que eu queria, se eu estava realmente empenhado e queria me dedicar à medicina, Bob Ellis estava disposto a me dar um incrível voto de confiança, a me ensinar e a abrir um mundo totalmente novo na pesquisa médica, um mundo diferente daquele da Marinha, em que eu havia trabalhado.

O projeto estava sendo conduzido em conjunto com o Hospital dos Veteranos – localizado na extremidade mais distante de San Francisco, em Fort Mylie, além da ponte Golden Gate – e com o Hospital San Francisco, da Universidade da Califórnia, perto do parque Golden Gate e do Estádio Keysar. No Hospital dos Veteranos, no qual eu passava a maior parte do tempo, o objetivo da pesquisa era criar um laboratório – basicamente de uma velha sala de cirurgia – que duplicasse o ambiente em que o coração funciona durante uma cirurgia de coração aberto. Mais especificamente, estávamos tentando determinar qual concentração de potássio seria melhor para preservar os fosfatos de alta energia nos músculos cardíacos. Faríamos uma série de experiências com uma solução com alto teor de potássio, outras com uma solução com baixo teor de potássio, e outras com uma solução com teor mínimo de potássio, utilizando amostras de tecido do coração e usando esses resultados em nossas conclusões. No final das contas, nossa conclusão foi que a solução com alto teor de potássio era a que tinha maior tendência a preservar os fosfatos de alta energia. Essa informação iria transformar a técnica de transplantes e cirurgias cardíacas, bem como influenciar a ciência cardiovascular. Para um “esponja” de informações como eu, essa pesquisa levou-me a desembarcar na minha praia.

– Gardner – o Dr. Elis disse em um dos meus primeiros dias de trabalho. – Quero que você conheça Rip Jackson.

Virei-me para ver e assimilar bem o surpreendente aparecimento de Rayburn “Rip” Jackson, que Ellis importou diretamente de Jacksonville, no interior da Carolina do Norte, para San Francisco. Da mesma forma como Dr. Ellis representava o jovem e brilhante cirurgião – de altura e constituição física medianas, óculos, calvo, nariz parecido com o bico de uma águia, meticulosamente farejando detalhes, entusiasmado e, às vezes, temperamental –, Rip Jackson sugeria a intensidade de um megawatt no gênio técnico-cientista-médico que era. Magro, baixo, barba bem-feita, cabelos muito claros, e olhos azuis, pequenos e penetrantes, ele estendeu a mão para mim e me cumprimentou revelando no sotaque seu puro sangue de garoto do interior, vindo diretamente do sertão da Carolina do Norte.

– Satisfação em conhecê-lo – ele disse com um sorriso chocho. – Já sei de um monte de coisa sobre você, Gardner.

Meu instinto me dizia que Rip podia ter sido um membro da Ku Klux Klan na juventude. Alguma coisa nele fazia-me lembrar daquela velha do posto de gasolina que nos havia ameaçado com um revólver. Ele não era tão radical, mas com o passar do tempo, quando fazia certos comentários, deixava escapar o seu lado intolerante e preconceituoso. Tendo trabalhado para muitos médicos judeus, ele, aparentemente, tomava cuidado para não fazer comentários antissemitas. Mas talvez por ter tido poucas oportunidades de se defrontar com médicos negros, Rip não praticava a autocensura quando tratava-se de exprimir como se sentia ao ver, no hospital, por exemplo, um casal de raças diferentes – um negro, outro branco. Balançava a cabeça em sinal de reprovação e comentava comigo:

– Acho que preferia ver dois homens juntos a ver um negro e uma branca.

Curiosamente, pode ter sido pelo fato de nos darmos bem que ele fazia comentários desse tipo na minha presença. De qualquer forma, desde o início, ele viu não apenas que eu queria aprender

com ele, mas também que eu era rápido em conseguir IT, e ele me tratava com o maior respeito. Inicialmente, ele ficou durante um mês me treinando, ensinando-me como supervisionar tudo o que Dr. Ellis precisaria nos seis meses seguintes, e depois voltou a intervalos diferentes, conforme o necessário.

Apesar de ser obsessivamente preconceituoso, Rip Jackson era tão bom na mecânica de construção de um laboratório e na maneira como me ensinava a administrá-lo que ganhou meu mais profundo respeito. Embora ele não tivesse licença como médico, sua habilidade técnica o igualava a um cirurgião de primeiro time, e ele treinou-me nessa área altamente especializada para dar todo o suporte necessário ao Dr. Ellis. Nossas atribuições iam de excisão de coração a cateterismo e suturas; da compra de equipamento e suprimentos a anestesia, biópsias em tecido cardíaco dos pacientes e análise dos resultados.

Somando-se ao aprendizado que eu estava tendo com Bob Ellis e Rip Jackson, havia um terceiro prodígio no laboratório médico – um sujeito que atendia pelo nome de Gary Campagna. Gary também não tinha o título de médico, mas fazia para um cirurgião vascular chamado Dr. Jerry Goldstein o que Rip fazia para o Dr. Ellis. Natural de San Francisco, Gary era perspicaz e atualizado, um ítalo-americano bem-educado, que me tomou sob sua guarda, ensinando-me a respeito da técnica e da importância das boas maneiras. Vi então que não era suficiente saber o que você estava fazendo; era necessário ter o jeitinho, saber dar o toque correto.

Gary usava uma linguagem inesquecível para enfatizar certas técnicas. Em enxertos de veias, por exemplo, precisão era fundamental para primeiro controlar o fluxo sanguíneo – estancá-lo,



Minha mãe, Bettye Jean Triplett –
sobrenome de solteira: Gardner



Eu, quando era bebê.



Festa de formatura da Marinha – Guarnição 208; minha turma – eu no centro.



Minha carteira de identidade das Forças Armadas –
um jovem de dezoito anos, ansioso por conhecer países exóticos.



Meu filho e eu em um parque de diversões.



Chris Jr. dormindo.
Calmaria antes da tempestade.



Chris Jr. preparando-se
para andar com os
sapatos do pai.



Chris Jr. finalmente em uma casa
nova, depois de um ano vivendo nas ruas.



Natal em San Francisco. Grilo Falante.



Cumprimentando o Presidente Clinton na cerimônia de premiação do National Teacher of the Year (Professor do Ano), no Rose Garden.



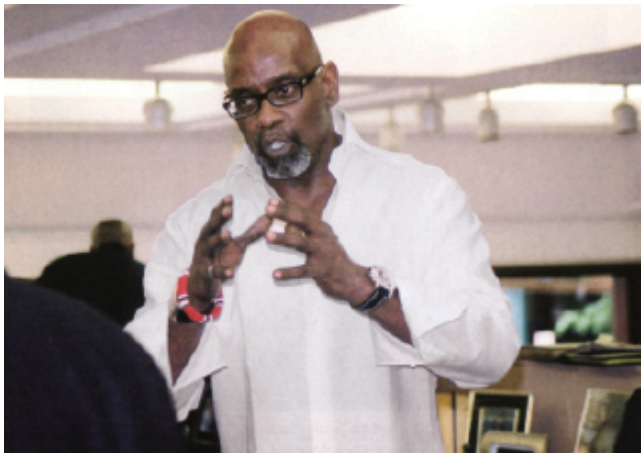
Tio Henry, o primeiro homem por quem me apaixonei.



Barbara Scott Preiskel: minha mentora,
minha heroína, minha santa padroeira.



Ao lado do grande Nelson Mandela.



Na direção de minha própria firma (*foto de Leonard Simpson*).



Minha mente está em meus negócios,
mas meu coração está sempre com meus filhos.

basicamente, como um macho de torneira – a fim de excisar a parte em que iria ser colocado o enxerto, depois suturá-la em volta sem qualquer obstrução. No cenário clínico, aprendi como fazer isso, como determinar o tipo de incisão necessária para excisar uma parte da artéria, que tipo de sutura usar, que tipo de ligação fazer, que tipo de enxerto seria necessário, dependendo da condição da veia. Gary me chamava a atenção para não cometer o erro comum de lidar com a veia de maneira abrupta:

– Ela deve ser afagada, não cutucada.

Esses três – Gary, Rip e Bob Ellis – estavam me dando o equivalente à educação de uma faculdade de medicina, pelos

menos nessa especialidade. À medida que o plano do jogo agora se desdobrava em minha mente, imaginei que, quando tivéssemos terminado nosso trabalho e eu tirasse tempo para uma educação universitária, eu seria um excelente candidato a qualquer faculdade de medicina da Ivy League. As perspectivas eram excelentes. Será que eu tinha mesmo condições para isso? Será que eu chegaria lá? As palavras de minha mãe ecoaram: *Se você quer, você pode.*

Esse entusiasmo não veio apenas do *status* potencial e do dinheiro que uma carreira como cirurgião prometiam. Para mim, era o desafio, a busca por informação, a oportunidade de aplicar meu foco em um ponto que exigia de mim a mesma energia necessária para aprender uma língua estrangeira. Comecei a enxergar mais claramente que havia uma linguagem específica a todas as coisas e que a habilidade de aprender outra linguagem em uma área – fosse ela música, medicina, ou finanças – poderia ser utilizada para acelerar a aprendizagem em outras áreas também. Era divertido dominar a linguagem científica – não apenas os termos médicos e seus significados, mas também a prosa, com seu ritmo de premência e sua maneira precisa de descrever fenômenos e processos. O entendimento do processo – como ir daqui para lá – foi o chamariz verdadeiro para mim, o que me atraiu e me fez querer aprender mais. Como eu estava muito motivado e era naturalmente curioso, aprender foi fácil.

Depois de aprender a linguagem, as portas do Hospital dos Veteranos e do Hospital da UCSF literalmente se abriram quando Dr. Ellis levou-me para conversar com seus colegas, todos de altíssima reputação. Poucos lá sabiam que eu não havia estudado em nenhuma faculdade de medicina e que eu não era médico, muito menos que eu não tinha diploma universitário e mal havia completado o colegial. Claro, havia momentos em que eu sentia falta de uma educação formal, mas descobri que, mais que fingir saber alguma coisa que eu não sabia, havia um jeito de perguntar: “Bom, agora não estou entendendo muito bem; poderia me explicar?”, e a maioria dos médicos tinha o maior prazer em me ajudar.

Com o tempo, Bob Ellis passou a demonstrar tanta confiança na maneira como eu conduzia a nossa pesquisa que fui em frente e me tornei coautor de vários artigos dele sobre a preservação dos fosfatos de alta energia do miocárdio – artigos que foram publicados em vários livros e revistas médicas. Acho até publiquei mais que graduados da Harvard Medical School.

“Em que faculdade você estudou?” era uma pergunta que inevitavelmente surgia, especialmente dos residentes que trabalhavam com o Dr. Ellis e Dr. Goldstein. Ellis ficava perplexo ao ver que muitos dos que estavam iniciando residência em cirurgia tinham tão pouca percepção prática. Não tinham mãos, não tinham olhos, não conheciam os controles nem os procedimentos. Alguns não sabiam nem manejar instrumentos. Em vez de desperdiçar seu tempo com isso, ele os enviava para o andar de cima para que eu os treinasse. De repente, todas aquelas perguntas que eu havia feito – “O que você está fazendo?”, “Como se faz isso?”, “Por que você está fazendo isso?”, “Posso tentar?” – tornaram-se perguntas as quais eu estava respondendo.

Os residentes eram inteligentes e conheciam anatomia e fisiologia, biologia e química. Mas poucos tinham habilidade. Muitas vezes eu me pegava parecendo tão intenso quanto os doutores Ellis, Rip e Gary combinados. Durante testes que envolviam cirurgia de coração aberto em cães, era de enlouquecer testemunhar a recorrente maneira errada como lidavam com as artérias e os órgãos mais frágeis de seus pacientes caninos. No meu laboratório, como dizia Dr. Elis, eu tinha liberdade para dizer: “Não faça isso; não puxe. Aplique pressão gradativamente”.

Quando um residente dava-me aquele olhar que dizia *Quem você pensa que é para me dizer o que devo fazer?*, eu tornava-me ainda mais inflexível, levantando a voz e dizendo novamente:

– Não, não é assim que se faz. Você não está debaixo do capô do seu carro.

É possível que algum preconceito estivesse envolvido, considerando que os residentes naquela época eram todos brancos e originários das escolas médicas da Ivy League e eu era um negro

qualquer, sem um diploma de médico, dizendo: “Não! Não é assim que se faz. Me dê essa tesoura”! Mas o que parecia mesmo irritá-los era ter que fazer o que eu havia dito. Dr. Ellis havia deixado muito claro para cada residente que ele trazia para mim:

– Esse território é do Gardner. O que ele disser, está valendo. Ele é o encarregado.

Minha ideia era que, se alguém quisesse aprender ou estivesse disposto a tentar aprender, eu faria de tudo para ajudar. Mas alguns dos residentes eram tão arrogantes que descartavam imediatamente o que eu lhes dizia, o que ficava sugerido menos pelo que diziam e mais por sua linguagem corporal, que mostrava que eles não queriam me ouvir. Nessas situações, tudo o que me restava fazer era conversar com Dr. Ellis:

– Sabe de uma coisa? Esse tal de Steve – não posso ajudá-lo.

Era isso. Depois, nunca mais via o residente. Em certas ocasiões, eu era ainda mais específico:

– Esse tal de Richard – ele não quer ouvir. Sabe de uma coisa? Não me faça perder tempo; não o mande mais para o meu laboratório.

Dr. Ellis só acenava afirmativamente com a cabeça, mostrando que respeitava minha opinião e que gostava dessa minha atitude tão intensa. Ele também agia dessa forma.

Os residentes do Dr. Goldstein, na cirurgia vascular, eram um de meus maiores desafios, dando-me muito trabalho quando eu questionava sua falta de delicadeza, lembrando-os do ditado de Gary Campagna: “Ela deve ser afagada, não cutucada”.

– Para ser mais específico, quais são mesmo suas qualificações? – alguns desses residentes perguntavam em voz alta, indignados.

Minha resposta bem fria era:

– Não tenho um diploma universitário, mas esta é a minha sala. Você foi convidado a vir até aqui. Você é um visitante e eu estou

fazendo meu serviço. Se eu puder ajudá-lo, vou fazê-lo, mas você terá que me ouvir.

Em certos casos, eu podia ver pela expressão de ressentimento em alguns rostos que eles nunca haviam se submetido à autoridade de um negro que lhes dissesse o que deviam fazer – nunca haviam encontrado um negro no comando. Alguns conseguiam superar isso; outros não. De minha parte, tive que aprender a não tomar como pessoal a atitude superior deles, da mesma forma que fiz quando meus mentores colocaram-me naquela posição de comando. A verdade poderosa que emergiu para mim foi alguma coisa que mamãe havia tentado me dizer quando eu era mais jovem – ninguém pode tirar de você sua legitimidade ou dar legitimidade a você se você não exigi-la para si mesmo.

Antes de partir para a Marinha, eu havia me desculpado com ela por não ter entrado na faculdade, pensando em como ela se orgulharia de mim. Mamãe surpreendeu-me dizendo:

– Filho, é melhor ter um diploma de Deus que um de qualquer lugar nesse sistema universitário. Se você conseguir seu diploma de Deus, você não precisa do outro.

Na linguagem de minha mãe, significava que não era necessário ter um conhecimento profundo da Bíblia ou de religião. Mais que isso, ela estava falando de autoconhecimento, de um sistema de crença autêntico, um conhecimento de si mesmo que jamais poderia ser abalado. Outros podem questionar suas credenciais, seus diplomas, suas qualificações. Outros podem procurar todas as maneiras possíveis de espezinhá-lo. Mas o que você tem dentro de si, ninguém pode macular ou tirar de você. Esse é seu valor, quem você realmente é, seu verdadeiro diploma, que pode ir com você aonde quer que você vá, que você traz consigo no momento em que entra em uma sala, que não pode ser manipulado ou afetado. Sem esse senso de si mesmo, diploma algum, linhagem alguma e credencial alguma podem torná-lo legítimo. Sentir-se legítimo perante si mesmo é o primeiro passo para qualquer coisa.

Seguramente, o ponto de vista de mamãe ecoou nessa época, não apenas quando eu era questionado, mas quando eu me

questionava. Algumas vezes, em reuniões com mais de cem médicos – algumas sumidades em medicina –, eu olhava ao meu redor e notava que era o único negro na sala. Mas se isso não era problema para mim, também não deveria ser problema para outros. Minha negritude era um fato. Entretanto, quanto mais à vontade e seguro eu me tornava em minha área de especialidade, menos eu sentia que minha cor me definia ou me distinguia dos outros, e mais confiante eu me tornava, mantendo-me firme, vendo os brancos galgarem degraus mais altos ou mais baixos. O que me distinguia dos outros era meu conhecimento, o controle que eu tinha do foco da pesquisa que Robert Ellis vinha desenvolvendo. Essa percepção deu-me uma confiança incrível de que eu poderia ser bem-sucedido nessa área, e ser bem-sucedido significava tudo para mim. Era por isso que eu estava disposto a persistir por um longo período, mesmo que levasse outros 15 anos para conseguir os títulos necessários para praticar a medicina. Não importava; valeria a pena para mim, como valia a pena o esforço de estudar e aprender, todo santo dia, algumas vezes repetindo testes sem parar, como um ferreiro sempre batendo a bigorna.

Havia apenas duas nuvens no horizonte – dinheiro e sexo. Muito embora Dr. Ellis continuasse a aumentar meu salário, até aproximadamente 13 mil dólares por ano, no início de 1976, ele não tinha mais como espremer o orçamento para o projeto. Mesmo para alguém que estava disposto a morar em qualquer lugar, San Francisco era uma cidade cara. Acredite-me, morando no Tenderloin – no mesmo bairro da Associação Cristã de Moços, mas em meu próprio apartamento na rua Turk, 381 –, eu estava realmente aceitando qualquer coisa. Eu tinha que esticar o salário, mesmo sem ter que pagar carro ou seguro. Já que não podia comprar um carro, eu ainda não tinha tirado carteira de habilitação, embora soubesse dirigir e tivesse feito, algumas vezes, alguns serviços na van do hospital. A necessidade de encontrar um segundo emprego aumentava. Por sua vez, isso acabaria com qualquer tempo livre que eu tinha para um pouco de vida social.

Eu até que conseguia administrar o constante aperto financeiro em que vivia. Mas ter que parar de repente a minha até então bem-

sucedida carreira com relação ao sexo oposto foi um choque para o meu sistema. O que será que estava acontecendo? Em uma cidade como San Francisco, cheia de mulheres bonitas e solteiras, eu simplesmente não conseguia entender por que nada dava certo. Não que eu quisesse me apaixonar; o que eu queria mesmo – fazer sexo – não estava dando muito certo. Comecei a me encontrar com uma médica, uma das poucas afro-americanas que encontrei no hospital. Ela era sedutora de um jeito inteligente e ambicioso, mas era muito tensa em relação a sexo. Nunca houve aquela química entre nós.

Depois houve uma irmã de cor, na qual todos do hospital estavam interessados. Meiga e curvilínea, com longos cabelos que pareciam lã e belas feições da cor de caramelo, ela finalmente aceitou meu convite para ir ao cinema, e começamos a nos encontrar. Acho que se passou uma eternidade até que ela me convidasse para ir a sua casa, mas quando isso finalmente aconteceu, em uma virada cruel da sorte, eu estava tão cansado do serviço que me deitei na cama para descansar um pouco e imediatamente caí no sono.

Acordei com essa linda mulher zombando de mim, sacudindo-me pelos ombros e apontando-me a porta da rua. Desconsolado, arrastei-me de lá, desculpando-me o tempo todo. Quando saí pela porta, uma rajada de vento úmido me atingiu com desdém:

– Puxa! Como está frio aqui fora! – eu disse esperando que ela mudasse de ideia.

– Que pena! – ela respondeu. – Aqui dentro está tão quentinho! – e bateu a porta na minha cara. Era esse o triste estado de minha vida extracurricular naquele lindo e inesquecível dia de primavera, quando fui sozinho até a Union Square e o sujeito de meia-idade que carregava uma pasta começou a conversar comigo e disse que San Francisco era a Paris do Pacífico.

Como a tarde está chegando ao fim, não há nada de mais quando ele diz:

– Ei, vou até a esquina tomar um drinque. Quer ir comigo?

Mesmo que eu não seja de beber muito, penso: “*Por que não?”* Ainda estou aprendendo a conhecer a cidade e não sei onde encontrar as mulheres. Animo-me e vou com ele. O bar, uma espelunca chamada Suter’s Mill, não é o local onde se pode encontrar as mulheres. De fato, quando entramos – o interior escuro feito breu – e tento acertar o foco para enxergar melhor na escuridão, não vejo nenhuma mulher. Só vejo homens, e dois deles estão em um canto se beijando. É claro que estou em um bar gay.

– Sabe de uma coisa? – digo para o sujeito, como se olhasse para meu relógio pela primeira vez. – Entro de plantão muito cedo amanhã, e ... Bem... Prazer em conhecê-lo, mas preciso ir.

Antes de ele dizer qualquer coisa, já estou longe.

Essa não é a primeira vez que gays me abordam em San Francisco. Geralmente, não tenho problemas, explicando a eles que não trabalho “naquele lado da rua”. Na verdade, comparando com a situação na Marinha, considero-me extremamente tolerante. Todavia, com meu caso grave de *blues* do sem-mulher, não tenho a menor disposição para ser simpático.

Como percebo que é impossível ter um relacionamento aqui em San Francisco, vejo-me pegando o telefone, mais que de costume, para falar com minha namorada a distância, Sherry Dyson, de quem eu nunca me esqueci completamente desde aquela primeira vez que a vi com a camiseta na vitrine da loja de excedentes do exército. Nesse ínterim, ela voltou para a Virgínia com seu diploma de mestrado e estava trabalhando como especialista educacional em matemática. Além de nossos contatos telefônicos regulares, ela veio me visitar algumas vezes, embora nenhum de nós tenha tomado qualquer atitude que sugerisse que deveríamos levar nosso relacionamento mais a sério.

Uma noite, estamos conversando e, de repente, chego à conclusão que Sherry é a pessoa que mais me entende no mundo, e que não há ningém melhor que ela para me dizer: “Você é o máximo da merda, Chris”, quando me gabo e digo que sou o máximo. Não há ninguém, a não ser ela, que eu imagino participando da vida que estou construindo para mim. Em um

impulso romântico, inesperadamente, quase que falando comigo mesmo, mudo de assunto e pergunto a ela:

– Tudo bem. Então... Quando vamos nos casar?

Sem perder um segundo, Sherry diz:

– Bem... Que tal 18 de junho?

Chega de experimentação e exploração sexual. Sem ter muita certeza do que eu havia feito, eu disse adeus ao *blues* do sem-mulher e me preparei para entrar na instituição do casamento.

_____

Nos três anos seguintes, vivi o que se poderia chamar de conto de fada. O casamento, que aconteceu conforme o planejado – 18 de junho de 1977 –, foi perfeito como um cartão postal: lindo, saboroso e em um parque perto da casa dos pais de Sherry – um lugar que, em minha mente, tornou-se sinônimo de estabilidade e segurança.

Mamãe estava lá, resplandecente de orgulho. Ela e Sherry deram-se muito bem desde o primeiro momento. Meu amigo da Marinha, Leon Webb, que logo viria para San Francisco, veio de avião para ser meu padrinho e estava felicíssimo por mim. Ficamos todos impressionados com a casa dos Dyson, que lembrava aquelas casas de revista – decorada com muito requinte e um certo charme sulino: obras raras nas paredes, candelabros por todo o espaço de dois andares, comida em abundância e da mais alta categoria, e um bar estocado com vinho e bebidas alcoólicas importadas de diferentes partes do mundo.

O estilo de vida dos Dysons representava o lar ideal com que eu havia sonhado desde que vi *O Mágico de Oz*, quando era criança. Por algum tempo, eu havia até mesmo pensado em mudar para Kansas, quando crescesse, por causa daquela imagem de segurança e serenidade. Em Oz havia bruxas, loucos macacos voadores e a mesma sensação de insanidade iminente que havia em nossa família. Em Kansas, as pessoas eram normais e simpáticas, e não havia qualquer risco de não saber o que poderia

acontecer em seguida; se o telefone público ficava muito distante; se a polícia chegaria a tempo ou se sua mãe e seus irmãos não estariam mortos quando você voltasse para casa.

Parte da atração, sem dúvida, era meu anseio de pertencer ao mundo de onde Sherry tinha vindo – um mundo no qual ela havia crescido, muito amada como filha única, vivido com a mesma mãe e o mesmo pai, juntos, na mesma casa, com a certeza de estar bem-ancorada e sem o caos e a violência que tanto me afligiram em minha infância. Seus pais não pareciam se importar com o fato de eu ter vindo de um mundo diferente e foram muito gentis, recebendo-me em sua família. Certamente, como Sherry, eles viram que eu tinha potencial e estava trabalhando seriamente para me tornar um médico, muito embora tivesse ainda um longo caminho pela frente.

Mesmo assim, eu havia começado a ter dúvidas quanto a esse casamento desde o momento em que, espontaneamente, fiz a proposta a Sherry, o que atribuí ao nervosismo natural que antecede um casamento.

A primeira pessoa a quem contei em San Francisco foi o Dr. Ellis. Se eu estivesse procurando alguém a quem implorar para reconsiderar minha decisão, o Dr. Ellis não era essa pessoa. Sinceramente feliz por mim, ele emprestou-me cem dólares para eu comprar um terno para o casamento, e depois me assustou ainda mais sugerindo:

– Tire um dia de folga.

Para alguém obcecado com o trabalho como Bob Búfalo, aquilo foi inusitado.

Minha próxima parada foi uma região de joalherias na rua Market, onde, miraculosamente, encontrei uma aliança de diamantes por novecentos dólares, que comprei a crédito. Parecia antiga, com pequenos diamantes incrustados, formando uma flor e uma faixa de ouro branco. A caminho da Virginia, no avião, fiquei tão nervoso carregando um anel de diamante no bolso que a cada cinco minutos eu checava para ver se ele não havia sido

misteriosamente roubado. Foi a coisa mais linda que já comprei para alguém, e eu tinha certeza de que Sherry iria gostar.

Minhas apreensões acabaram no momento em que nos abraçamos, quando cheguei. Tínhamos uma ligação profunda, uma satisfação em estarmos juntos, uma grande afeição um pelo outro, e isso era tudo o que importava. Observar Sherry cuidar do casamento levou-me a admirá-la ainda mais. Ela havia planejado tudo, seu papai havia preenchido o cheque, e tudo o que eu tinha a fazer era dar as caras. Adorei a maneira como ela se portou, sua confiança, inteligência, humor e seu jeito vivaz que, em geral, atraía as pessoas. Ela era linda de uma maneira completa, e suas pernas eram incríveis. Eu adorava sua personalidade forte e o fato de que ela tinha opiniões claras sobre aquilo de que gostava e de que não gostava. Portanto, não fiquei aborrecido quando notei que ela não ficou muito entusiasmada com a aliança.

– Oh! É bonita – ela disse para me consolar. – Só que não é bem o estilo que eu tinha em mente. – Eu não tinha a menor ideia do que isso significava, mas queria dar a ela algo que lhe agradasse. Assim, combinamos de trocar a aliança, quando voltássemos para San Francisco. Pelo que entendi, poderia ter sido zircônio cúbico, nem precisava ser diamante. Essa foi outra coisa de que gostei a respeito de Sherry, ou seja, ela me ensinava sobre as coisas requintadas na vida. Presos nas celebrações, entramos em um grande redemoinho, e foi somente na manhã seguinte, depois de um *brunch* de despedida, que nós dois tivemos a chance de ficar sozinhos como recém-casados. Nenhum de nós falou muito, mas a realidade havia finalmente caído sobre nós. Provavelmente, estávamos, os dois, pensando se havíamos realmente feito a coisa certa.

Não obstante, com uma vida a dois à nossa frente, empacotamos todos os pertences de Sherry, colocamos tudo no seu Datsun B210 e pegamos estrada rumo a San Francisco. Embora minha sogra tivesse insistido para que eu tirasse minha carteira de habilitação enquanto estava em Richmond, Sherry dirigiu a maior parte do tempo. Apesar do calor do verão que pairou do começo ao fim da Interstate 80, da falta de ar-condicionado no Datsun e das

sonecas que tirei, tivemos assunto suficiente para mantermos uma conversa e fazermos planos, o que tornou a viagem menos cansativa.

Sherry já havia me visitado no Tenderloin antes e estava mais ou menos preparada para a atmosfera carregada que nos recepcionou, embora ela fosse inflexível quanto a mudarmos da rua Turk, 381 assim que possível. Não demorou muito e ela arranjou um emprego como reguladora de sinistros. Quase sem fôlego, abraçou-me e deu-me a notícia:

– Arranjei um emprego na Hayes. Adorei! É um prédio de três andares, piso de madeira, sacada e portas duplas envidraçadas!

Isso era bem estranho para mim, mas se fazia Sherry feliz, me fazia feliz também. Ainda no bairro, a área era conhecida como Hayes Valley e tinha um quê de comunidade negra animada, para não dizer que estávamos fora do ‘Loin. Assim, entramos em uma fase de viver no ninho, pois Sherry havia transformado nosso novo apartamento em um ambiente confortável e acolhedor. Com o orçamento de que dispúnhamos, ela o decorou muitíssimo bem – com plantas em vasos, tipo samambaia e capim gomoso, enfeitando as estantes e pendendo do teto; uma bonita cama de latão; uma cadeira de balanço de vime; um sofá bem moderno, panelas e travessas novas. Eu estava tão disposto quanto ela em transformar nossa moradia em um lar.

Na cozinha, Sherry era a fantasia transformada em realidade. Cara, como ela cozinhava bem! Comida sulina de tradição africana – inclusive o melhor frango frito do mundo – massa de todo tipo e modelo, e pratos refinados que poderiam competir com qualquer um daqueles preparados pelos grandes *chefs* de San Francisco. Ela também sempre inventava pratos novos:

– Lembra-se de como eles fizeram esse prato lá no restaurante vietnamita? – dizia. – Vou tentar fazer algo parecido. – E ela fazia até melhor.

Subimos um pouco mais na vida depois que Sherry recebeu-me à porta uma noite e anunciou:

– Espere até ver o lugar que encontrei na Baker. É um daqueles prédios vitorianos que andei pesquisando. Chris, você vai adorar! Tem cinco cômodos e muita luz do sol.

Apenas ri e entrei no plano dela, pensando não apenas no quanto ela gostava de recriar em San Francisco o lugar onde havia crescido na Virginia, mas também na sorte que eu tinha de ela estar me educando, elevando meu senso de cultura e estilo. Ela não estava apenas me mostrando o que era uma casa estilo vitoriano, algo de que eu não sabia nada, mas também abrindo meu mundo para um estilo de vida que incluía teatro, comédia e reuniões sociais com discussões intelectuais fascinantes. Preenchíamos minhas poucas noites de folga com passeios a clubes de comédias para ver gente como Richard Pryor ou para jantar com uma multidão de gente séria e criativa na casa do primo escritor de Sherry, Robert Alexander. Sempre que íamos lá, eu gravitava ao redor do mesmo grupo de três sujeitos, muito inteligentes, modernos e ativos na área de artes. Um deles era um irmão de cor, chamado Barry “Shabaka” Henley, e os outros dois eram dois grandes tipos, Danny Glover e Samuel L. Jackson. Mal sabia eu que esses três iriam um dia ser grandes atores do teatro e do cinema.

Porém, mesmo que nosso retrato de um casal feliz parecesse ser o que ambos desejávamos, no decurso de alguns anos comecei a me defrontar, lá no fundo, com uma sensação de que faltava alguma coisa. Se eu tivesse conseguido comunicar melhor meus sentimentos ou tido tempo para tentar solucionar o que não estava dando certo, teria sido tão melhor que tentar ignorar e fugir dos problemas, como eu fiz.

Alguns desses problemas tinham a ver com diferenças básicas: nossa origem e as coisas de que gostávamos e não gostávamos. Sherry gostava dos melhores restaurantes na região do Fisherman’s Wharf; eu gostava do agito da contracultura no Haight. Para mim, os melhores restaurantes eram previsíveis; para Sherry, o vale-tudo e a atmosfera *hippie* do Haight eram selvagens demais. Bastante conservadora, ela frequentava a Igreja Episcopal. Essa mentalidade era muito diferente daquela de onde eu tinha vindo – genuinamente Batista – e isso era tudo o que eu sabia. Os Episcopais lembravam-

me os Católicos na igreja, sempre fazendo ginástica na hora certinha – levantando-se, ajoelhando-se, levantando-se novamente, ajoelhando-se novamente, recitando linhas apropriadas em uníssono, quietos, dignos e submissos. Querer expressar sentimentos não parecia ser muito estimulado.

As lágrimas eram enxugadas com lenços ou eram simplesmente contidas. Não era assim na Igreja Batista, em que havia competição de grito. Sem comparação. Na Igreja Batista, onde tia TT me levava juntamente com minha irmã mais velha, as pessoas cantavam, dançavam, soluçavam alto, falavam em línguas diferentes, mantinham diálogos com o pregador e com Deus ao mesmo tempo, e recebiam o Espírito das maneiras mais dramáticas. Mulheres abriam os braços, gritavam e desmaiavam! Homens pulavam e gritavam! Todo domingo alguém era levado para fora. Quando criança, eu não sabia intelectualmente o que estava ocorrendo, mas era emocionante e real. Cara, e como era quente lá dentro! As igrejas episcopais eram fresquinhas; mal se via uma gota de suor. Na igreja em que eu ia quando criança, você ficava dopado com o calor. Aqueles ventiladores que todo mundo tem não refrescavam absolutamente nada.

Era óbvio que eu gostava de ir à igreja com Sherry, sabendo que isso me ensinaria coisas novas. Mas faltava uma certa intensidade, uma certa impetuosidade. Bem lá no fundo, eu estava, pouco a pouco, chegando à verdade de que eu não queria viver uma vida emoldurada – fosse isso ter que viver o papel do doutor pelo qual eu estava lutando, fosse em meu casamento – e Sherry deveria estar pensando de forma semelhante, sobretudo quando começou a aterrissar em nossa casa uma série de hóspedes.

Quando meu melhor amigo, Leon Webb, chegou para trabalhar na área de radiologia, que ele havia começado na Marinha, não houve problema, muito embora ele tivesse ficado três ou quatro meses. Sherry e Leon deram-se muito bem; mas quando Garvin, meu amigo de infância, veio para ficar por alguns dias, ela e ele não se entrosaram de jeito nenhum. Afinal de contas, essa era a casa dela e, portanto, eu tinha a obrigação de estimulá-lo a encontrar, e rapidamente, outro lugar para ficar, e isso, infelizmente, prejudicou

nossa amizade. É claro que se as coisas tivessem dado certo com Sherry em outros aspectos, isso não teria causado nenhuma intriga.

O verdadeiro problema que demorou muito para eu admitir tinha a ver com o que estava ou não estava acontecendo na cama. Nós nos amávamos muito, profundamente. Éramos presidentes do fã clube um do outro, torcendo pelo outro mais que qualquer outra pessoa. Mas nossa vida sexual era apenas boa, previsível e tranquila. Não era escaldante. Eu queria compensar o fato de não viajar ao redor do mundo e encontrar todas aquelas mulheres exóticas. Eu havia tido uma ou duas amostras de versões de "proibido para menores" e queria mais. O que mais eu poderia dizer? Mas, em vez de dizer alguma coisa ou começar a fazer o que eu queria, tornei-me arredio.

É possível que isso tenha acontecido desde o início. Afinal, tínhamos construído nossa relação romântica através dos fios telefônicos e das cartas, sempre com aquela trilha sonora de *Houve uma Vez um Verão* tocando ao fundo. Até então, havia sido um grande tesão ser o rapaz mais jovem com uma mulher mais velha, mais mundana e com educação universitária. Agora eu esperava que ela pusesse mais tempero. Mas ela não sabia disso, e eu não sabia como chacoalhar a rotina.

Ironicamente, o lar seguro e estável que eu tinha desejado desde minha infância acabou ficando estruturado, organizado e rígido demais. Mais tarde, consegui ver melhor e entender que eu havia ido de uma instituição, a Marinha, para outra, o casamento, praticamente sem um intervalo entre ambos. Nessa época, não parei para pensar sobre isso desse ângulo, exceto para entender talvez que eu tinha aprendido a lição clássica: *Cuidado com aquilo que você deseja, porque você pode consegui-lo!*

É claro que eu tinha alguns conflitos íntimos muito sérios sobre o que realmente era a vida perfeita para mim. Essas dúvidas foram deixadas de lado quando Sherry ficou grávida, algo que foi estimulante, diferente e, ao mesmo tempo, apavorante. Em vez de questionar meu casamento, pus as dúvidas no fundo do baú e, de repente, comecei a questionar, pela primeira vez, quão casado eu

estava com a ideia de me tornar médico. Embora eu estivesse, agora, ganhando 16 mil dólares por ano, isso não daria para sustentar uma família e pagar a faculdade. Saí e arranjei um segundo emprego.

Antes de completar o primeiro trimestre de gravidez, Sherry teve um aborto, o que foi uma frustração para nós, apesar de não deixarmos isso nos abalar. Agora que eu havia enfrentado a necessidade de ter mais dinheiro, mantive meu segundo emprego, trabalhando como segurança de um navio velho que rangia e não era utilizado. Portando apenas uma lanterna, assumi meu posto em uma cadeira, apavorado pelos sons de filme de horror, mas cansado demais para ficar acordado. Voltei à consciência quando senti um cutucão; alguma coisa se esfregava contra minha perna. Pensei logo naqueles gatos de meus pesadelos com a casa da bruxa lá de Milwaukee, mas não era nada disso. Quando senti aquela coisa me cutucando, olhei para baixo e vi um rato do tamanho de um gato grande, com as mandíbulas abertas, preparando-se para me mascar. Entretanto, Deus é testemunha, em meu tempo na Marinha jamais estive em um barco e não tinha a menor ideia de que havia ratos em navios, e nunca pensei que ratos podiam ser tão desgraçadamente grandes. Gritando feito uma garota escandalosa, dei um pulo de minha cadeira. O rato gritou também e correu, e eu também corri, cada um para um lado. Essa breve experiência como segurança foi suficiente para mim.

A partir de então, consegui alguns empregos aqui, ali e acolá em minhas horas de folga, fazendo coisas do tipo pintar casas nos finais de semana e trabalhar com companhias de mudanças.

Embora não dissesse nada, Sherry deve ter notado que eu ficava menos tempo em casa, não apenas por causa dos empregos extra, mas porque esperava, com isso, quebrar a rotina. Algumas noites, eu ia sozinho ouvir música na rua Haight; outras vezes, saía com algumas figuras que havia conhecido no bairro para assistir a partidas de futebol americano, fumar erva e matar o tempo. Sherry não gostava muito desses caras, principalmente de alguns deles que não eram honestos e visavam apenas lucro. Em um de meus atos velados de rebelião contra essa coisa tão estruturadinha, para

falar a verdade, cheguei a tentar fazer uma grana extra com alguns bicos meio escusos. Além de ser um fracasso retumbante, praticamente me vi morto quando alguns gângsteres poderosos chegaram apontando o revólver e querendo receber dinheiro que eu não tinha. De alguma forma, consegui a grana rapidinho. Não era mais que trezentos dólares, mas para um garoto de gueto como eu, doeu bastante. Quando alguns desses amigos propuseram, em seguida, que eu me juntasse a eles para um golpe em uma empresa de seguros, agradeci educadamente.

Minha curta vida no mundo do crime teve o fugaz efeito de me fazer sentir agradecido pelo que eu tinha em casa e no trabalho. Também me ensinou o princípio maior de que não existe essa coisa de dinheiro fácil. Bater bigorna – esse era o caminho. Mesmo assim, era frustrante, depois de cinco anos, não haver conseguido comprar um carro. O Datsun B210 de Sherry, que compartilhávamos, ainda era nosso único meio de transporte, embora, felizmente, pudéssemos tirar proveito do excelente sistema de transporte público de San Francisco. Havia também as caronas que eu tinha pela manhã com minha amiga e colega de serviço, Latrell Hammond.

– Chris, me ouça – ela começava toda manhã quando eu pulava no seu Ford Falcon 1961 verde-limão, já muito usado e abusado. Toda manhã ela vinha com algum conselho novo e era sempre um conselho bom. Uma força da natureza, Latrell tinha talento para tagarelice e era uma das mulheres mais escandalosas e que falavam mais rápido que conheci; conseguia vender qualquer coisa – inclusive os próprios sapatos que você estava usando na ocasião.

Latrell e eu éramos amigos estritamente platônicos. Ela e Sherry eram amigas íntimas e, portanto, ela tinha o maior interesse em que meu casamento desse certo. Havia ocasiões, entretanto, em que eu me perguntava se ela estava mesmo interessada em minha sobrevivência, dada a maneira como ela dirigia. Latrell era um abuso na direção de um carro, mas por causa de seu talento em lidar com as palavras, não importava quão atrasados chegávamos ao trabalho – e ela chegava cronicamente atrasada –, ela sempre dava um jeito de contornar a situação. Do minuto em que eu pulava

no carro e, enquanto tentava seguir sua última linha de pensamento, escorregávamos para a frente nos assentos sem cinto de segurança, Latrell matracava, aplicava maquiagem, bebia café, fumava e acelerava quando o farol ficava verde – tudo ao mesmo tempo.

Ela agia como se não percebesse que eu estava rezando em voz alta:

– Oh, meu Deus, não me deixe morrer nesse Ford Falcon verde-limão.

Se todos os faróis estivessem no verde, poderíamos chegar ao serviço em 15 ou 16 minutos – o que ainda não é bom se você já está atrasado. Mas se um farol vermelho nos pegava, estávamos em situação periclitante. Por incrível que pareça, enquanto eu não me preocupava em inventar desculpas para uma sala cheia de residentes esperando por mim, Latrell tinha, para seu departamento, uma nova e empolgante desculpa todo dia, as quais seus superiores nunca questionavam.

Sherry era um verdadeiro contraste. Pelo que sei, houve apenas uma manhã em que ela saiu sem deixar a casa organizada e sob controle. Isso revelou-se mais à noite, quando ela voltou do serviço e confessou que algo estava errado. Era essa a conversa que eu esperava e temia ao mesmo tempo?

– O que é que há de errado? – perguntei.

– Acho que há algo de errado com meus tornozelos.

– Seus tornozelos?

– Andei de uma maneira esquisita durante todo o dia – ela explicou. – Não sei dizer o que é.

Sendo o tipo curioso que eu era, sugeri:

– Deixe-me dar uma olhada.

No começo, nada notei. Depois percebi, estalando o tornozelo dela, que ela havia se tornado vítima da moda, do que eu chamava de seu jardim dos sapatos. Como tinha uma coleção, ela mantinha

os sapatos organizados em uma cesta em nosso quarto. Porém, de alguma forma, e na pressa para sair para chegar ao trabalho em tempo, ela pegou pés de sapatos diferentes.

Ela riu comigo quando percebeu o que havia feito. Isso não era típico dela. Mas era um bom indicador do quão regular e confiante sua rotina normalmente era.

Um pouco depois daquele incidente, reagi a uma indicação de Richard Pryor, que me mostrou o quanto eu estava morrendo de vontade de mudar nossa rotina sexual. Pryor falava sobre alguns dos efeitos malucos das drogas. Até então, eu só havia tentado uma vez e não tinha sentido toda aquela sensação delirante. Pryor falava sobre como isso afetava sua energia sexual e contava como ficava ligadão e inventava coisas bem malucas para fazer, dizendo à sua garota: “Agora, baby, quero que você vá até o teto. Vou correr ao redor da casa três vezes, e na terceira vez, quero que você comece pelo meu rosto”.

Sherry não achou graça nenhuma. Nem eu. Em vez disso, pensei comigo: *“Ah! É... Isso seria legal”.*

É por aí que minha mente movia-se furtivamente. Assim, quando encontro esse tipo de mulher bonita, meio rechonchuda, mas bem moderna, que tem uma casinha aconchegante e que me diz: “Quero fazer uma chupetinha com você”, eu não recuso. E quando digo sim, esse tipo de mulher bonita acaba sendo uma sumidade em felação, e eu começo a me complicar todo. Já é estupidez demais sair de casa para que alguém chupe minha pica, mas é pior ainda convidar essa mulher para vir onde moro, quando tenho uma tarde livre e Sherry está trabalhando.

Enquanto estou fazendo a coisa, sinto-me muito bem, mas no momento em que gozo, minha sanidade retorna e percebo que esse é um dos maiores erros que já cometi na vida. Não apenas porque é errado de qualquer maneira, mas porque nas últimas vezes em que nos encontramos, percebi que essa mulher é completamente pirada. Na próxima vez que a encontro em sua casa, digo a ela que, embora esteja sendo ótimo, não devemos nos encontrar mais.

– O que você está querendo me dizer? – pergunta ela com fúria no olhar.

– Bom... Não quero mais me encontrar com você.

– Você está terminando comigo?

Percebo que ela não está entendendo e tento lembrá-la que, em primeiro lugar, não estamos juntos desse jeito para ser um casal:

– Veja bem – digo. – Você é a melhor e não vou me esquecer desse tempo em que estivemos juntos, mas nada mais deve acontecer entre nós. Sejamos apenas amigos.

Então, ou ela não fica satisfeita com a maneira como terminei ou ela é realmente louca de pedra, porque alguns dias depois, acordo pela manhã e vejo o carro de Sherry, o Datsun B210, brutalmente vandalizado. Uma lata de tinta branca havia sido jogada do teto, derramando faixas de tinta pelas janelas e limpadores do parabrisa. Os pneus estão cortados, tem açúcar no tanque de gasolina, e, bem visível na tinta, há uma mensagem escrita com os dedos: FODA-SE!

Sei quem fez isso, mas não posso prová-lo. Não posso deixar Sherry saber. De pé lá, louco da vida comigo mesmo, mais que com qualquer outra coisa, decido que vou ter que inventar uma bela mentira e dizer que não tenho a menor ideia de quem possa ter feito algo tão violento. Uma atitude aleatória, sem dúvida.

Um vizinho aproxima-se como se quisesse bater papo:

– Ei, cara – ele diz. – Quero falar com você um minutinho.

Como não quero conversa fiada, viro-me e lhe digo:

– Tudo bem, fale comigo mais tarde.

Dando de ombros, ele insiste:

– Eu só queria te contar quem fez isso no seu carro.

– Ah, é? – O que mais eu diria?

– Foi aquela putinha gorda de cabelos curtos – ele diz reprimindo a risada. – Ok?

Bem, sei quem fez isso, a rua toda sabe, mas, graças a Deus, Sherry não sabe, e a companhia de seguro concorda em cobrir tudo, e só depois é que perguntam:

– Senhor Gardner, o que aconteceu?.

– Eu não sei – digo com minha voz mais indignada. – Saí para a rua e encontrei aquilo. Devo ter deixado alguém com muita raiva, mas não sei quem. Talvez tenha sido um engano. Simplesmente não faço a menor ideia. – A pessoa da companhia de seguros mostra que uma mensagem desse tipo é geralmente pessoal, não um ato aleatório ou um engano, mas para por aí.

Nos dias que se seguiram, ficou óbvio pelos cochichos e olhares que a história havia se espalhado rapidamente. O incidente foi logo esquecido, mas para mim sobrou uma lembrança bem desagradável. Sherry nunca insinuou que sabia de qualquer coisa sobre aquilo, mas dava a nítida impressão de que se aproveitava da minha insatisfação para me perguntar com mais frequência do que nunca onde eu estava indo e por onde eu havia andado até tarde na noite anterior.

Quando finalmente tivemos uma conversa, no final de 1979, perto de eu completar 26 anos, foi para confrontar uma mudança de planos profissionais. Eu havia decidido que não estudaria mais medicina.

Perplexa, Sherry procurava por palavras:

– Por quê? Quero dizer... – e apenas olhava para mim. – Não era isso que você queria tanto?

Ela sabia que o desafio havia chegado ao fim. Já havíamos conversado sobre isso antes. Eu ainda era o paramédico brilhante. Seriam mais dez anos de formação antes que eu pudesse fazer oficialmente o que já fazia. Mas não era somente isso, como expliquei a ela. Meu mentor, Dr. Ellis, havia mostrado suas preocupações a meu respeito, abrindo-me os olhos para algumas tendências que deveriam alterar radicalmente a área dos serviços de saúde. Trocando em miúdos, ele havia dito*:* “Chris, você precisa

rever sua intenção de se tornar médico, porque haverá mudanças radicais na profissão".

O que estava começando a surgir eram versões de medicina socializada ou nacionalizada, precursoras do que passou a ser conhecido como convênios de saúde. Conforme Dr. Ellis corretamente previu, isso significava que um cirurgião de primeira linha, que poderia ganhar vários milhares de dólares por cirurgia na época, receberia apenas poucas centenas pelos mesmos serviços nas décadas que viriam. Os novos planos de seguro cobririam não apenas menos, mas também enfatizariam procedimentos não invasivos e criariam burocracias que estabeleceriam o pagamento de taxas. Bob Ellis deixou claro, entretanto, que acreditava em mim, que eu tinha talento e energia para ser bem-sucedido e, o mais importante, que eu tinha uma contribuição a dar à sociedade.

Com exceção daquela vez, quando mamãe disse-me que eu não poderia ser Miles Davis, ninguém mais havia colocado a mão em meu ombro para me orientar nesta ou naquela direção. Eu tinha que ouvir. Expliquei isso a Sherry, dizendo-lhe que havia muitas outras opções para mim na área médica, talvez na administração, em vendas, na área farmacêutica, ou na área de seguros. Eu analisaria essas opções assim que pudesse.

Tive até uma sensação de alívio. Eu não precisava mais desempenhar o papel do futuro médico. Mas, para Sherry, não houve alívio algum. Aquele futuro havia sido parte do pacote com o qual ela se havia se casado. Chris Gardner, curso superior, estudante de medicina, médico. Ela tinha toda a razão de estar decepcionada, embora apoiasse qualquer decisão que eu tomasse.

Depois de já tê-la enganado, prometi a mim mesmo que jamais repetiria o erro. Mesmo assim, estávamos começando a nos distanciar um do outro, e nossas diferenças revelavam-se de formas muito claras.

Tudo despenca sobre mim em um sábado, depois que vamos ao Fisherman's Wharf para um passeio e algumas compras. Não consigo ignorar a linda mulher que passa por nós. Não quero flertar, mas meu pênis se levanta, duro feito pedra, para saudá-la. Todo

mundo em Fisherman's Wharf percebe claramente que caminho com um pedaço de pau bem saliente entre as pernas.

Um irmão passa e comenta:

– Ainda firme e forte, hein?

O que posso fazer? Meio constrangido, mas não muito, dou uma olhada rápida para Sherry e fico chocado ao ver que ela está lívida.

– Isso é nojento – ela diz louca da vida.

Há uma parte de mim que quer ficar louca da vida também e dizer a ela que isso não é nojento, que é normal. Há outra parte que sente muito não ter usado o tempo para ficar solteiro e curtir a vida um pouco mais.

É engraçado como a vida pode mudar tão drasticamente apenas com um pequeno incidente, como um pênis ereto ou um comentário leviano. Naquele momento, armou-se o palco para o final de meu casamento. Eu amaria Sherry até a morte. O que ela havia me dado era muito mais que uma vida emoldurada que eu buscava, talvez mais que qualquer outra mulher, exceto mamãe, havia me dado. Sherry deu-me o dom de acreditar em mim, empurrando-me para aumentar a altura da barra de exercício. Ela me enviava – quando eu me esquecia – a mensagem de que eu merecia ser bem-sucedido. Se ela estava pronta para admiti-lo ou não, bem antes de nos casarmos, não sei, mas ela também, com certeza, sentia alguma ambivalência quanto aos nossos planos a longo prazo, embora seu amor tivesse sido sempre incondicional. Nos anos seguintes, ela se tornaria a melhor amiga do mundo, mesmo que, a curto prazo, sofresse terrivelmente por algo de que eu havia sido o único culpado.

O momento decisivo que muda tudo em nosso casamento e em nossa vida chega pouco depois daquele dia no cais, quando vamos a uma festa e meu futuro, na forma de uma exótica deusa negra chamada Jackie, apanha-me observando-a; e ela também me observa. Ela mede cerca de um e setenta e cinco, é escultural, tem peitos volumosos, e está usando um vestido bruxuleante, como se tivesse sido despejada dentro dele e gotejasse energia sexual. E

sem a menor hesitação ou premeditação, chego até ela, ofereço-lhe meu maior sorriso e agarro seu bumbum. Meu tipo favorito de bumbum: parece uma bola de basquete. Minha mão fica lá por bastante tempo. Ela não reage e não se esquiva. Apenas levanta as sobrancelhas e sorri. Como se dissesse: “Por que você demorou tanto para me encontrar?”

Mergulhei de cabeça quando uma porta se abriu para um mundo que prometia prazeres da carne tão deliciosos que eu nem conseguia começar a imaginar; um mundo que estava também destinado a se tornar um pesadelo medonho – isso para deixar a coisa um pouco mais leve.

CAPÍTULO 8

Revés
(uma introdução)

Pela segunda vez em minha vida de adulto, preparei-me para a lição de tomar cuidado com o que você deseja. Nos trinta dias seguintes, tudo o que eu era e tudo o que eu esperava me tornar voou pela janela. Eu mal me lembrava de meu nome. Depois de passar 26 anos lutando contra a necessidade de controlar o sentimento de incapacidade, de ter uma visão mais clara das coisas, joguei fora, com muita disposição, qualquer controle que havia sobrado de meus sentidos e dei um salto do trampolim, mergulhando em quaisquer profundezas que existissem. Em algum lugar lá no fundo de minha mente, lembrei-me de *A Ilíada* e de *A Odisseia,* graças ao meu interesse em mitologia, que me estimulou a ler desde criança. E até mesmo quando me lembrei da história de Ulisses – que tentou resistir ao chamado das Sereias, aquelas ninfas marinhas, cujo canto irresistível destruía as mentes dos marinheiros e os fazia, junto com seus navios, colidir com as praias rochosas do mar Egeu –, os sinais de advertência foram direto para minha cabeça.

Alguns dias depois de encontrar Jackie – que morava bem perto de mim e Sherry, cinco quarteirões adiante –, o navio em que eu navegava sofreu um naufrágio, e eu embarquei em outro, com destino desconhecido. Esse foi o começo do fim de tudo que havia

acontecido antes e o começo de tudo o que aconteceria a partir de então.

No apartamento de Jackie, na sua cama Murphy com cabeceira de bronze, no chão, na cozinha, na parede, debaixo do chuveiro, e algumas vezes em todos esses lugares em uma mesma noite, fizemos amor como se o amanhã não fosse existir. Por trinta dias sem parar, antes ou depois do serviço, durante horas, à noite ou bem de manhãzinha, o dia inteiro, quando eu faltava ao serviço, quando tentava manter a aparência de normalidade ao cruzar com Sherry no caminho ou quando tentava recuperar o foco no laboratório, minha vida tornou-se uma escuridão. Uma bruma hipnótica induzida pelo sexo. Em meu estado de excitação febril, eu continuava a pensar que preencheria a minha cota, que desceria dessas alturas, mas Jackie continuava a levantar as barras, levando-me para mais longe, para fora dos limites. Quando seus parentes vinham fazer uma visita e ficavam em seu apartamento, ela me convidava para subir ao telhado – onde abria o casaco e mostrava que só estava usando seus sapatos de salto alto, suas meias rendadas e uma cinta-liga. Hipnotizado, eu mal podia esperar para ver o que viria a seguir. Tudo o que parecia faltar antes explodia em realidade agora, como *O Mágico de Oz* quando o filme passa de branco e preto para Technicolor. Fazer sexo com ela era tão diferente, tão incrível, que eu dizia a mim mesmo: *Chris, você não está mais em Kansas!*

Vivíamos a década de 1980, e a droga do momento, subitamente tão americana quanto a Coca-Cola, era sua prima ilícita, a cocaína. Quando a experimentei pela primeira vez, não fiquei muito impressionado. Mas eu a experimentei outra vez, um pouco antes de transar com Jackie, e quando ela começou a me tocar com a língua, a boca, os lábios, as mãos e os dedos de um jeito que poderia lhe dar o Prêmio Pulitzer de poesia, eu passei a entender a obsessão pela cocaína. Está aí um exemplo do que é quente, intenso, selvagem. Está aí um exemplo do que é ficar ligado e depois ser desligado. Jackie acabou comigo. Ela me pegou e me virou do avesso.

Razão e racionalidade, minhas velhas amigas, tinham se separado em algum momento daqueles trinta dias. Minha bússola moral, como dizem, também pifou. Quando começamos a voltar à terra depois daquele mês enlouquecedor, Jackie começou a me pressionar sobre minhas intenções a longo prazo. Provavelmente, eu esperava que nossa aventura fosse seguir seu curso, porque, honestamente, eu não queria me divorciar. Entretanto, ficou claro para mim que romper com Jackie não era absolutamente parte de meus planos.

Uma vez, ela convenceu-me a voltar para o leste para ver alguns parentes seus. Passamos um período agradável encontrando todo mundo e vendo um pouco de Nova York – que se agigantava em minha mente como a Cidade das Esmeraldas de Oz: mágica e perigosa; era como se você precisasse de um passaporte especial para ter permissão para entrar –, mas o fato de termos ficado com pessoas da família abrandou, e muito, nossa odisseia sexual. Depois de fazer amor a qualquer hora e em qualquer lugar por trinta dias e trinta noites, não tínhamos nenhuma privacidade para fazer o que fosse, e eu estava sofrendo com isso. Quando, finalmente, fomos para o aeroporto JFK para voar de volta para a Califórnia, comecei a contar os minutos até chergarmos ao apartamento dela.

Mas não era bem isso que passava pela cabeça de Jackie. Ela não queria esperar. No próprio Aeroporto Kennedy, quando estávamos caminhando por um corredor perto da esteira de bagagem sem ninguém por perto, ela arqueou as sobrancelhas, lançou-me um olhar – que agora conheço bem – , puxou-me para junto dela e, conforme se inclinou contra uma coluna, levantou o vestido, escorregou a mão por dentro da calcinha e começou a brincar consigo mesma, exigindo de mim, em voz baixa, mas insistente:

– Quero transar aqui, agora!

Isso era em parte o que me dava tanto tesão e também me apavorava – que, sexualmente, era ela quem era agressiva. Eu procurava estar à altura, mas era ela quem quase sempre tomava a

iniciativa, determinando quando e onde faríamos amor. Eu já tinha ouvido falar do clube dos que transavam dentro do avião, e tinha até pensado em usar o toalete, mas um corredor de bagagem vazio no JFK nunca teria passado pela minha cabeça. Certificando-me de que não havia ninguém por perto, e já que tínhamos algum tempo antes do voo, fui em frente.

Em meio aos “Oh! Isso mesmo, baby”, aos “Vamos! Agora!” e aos sempre crescentes gritinhos de prazer, é claro que eu estava constrangido e apavorado, mas quanto mais ela se retorcia, mais eu me entregava às minhas arremetidas e fremia de excitação. Com ela encostada na coluna, e eu de pé, trabalhando, esqueci-me de onde estava. Ela, então, aumentou mais um grau, envolvendo minha cintura com as pernas, até que ambos nos perdemos. Arqueando, gemendo, transpirando. Estava tudo muito mais que bom. Muito além da fantasia mais extravagante.

Arfando e respirando, quando tudo estava prontinho, do canto do olho vi, horrorizado, um funcionário do setor de bagagem que havia saído do seu escritório para se certificar de que estava mesmo assistindo a um show. Porém, em vez de ser plateia de um só, ele deu uma meia-volta, de uma maneira que me dizia que convidaria uma multidão para ver e talvez até vender ingresso.

Jackie estava com os olhos fechados e eu não podia parar agora que estava tão perto do orgasmo, muito embora tenha visto um pelotão de quatro outros operadores de bagagem, embasbacados, rindo de nós. Nada poderia ter sido pior, mas foi, quando um deles apertou o botão e a esteira começou a se mover e o cinto de bagagem aumentou a rotação, e outro decidiu me alegrar, gritando:

– Vá em frente, irmão! Acabe logo com isso!

Isso não foi tudo. Agora chegaram as malas. E agora chegaram as pessoas! Está aí um belo exemplo de *coitus interruptus!* Dirigindo-me nada mais que um sorriso matreiro, Jackie cobriu-se rapidamente, já tendo tido alguma satisfação. Eu também me recompus tão rapidamente quanto pude, mais enraivecido que constrangido, mas ainda fazendo tudo o que podia para evitar os

rostos chocados dos passageiros que, com certeza, viram tudo muito bem. A partir desse dia, passei a não gostar de operadores de bagagem.

Uma prova final estava por vir. Em um mundo perfeito, minha sede de conhecer o lado selvagem teria seguido seu curso. Mas a realidade era que o mundo não era tão perfeito, o que eu estava começando a entender de uma forma muito clara. Não se pode querer duas coisas ao mesmo tempo. Infelizmente, eu havia, no fim, forçado a barra, o que acrescentou outra camada de arrependimento à pesada culpa que senti no final da primavera de 1980, quando disse a Sherry que estava indo embora. O que eu fiz e disse, como o fiz e o disse, deixaram-na arrasada; vai doer em mim pelo resto da vida a maneira como pus a perder o que seria um dos mais importantes relacionamentos de minha vida. Sherry logo se mudou para Oakland, e embora tivéssemos pouco contato, levou nove anos para nos divorciarmos legalmente – em parte porque foi tudo muito doloroso e em parte por causa do outro drama que estava acontecendo.

Mesmo se Jackie não tivesse ficado grávida no período de 19 dias de nosso relacionamento – um fator determinante que me levou a ir viver com ela, porque, como pensei, lá estava a minha responsabilidade –, eu provavelmente teria tomado a mesma decisão. Tinha a ver com sexo. Eu havia perdido o tesão e não havia retorno.

———

TLT – Treinamento no Local de Trabalho – era meu lema enquanto me preparava para a paternidade. A chegada de Christopher Jarrett Medina Gardner Jr., em 28 de janeiro de 1981, no Hospital Geral de San Francisco, mudou cada foco, cada prioridade de minha existência. Ele tinha que ser a criança mais bonita, mais brilhante, mais ágil, mais intuitiva, mais musical, mais sentimental e mais atlética da ala infantil do hospital. Sem dúvida alguma, desde o primeiro dia, ele trazia dentro de si sabedoria e grandeza. Quando eu o carreguei em meus braços pela primeira

vez, tive uma estranha sensação de familiaridade, como se já nos conhecêssemos de uma vida anterior. Sem me expressar em palavras, jurei por tudo e por todos que eu mais amava neste mundo, reafirmando minha promessa eterna, que eu sempre cuidaria dele e que nunca ficaria ausente de sua vida.

Chris Jr. abriu os olhos e me encarou, como se entendesse tudo e me dissesse: *Tudo bem, papai, conto com você*. Em seguida, examinou-me de uma maneira que nunca imaginei que bebês fossem capazes de fazer, como se estivesse me vendo quando eu era um garotinho que não sabia quem era meu pai ou onde estava minha mãe. Claro que era tudo era minha imaginação, mas ele parecia estar dizendo: *E você pode contar comigo também.* Meu filho fez de mim uma pessoa melhor, trazendo propósito e significado à minha vida em um nível que eu não conhecia e que só iria avaliar melhor mais tarde.

Nos meses que se seguiram ao nascimento de Chris, consegui algum TLT com Jackie, que revelou até aqui aspectos desconhecidos de sua personalidade. Quando nos encontramos, ela estava concluindo odontologia na Universidade da Califórnia. Com o diploma, ela esperava poder tirar uma folga, esfriar a cabeça um pouco e depois retardar a volta ao trabalho, para poder estudar e obter a licença para exercer a profissão. Agora que a fumaça parecia ter se dissipado, depois de nossos fogos de artifício iniciais, era fácil perceber que ela tinha um plano de vida definido, mostrando um desejo bastante ambicioso de subir na vida. No início, ela não me pressionava tanto, insinuando que já era tempo de eu cortar o cordão umbilical com o Hospital dos Veteranos, algo que fui protelando no período em que minha vida pessoal estava muito turbulenta. Como já estávamos circulando com um grupo de jovens profissionais negros batalhando para subir na vida – cada um deles um tipo de médico, advogado ou chefe índio – o fato de que eu já estava na área médica pegava bem junto a Jackie. Ainda assim, muito embora ela admitisse que eu estava fazendo um trabalho de pesquisa importante com o Dr. Ellis, ela não deixava de comentar que o salário não se comparava com o que seus amigos e respectivos cônjuges recebiam.

Tais comentários não me incomodavam, porque eu já sabia que não ganhava o suficiente para sustentar uma família. Publicar em várias revistas médicas de prestígio pode ter sido um acerto, mas isso não me tirava do aperto, para tomar emprestada uma frase do grande Berry Gordy – um de meus heróis e um dos muito poucos empresários negros de quem ouvi falar que escreveu em uma canção: “Dinheiro: é isso que eu quero”. Não era a conversa a respeito do dinheiro que me incomodava, e sim a pergunta que Jackie começou a fazer com regularidade crescente a partir da metade de sua gravidez, um comentário que pareceu surgir do nada, quando ela o fez pela primeira vez, uma noite, enquanto jantávamos.

– Sabe, Chris – Jackie começou, e percebi pelo seu tom de voz que eu não iria gostar de ouvir o que ela tinha a dizer. Ela continuou. – Tenho que fazer uma pergunta a você: como você vai ser pai se nunca teve um? Como você sabe o que é ser pai?

Sem dizer uma palavra, sentei-me e, com o coração acelerado, olhei fixamente para ela. Como ela podia me perguntar uma coisa dessas? Desde o começo, havia uma coisa que ela sabia a meu respeito: que eu tinha um enorme conflito interior por não ter um pai. Ela sabia que eu faria qualquer coisa que pudesse para ser o pai que nunca tive. Senti-me derrotado.

– E aí? – perguntou ela. Eu sabia que ela estava tentando me pressionar, mas não sabia muito bem por quê. Será que era um teste para se certificar de que eu não a abandonaria? Se era isso, era crueldade, porque ela sabia pela minha história que eu jamais abandonaria um filho. Jamais.

Mudamos de assunto e a tensão passou. Quando ela trouxe a questão à baila novamente, usando exatamente as mesmas palavras: “Como você vai ser pai se nunca teve um? Como você sabe o que é ser pai?”, entendi que era outra forma de me pressionar. Obviamente, quando se tratava de pressão sexual, eu era um participante bem disposto. Mas essa linha de questionamento deixava-me ressentido, mesmo que em sua defesa ela estivesse expressando suas preocupações com o futuro.

Na terceira ou quarta vez que ela voltou ao assunto, retruquei vociferando:

– Você não acha que agora está um pouco tarde para me pedir para preencher um formulário candidatando-me a pai?

– O que você quer dizer com isso?

– Talvez você devesse ter pedido meu currículo antes de ficar grávida. Porque você sabia que eu não tinha um pai para mim!

Jackie ficou calada e indiferente.

Apesar dessa dinâmica turbulenta, ela conseguiu me fazer pensar a respeito do que realmente significava ser pai – uma parte teórica da equação que se resolveu no momento em que Christopher nasceu. Agora que tínhamos um filho, a realidade era que formávamos uma família e eu tinha que aprender o que significava ser um bom pai. TLT – em termos práticos, imediatos. Era matar ou morrer. Se não pudesse cuidar de sua subsistência, eu estaria traindo tudo o que havia prometido a mim mesmo desde minha memória mais distante.

Um grande problema logístico era espaço, pois nosso estúdio de quarto único foi logo tomado por um berço de vime extragrande, uma bancada para troca de fralda e todos os outros artigos para cuidados de recém-nascidos, que eu jamais soube que existiam. O problema seguinte a resolver foi encontrar um berçário onde deixar Christopher, enquanto Jackie estivesse na faculdade e eu no trabalho. O processo abriu muito meus olhos para a complexa disparidade da hierarquia social no sistema de assistência à criança – começando bem do topo, com as babás de período integral que moravam no local de trabalho, depois com as *au pairs* de meio período, as babás que não moravam no local de trabalho e as que davam plantão (com grande variação de preços por hora e vários níveis de qualificação); passando pelas creches-escola infantis particulares, muito caras, com listas de espera, pelos mais baratos, porém credenciados, programas de assistência infantil mantidos pela prefeitura, finalizando com os provavelmente mais baratos de todos: assistência não licenciada nas casas de mulheres que

cuidavam de crianças e cobravam uma taxa diária. Felizmente, podíamos bancar a penúltima opção e matriculamos Christopher na creche Parent-Infant Neighborhood Center, não muito distante de onde morávamos.

A qualidade do serviço era excelente, embora eu tivesse confessado a Jackie que queria algo melhor para nosso filho.

– Quer saber de uma coisa, Chris... – ela começou. Eu já conhecia aquele tom. A paciência dela com relação a quando eu ia sair do Hospital dos Veteranos, já estava chegando ao fim. Antes da chegada do bebê, ela havia sido bem sutil em suas observações; agora era pressão total: – O que está prendendo você lá? Você sabe que seu salário não vai aumentar. Ellis já disse que não tem como pagar mais. – Era verdade. Os Institutos Nacionais de Saúde que financiavam nossa pesquisa haviam recentemente rejeitado pedidos de aumento de meu salário.

– Eu sei – respondi tentando fazê-la mudar de assunto.

– Pare de dizer que você já sabe e faça alguma coisa! Você tem que admitir. Você não está planejando seguir carreira em medicina coisa nenhuma, certo? Já decidiu que não vai fazer isso, certo? Você tem um filho para criar e precisa de mais dinheiro. Portanto, peça demissão e arranje um emprego melhor!

Ela estava certa, embora isso não significasse que seria mais fácil encontrar um novo emprego. Não seria mais fácil eu desistir de meu *status* de chefão no laboratório e ir para o final da fila em algo novo, onde eu teria que começar a cavar minha ascensão novamente. Porém, finalmente, comecei a pensar mais seriamente em qualquer emprego novo que pudesse surgir. Afinal, Jackie tinha toda a razão de estar decepcionada comigo. Agora que ela estava estudando para seus exames, a fim de poder exercer a odontologia, obviamente ela tinha seus próprios problemas com uma maternidade não prevista. Todas as suas amigas da faculdade de odontologia haviam obtido a licença para exercer a profissão e estavam estabelecendo suas clínicas ou arranjando maridos que exerciam suas profissões. Eu ainda não havia chegado lá, embora tivesse potencial. Tentando entender seus sentimentos, também tive

que me agarrar à minha confiança para sentir que minha hora também chegaria, mais cedo ou mais tarde.

Dois diferentes rufos de tambor começam a soar. Um deles é a batida firme e constante do bongô da família e do trabalho, a rotina familiar espalhando a notícia de que estou andando pela rua, caçando emprego. O outro é errático, algumas vezes quase desaparece, outras vezes soa como a bateria de uma banda com a batida dos pratos, o som sinistro do estresse doméstico. Surgem pequenas discussões. O dinheiro – ele não é suficiente, não chega rápido o suficiente. Algumas vezes sou eu quem se sente frustrado, e algumas vezes é ela. Jackie vai do quente ao frio, dando e retendo. Ela provoca; eu peço para que prove tudo. Eu me fecho; ela fica na defensiva. Eu grito; ela pune. Depois tudo passa, fazemos amor, vamos em frente. Tudo está ok novamente.

Logo as discussões recomeçam, e a dinâmica muda radicalmente um dia, quando chego em casa e ela me recebe anunciando:

– Chris, assim não dá, e não acredito que isso vá mudar. Talvez seja melhor você se mudar daqui.

Chocado e em silêncio, olho para ela com raiva. *Que porra é essa?*

– Você deve se mudar daqui. Não deve morar mais aqui.

Isso não vai acontecer, prometo a ela. Preciso ficar com meu filho. Ela sabe disso. Olhando em volta, não vejo Christopher:

– Onde está o bebê? – entro em pânico.

– Você não vai poder vê-lo agora.

“NÃO POSSO VER O BEBÊ?” Todas essas palavras juntas me deixam absolutamente enfurecido. O que tinha sido um filme de família, com algum conflito, mas na maior parte, com humor e amor, agora se transforma em um filme de horror. Sentimentos sombrios e carregados de medo e desamparo tomam conta de mim. Fico parado em pé, sem saber o que fazer, com uma raiva que não consigo quantificar ou verbalizar. Então, as nuvens da tempestade

se dissipam tão subitamente como surgiram. Nada resolvido. Nenhum pedido de desculpa. Quase como se fosse algum tipo de teste.

A tempestade vai embora. Seja lá o que tenha provocado a raiva dela, se aquieta. Voltamos à normalidade, mas estou apreensivo, sem saber se da próxima vez ela vai ameaçar levar o bebê ou se realmente vai levá-lo. Todos os velhos temores me perseguem. Freddie está do outro lado do país, velho e doente demais para continuar a magoar mamãe, mas eu ainda estou preso no ciclo de espera de uma machadinha entrando em ação, sem saber que um embate vem por aí. Um dia, estamos de saída para encontrar alguns amigos, mas discutimos se devemos ou não ir. Estou fora, na calçada, esperando Jackie trazer Christopher, agora com seis meses, deitado em seu carrinho, e de repente me parece que eles não vêm. Oh, não, não estamos brincando, e grito em direção ao apartamento, chamando-a.

No momento em que ela aparece, assusto-me comigo mesmo, pois vou em direção a ela e agarro o carrinho com Christopher lá dentro, instigando um cabo de guerra entre nós, enquanto digo:

– Você não vai tirar meu filho de mim!

Essa pode ter sido a coisa mais feia que já fiz na vida, uma atitude pela qual nunca me perdoarei. Não há nem mesmo palavras para explicar a ela, ao meu filho ou a mim mesmo quão errado estou. Mas essa é merda suprema. O rufar forte daquele tambor da discórdia é tudo o que ouço, quando finalmente arranco o carrinho das mãos dela e o carrego pelo quarteirão e pelo próximo e pelo próximo até que localizo uma igreja e me sento nos degraus. Queixo-me com meu filho de seis meses:

– Cara, isso está foda! Será que vai ser assim a vida toda?

Christopher vinca as sobrancelhas como se estivesse tentando entender, e balbucia sons ininteligíveis.

Explico:

– Não posso deixar ninguém tirar você de mim.

Ele entende, eu acho, pela maneira como aperta os olhos. Ou talvez ele esteja cansado e precise dormir.

De qualquer forma, há apenas uma verdade que importa: ele é meu filho e eu o amo, e nunca vou deixá-lo, não importa o preço que terei que pagar.

No final, volto com ele para casa, enfrentando o lance do medo, o peso do desconhecido, que voltou com uma vingança, conforme me preparo mentalmente para o problema, exatamente como fazia quando era criança, dando-me alguma coisa prática para fazer. Dinheiro, esse é o remédio – percebo.

Nos meses que se seguiram, eu complementava o que ganhava no Hospital dos Veteranos com bicos aqui e ali, com qualquer extra que entrava, como havia sido no passado. Para economizar no aluguel e ter mais espaço físico, mudamos para Berkeley. Em uma viela, encontramos uma casinha com um atípico canteiro de rosas na frente. Com a situação financeira mais folgada, conseguimos comprar um sedan econômico, nada extravagante, e assim podíamos ir para o trabalho, para a escola e voltar para casa.

Ainda procurando um emprego que fosse melhor que o de pesquisa, com o qual pudesse me manter na área da medicina, tentei me motivar imaginando que se me candidatasse ao cargo certo, o dinheiro chegaria e a pressão seria menor. As coisas não iam às mil maravilhas com Jackie, mas, nesse momento, a necessidade de mais dinheiro vinha de mim, não dela. Como único provedor da família, eu não era apenas responsável por nós três, mas estava prestando muito mais atenção ao que entrava e ao que saía. No passado, quando eu só tinha que pensar em mim mesmo – mesmo quando Sherry e eu partilhávamos nossos recursos –, era um jogo muito diferente. Agora, tratava-se de pôr a comida na mesa para meu filho, para Jackie e para mim. E – mais importante – tratava-se de criar um plano para sustentá-los no futuro, de forma que não precisássemos viver de contracheque em contracheque.

Eu estava esperançoso, determinado e centrado. Mas havia alguma coisa que me segurava, grilhões que eu havia me recusado a reconhecer todo esse tempo – mesmo com as dúvidas de Jackie

sobre como eu sabia o que significava ser pai se eu nunca havia tido um. Se não tivesse sido por Christopher e por um livro que eu estava lendo para ele na sacada, uma tarde pouco depois de seu primeiro aniversário, eu nunca poderia ter percebido o quanto o *blues* do sem-pai ainda me atormentava.

Antes disso, havíamos nos sentado fora da casa, à sombra. Estávamos brincando com uma bola, ficando um tempo juntos e deixando que a brisa da Califórnia nos refrescasse. Senti uma grande felicidade quando fiz uma pausa e olhei para Christopher com bastante atenção. Ainda não tínhamos cortado o cabelo dele; estava comprido, era bem do estilo afro e ondulava como uma bandeira ao vento enquanto ele brincava sem qualquer preocupação ou temor. Em um lampejo pensei: *Deus, o paraíso deve ser isso.* Nada mais importava, exceto que eu estava ali nesse momento, nesse lugar e com esse lindo garoto, que era tudo no mundo para mim. Ocorreu-me o pensamento de que isso era algo que deveria ser passado de geração a geração: pais brincando de bola com seus filhos ou sentados lado a lado e lendo livros juntos. E isso não aconteceu quando eu era um filho.

Mas agora eu tinha um filho que adorava ler e queria olhar um de seus livros de figuras favorito.

Em seu quase inteligível tartamudear, Christopher perguntou:

– Que isso, papai? – ou alguma coisa mais ou menos parecida com isso, conforme apontava para a figura de um potrinho com a família.

Para explicar a ele o conceito de família, apontei também, mostrando-lhe o potrinho, o garanhão e a égua:

– Esse é o cavalinho, e esse é o pai do cavalinho, e o cavalinho tem uma mãe.

Christopher acenou com a cabeça, os olhos brilhantes, apontando comigo conforme eu repetia a identidade de cada membro da família do cavalinho.

– Ótimo! E você, Christopher, também tem um pai e uma mãe. O cavalinho tem uma mãe e o cavalinho tem um pai. Exatamente

como você.

Como se tivesse entendido tudo, ele apontou e disse:

– Mamãe. Papai.

Bem... Isso foi emocionante. Então fui adiante contando a ele que todos no mundo tinham um pai e uma mãe, exatamente como aquele cavalinho:

– Mamãe tem uma mãe, e mamãe tem um pai – comecei, pensando na melhor forma de explicar o conceito de avós para uma criança de um ano.

Então, Christopher voltou-se para mim, e com um olhar de interrogação, apontou para mim, como se esperasse que eu lhe dissesse que também eu tinha uma mãe e um pai.

A maneira como ele me olhou desestruturou-me totalmente. A grande ironia foi que eu tinha sempre imaginado que encontraria meu pai um dia, mesmo que fosse apenas para confrontá-lo e perguntar-lhe onde havia estado. Mas aqui estava eu, com quase 28 anos e nunca o havia encontrado. Como eu poderia encontrá-lo? Eu não sabia. Estaria ele vivo? Também não sabia. Não sabia onde estava nem como era. Mas quando meu filho fez esse comentário precoce, senti que já era tempo de fazer alguma coisa.

No dia seguinte, na minha sala do laboratório, entrei em contato com a lista telefônica e pedi o número de Thomas Turner, em Monroe, na Louisiana. Isso havia sido tudo o que conseguira arrancar de minha mãe durante todos aqueles anos.

A operadora tinha cinco listas. Pedi todas e decidi vasculhá-las e me arriscar.

Quando fiz a primeira ligação, perguntei à pessoa idosa que atendeu:

– Posso falar com Thomas Turner?

– Thomas Turner morreu – disse a pessoa idosa e, então, me desculpei.

Esperando não ter perdido a chance, fiz a segunda chamada, explicando à mulher que atendeu que eu estava procurando por Thomas Turner, que pode ter conhecido Bettye Gardner.

A mulher sentiu-se bem à vontade e me disse:

– Sabe de uma coisa? Estou pensando em dois Thomas Turners. Um bebe, e o outro bebia, mas parou.

Indo em frente com meu atrevimento, perguntei a ela como eu poderia entrar em contato com o Thomas Turner que não bebia mais, e descobri onde ele morava. Dei o endereço para uma operadora da central de informações, para me certificar de que tinha o número de telefone correto.

Olhei para o número, respirei bem fundo, ainda sem saber bem como começar a conversa se o verdadeiro Thomas Turner atendesse. Disquei o número e ouvi o som de um telefone sendo atendido e uma voz de homem:

– Alô?

A única coisa em que consegui pensar foi:

– Você conhece Bettye Gardner? Sou Chris, filho dela, e estou tentando localizar meu pai. Você sabe... – Antes de terminar, fui interrompido.

– Sim – meu pai disse. – Há muito tempo estou esperando sua ligação.

_____

Simplesmente em virtude de ter chegado ao fundo de um mistério de quase 28 anos, aconteceu em minha vida, quase que da noite para o dia, um dramático deslocamento de energia. O homem com quem eu havia falado ao telefone nada mais era que uma voz, mas ele me encorajou a ir a Louisiana para conhecê-lo pessoalmente, e para conhecer também vários irmãos de quem eu nunca havia ouvido falar.

Embora eu prometesse visitá-lo assim que pudesse ajeitar as coisas, o que tinha sido um processo intransponível de procura por um nicho no mercado de trabalho, de repente me pareceu uma tarefa facílima. Com a mente fixa nas possibilidades de abrir caminho no mundo dos negócios, rapidamente encontrei um emprego de representante de vendas de uma companhia de equipamentos e suprimentos médicos chamada CMS. Com base em San Bruno, no centro do Vale do Silício, que estava começando a se desenvolver, a empresa vendia principalmente para laboratórios e hospitais. Eu começaria ganhando menos de 30 mil dólares por ano, mas era quase duas vezes mais que o meu salário na pesquisa, com o potencial de duplicar esse valor – o que os melhores vendedores conseguiam.

É claro que esses vendedores já estavam nas trincheiras há anos – construindo seus territórios, suas carteiras e relações –, e eu nunca havia me visto como um vendedor nato. Mas também é preciso dizer que eu aprendia com cada pessoa que encontrava, como Will Rogers dizia sobre mim, e tinha conhecido algumas figuras impagáveis que poderiam vender para você as gotas de chuva caindo sobre sua cabeça. Eu poderia aprender a vender. E tem mais: eu sabia do poder da informação e aprendi a localizar os líderes e como eles faziam o que faziam para se darem bem na profissão. Para aumentar ainda mais a minha confiança, havia o fato de que, embora eu não conhecesse o jargão do mundo dos negócios, eu era muitíssimo proficiente no jargão médico e entendia a mentalidade tanto dos compradores quanto dos veteranos de vendas da CMS.

Portanto, adeus ao futuro Dr. Chris Gardner, adeus aos aventais dos centros cirúrgicos. Minha única dor era que eu realmente tinha talento para a medicina. Entretanto, vendo-me no espelho vestido com roupas de executivo – um paletó elegante, uma gravata até que bonita – senti-me motivado. Ali estava um desafio, algo totalmente novo. O sentimento do possível acendeu meu fogo novamente.

Como novato em vendas, tive o triplo azar de receber um território novinho em folha – onde deveria desenvolver minhas relações –, representar uma companhia que ainda não estava

estabelecida e ser o único empregado negro da CMS. Nesse ponto, eu já era veterano calejado como afro-americano em um quadro de profissionais brancos; portanto, isso não era grande problema. O problema principal era que eu estava começando do zero absoluto, o que descobri da noite para o dia, assimilando alguns princípios acerca de vendas: (a) compradores gostam de comprar de pessoas que conhecem, e (b) eles gostam de produtos já conhecidos.

Em vez de me sentir desencorajado, achei a concorrência motivadora. No que dizia respeito a mim, eu estava realmente feliz em tentar; portanto, em vez de me dedicar aos desafios, afinei meu foco para as perguntas: “Como posso conseguir mais clientes? De que tipo de informação preciso para expandir minhas oportunidades e construir relações?” No passado, eu conseguia encontrar um especialista e fazer-lhe as perguntas, mas na CMS, esse não era o caso. Como acabou ficando claro, os gerentes de vendas – que ganhavam um percentual sobre o que os representantes faziam – passavam a maior parte do seu tempo fortalecendo seus melhores vendedores. No caso de novatos como eu, o gerente passou minha carteira, bateu de leve no meu ombro e disse:

– Vá buscá-los.

TLT novamente. Mergulhei de cabeça, registrando centenas de quilômetros por semana em meu novo Nissan *hatch* esporte, castanho-avermelhado, lotado de catálogos, amostras e equipamentos para demonstrações, viajando todo dia de Berkeley para todos os cantos distantes no Vale do Silício, e voltando para casa, carregando e descarregando, sem parar, material de venda. Melhorando aquela filosofia de bater na bigorna, aceitei a crença de que sucesso em vendas depende de um jogo de números. Outra coisa que aprendi ao fazer visitas repetidas foi que quanto mais pé no chão e bem-apessoado eu fosse, quanto mais atencioso e mais me lembrasse do nome das secretárias e de pequenos detalhes a respeito dos compradores, melhores seriam as minhas chances. Os números de minhas vendas começaram a decolar.

A desvantagem era que o clima de competição estendia-se após o trabalho, quando os gerentes e representantes saíam para ver

quem bebia mais. Entendi que esse lance de beber e bater papo sobre negócios depois do expediente fazia parte do jogo, mas isso não era para mim. Agora que eu havia entrado no mundo dos negócios, eu estava pensando seriamente em melhorar minhas cifras e em ganhar dinheiro. Isso não me trouxe nenhum prêmio na CMS, mas os caras da Van Waters and Rogers, um concorrente mais bem-estabelecido na área de equipamentos e suprimentos médicos, ficaram impressionados com minha ambição e me contrataram.

Pouco depois de começar em meu novo emprego, consegui comprar uma passagem aérea para eu e Christopher viajarmos para Monroe, Louisiana. Durante um longo e exasperante voo de San Francisco para Memphis e depois outro para Monroe – com Christopher extraordinariamente calmo, sentado em meu colo o tempo todo – pude rever as indignidades de minha infância e a voz de Freddie Triplett dizendo-me que eu não tinha nenhum "maldito pai". O que eu poderia dizer ao meu pai biológico? Pelo telefone, eu não havia tido a coragem de perguntar-lhe por que ele nunca me havia ligado ou tentado me encontrar, nem mesmo quando ele disse que meus irmãos e irmãs haviam ouvido falar tanto de mim. E o que eu iria fazer se o clima ficasse pesado demais e eu quisesse ir embora? E se Christopher ficasse nervoso?

Sem ter a menor ideia do que aconteceria, chega o momento da verdade. Carrego meu filho pela escada do monomotor, olho em frente para ver que *ele* está lá, de pé. Um metro e oitenta, mais de cem quilos. Negro como a noite. Um homem do campo que sempre viveu em Louisiana se agiganta à minha frente – muito diferente de como eu o imaginava.

A primeira coisa que me passa pela cabeça: "Bem... acho que não devo dar-lhe um soco" – o que, quando criança, era sempre a primeira coisa que eu imaginava fazer quando o encontrasse.

Sua presença é forte, assustadora. Ao seu lado estão duas de suas filhas, minhas meio-irmãs. Noto que todos nós parecemos um com o outro. Sou o retrato escarrado de Thomas Turner.

Por mais embaraçoso que seja esse encontro, ele parece muito à vontade. Mas é porque, conforme descobri mais tarde, essa cena já havia se repetido algumas vezes antes. A piada que minhas irmãs contam-me depois é que esse tipo de encontro é muito como os jogos olímpicos: a cada quatro anos, aparece alguém. Nem é preciso fazer perguntas; basta olhar para eles, ver a semelhança com a família, abrir a porta e deixá-los entrar.

Mesmo com o embasamento científico que agora tenho, estou ainda impressionado com o milagre da genética. Minhas irmãs, Deborah e Janice, e eu parecemos trigêmeos idênticos. Quando chegamos à casa de Thomas Turner e nos sentamos para conversar, Deb diz:

– Sabe de uma coisa? Você se parece mais com o papai que qualquer um de nós. Você tem até pelo nas costas das mãos, exatamente como ele.

Caindo na risada, não acredito que elas estejam me checando a esse ponto, e olho para minhas mãos e depois para as dele. É verdade!

Nos quatro dias seguintes à nossa visita, passo a conhecer o elenco de tipos que habitam essa versão diferente de um show de *Happy Days* em preto em branco, estilo Louisiana. Com o pior calor e umidade que já enfrentei, muito piores que os que enfrentei na Marinha, em Orlando, parecia que nossas roupas tinham acabado de sair da máquina de lavar. Até o cabelo e as unhas transpiravam.

Conforme os dias passavam, não pude deixar de ligar para mamãe para lhe dizer que eu havia ido a Rayville, sua velha terra natal, e estava passando uns dias com meu pai. Antes de vir, eu havia contado a ela que iria a Louisiana – não apenas porque queria encontrá-lo por mim mesmo, mas para que Christopher conhecesse seu avô. Agora que eu estava realmente lá, era importante que ela soubesse que eu havia juntado todas as peças do quebra-cabeça. Ela ficou feliz por mim, mas quando perguntei se ela queria dizer um alô a ele, ela não hesitou antes de dizer não. Sua resposta categórica pouco acrescentou para mim sobre a relação entre eles, se tinha ou não tinha havido mesmo uma relação, e esse foi o ponto

final da conversa. Eu nunca saberia. O legado da política familiar do "não pergunte, não diga" continuava.

Conhecer o solo de onde surgi incluiu uma viagem a Delhi, onde a ausência de luzes, de placas de neon nas ruas, e de carros tornava a noite mais negra que qualquer coisa que eu já havia visto. As estrelas pareciam lâmpadas contornando claramente as constelações famosas. Muito surpreso, eu não parava de contemplar o céu, perguntando-me como teria sido minha vida se eu tivesse crescido lá. Encontramos a matriarca da família, minha avó, Ora Turner, uma negra miudinha e delicada. Embora nunca tivesse me visto antes, ela abriu bem os braços e me abraçou com força. Eu era seu neto.

– Eu vivia perguntando pro seu pai onde é que você andava – minha avó disse dando um passo para trás, para me observar melhor, fazendo um sinal de aprovação com a cabeça. – Ele não sabia nada. Eu vivia perguntando pra ele onde você andava.

Então, ela quis saber onde eu havia sido batizado. Por um momento, eu não conseguia me lembrar.

Alarmada, minha avó, cristã fervorosa, propôs:

– Menino, preciso levar você lá agorinha mesmo. Vamos lá, até aquele riacho, e eu mesma batizo você. Senhor, tende piedade!

Aquilo apavorou-me. Em uma noite escura como breu, nenhuma luz exceto a das estrelas e da lua, me levar e me mergulhar em um riacho? Isso era tudo o que eu precisava ouvir para me lembrar de ter sido batizado na igreja de TT, quando tinha seis anos. O Senhor teve piedade e minha avó ficou satisfeita.

Além de conhecer Deb e Jan, conheci meus outros meio-irmãos – Junior, Dale e Mary, que moravam em Shreveport. Havia tias, tios e primos também – um primo tão fino que lamentei sermos parentes. Onde quer que fôssemos, todos eram generosos e hospitaleiros, tratando-me como se eu fosse uma celebridade. Os hábitos sociais e o ritmo de vida pareciam diferentes daqueles de Milwaukee. Entretanto, quanto mais nos reuníamos e conversávamos, quando as histórias de família e as piadas

começavam a rolar, menos diferenças eu notava. Apesar de me consider um Gardner legítimo, havia certos traços meus que agora eu reconhecia no lado Turner de minha família.

O momento mais marcante da viagem aconteceu perto do final, em uma noite, quando decidi levar Christopher comigo de trem para Shreveport para encontrar minha irmã Mary, e meu pai foi até a estação conosco. Não era muito tarde; era uma daquelas noites escuras no campo, com apenas o bruxuleio das estrelas e o brilho da lua para iluminar os arredores, enquanto esperávamos na plataforma, atrás da estação. Mais adiante, havia um conjunto de plataformas para trens que iam em outra direção e que Christopher achou interessante. Tínhamos tempo de sobra e, por isso, não achei nada errado meu filho ir olhar os trilhos com seu avô, principalmente porque os dois haviam se dado tão bem desde o começo.

Ver os dois caminhando juntos ao longo das plataformas fez meu coração bater forte. Lá estava meu pai, já um cinquentão, imponente como um carvalho negro, patriarca de uma prole maior que qualquer um de nós conhecia, caminhando com meu filho, uma criança de quatorze meses, muito vivo e tagarela. Com muito orgulho, meu pai segurava os dedinhos de Christopher de maneira protetora.

Como uma daquelas memórias que você aprisiona e que não muda com o passar dos anos, a imagem dos dois caminhando juntos naquela noite produziu uma reação surpreendente em mim, e voltaria sempre que eu me lembrasse dela. O que primeiro lampejou em minha mente e em meu coração foi: *Por que isso não aconteceu comigo? Por que nunca tive essa chance?*

Com o passar do tempo, percebi que não era raiva, claro, e sim ciúme o que eu sentia pelo meu filhinho, por mais ridículo que isso possa parecer. Abaixo dessa camada, no fundo de meu ser, havia simplesmente mágoa. O reservatório que armazenou todos esses sentimentos durante esses anos de abandono tinha sido ativado por aquela visão e agora doía demais.

No aeroporto, quando o contingente da família que vivia na Louisiana veio para se despedir de mim, com minhas irmãs fazendo-

me prometer que não perderíamos contato, olhei para Christopher e fiquei encantado com a maneira como a nossa conversa sobre pais e mães havia me trazido até lá. Nesse sentido, pude levar comigo uma sensação de completude. Mesmo que ainda não o percebesse, uma carga de ressentimento de quase vinte e oito anos havia sido liberada. Finalmente, livrei-me do *blues* do sem-pai. Eu tinha um papai, mesmo que fosse um que eu não conhecia e nunca conheceria muito bem, mas eu não era mais um garoto sem pai. Esse *blues* eu nunca mais cantaria.

Christopher e eu voamos de volta para a Califórnia – uma viagem que pareceu levar a metade do tempo que havia levado para chegar a Louisiana. Não havia como negar que um círculo havia se fechado. Estava um pouco fraturado, não era um círculo perfeito, mas haviam sido preenchidas lacunas em meu entendimento de quem eu era e de onde eu vinha. Embora muitas perguntas ainda permanecessem no ar sobre o que teria acontecido se as coisas tivessem sido diferentes na minha educação, minha preocupação não era mais com aquela parte do meu passado. Sim, naquele avião, eu ainda tinha muita mágoa, pensando em meu pai e meu filho caminhando juntos, de mãos dadas, ao longo das plataformas da estação de trem, enquanto torcia e retorcia a pergunta em minha mente, como em um cubo mágico: *Por que isso não aconteceu comigo?*

Mas quando o avião tocou o solo, a dor já estava passando e eu me sentia renovado e vivificado – pronto para aceitar o mundo, com um nível de confiança e claridade de visão que nunca havia tido antes. Grandes coisas estavam por vir. Eu sabia disso.

CAPÍTULO 9

Revés
(Avançado)

Bob Russell – o sujeito lá do topo na Van Waters and Rogers – andava pela empresa como se fosse o Deus todo-poderoso, o pavão da NBC. Não entendi muito bem o que havia nele que o tornava tão fantástico, mas quando descobri que ele estava ganhando não apenas todos os negócios, mas faturando 80 mil dólares por ano – comparados aos meus 30 mil iniciais –, precisei descobrir qual era seu segredo.

Embora eu tivesse pensado que minha viagem para conhecer meu pai pudesse dar a mim e Jackie o tempo de que precisávamos para avaliarmos melhor um ao outro e colocar tudo em perspectiva, a pressão ressurgiu exatamente onde estava antes – os mesmos padrões, as mesmas discussões. A frustração dela com ela mesma, comigo e com seus sonhos que não estavam se realizando, sempre se traduziam em minha mente como a necessidade de mais dinheiro. Assim, quando descobri quanto Bob Russell estava ganhando bruto, 80 mil dólares tornou-se o número mágico para mim. *Se eu puder chegar lá, isso é o que eu vou querer*, pensava eu. Nessa época, eu não podia sonhar com mais do que isso. Mas se Bob Russell podia, eu também podia.

Minha confiança, aparentemente, não era compartilhada pelo meu gerente de vendas, Patrick, que, supunha eu, também esteve envolvido na minha contratação. Provavelmente não ajudou muito o fato de que eu era negro e alto, e ele apenas um pouquinho mais alto que um pigmeu.

Americano meticuloso, de origem irlandesa, Patrick era o que eu chamava de “o sujeito da caneta”. Ele pontuava cada sentença que dizia com um *clic-CLIC* de sua caneta, enfatizando cada pormenor – e neles eram numerosos, já que ele sabia tudo e os novos caras, como eu, não sabiam nada – com clics adicionais.

O que aprendi não era tanto como ser um vendedor melhor, mas como não me sentir intimidado. Portanto, quando o senhor Sujeito da Caneta começou a enviar mensagem de que não estava gostando de mim, encontrei uma forma de mostrar a ele que *Ei, também não estou gostando de você.* Se ele fazia um comentário levemente maldoso, em vez de retrucar para valer, minha reação era curvar-me, fazendo-o lembrar, sutilmente, que eu era alto e ele era baixinho, e dizer, com falsa cortesia:

– Desculpe-me. Como é mesmo?

O rosto de Patrick inevitavelmente ficava vermelho. Claro, quando ele realmente me deixava louco, eu era menos sutil quando levava minhas mãos em forma de concha ao ouvido, curvava-me e dizia a ele, lá no final do corredor:

– O que foi que você disse? Não consigo ouvi-lo daqui.

Sua única reação nessas ocasiões era *clic-CLIC* – cair fora. De alguma forma, o fato de me ter como seu rival o havia convencido a me ensinar umas coisinhas sobre as vendas dos produtos da Van Waters and Rogers. No meio de uma visita a um comprador, depois que eu já havia começado a tirar o pedido, ele me interrompeu, lembrando-me, por exemplo, que era importante enfatizar que mesmo que a concorrência tivesse os mesmos produtos, Van Waters and Rogers tinha produtos melhores e a um preço menor. Depois houve aquela vez em que ele me parou e perguntou:

– Gardner, onde estão as amostras? Você deveria ter trazido as amostras antes de tirar o pedido.

Em situações como essas, eu não podia me irritar, chegar até ele e perguntar por que não esperou para conversar comigo depois e por que tinha que me humilhar na frente de um comprador. Embora eu tivesse ficado furioso, aprendi à revelia que era vital diferenciar o produto que eu estava vendendo, do produto da concorrência, como sendo melhor e mais barato. E havia mais: aprendi que havia fases nos procedimentos de vendas. Havia também vários imponderáveis. Algumas das habilidades podiam ser aprendidas e desenvolvidas, mas eu logo vi o cerne da verdade – que os melhores vendedores já nascem com esse talento. Nem todos podem ser vendedores, e nem todos devem ser vendedores. Será que eu tinha o que era necessário para ser um? Eu ainda não sabia. Mas... Caramba, 80 mil? O que tinha Bob Russel que eu precisava ter?

Não importa. O fato é que não me deixei desencorajar, mesmo tendo que viajar quilometragens ultrajantes de Berkeley até cada lugarejo do Silicon Valley, de San Mateo a San Jose, a maioria além do Aeroporto de San Francisco. Mas a visita mais importante que fiz foi na própria cidade, no Hospital Geral de San Francisco, onde fui deixar algumas amostras e um catálogo para Lars Nielson, que administrava um laboratório com o qual deveríamos fazer negócios. Mesmo que a visita tivesse sido boa, e eu esperasse voltar para o pedido, quando saí do prédio, a matemática que eu fazia de cabeça dizia-me que eu ainda tinha um longo caminho pela frente até poder competir com Bob Russell. Entretanto, que outra opção tinha eu?

Então, depois que meus olhos foram momentaneamente ofuscados pela luz forte do sol, vejo a Ferrari 308 circulando pelo estacionamento. O dono do carro, trajando aquele terno de caimento perfeito, e que é o beneficiário da minha vaga depois de responder às minhas perguntas – “O que você faz? Como você faz?” – é um cavalheiro chamado Bob Bridges, corretor na Donaldson, Lufkin & Jenrette, que faz jus a um salário de 80 mil dólares *por mês!*

Parem as prensas. Não preciso ser um gênio em matemática para comparar e contrastar isso com os 80 mil de Bob Russell por ano. Bob Russell que se dane!!

Nessas alturas do campeonato, sei tanto sobre Wall Street, ações e títulos, mercado de capitais e altas finanças quanto a maioria das pessoas sabe a respeito da preservação dos fosfatos de alta energia do miocárdio. Porém, mesmo antes de me sentar para almoçar com Bob Bridges a fim de aprender com ele mais sobre o que exatamente um corretor de ações faz e como o faz, já me vejo naquele cenário. Que diferença tem isso e tudo o que eu havia feito antes? Desde a Casa de Repouso Heartside e do Hospital da Marinha em Camp Lejeune, da cirurgia geral e da clínica de proctologia, até o laboratório no Hospital dos Veteranos e o Centro Médico da Universidade da Califórnia, como um promissor vendedor no Vale do Silício, consegui serviços sem qualquer experiência, mas fiz um bom serviço em todas essas áreas. Não, não fiz um bom serviço. Fiz um serviço “filhodaputamente” bom. Não, meu sucesso monetário não foi fabuloso. Mas em crescimento e em habilidades, superei minhas próprias expectativas.

Tudo isso é o bastante para eu acreditar que posso fazer o mesmo como corretor. Apesar do fato de que essa é a primeira vez que a ideia surge na tela de meu radar, a partir daqui não há qualquer dúvida de que encontrei minha profissão e que vou começar uma busca implacável de uma carreira nessa área. Por razões que não posso começar a explicar, sinto em cada fibra de meu ser que isso é IT.

Para o homem ou para a mulher comum, isso pode parecer loucura. Além de não ter feito faculdade, não conheço ninguém e não tenho quaisquer relações ou privilégios especiais que possam me ajudar a, pelo menos, pôr um pé na porta. Quero dizer, exceto Bob Bridges, que não conheço; só dei a ele minha vaga no estacionamento.

Não obstante, quando vamos almoçar juntos e eu pergunto: “O que um corretor faz?”, ele descreve com paciência e generosidade como é seu dia normal.

Basicamente, explica Bob, todo dia ele vai ao seu pequeno e lindo escritório, senta-se lá, recebe algumas ligações telefônicas e faz algumas anotações.

– Deixe-me entender isso melhor – repito. – Você recebe uma ligação e anota alguma coisa. Só isso?

Bob continua:

– Bem... Sim. Faço ligações e converso. Conto histórias de empresas e eles me enviam dinheiro.

Outra luz se acende na minha cabeça. Esse cara – usando outro belo terno feito sob medida que custou fácil uns milhares de dólares – está na área de vendas, exatamente como eu. Mas em vez de ter que viajar para todo lado, rodovia acima e rodovia abaixo, para descobrir laboratórios e instalações obscuras, carregando um pequeno armazém no porta-malas do carro, tudo o que ele tem a fazer é ir a um escritório, sentar-se lá e falar ao telefone. Tenho vontade de dizer: *Porra, isso é sacanagem!,* mas só o ouço com muita atenção conforme ele me passa o segredo de seu sucesso.

Bob é automotivado, diz ele, e estabelece suas próprias metas:

– Todo dia, quando estou sentado lá falando ao telefone, digo a mim mesmo: *Hoje não vou embora enquanto não fizer quatro ou cinco mil dólares*.

De novo, a matemática é massacrante. Ele senta-se lá e conversa com as pessoas até que faz quatro ou cinco mil dólares *naquele dia.* E eu me matando para receber bruto quatro ou cinco mil *por mês!* Para me certificar de que não entendi errado, pergunto:

– Bob, veja se entendi tudo direitinho. Você conversa com as pessoas, algumas das quais você conhece e outras não, algumas das quais você precisa conhecer, e depois você conta a elas histórias sobre essas empresas e essas ideias de investimentos e oportunidades, e elas enviam dinheiro a você?

– É isso mesmo – ele diz com toda a sinceridade.

Com toda a sinceridade, anuncio:

– Eu também posso fazer isso – e só para enfatizar, acrescento: – Claro, posso fazer isso também. E sabe de uma coisa? Eu *quero* fazer isso!

Bob cai na risada; não sei se acredita ou não, mas o fato é que ele se oferece para me apresentar a alguns gerentes de filiais em diferentes corretoras da cidade. E ele admite que o fato de eu não ter diploma universitário pode representar um risco. Mas ele me diz também que há programas de estágios nessas companhias, aos quais eu poderia me candidatar, mesmo não tendo um diploma, e receber treinamento nos diferentes aspectos do serviço – dos princípios sobre investimentos até planejamento financeiro e todo o espectro da economia e das altas finanças – enquanto estudo para obter a licença de corretor. Porém, para ser contratado em regime de período integral – para fazer o que ele fazia – tenho que obter uma licença.

Negócio fechado, penso comigo. Chris Gardner, corretor. É aqui que eu deveria estar. Ponto final. Apesar do pesadelo logístico que se seguiu, eu sabia que, a partir daquele almoço, valeria a pena. A geografia tornou-se meu primeiro grande obstáculo. Bob começou a marcar entrevistas para mim, mas a maioria delas era espalhada pelo distrito financeiro no centro de San Francisco, todas entre nove e cinco, o horário nobre de um dia de trabalho. Nenhuma durante o café da manhã e nenhuma com um drinque após o serviço. Como a maioria de minhas visitas de vendas para a Van Waters and Rogers eram no Vale, também entre nove e cinco, eu teria que ou chegar atrasado ou faltar às reuniões que Patrick, meu patrão manipulador de canetas, havia agendado mim.

A maioria das entrevistas era em firmas maiores, com programas para estagiários, como a Merrill Lynch, Paine Webber, E. F. Hutton, Dean Witter e Smith Barney, firmas cujos gerentes de filiais eram conhecidos de Bob. Se havia qualquer possibilidade de que os testes pelos quais eu tinha que passar pudessem me desencorajar, ela foi eliminada no momento em que pus os pés na primeira corretora que visitei. Sem essa de ser desencorajado! Uma única dose e me viciei. Havia algo no ar que me revigorou instantaneamente.

Sentado lá, esperando pela entrevista, eu sentia a adrenalina correndo dentro de mim como se estivesse em contato com alguém usando droga e absorvendo-a indiretamente; eu me senti “alto” só de observar toda a agitação que acontecia simultaneamente: telefones tocando, teleimpressoras funcionando, corretores gritando suas ordens de compra e venda e batendo o cartão de ponto. Era tudo ao mesmo tempo, como visitar um país estrangeiro e voltar para casa.

O impacto foi exatamente o mesmo que senti a primeira vez que ouvi Miles Davis e percebi como sua música podia mudar totalmente o humor de qualquer um que a ouvisse. A sala de operações tinha quase o mesmo poder. Era um centro nervoso, conectado às ações e aos acontecimentos de milhões de outras pessoas por todo o mundo. Quanta correria! Eram ondas que cresciam e diminuíam; nunca se dissipavam. Era intensidade pura.

Não me aborreci enquanto esperava a hora da entrevista porque, quanto mais eu observava o que estava acontecendo, mais certeza eu tinha de que podia fazer aquilo. Não havia nenhum outro negro no escritório, ou melhor, não vi nenhum. Mas isso não afetava em nada a minha confiança e nem poderia afetar, pois eu tinha a chance de ganhar 80 mil por mês!

É claro que posso ter sido ingênuo acreditando que aquele salário era corrente da maioria dos corretores. Ainda assim, isso era parte do que havia me entusiasmado tanto. Mamãe havia me dito que ganhar um milhão de dólares só dependia de mim, 80 mil verdinhas por mês vezes 12, mais algumas bonificações e horas extras, imaginei que era apenas uma questão de tempo. Dentro de um ano, eu poderia estar ganhando aquele milhão! Mais uma vez, se Bob Bridges podia, eu também podia.

Agora que eu havia encontrado os meios e o local para fazer o que eu acreditava que podia fazer, era apenas uma questão conseguir encontrar uma pessoa em uma das firmas e um programa de estágio que combinasse comigo. Não era tão fácil. Entrevista após entrevista, as respostas variavam, mas todas se traduziam por um não. E junto com cada N-Ã-O, como um presente de despedida,

eu, invariavelmente, encontrava a ubíqua multa amarela, da cor de xixi, presa ao limpador de parabrisa de meu carro. Outros 15 ou 25 dólares que eu não tinha, outro lembrete de que eu teria que pedir licença do serviço para ir ao tribunal e pedir para reduzirem ou perdoarem a multa. Mesmo assim, eu não desistiria.

Racismo não era o problema principal, embora fizesse parte dele. No fim, compreendi que eu estava sendo preterido por uma questão de "contatismo". As perguntas resumiam-se a conexões e contactos. Qual era a minha conexão com o mercado? Qual era a minha ligação com meus pares, já que eu nunca havia frequentado faculdade? Meu currículo mostrava muita experiência, mas as objeções amontoavam-se quanto ao que não estava lá. Você não vem de uma família com ligações políticas. Você não tem seu próprio dinheiro. Quem vai fazer negócio com você? Qual sua ligação com o dinheiro?

Contatismo. Fazia sentido. Mas eu continuava a dizer a mim mesmo*: Sei que posso fazer isso*.

Em San Francisco, no escritório da Dean Witter, um corretor simpático de nome Marty se dispôs a conversar comigo. Era alguém a quem eu podia pedir conselhos de vez em quando, mesmo sem marcar hora. Quando ele indicou-me para o escritório da Dean Witter, em Oakland, supus que era porque eu era negro, embora, quando cheguei ao escritório, localizado em uma região majoritariamente negra da cidade, não houvesse nenhum empregado negro à vista. Nessas alturas, nada importava, exceto garantir minha participação no programa de treinamento deles. Já haviam se passado alguns meses e ninguém havia me dado qualquer sinal de interesse, e eu estava começando a realmente prejudicar o emprego que – ainda – tinha com o Sujeito da Caneta na minha cola. A verdade era que eu estava ficando tenso e, com isso na mente, fui para o escritório da gerência da filial de Oakland, preparado para fechar um contrato, não para me promover, mas para perguntar:

– Quando posso começar?

Classificando essa como a pior entrevista que já existiu, sentei-me no escritório dessa figura; à minha frente, a paisagem do Lago Merritt. Enquanto eu falava, ele olhava por cima de meu ombro e, de repente, interrompeu-me para dizer:

– Olha só! Que interessante! Um cavalo pulou no lago.

Tive vontade de dizer *Dane-se o cavalo*! Afinal, o Lago Merritt não era fundo e o cavalo não se afogaria. Mas ficou muito claro que ele não estava dando a mínima para mim. Comportando-me da maneira mais profissional possível, levantei-me e disse:

– Certamente cheguei em uma hora imprópria. Que tal agendarmos uma nova data?

Ele concordou, e eu desculpei-me e galopei para o carro, arranquei a multa do parabrisa e voei para o Vale, onde deveria apanhar Patrick para visitarmos um cliente. Na pressa, esqueci de esconder a pilha de relatórios anuais das corretoras que eu estava colecionando – Dean Witter, Paine Webber, EF Hutton – que estavam no banco da frente.

Foi naquele décimo de segundo, quando Patrick começou a entrar no carro, que notei que eles estavam lá. Disfarçando o pânico, corri para tentar esconder os papéis e, nesse exato instante, ele disse:

– Gardner?

– Sim... – comecei, certo de que meu fim estava chegando.

Patrick examinou-me com desconfiança e perguntou:

– Você vai abrir uma empresa de corretagem?

– Ah! Sim... – respondi tentando parecer tranquilo e aliviado. – Sim, estou pensando em abrir uma conta.

Mas então, apenas para me mostrar que não havia engolido aquela muito bem, ele olhou-me de uma maneira esquisita e deu aquela clicada na caneta. Nos dias seguintes, Patrick começou a me vigiar mais de perto e, embora ele não soubesse que eu estava tendo entrevistas com outras empresas, ele começou a dar sinais

claros de que estava desconfiando de alguma coisa, principalmente quando descobriu que eu andava cancelando alguns compromissos e chegando atrasado em outros.

Para piorar ainda mais as coisas, Jackie andava insinuando que eu estava enganando a mim mesmo, pensando que poderia chegar na Wall Street. Seu ponto de vista – bastante válido – era:

– Bem... A maioria dos caras naquele negócio lá tem MBA, não tem?

Não importa quantas vezes eu tenha explicado a ela sobre o programa de estagiários e que nem sempre era necessário ter um diploma de mestrado, ela não acreditava. Uma amiga dela em uma determinada empresa tinha MBA, o marido de uma amiga em outra, também.

– Chris, você não tem nem diploma de graduação. Não é preciso ter algum tipo de graduação para trabalhar naquela empresa? – de novo o argumento das credenciais. – Você não tem a titulação. – E olhe que ouvi isso da mulher com quem estou vivendo, a mãe de meu filho.

Espere para ver, continuei prometendo. Não vou desistir. Vi, provei, cheirei. Mesmo assim, com o dinheiro mais curto que nunca, com o pigmeu irlandês pronto para me crucificar e Jackie preocupada, eu sabia que alguma coisa tinha que acontecer.

Justamente quando pensei que havia esgotado todas as minhas opções, tive uma nova entrevista na E. E. Hutton: o resultado de várias conversações foi que o gerente da filial não disse não. Ele disse:

– Vamos dar uma chance a você.

Conduzindo-me até a porta, despedimo-nos com um aperto de mãos e ele me disse que queria me ver novamente em duas semanas, às 7 horas da manhã, para começar o programa de treinamento.

Senti vontade de dançar sapateado fora do escritório, bem ao estilo Gene Kelly, debaixo da chuva de meio verão de San

Francisco. Quase voando de tanta felicidade, beijei a multa no carro e a chamei de felizarda, prometendo a mim mesmo que finalmente tiraria uma licença para ir ao tribunal e cuidar de todas as multas. Finalmente, a confirmação de que eu não era louco estava ali! Minha conta bancária mental começou a contabilizar minhas comissões como corretor.

Embora eu pretendesse fechar algumas vendas pendentes da Van Waters and Rogers nas duas semanas seguintes, surgiu um pequeno problema alguns dias mais tarde, quando Patrick anunciou:

– Gardner, acho que não está dando certo. Você não parece estar evoluindo. Estamos tentando expandir o território e sinto que você não está trabalhando para isso.

Aliviado, admiti que a recíproca era verdadeira e que eu tinha outras oportunidades me aguardando, as quais eu queria aproveitar. *Ledo engano.* Foi acabar de dizer isso, mesmo antes de concluir com muita diplomacia, Patrick cortou-me com um 'clic' e se preparou para me despachar. Só para esclarecer, perguntei-lhe se era um aviso prévio de duas semanas, e Patrick explicou que estávamos rescindindo nosso acordo naquele momento e naquele local. Meu pagamento seria enviado pelo correio.

Maravilha. Um plano perfeito: ir para casa, esperar as duas semanas, começar a receber seguro desemprego, passar algum tempo com a família, depois partir para Wall Street, onde vou ganhar mais que Bob Russell, para não mencionar Patrick.

Quando aquilo que eu pensava ser meu acerto final, mas que acabou sendo uma quantia menor, considerando meu tempo de trabalho, chegou, descobri que, pelo fato de eu ter "pedido" demissão não havia nenhum pagamento pelas duas semanas trabalhadas, nem seguro desemprego. Foi uma chateação, mas já que eu planejava conquistar logo o mercado de ações, não me preocupei muito.

Em uma experiência a ser arquivada sob o tópico de "os melhores planos traçados por ratos e homens", depois de ter curtido aquelas duas semanas – durante as quais não encontrei tempo para

cuidar das multas do carro –, para causar boa impressão, chego trinta minutos antes da hora marcada, naquela manhã de segunda-feira, e parece que ninguém sabe quem sou.

Surpreso com a falta de organização, pergunto ao meu novo patrão quem é o gerente da filial, o sujeito que havia me contratado, a pessoa que havia me dito: “Vamos dar uma chance a você”.

– Ah – diz um dos corretores. – Ele foi demitido na sexta-feira.

De pé, diante da mesa da recepção, pela primeira vez em minha vida de adulto, tomo consciência da força muscular de meu próprio esfíncter. Para alguns, isso poderia ser motivo de ironia, até mesmo de humor. Mas não para mim. Não há um único pingo de humor quando entro em pânico e deixo o prédio ou quando noto que está chovendo forte, mas nem me lembro de abrir o guarda-chuva. Como isso pôde acontecer? O emprego pelo qual eu deixei outro emprego não existe. Eu não tinha renda. Vai ter encrenca com minha mulher. Que diabos vou fazer agora? Não sei.

O que sei nas horas e dias que se seguem é que nada provoca mais tensão em um relacionamento entre um homem e uma mulher do que o homem desempregado. Pelo menos, é assim no mundo de onde venho e no mundo em que vivo. Um homem sem emprego, tanto quanto aprendi desde criança, não é homem. Qualquer homem que fosse homem tinha que cuidar da família e sustentá-la. Até mesmo o velho beberrão do Freddie, basicamente, ia para o serviço todo dia. Portanto, era inaceitável para mim acordar pela manhã e não ter aonde ir para trabalhar – mesmo tendo tanta certeza de que eu estava a caminho de Wall Street e sabendo que isso era minha responsabilidade, porque a decisão havia sido minha. Eu só ficava pensando em como Jackie iria receber a notícia.

Mais tarde, eu iria me referir ao que aconteceu em seguida como uma série de incidentes e circunstâncias que, vistos em conjunto, poderiam ser um perfeito exemplo da Lei de Murphy. Para complicar aqueles princípios, havia a situação periclitante de meu relacionamento com Jackie. Quando cheguei em casa e contei a ela o que havia acontecido, ela não disse absolutamente nada. O que poderia dizer? “Sinto muito, meu caro amigo, aguente firme”, mas

ela não disse nada. Não tínhamos nenhuma economia, não tínhamos renda, só contas para pagar. Nada extravagante, apenas as contas comuns: comida, aluguel, multa do carro, berçário, Pampers.

Minha prioridade era arranjar alguma grana – imediatamente. Voltando a alguns dos bicos que eu já havia feito para completar o salário que recebia do Hospital dos Veteranos, naquele mesmo dia ganhei cinquenta dólares pintando casas o dia todo para um amigo empreiteiro. Ótimo. Significava que teríamos o que comer naquele dia e poderíamos pagar a conta do gás. No dia seguinte, meu amigo contratou-me para fazer um serviço no teto de uma casa e, no dia seguinte, limpei um porão e, no dia seguinte, fiz um serviço em um quintal. Qualquer coisa que conseguisse, eu fazia. Não muito feliz, não com habilidade, mas fazia de boa vontade.

Era, na minha opinião, um revés terrível, um buraco infeliz na estrada. Mas não era, de jeito nenhum, o fim da jornada. Na verdade, enquanto eu fazia aqueles serviços, eu pensava o tempo todo em voltar aos trilhos, em encontrar a porta aberta, aquela única porta que daria certo.

No meio das discussões acerca de dinheiro e da crescente tensão diária em casa, enquanto eu pintava casas, limpava porões e aparava gramados, surgiu uma espécie de estratégia. A única possibilidade que me restava era ir até a Dean Witter, onde não haviam dito sim, mas também não haviam dito não. Meu grande desafio era superar o argumento do “contatismo”: qual era minha experiência, que relações eu tinha com esse tipo de negócio? Desafio maior era explicar que eu estava desempregado, depois de ter deixado meu último emprego de vendedor. Minha ideia era que se eu conseguisse alguém que desse referências a meu respeito, alguém como Joe Dutton, um empresário afro-americano do campo da alta tecnologia que eu havia conhecido em um seminário de negócios, isso poderia fazer uma enorme diferença.

Liguei para Joe para pedir-lhe esse favor e ele ficou feliz de poder ajudar um irmão. Assim, consegui marcar a entrevista na Dean Witter. Se me dissessem não dessa vez, eu não teria muita

certeza do que faria em seguida. Portanto, era como se a minha vida dependesse daquela entrevista.

Mais tarde, eu me perguntaria como as coisas poderiam ter sido diferentes se o primeiro programa de treinamento tivesse ido adiante ou se o cara que havia me contratado não tivesse sido demitido. Será que aquilo teria mudado a turbulenta dinâmica em minha casa? A falta de dinheiro tornava tudo pior, mas havia outros problemas. Na opinião de Jackie, o fato de eu fumar maconha para aliviar as tensões era insuportável, assim como meus comentários críticos em voz bem alta. Na minha opinião, ela não confiava em mim, o que me deixava louco de raiva. E meu instinto dizia que ela seria capaz de usar Christopher para retaliar.

A prova final aconteceu em uma noite de quinta-feira, depois de ficarmos sabendo que Sebastian, filhinho de minha amiga Latrell, tinha sido atropelado e morto na rua, enquanto brincava em seu triciclo. Não era a respeito disso que estávamos discutindo, mas essa trágica notícia ajudou a compor nosso estado emocional e começamos a destilar todas as nossas queixas em uma épica altercação verbal, tão desgastante que caímos no sono sem nada resolver. No meio da manhã da sexta-feira, bastou pormos os pés no chão para que a coisa toda continuasse do ponto em que havíamos parado.

Entro em pânico quando ela começa a se trocar para sair, o que significa que, como não vou a parte alguma, sou eu quem precisa vestir Christopher e levá-lo para o berçário, que não temos dinheiro para pagar, mas onde precisamos manter nosso filho para garantir a vaga quando formos os dois para o trabalho. Mostrando-se apressada, Jackie caminha em direção à porta, eu a sigo e exijo que ela me responda:

– Aonde você vai? Temos que resolver essa situação e enquanto isso não acontecer você não vai a lugar algum!

Ela me ignora e começa a descer os degraus, e eu corro atrás dela e tento pegar as suas mãos e virá-la em minha direção. Ela se esquiva, agarro-a pelos pulsos e ela se esquiva novamente tentando

escapar. Aborrecido de ter me rebaixado tanto, solto-a e ela cai de costas no canteiro de rosas.

Vejo-a levantar-se e limpar-se parecendo levemente arranhada e quando começo a engolir meu maldito orgulho para pedir-lhe desculpas, Jackie entra em ebulição:

– Saia já daqui, seu filho da puta!

Volto à luta.

– Não. Não vou sair. Não vou a lugar nenhum. – Agora quem está fervendo de raiva sou eu. Volto para dentro da casa, bato a porta e vou dar banho em Christopher.

O que vem a seguir é uma série de eventos que formam uma espiral meteórica que foge do controle, resultando em complicações legais que até hoje permanecem ambíguas – devido à decisão de Jackie de não me processar pelo incidente do canteiro de rosas. No início, porém, era evidente que era isso que ela queria fazer, pois aproximadamente dez minutos depois que ela havia ido embora, ouvi uma batida na porta da frente e, carregando Christopher embrulhado em uma toalha, abro a porta e vejo-me diante de dois policiais de Berkeley, uniformizados. Atrás deles, na calçada, está Jackie.

Um dos policiais me pergunta:

– Senhor Chris Gardner?

– Sim – respondo dando de ombros, como se não tivesse entendendo.

O segundo policial explica:

– Temos uma queixa da mulher que mora aqui. Ela disse que o senhor a agrediu.

– O quê? Não, eu não a agredi – respondo com firmeza.

O primeiro tira me pergunta por que ela tem arranhões pelo corpo; então, eu aponto para as roseiras, explicando como ela havia caído. Mas o outro diz:

– Não, senhor, ela disse que o senhor a agrediu, e o Estado da Califórnia considera violência doméstica como ofensa grave.

Quando estou para explodir, porque sei que violência doméstica é ofensa grave, e sei como se sente uma mulher que foi espancada, e sei que me entregaria à polícia antes de cometer esse crime, vejo o primeiro policial caminhando para o carro e anotando o número de minha placa.

Depois de se certificarem de que o carro é mesmo o meu, os dois anunciam que vão me levar para a delegacia.

– Não. Eu preciso acabar de aprontar meu filho e deixá-lo no berçário – digo fazendo objeção, mas eles dizem que vão deixar o bebê com a mãe e que ela cuidará disso. Em estado de choque, vejo, sem nada poder fazer, quando eles passam meu filho embrulhado em cueiros para Jackie e vejo quando ela o carrega para dentro de casa, fechando a porta sem olhar em minha direção. Nesse ínterim, sou algemado e colocado no assento traseiro da viatura.

Em estado de total incredulidade, amaldiçoo Jackie baixinho durante todo o trajeto para a delegacia. Seja lá o que for que eu tenha feito para merecer esse ressentimento da parte dela, assumo a responsabilidade, mas quanto mais nos distanciamos de Christopher, menos responsável eu me sinto. Para tornar as coisas ainda piores, descubro, em seguida, que além da possibilidade de sofrer punição por ofensa física, estou sendo cobrado em 1.200 dólares por multas de estacionamento não pagas. Agora não consigo mais pensar; minha raiva cede ao medo e a uma devastadora sensação de impotência. Aqueles dois demônios ficaram à espreita, esperando as circunstâncias saírem do controle para voltarem ao palco.

Depois de me ficharem e tirarem minhas impressões digitais, sou levado para uma cela provisória, onde me informam que a queixa de Jackie não era o motivo de minha detenção – já que se fosse só isso, eu poderia assinar o registro e ir embora. Entretanto, a menos que eu pague as multas, tenho que apresentar meu caso no tribunal e é aqui que a coisa se complica. Acontece que é sexta-

feira. Logo será sexta-feira à tarde. Depois de esperar, andando para lá e para cá em minha cela, vejo um dos sujeitos da recepção virando-se em minha direção e ouço quando ele explica:

– Ah, é sobre as multas. O juiz diz que agora é muito tarde para fazer qualquer coisa a respeito disso. Ele quer vê-lo na segunda-feira. – Ele dá uma parada e depois acrescenta: – Você vai ter que ficar aqui. Não vai poder sair enquanto não se encontrar com o juiz.

– VOCÊ, POR ACASO, ESTÁ ME DIZENDO QUE VOU TER QUE ESPERAR AQUI, NESSA MALDITA CADEIA, ATÉ SEGUNDA-FEIRA PARA VER O JUIZ?

Como se eu o tivesse ofendido pessoalmente, o cara da recepção diz:

– Você deve dinheiro ao Estado da Califórnia e se o mantivermos aqui resolveremos isso.

Os ditames da Lei de Murphy requerem que as coisas piorem. E é exatamente o que acontece agora, quando sou escoltado para outra cela e vejo que eles me põem junto com três dos filhos da puta mais desprezíveis, mais feios e mais esquisitos que já vi na vida: um assassino, um estuprador e um piromaníaco. E eu estou aqui por causa de multas de estacionamento? Fazendo um retrospecto rápido e sério à única vez que fui preso por ter furtado calças na Discount Center, lembro-me que fui ridicularizado por ficar lendo meus livros, e então não digo uma palavra, enquanto ouço os outros contarem, um de cada vez, suas pequenas histórias sobre prisão e por que estão aqui. Claro que a primeira coisa que aprendo, uma lição que será logo reforçada por outros condenados, é que nenhum cometeu o crime pelo qual está pagando. Todos são casos de identidade equivocada ou de alguém que não disse a verdade. Cada um desses desalmados diz as mesmas três palavras: “Não fiz nada”.

Depois, os três, ao mesmo tempo, viram os pescoços grossos bem devagar na minha direção, olhando-me de soslaio, e me perguntam, ao mesmo tempo, por que estou aqui. Sem querer contar-lhes que estou na cadeia por causa de multas de

estacionamento, procuro meu registro vocal mais baixo e com os olhos semicerrados, em tom ameaçador, digo:

– Estou aqui por tentativa de homicídio e acho que vou tentar de novo, certo? – Para estabelecer meu território, aponto para o local onde vou dormir e digo a eles: – E aquela ali é a minha cama.

Sou preto-azeviche, estou louco da vida e sou maior que qualquer outro lá. Meu estratagema funciona tão bem que consigo obter a moeda mais importante do reino de qualquer um que esteja atrás das grades: cigarros.

Ironicamente, eu havia voltado a fumar na Marinha, quando trabalhava no hospital em longos turnos à noite. Agora, tinha parado porque não tinha dinheiro, mas tudo indica que o xilindró vai me fazer voltar ao hábito. Fumar é, de longe, muito melhor que os sanduíches de salsichão embolorados e do café frio que nos servem no decorrer do mais longo e mais torturante final de semana de minha vida.

Segunda-feira de manhã demora uma eternidade para chegar. Quando chega e já estou de pé diante do juiz, ele mal levanta os olhos da sua escrivaninha e dos seus papéis quando diz:

– Senhor Gardner, o senhor deve 1.200 dólares ao Estado da Califórnia. Como pretende acertar isso?

Ele me pergunta se estou trabalhando e eu balanço a cabeça indicando que não. Então, ele me pergunta se posso pagar, e novamente balanço a cabeça indicando que não.

Pela primeira vez nesse suplício, mais que medo e raiva, sinto uma profunda depressão quando me defronto com a realidade dessas circunstâncias.

– Não tenho o dinheiro – murmuro completamente desnorteado.

– Bem... Senhor Gardner, então não tenho outra escolha a não ser condená-lo a passar dez dias na prisão de Santa Rita. – Com uma batida de seu martelo, ele chama: Próximo!

Imediatamente aparece um guarda que me algema e me leva para fora do tribunal, conduzindo-me a um ônibus que segue para

os confins do Central Valley, no escaldante norte da Califórnia, para Santa Rita, a superlotada e velha prisão do condado, cujo condenado atual mais notório é Juan Corona, o mexicano maluco, o monstro da machadinha. Em estado de choque, olho ao meu redor e vejo os *pit bulls* ao meu lado no ônibus. Meu crime? Não é violência doméstica, a queixa inicial de Jackie, sobre o que ainda pairavam dúvidas se levaria adiante, uma vez que o caso ainda exigia mais argumentação legal. E as multas? Não há julgamento. Elas são um fato; há evidência documentada de meu desrespeito à lei, porque eu estava tentando seguir adiante na vida. Se não pagar, aqui tem que ficar. Ponto final. Fim. *Dez dias.*

Onde está meu advogado? Todo mundo tem um defensor público, tem alguém. *É isso aí*, penso. Meu recurso, minha saída. Eles não me deram nenhum advogado. Então, quando me deixam sair do ônibus, tento explicar ao motorista afro-americano, que me parece bastante compreensivo, que ele precisa me levar de volta ao tribunal. Ou talvez, o que realmente espero, me deixar ir embora. Bom... No momento em que dou um passo para fora da fila os guardas da prisão começam a puxar a corrente, colocando-me novamente na fila.

Se houve uma coisa que me ajudou a sobreviver ao efeito desumanizador da prisão, foi o tempo que passei no serviço militar. Não era apenas o pijama laranja da prisão e as sandálias de PVC; eram o rígido controle e a organização, a dieta consistindo em um salsichão intragável e um café horrível, e a aclimatação a condições parecidas com as de um forno. Não havia nenhuma brisa do Pacífico e nada de Santa Anas. Quente. Quente. Quente. A receita perfeita para eu ter uma discussão com um dos guardas, quando percebi que minhas lentes de contato novas estavam endurecendo e machucando meus olhos como se fossem escamas de peixe, já que não havia por lá nenhuma solução salina. Certo de que ficaria cego, exigi um médico e, vendo que o guarda não deu a mínima, murmurei algo brilhante, do tipo: “Vá se ferrar”.

Isso foi rapidamente premiado com uma visita à solitária, uma cabana de tijolo sem teto, do tamanho de um banheiro onde não dava para se deitar, razão por que era chamada de “o caixote

quente”. Fiquei lá, sozinho, de repente sentindo falta das conversas de prisão que pouco antes estavam deixando-me desesperado. Ainda bem que eu já estava acostumado a conversar comigo mesmo. Comecei, então, um bate-papo de “mão dupla”, dizendo em voz alta:

– Poxa! Isso vai de mal a pior, meu irmão.

– Desgraça pouca é bobagem – compadeci-me de mim mesmo da maneira melhor que pude.

– Então por que eles dizem que querem refrescá-lo, se o trazem para o caixote quente? Esse é um tipo de oxímoro. – Com o sol escaldante, o calor era infernal. Bom... Mas também poderia chover e nada haveria a fazer a não ser ficar molhado.

Quando esgotei o estoque de conversa fiada comigo mesmo, comecei a cantar e depois passei a fazer barulhos, tudo em um esforço para afugentar o medo: “Como foi que isso aconteceu? O que aconteceria agora?”

O caixote quente só me esfriou no sentido de que tentei solicitar, de forma sensata, uma autorização para ir ao enterro de Sebastian, sabendo o quanto isso significava para Latrell. Mas depois de calma e discretamente fazer meu pedido, recebi resposta negativa.

Após cumprir meus dez dias em vez de pagar as multas do estacionamento, elas deixaram de ser um problema para mim. Agora, enquanto eu, cansado, esperava a minha transferência de volta para a prisão de Berkeley, onde poderia ter a audiência para descobrir se Jackie havia registrado alguma queixa contra mim, enfrentei o que considerava o maior problema em toda essa provação: a entrevista na Dean Witter estava marcada para a manhã seguinte. Todos aqueles meses e meses de esforço haviam se resumido na minha última tentativa com o sujeito que poderia dizer sim ou não ao meu futuro como corretor da bolsa. Mas quando cheguei à prisão de Berkeley, fiquei sabendo que só poderia ver o juiz na manhã seguinte. O que fazer? Como eu poderia ir para a entrevista na Dean Witter se eu ainda estava na cadeia?

A resposta veio na figura de um guarda, um irmão latino, que deve ter se levantado com o pé direito naquela manhã e que me deixou fazer uma ligação para tentar remarcar a entrevista. Talvez tenha sido por eu ter lhe implorado. Talvez tenha sido por eu ter explicado a ele que eu tinha uma chance real nesse emprego, que era muito importante para mim.

Não importa a razão; o fato é que ele discou o número e me passou o fone através das barras da cela. Lá estava eu, atrás das grades, chamando o senhor Albanese, na Dean Witter. Quando ele respondeu, cumprimentei-o entusiasmado:

– Alô? Senhor Albanese? Aqui fala Chris Gardner, como vai o senhor?

– Vou bem – ele respondeu e eu fui em frente:

– Tenho uma entrevista com o senhor amanhã, mas surgiu um problema. Será que podemos remarcar para o dia seguinte?

Os céus sorriram para mim quando ele respondeu:

– Ok. Sem problema. Esteja aqui às 6:30 da manhã.

– Obrigado, senhor – rezei bem na frente do guarda. O senhor Albanese havia dito que estava aguardando ansiosamente para me encontrar. Eu disse a ele que o veria no dia seguinte.

Minha provação legal com Jackie continuou na manhã seguinte, quando tivemos que nos encontrar no tribunal. Era minha intenção pegar o caminho diplomático, pedir-lhe desculpas e encontrar uma forma justa de dividirmos a responsabilidade de cuidar de Christopher. Obviamente, nossa relação havia acabado. Meu plano era passar em casa, pegar minhas coisas e procurar um lugar para morar. Mas, aparentemente, Jackie veio disposta a me punir, o que resultou em nova audiência no tribunal, marcada para várias semanas mais tarde. Quando a vi saindo naquele dia, apesar de seu comportamento absolutamente frio, eu ainda tinha esperança de que esse encontro no tribunal não seria necessário.

Meu outro consolo foram as perspectivas que via adiante e a possibilidade de que a entrevista abrisse a porta para meu futuro.

Quando peguei o trem de volta para casa, planejando fazer rapidamente as malas para ficar mais tempo com Christopher e para pensar de que forma eu poderia levá-lo para morar comigo, onde quer que fosse, eu me senti animado o suficiente para descartar uma sensação instintiva a respeito de como Jackie havia se comportado com relação a mim naquele dia – como se houvesse mais coisa para acontecer. Mas depois do que ela me fez passar, isso não parecia plausível. Portanto, deixei pra lá.

Nada parecia diferente do rotineiro, quando fui a pé para casa e subi os degraus da porta da frente. Foi só quando olhei para a janela que me ocorreu achar estranho não haver cortinas lá. Hmmm. O que havia de errado? A bomba explodiu quando olhei lá dentro e vi que a casa estava vazia. Vazia. Nada de Jackie. Nada de Christopher. Nada de móveis, estéreo, potes, panelas, roupas. Nada de carro na rua. A fechadura havia sido trocada.

Completamente aturdido e angustiado, saí para a calçada aproximando-me de qualquer um que passasse e aceitasse falar comigo:

– Onde está meu filho? – eu perguntava a vizinhos e desconhecidos. – Onde está Jackie?

Uma mulher, amiga íntima dela e meia-proprietária, não quis me dizer nada.

– Você fez mal em agredi-la – repreendeu-me. – Não me pergunte nada, porque não sei de nada.

É claro que ela sabia de tudo. Na verdade, fiquei duplamente mortificado por notar que todos pareciam saber o que havia acontecido, menos eu. Era tarde demais para me defender do que fosse que Jackie havia dito a meu respeito. O que importava, agora, era o fato de que Jackie e Christopher aparentemente haviam desaparecido da face de terra e eu tinha que encontrá-los.

Para começar, eu tinha que encontrar um lugar para passar aquela noite e ir para a entrevista na manhã seguinte vestindo uma calça jeans boca de sino, camiseta, paletó Members Only castanho-avermelhado (que combinava com o carro castanho-avermelhado

esporte que eu tinha), e o par de tênis Adidas respingado de tinta, pois havia-se tornado meu sapato de serviço nos bicos que fazia – a mesma roupa com que fui para a prisão e que usei lá a maior parte do tempo, em vez dos pijamas laranja e das sandálias de PVC.

Alguns dias depois do enterro do filho, uma Latrell Hammonds derrotada atendeu à minha ligação e disse que eu poderia ir para lá, lavar minhas roupas e dormir no sofá aquela noite. Cair no sono foi difícil, principalmente quando me toquei que esses dias e noites, desde que a polícia havia me levado para a delegacia, marcaram a primeira vez que Christopher e eu nos separamos um do outro fisicamente. Finalmente, caí no sono, mas não tive qualquer sonho, pois meu cérebro continuou consciente durante toda a noite, insistindo na mesma pergunta: *Onde está meu filho?*

CAPÍTULO 10

California Dreamin'

– Entrega é pela porta dos fundos – o senhor Albanese, da Dean Water, diz levantando os olhos de sua xícara de café e de seu *Wall Street Journal* para me olhar, conforme me aproximo de sua mesa às 6:15 daquela manhã.

Felizmente, ainda não há mais ninguém nessa parte do escritório; portanto, não preciso passar por mais constrangimento por causa de minhas roupas da prisão. É verdade, minha calça jeans foi lavada e meu paletó Members Only não está muito amassado. Mas o par de tênis respingado de tinta me faz parecer exatamente o que o senhor Albanese aparentemente pensa que sou – um entregador ou algum morador de rua que apareceu por lá.

– Senhor Albanese – digo conforme avanço um passo e me apresento. – Sou Chris Gardner. Marcamos uma entrevista agora de manhã, às 6:30. Peço desculpas por ter chegado muito cedo.

– Tudo bem – ele diz. – Sou madrugador.

– Eu também. – Inclino a cabeça em sinal de aprovação, determinado que sou. Agora vejo que ele está me examinando mais detalhadamente, a deixa certa para eu inventar uma explicação de gênio para minha falta de profissionalismo em matéria de vestuário. Depois de um segundo, começo:

– Hoje poderá ser o dia mais importante da minha vida, mas tenho que admitir que estou malvestido para a ocasião.

Demonstrando que não estava achando graça em minha tentativa de ser irônico, ele diz:

– Entendo. – E depois acrescenta: – O que aconteceu?

Nenhuma das mentiras que eu possa invocar nesse momento é ou bizarra demais ou plausível demais para responder a ele. Então eu lhe digo a verdade, menos a parte da prisão, mas incluindo muito de tudo o que havia acontecido recentemente: Jackie esvaziando a casa, levando tudo, inclusive meu carro e, principalmente, o fato de ela estar com meu filho e de eu não saber onde eles estavam.

Ouvindo-me com muita atenção, o senhor Albanese interrompe-me antes de eu dizer minha última sentença:

– Você acha que está passando por maus pedaços? Já aguentou três peruas diferentes, todas atrás da mesma coisa? – Em resumo, ele havia se casado e divorciado três vezes e elas acabaram com o dinheiro dele. Em seguida, ele se lança em uma série de histórias sobre as ex-esposas. Durante vinte minutos, ele fica lá arengando. No momento em que acho que podemos voltar à questão principal do meu futuro, ele se lembra de outra coisa: – E depois apareceu essa garota que comecei a namorar. Vou te contar o que ela fez.

O fato é que estou aqui para dizer a ele por que posso ser um trunfo para a Dean Witter no programa de treinamento da empresa, e não estou muito interessado em comiserações. Mas é claro que esse é um cara legal e, por isso, eu o ouço e aceno com a cabeça nos momentos apropriados:

– Oh, meu Deus!

Finalmente, ele acaba de contar seus casos. Em vez de me ouvir ou me fazer perguntas, ele se levanta de sua mesa, toma um gole de café e diz:

– Esteja aqui na segunda de manhã que vou levá-lo pessoalmente à sessão de treinamento.

Assim, sem mais nem menos. Os portões de Wall Street, até então fechados, abrem-se. Eu estava lá dentro! Não era um milhão

de dólares em meu bolso, nem a chave de minha Ferrari vermelha, mas era validação. A parte engraçada foi que depois de me preocupar com meus trajes – e somente mais tarde descobri que Jackie havia aprendido sozinha a manejar uma barra de direção para levar nosso carro, que nunca mais vi, e Christopher para a Costa Leste, junto com a chave do guarda-volume onde ela guardou todas as minhas coisas –, a história do motivo de eu estar malvestido acabou fazendo com que eu me tornasse amigo de Albanese. Isso serviu para mostrar que Deus realmente escreve certo por linhas tortas.

É claro que não havia nenhuma garantia. Como estagiário, eu ganharia um salário de mil dólares por mês e entre me dedicar ao treinamento, ajudar os corretores no escritório e estudar quando não estava trabalhando para fazer o exame, não sobrava nenhum minuto livre para fazer algum bico e aumentar a renda. Isso significava levar uma vida bem-apertada. Também significava que, até receber o primeiro salário no final do primeiro mês, eu teria alguns assuntos para resolver.

Na segunda-feira seguinte, eu havia conseguido garantir algumas noites nos sofás de vários amigos, entrar na fila para algumas refeições, pegar dinheiro emprestado para pegar o trem da BART para ir trabalhar, e encontrar um amigo disposto a me emprestar um terno e um par de sapatos, que me levariam ao meu primeiro pagamento. O terno era dois números abaixo do meu, e o sapato, dois acima. Mesmo assim, fui de cabeça erguida e com muito orgulho para o trabalho naquele primeiro dia, surpreso de ver um rosto que eu havia visto lá vários meses antes. Um irmão de cor chamado Bob – ou “Bob Gravata-borboleta”, como eu o apelidei por causa da sua eterna gravata-borboleta, dos óculos com armação de chifre e do jeito retraído de rapaz de clube de campo – que havia estudado em Stanford e foi o primeiro afro-americano a ser admitido no programa de treinamento. Depois de reencontrá-lo, fiquei ansioso para conversar com qualquer um e feliz de ver outro irmão lá. Apresentei-me a ele e lhe disse:

– Puxa, você está aqui? Puxa vida! Como você conseguiu? O que preciso fazer? O que você fez?

Na época dessas primeiras conversas, Bob Gravata-Borboleta só havia começado o programa de treinamento um pouco antes, e parecia mais interessado em falar sobre como ele se formou pela Stanford, em cujo time de golfe jogava, do que em falar como ele havia quebrado a barreira da cor no mundo financeiro. Já que era evidente que eu não tinha titulação nem curso superior, não pertencia a clube algum e não jogava golfe, ele não tinha muitos motivos para conversar comigo, embora a maneira como ele me olhava fosse bem clara, no fundo dizendo*: De onde você veio?*

Pelo que eu sabia, Bob Gravata-Borboleta devia ter crescido em Watts. Mas tinha ido para Stanford – que eu não criticava de jeito nenhum – onde parecia que toda a sua história havia começado e terminado, e ele tivesse se moldado no negro mais branco que já conheci. Pelo menos essa foi a impressão inicial que tive dele.

Em uma reviravolta interessante, descobri que Bob ainda estava no nível do porão, no mesmo programa de treinamento, porque ainda tinha que passar no teste – depois de três tentativas. No processo, ele havia passado de Bob Gravata-Borboleta, um mauricinho, para um radical Bobby Seale. Em vez de me dar as boas-vindas ao programa, ele cumprimentou-me mostrando só os desafios que eu tinha pela frente, e informando que o teste era culturalmente tendencioso.

– Verdade? – disse-lhe eu, perguntando-me se seria mesmo verdade.

– O teste vai derrubar você, cara – advertiu ele. – Vai acabar com você.

Desde o primeiro dia, ficou claro para mim que eu tinha que me sair bem na primeira tentativa. Negócio era negócio e não importava quanto uma companhia quisesse promover oportunidades iguais, eu tinha certeza de que eles não iriam de jeito nenhum manter na folha de pagamento dois negros que fossem reprovados no teste. Diante dessas circunstâncias, eu teria apenas uma chance. Foi por isso que evitei até mesmo me juntar a Bob, como se seu problema, fosse ele qual fosse, pudesse ser contagioso. Depois de se lançar

repetitivamente na sua reclamação culturalmente tendenciosa, acabei colocando-o na parede, perguntando-lhe na brincadeira:

– Bob, você não foi para Stanford? Culturalmente tendencioso? Que diabos! Justo você que deveria saber muito bem disso porque lá eles ensinam tudo. – Esse foi mais ou menos o contato mais sério que tivemos a partir de então.

Em meu hábito de procurar indivíduos com quem pudesse aprender alguma coisa, eu me liguei a Andy Cooper, um dos melhores que lidava com operações de risco da companhia, e trabalhava com mecanismos de economia fiscal – antes que a legislação tributária mudasse nessa época. Esses negócios – geralmente bens imóveis, petróleo ou gás natural – poderiam produzir enormes baixas contábeis, qualquer coisa entre dois por um e quatro por um. O método básico de se vender esses mecanismos era fazer uma visita e convidar os investidores prováveis para um seminário. Com o conselho que Bob Bridges havia me dado, estabeleci padrões de disciplina quanto ao número de ligações telefônicas que eu fazia por dia, sendo duzentas minha quota diária, não importando quão desanimadoras fossem as respostas. Cooper havia notado que eu era muito disciplinado no telefone e, assim, ele encarregou-me de fazer as ligações para os chefes desses escritórios e colocá-los em contato com ele. Cooper, então, entrava com seu poder de persuasão, fechava os contratos e levava toda a comissão. Como estagiário, eu era o burro de carga que trabalhava de graça, algo que só entendi mais tarde. Mas, na verdade, eu não me importava com isso. Tudo o que eu queria era me sair bem nesse negócio, aprender tudo que eu pudesse e adquirir o máximo de experiência.

Quando não estava em treinamento, trabalhando ou estudando, tudo o que importava para mim era localizar Christopher e trazê-lo para morar comigo. Mas essa preocupação levantava o problema de que os únicos lugares que eu tinha para morar eram a casa de Latrell – nos fundos da casa de sua mãe –, onde eu tinha um quarto para mim; no barraco de Leon Webb, onde eu dormia no chão; no apartamento de Garvin, meu amigo de infância, onde fiquei por um curto período; ou, ocasionalmente, com diferentes mulheres que não

se importavam de dividir comigo a cama e a comida, embora eu não tivesse muito para dar em retorno, exceto minha gratidão duradoura.

Sem perceber, eu estava refinando minha habilidade de me mudar com frequência, até mesmo constantemente, e nem notei como essas habilidades se tornariam cruciais para mim. Depois que o primeiro salário chegou, fui imediatamente comprar um terno novo. Com o terno que usava, outro em um cabide dentro da sacola de roupas pendurada no ombro, alguns artigos de higiene pessoal e meus livros, eu era autossuficiente. Em vez de deixar minhas coisas na casa de alguém, adquiri o hábito de carregar tudo comigo. Uma noite no serviço, quando eu ainda não tinha conseguido um lugar onde dormir, ocorreu-me que, já que eu geralmente era um dos últimos a deixar o escritório, ninguém ficaria sabendo que eu havia dormido debaixo de minha mesa de trabalho. Afinal de contas, eu também era, geralmente, o primeiro a chegar.

Na primeira noite foi tudo muito estranho, como se fossem me pegar no pulo – não por dormir lá, mas por não ter onde morar. Mas o fato era que eu não era como Bob Gravata-Borboleta, que continuava tendo mais oportunidades que eu, e nem como Donald Turner, que estava no programa de treinamento comigo e cujo maninho era um grande produtor para a empresa. Verdade ou não, os outros camaradas tinham uma infraestrutura na vida que eu não tinha. Donald era altamente sensível e estava determinado a passar no teste, mas se ele não conseguisse, seu irmão garantiria, sem dúvida alguma. Não que eu sentisse pena de mim mesmo, porque isso não iria me ajudar, mas eu tinha que enfrentar fatos: não havia nenhum plano B, nenhuma rede de segurança, e ninguém precisando que eu me desse bem para que eles parecessem bem. Era tudo comigo mesmo. Se eu precisasse dormir debaixo de minha mesa, então era isso o que eu faria.

Depois de algumas noites, descobri que dormir no serviço era não apenas conveniente, mas também reduzia os gastos com o trem e não havia cama para arrumar. Era só me deitar, dormir, acordar antes que alguém chegasse, lavar o rosto, refrescar-me da melhor forma possível, escovar os dentes e o cabelo, borrifar água da pia em meu corpo, usar papel-toalha e praticar alguma ação com

o desodorante. Algumas vezes eu ficava com a mesma roupa e outras, colocava o terno e a camisa que eu guardava na sacola. Quando o pessoal chegava, eu já estava no telefone garantindo uma boa vantagem sobre aquelas duzentas ligações por dia. Eu terminava relativamente cedo, no início da noite, tomando cuidado para não ligar muito tarde. Então, era hora de voltar aos estudos.

No decorrer das semanas seguintes, sempre que alguma preocupação com o que estava fora de meu controle apoderava-se de mim, meu foco me salvava. Se eu simplesmente pudesse me concentrar na ligação – sendo positivo e simpático, mas limitando-me aos negócios de uma maneira produtiva e fazendo uso eficiente do tempo – e criar aquela disciplina de continuar adiante, continuar discando, continuar a pôr o fone no gancho e a tirar o fone do gancho, então eu poderia sobreviver até a noite, quando cairia em cima dos livros, que eram horrivelmente técnicos, mas que, conforme me convenci, eram tão fascinantes quanto as melhores histórias que já foram contadas. Depois de ouvir por anos e anos mamãe dizer que a biblioteca pública era o lugar mais perigoso do mundo, porque você podia entrar lá e descobrir como fazer qualquer coisa *se* você soubesse ler, também me convenci de que toda essa informação que eu estava adquirindo como preparação para meu exame me daria aquela vantagem competitiva para que eu pudesse passar na primeira tentativa.

Quando meu cérebro queria desistir, eu adotava a atitude de quem tinha que estudar como se estivesse na prisão – porque o conhecimento era poder e liberdade. Caminhava comigo a imagem de Malcolm X na prisão, aprendendo sozinho por meio do dicionário, começando com “aardvark”, a primeiríssima palavra.

Entretanto, com essa história de estar sempre mudando, eu não tinha conseguido encontrar Jackie e meu filho. Na verdade, foi ela quem conseguiu me encontrar e começou uma série de telefonemas tortuosos. Na casa de Latrell, a primeira vez que ela ligou e perguntou por mim, peguei o telefone e ouvi apenas o silêncio de Jackie e gritos de Christopher ao fundo. Respondi também com silêncio, e meu estômago embrulhou. Essa foi a primeira vez e não a última, e não sei se por coincidência ou não, sempre que ela

ligava, onde quer que ela me achasse, Christopher estava gritando ao fundo. Nessas ocasiões, eu sentia uma enorme angústia, mas meu treinamento da Marinha e a técnica da imobilidade que eu via em minha mãe quando ela era agredida ajudaram-me a não dizer uma única palavra. Finalmente, como ela não conseguia me provocar, desligava. O *clic* ecoava por um longo tempo depois que eu punha o fone no gancho.

Toda vez, eu passava pelo processo de, mentalmente, mudar de canal e buscar a frequência que me sintonizaria no que eu estava estudando. Algumas vezes, pensar em Bob Gravata-Borboleta me servia de estímulo e me ajudava na concentração, pois me lembra dos requisitos do exame. Com uma taxa de 60% ou mais de reprovação, o teste cobria toda a gama de conhecimentos exigidos em Wall Street – instrumentos financeiros, produtos, ações, títulos, obrigações municipais, títulos privados, debêntures conversíveis, ações preferenciais e regimentos – com uma profundidade pouco encontrada em faculdades de administração ou até mesmo em programas de MBA. Com 250 questões de múltipla escolha, o teste tinha diferentes partes e eu tinha que atingir pelo menos 70% no geral – opções, patrimônio, finanças municipais, finanças empresariais, regimentos, regras. Reprovação em uma parte era reprovação automática.

Com uma parte do salário, encontrei uma pensão barata em Oakland, não muito distante do centro e do Lago Merritt. Para todos os fins e propósitos, era uma pensão muito simples, embora decente, e incluía três refeições por dia, ou o que eu pudesse comer enquanto estivesse lá. Era um mundo diferente de tudo o que eu havia vivido antes; eu morava com pessoas que mal conseguiam sobreviver, algumas com problemas mentais, outras viciadas, sem terem onde cair mortas. Não que eu estivesse julgando, mas eu não conseguia fazer as devidas conexões. A pensão era apenas uma opção temporária barata, onde eu podia dormir, estudar e comer – quando chegava em tempo para a refeição noturna.

Por algum tempo, eu conseguia comer durante o dia, quando me mandavam arrumar a sala de conferência para Andy Cooper. Como estagiários, Donald Turner e eu éramos responsáveis não apenas

pelas ligações iniciais para os principais contatos e pela sequência, enviando malas postais e fazendo mais ligações, mas também pela limpeza das mesas com sanduíches e refrescos antes do início dos seminários. Se não aparecesse ninguém, os sanduíches não iriam para o lixo. Constantemente faminto, eu não me importava de jeito nenhum em fazer aquele serviço.

Ao mesmo tempo, eu tinha começado a pensar além do exame, isto é, a subir na Dean Witter, e não tinha muita certeza se seria uma boa ideia me ligar demais à equipe de Andy Cooper. Para Donald Turner, cujo irmão já estava estabelecido e alinhado com Cooper, não havia muita escolha. Parte da razão por que era tão tenso era a enorme pressão que existia sobre ele para atender às expectativas, com base no brilhante desempenho do irmão.

Ele tinha que produzir, principalmente quando já recebia negócios prontos – nem sempre, mas com muita frequência – provenientes dos contatos do irmão. Isso só parecia fazer Donald, já naturalmente pálido, ficar mais branco ainda. Mais ou menos da minha idade, barba sempre bem-feita, cabelo ruivo penteado para a frente como o de um estudante, ele tinha a voz baixa e fina, e um jeito diferente de terminar suas conversas de negócios e suas ligações dizendo: “Está certo, tchau”.

Eu tinha vontade de chegar bem perto dele e perguntar:

– *Para quem é que você está dizendo tchau?*

E era ele que tinha os grandes contatos. Eu? Eu fazia as ligações iniciais, de surpresa, para os clientes potenciais. Eu não os conhecia, eles não me conheciam, mas sabiam o nome da empresa e atendiam minha ligação. TLT permitiu-me desenvolver três habilidades importantes: primeiro, eu tinha que preencher minha quota de ligações; segundo, eu tinha que aprender a avaliar rapidamente se a pessoa do outro lado da linha era do tipo apenas conversador ou se realmente valia a pena ir atrás dela; finalmente, tive que aprender a sentir quando era hora de fechar o negócio. Para mim, isso havia-se tornado um jogo – saber se o cliente potencial estava se preparando para dizer não ou desligar na minha cara. Meu mantra interno era: *Vou desligar antes de você desligar*

na minha cara. Mas ao meu cliente potencial eu dizia "Muitoobrigadoetenhaumbomdia", como se fosse uma longa palavra.

Assim, não importava o resultado, eu não perdia. Para não parecer rude, dizia sempre "Muito obrigado, tenha um bom dia", da maneira mais clara e rápida possível. Cortês e prático, eu não tinha que ouvir não ou o som raivoso do telefone sendo desligado; a ligação não afetava muito nem a mim nem à companhia, e eu podia passar para a próxima – discando os números no velho telefone, como se estivesse girando a manivela de uma loteria da sorte.

Sempre que parava, sem nada mais em que me concentrar, eu não pensava em outra coisa que não fosse a dificuldade que eu estava enfrentando para encontrar Christopher.

Os outros estagiários sabiam que eu era uma pessoa intensa, é claro. Mas eu não via razão nenhuma para contar a qualquer um deles onde estava morando ou falar sobre o drama que estava acontecendo em minha vida pessoal. Isso ajudou-me a refletir sobre algo que mamãe me havia dito lá atrás, quando eu tinha a ilusão de me tornar um ator: quando lhe pedi cinco dólares, em vez de dá-los a mim, ela insistiu em que eu atuasse como se tivesse cinco dólares. Aquilo tirou rapidinho da minha cabeça a ideia de me tornar ator. Mas havia algo mais na mensagem dela que, nesse momento, se tornou relevante. Não importava quanto eu tivesse no bolso, não importava quanto tivesse custado meu terno, ninguém poderia me impedir de atuar *como se* eu fosse um vencedor. Ninguém poderia me impedir de atuar *como se* meus problemas estivessem todos a caminho de uma solução. Não demorou muito e atuar *como se* tornou-se tão convincente que eu mesmo comecei a acreditar naquilo. Comecei a praticar futurologia para mim mesmo, *como se* já tivesse sido aprovado no exame, imaginando o que aconteceria em seguida.

Era com isso que eu quebrava a cabeça enquanto viajava no trem da BART de e para Oakland todo dia, toda noite. O sistema de favores feitos em retorno a favores devidos começava a me obrigar a ser prudente. Percebi que, associando-me a Andy Cooper, eu terminaria mais ou menos trabalhando para ele e absorvendo seu

excedente. Essa era uma rota a tomar, o passo talvez mais seguro, mas no fim, menos lucrativo. A abordagem mais arriscada era esculpir meu próprio nicho e construir minha própria base do início. Para um novato, que ainda nem tinha sido aprovado no teste, decidir adotar esse enfoque seria muita pretensão e muita estupidez. Ainda assim, pelo que eu observava no escritório, os melhores jogadores eram os poucos corretores que faziam suas próprias coisas – separando algum tempo para pesquisa e combinando meios tradicionais e não tradicionais de garantir a grande jogada para os dólares dos seus clientes e para eles próprios.

Dave Terrace era um dos caras em quem eu estava de olho. Com um dos maiores escritórios na empresa, ele ficava junto com os figurões que se sentavam à mesa de operação, atrás de nós, recém-chegados, e sempre que eu podia, eu me virava para observá-lo trabalhando. Negócio puro – nenhuma ostentação; sólido e consistente. Era até possível que ele nem estivesse ganhando mais do que Andy Cooper, mas ele estava voando solo. Aquilo me agradava. Minha escolha estava feita. Como se comprovou mais tarde, ter conseguido carona na mina dos mecanismos de economia fiscal de que Andy e seus camaradas estavam se aproveitando teria me enviado para o mesmo desastre que se abateu sobre todos quando a legislação tributária mudou.

O dia do exame chegou. Donald Turner, mais preocupado e tenso que nunca, parecia tão estressado que pensei que ele se mataria se não passasse. Bob Gravata-Borboleta não iria fazer o exame novamente, talvez porque estivesse ocupado registrando queixa com relação ao viés cultural tendencioso que via neles. Talvez para Donald e alguns dos outros estagiários, eu parecesse irritantemente relaxado. Não era verdade. Dentro de mim a adrenalina corria solta e eu sentia a tensão de um guerreiro partindo para a batalha, um gladiador pronto para lutar com seu adversário mais perigoso, se houvesse necessidade. Mas eu estava preparado. Nada me assustava. Não havia quaisquer truques. Não havia preconceito cultural. Eu sabia as respostas. O teste foi fácil. Para dizer a verdade, eu disparei na primeira metade e tive tempo de

sobra para aproveitar bem o intervalo. Fiz a mesma coisa, quando voltamos para a segunda metade do teste.

Tivemos que esperar três dias pelos resultados. Foi o suficiente para acontecer o pânico de ação retardada. E se só eu achasse que o teste tinha sido fácil? E se eu não notei as pegadinhas ou o preconceito cultural? E se o teste fosse só para me derrubar? Ralhando comigo mesmo, repeti meu mantra de que não havia nada lá que eu não tivesse visto antes, e de que eu devia relaxar.

A ligação chegou na hora certa. Um dos gerentes de filiais estava do outro lado da linha quando peguei o telefone na minha sala.

– Acabou o suspense – ele começou esperando pela minha reação.

Eu também fiquei esperando e não disse nada.

– Você foi aprovado, Gardner – e deu uma risada de satisfação, talvez ciente do fenomenal suspiro de alívio que saiu de meus pulmões. – No total, você acertou 88% – continuou. – Um excelente resultado.

Nem surpreso, nem exultante, eu me sentia agradecido. Na pensão, sentado na beirada de minha cama, esvaziei a mente e apenas respirei. Não havia ninguém com quem comemorar, ninguém que entendesse o que aquilo significava para mim. Se Donald Turner passou ou não, nunca fiquei sabendo. Mas eu sabia que meu colega Bob Gravata-Borboleta não ficaria nada contente.

O que tudo aquilo significava? Que eu havia sido aprovado no teste, mas era apenas um teste. Como se tivesse sido classificado para participar dos jogos olímpicos. Meu treinamento havia acabado e eu estava pronto para competir. Agora eu voltaria à estaca zero, de volta às ligações-surpresa para os clientes potenciais, seguindo a lista. Eu faria minha própria carteira, não importava como, discutiria e fecharia negócios, e encontraria meu nicho. Sob certos aspectos, os riscos haviam se tornado maiores que antes, quando a companhia fez um investimento treinando-me. Isso havia sido feito. Agora eu tinha que produzir. Mas alguma coisa havia mudado. Eu

não precisava mais provar nada. Minha confiança era do tamanho do oceano Pacífico. Eu havia sido aprovado. Finalmente, eu estava legitimado. Tinha os papéis necessários.

———

Jackie está sentada à minha frente na cafeteria Berkeley, mais ou menos um mês depois, em uma tarde de sexta-feira, quando faço um grande esforço para não me irritar, não importa o que ela me joga na cara.

Já se passaram quatro meses desde que ela foi embora com meu filho e o nosso carro, que eu nunca mais verei, deixando-me fora de casa, no frio. Só isso, por si só, já é bizarro, mas acabamos de sair do tribunal, onde as coisas tomaram um rumo ainda mais bizarro.

Nos dias anteriores à audiência, ela havia me telefonado algumas vezes e até falado comigo, mas se recusou a me deixar falar com Christopher ou a me dar qualquer informação sobre onde ele estava. Também me atormentou com alguns detalhes – como o fato de que ela aprendeu sozinha a dirigir para poder viajar pelo país, e que tinha toda a proteção da lei. O advogado era um “irmão”, alguém a quem eu viria a me referir como um *nerd*, um eunuco mirrado, sem graça, nada ameaçador. Embora eu suspeitasse que ela queria dizer que o advogado era seu irmão, quando entrei na sala de audiência com meu advogado – cujos honorários me custaram quase todo o salário daquele primeiro mês como corretor – vi que seu poder de representação consistia em um procurador designado pelo Estado e do policial encarregado de efetuar prisões.

A próxima surpresa foi que Jackie decidiu não me acusar formalmente. Assim – sem mais nem menos. Em minha análise, certa ou errada, parecia-me que tudo aquilo havia sido a maneira que Jackie encontrou de fazer contato comigo. Tudo ficou mais evidente com a sugestão dela de que fôssemos a algum lugar para conversarmos.

Muito bem. Aqui estamos. Ela parece saber onde estou morando, como se estivesse me controlando, o que é boa indicação de que ela sabe que passei no teste. Mas ela nada diz a esse respeito. Claro, talvez esteja despeitada. Afinal, ela nunca acreditou que eu pudesse passar sem ter um curso universitário, ou talvez estivesse projetando sua própria insegurança, ou talvez houvesse outras pessoas dizendo-lhe que ela estava deixando seu sonho morrer enquanto eu estava atrás do meu. Seja lá qual for o caso, é claro que ela não me cumprimenta por agora eu ter a licença e o emprego. Mas também é preciso considerar que ela tem uma coisa que não tenho – nosso filho. Ah, sim, e ela está com as minhas tralhas. Não que seja muita coisa que eu possa usar no momento, considerando meu alojamento temporário, que, no futuro previsível, não deve mudar.

Minha decisão de não participar do Clã Cooper não foi a mais prática, no início. Em termos de comissão, eu recebia aproximadamente 1.200 por mês, embora pudesse ganhar mais, se estivesse disposto a fazer contratos maiores para Andy receber a comissão enquanto eu assumia algumas de suas operações menores, conforme ficavam disponíveis. Em vez disso, eu queria abocanhar contratos grandes e pequenos, mesmo sabendo que não havia nenhuma garantia de que conseguiria um ou outro. Era a minha escolha – eu tinha mais teto, mas, para compensar, tinha menos chão. Fui para o jogo de números com os olhos bem abertos, sabendo muito bem que x ligações é igual a x clientes potenciais é igual a x vendas é igual a x clientes é igual a x comissões em bruto ou dólares no meu bolso. De duzentas ligações, dez clientes novos era uma boa média, com a metade disso transformando-se em clientes que voltavam – de onde saía o dinheiro. Cuidando de minhas próprias coisas, eu era a linha de montagem, girando a manivela, discando e sorrindo. Eu era bom nisso; tão bom que vários corretores acima de mim me faziam propostas para ajudá-los a incrementar suas cifras. Quando eles chegavam até mim, sem ser ingrato, eu tinha uma resposta típica: “Não, acho que não vou aceitar. Prefiro construir minha própria carteira. De qualquer forma, agradeço muito por ter pensado em mim”.

Isso deu a eles o direito de me chamar, quase que continuamente, de “Corretor do Dia”. No princípio, soava como uma honra e me fazia sentir um nível acima. O corretor do dia era o encarregado de cuidar de qualquer um que entrasse no escritório e que não tivesse ainda um corretor ou uma conta na empresa. Essas pessoas buscavam informações específicas ou tinham uma vaga ideia de alguma coisa que gostariam de comprar. Entretanto, em San Francisco, onde a paz e o amor livre eram a regra até pouco tempo antes, ainda existia preconceito racial em 1982, e logo ficou claro que aqueles que vinham ao escritório não esperavam ver um corretor negro, o que acrescentava outra camada de desafio. Contudo, eu agia como se isso não fosse um problema, e oferecia assistência total. “Muito prazer em conhecê-lo.Imagino que o senhor deseja adquirir um plano para financiamento de casa própria, correto?” e entraríamos nas particularidades. Ou: “O senhor deseja fazer uma poupança para seus netos? Sim, tenho algumas sugestões”.

Algumas vezes, depois de ter feito todo o trabalho de base e praticamente preparado os papéis, eu descobria, em seguida, que não havia recebido a comissão. Por quê?

– Bem... – o gerente da filial dizia nessas ocasiões. – Eles queriam alguém com mais experiência.

A primeira vez que isso aconteceu, soltei fumaça pela boca. A segunda vez, enfrentei meu chefe:

– Deixe-me ver se entendi direito. Eles estão comprando ações na Commonwealth Edison, certo? Ganhar os lucros dos dividendos, a renda, não vai mudar com base em quem recebe a comissão. Mesmas ações, mesma companhia. Mas eles queriam alguém com um pouco mais de experiência? Ele recebe a comissão por uma operação que eu fiz?

Não era nenhum bicho de sete cabeças. A realidade era que as pessoas nunca tinham feito negócios com um negro antes, e não queriam fazê-lo, mesmo que eu tivesse feito um grande trabalho e conseguido um bom dinheiro para eles. Mas eu estava aprendendo que poderia me recusar a ser o Corretor do Dia. Voltei a sorrir e a

discar. Essa lição não necessariamente se aplicava a outros caras, mas para mim ficou aparente que eu me dava melhor falando ao telefone. Se conseguisse alguém entusiasmado com a oportunidade de ganhar algum dinheiro e se pudéssemos estabelecer boas conexões, esse era o caminho a seguir. Além disso, embora eu pudesse recorrer ao vernáculo a qualquer dia e a qualquer hora, eu não era audivelmente negro ao telefone. Talvez isso tenha se originado da aptidão por outras linguagens – música, medicina, finanças, línguas anglo-saxônicas, qualquer coisa. E um nome como Chris Gardner? Nenhuma etnicidade reveladora aqui. Eu poderia ter sido qualquer um, com qualquer formação.

O telefone virou meu escudo contra a cor. Na verdade, eu desencorajava clientes novos a virem pessoalmente ao escritório, agindo de maneira diferente dos outros corretores, que gostavam de fechar seus negócios com o cliente ao seu lado.

– Ok, vamos então fazer o seguinte – eu dizia depois de termos acertado tudo. – Vamos abrir a conta. Por favor, envie-me o cheque e lhe enviaremos a confirmação, e vamos em frente. O senhor pretende enviar o cheque hoje ou prefere fazer uma transferência por telegrama?

Quando as pessoas queriam vir ao escritório, eu tinha um jeito fácil de dizer:

– Não, não há necessidade porque isso aqui está uma loucura. Podemos fazer tudo por telefone.

Quatro meses depois que Jackie foi embora e levou Christopher, a bola estava definitivamente começando a rolar, mas não havia ainda se traduzido em grandes mudanças na minha renda. Até então, eu não tinha qualquer sinal explícito de meu sucesso para agitar como uma bandeira na frente de Jackie.

Em vez disso, dou a ela tão pouca informação sobre onde estou morando quanto ela me dá acerca de meu filho. Finalmente, ela escorrega uma chave em minha direção e me diz onde se localiza o guarda-volumes com minhas coisas. Mas o que eu mais quero ela se recusa a me dar – meu filho. Fazendo o possível para não

demonstrar nenhuma reação, pego a chave e saio, tremendo por dentro.

“Bem...”, penso antes de voltar para Oakland, “não tenho onde deixar minhas coisas, mas pelo menos posso pegar algumas roupas e a fiel pasta que comprei quase um ano antes, quando fiz minha primeira incursão no mundo dos negócios”.

Mais tarde naquela noite, na pensão, quando estou retirando o terno da sacola para ele tomar um pouco de ar, e polindo os sapatos que tirei do guarda-volumes, paro para contemplar minha pasta Hartman, de couro marrom e estilo moderno – algo com que gastei o que parece exorbitante, cem dólares. Então, assusto-me com o som de uma batida firme na porta. O ritmo de três batidas – curta, curta, *longa* – me faz lembrar o jeito de Jackie bater. De qualquer forma, isso é altamente improvável.

Mas não deu outra. Quando abro a porta, lá está ela. E não está sozinha. Nos braços de Jackie está Christopher. Meu filho, meu bebê! Ele está agora com 19 ou 20 meses – mais parecendo uma criança de três anos, mais bonito do que eu o imaginava em cada lembrança que tinha dele, fosse acordado ou sonhando. Entre o choque e a euforia, não sei o que dizer.

Há mais choque e mais euforia pela frente, quando Jackie o entrega a mim e diz com firmeza:

– Pegue-o. – Em seguida, ela pega uma enorme mochila que estava atrás dela e o pequeno carrinho azul de Christopher. E novamente diz: – Pegue isso.

Estou segurando Christopher no colo, abraçando-o bem-apertado, ainda sem entender o que está acontecendo.

Bem devagar me dou conta de que essa não é uma visita; ela está realmente deixando Christopher sob meus cuidados. Embora ela fale pouco, eu a conheço bem para entender que é isso mesmo e que ela simplesmente não aguenta mais.

De nossa breve troca de palavras, fica claro que ela está sentindo a pressão que é criar um filho como mãe solteira ao mesmo tempo que se está estabelecendo profissionalmente. Tenho

também a impressão de que ela lamenta tirá-lo da condição em que vivia e de não ter pensado em algum acordo antes, mas nada disso surge sob a forma de palavras. Ela me diz o que há dentro da mochila, incluindo um gigantesco pacote de Pampers, uma lista do que ele precisa comer e com que frequência, do que ele não pode comer – “nada de balinhas” – e depois dá adeus a Christopher e vai embora.

– Christopher – digo a ele sem parar. – Senti muita saudade de você! Senti muita saudade de você!

– Eu também senti muita saudade de você, papai – ele diz, agora falando a sentença completa e com uma expressão muito sábia, como se já fosse um veterano em mudanças e soubesse que podemos ter tempos difíceis pela frente.

Ou talvez seja apenas minha imaginação. Aconteça o que acontecer, sei que duas coisas são verdadeiras. Primeiro, tenho meu filho de volta e ninguém nesse mundo irá tirá-lo de mim novamente. Esse agora é um princípio do universo. Segundo – e já sei que isso é um fato – acabamos de nos ferrar: acabamos de nos tornar moradores de rua.

_____

O tempo muda quando você é um sem-teto. As estações mudam de ordem, tudo no curso de um dia. Principalmente em San Francisco, que tem as quatro estações durante todo o ano. Enquanto há luz do sol nos dias úteis, parece que o tempo acelera-se e passa rápido demais. As noites e os fins de semana são outra história. Parece que a velocidade diminui e tudo se transforma em um rastejar sinistro.

Quando se é um sem-teto, até a memória fica diferente. Você vive andando por aí, mudando a geografia, sem qualquer endereço, sem um lugar onde lançar âncoras quando as coisas acontecem. Fica difícil lembrar se algo aconteceu uma semana ou um mês antes, ontem ou três dias atrás.

Como foi que de repente virei um morador de rua, sobretudo nesse momento em que me tornei um corretor trabalhando para a Dean Witter? Porque era proibido ter crianças na pensão; sem exceção. Dormir nos sofás dos amigos também se tornou coisa do passado. Eu já havia abusado deles o suficiente quando participei do programa de treinamento, mas pedir para dormir lá mais algumas noites e acrescentar “a propósito, meu filho pode dormir aqui também?” não iria dar certo. As damas com quem eu me encontrava poderiam ter gostado de mim na cama, mas não gostariam de me ver chegando com um bebê muito vivo e curioso.

A única pausa que tive ao tentar descobrir uma maneira de pilotar por um terreno totalmente novo foi o fato de Jackie ter aparecido com Christopher em uma sexta-feira, dando-me pelo menos aquela noite na pensão antes de ser despejado no dia seguinte. Isso também me deu o final de semana para procurar um lugar para ficarmos e encontrar uma creche a partir da segunda-feira.

Sábado pela manhã, caímos na rua com toda a nossa tralha, ele no carrinho, conforme pratico o novo tipo de equilibrismo, que se tornará bastante familiar, dirigindo-me para o “HOstro” para checar os preços de alguns HO-téis – a ênfase nas primeiras sílabas não é nenhum acidente. Estou tendo um grande debate interno quanto às perguntas: *O que* vou fazer? *Como* vou fazê-lo? Uma linha de raciocínio diz: *Meu filho está comigo; não vou dá-lo a ninguém; essa não é uma opção*. Outra voz me lembra: *Aqui não há ninguém para dar cobertura; nenhuma cavalaria está a caminho para trazer reforço*.

A creche em San Francisco por quatrocentos dólares mensais está fora de questão. Com um aluguel de pelo menos seiscentos dólares, tudo o que estou ganhando, descontado o imposto, iria embora, e nada sobraria para comida, transporte e fraldas. De um orelhão ligo para alguns amigos para ver se eles sabem de alguma creche em East Bay. Um dos lugares parece maravilhoso, mas está acima de meu orçamento. Além disso, não aceitam crianças que não foram treinadas no troninho.

– Ok, Christopher – digo a ele quando estamos saindo de lá. – Então vamos aprender, ok, baby?

Conforme olho em volta, esperando que não leve muito tempo até que possa trazê-lo para cá, noto que a sala da gerência tem um quadro na parede, anunciando o centro como um lugar de “FELISSIDADE”.

Por um momento, pergunto-me como essa pode ser uma boa creche, se não sabem nem escrever “felicidade” corretamente. De todas as coisas com as quais tenho que me preocupar, essa não é uma delas. Mesmo assim, de volta à rua, sinto necessidade de mostrar ao meu filho que a palavra se escreve com *C,* não com *SS.* F-E-L-I-C-I-D-A-D-E.

– Ok, papai – Christopher disse repetindo a palavra. – Felicidade.

– É uma palavra grande – digo com aprovação, desejando poder garantir felicidade para Christopher e para mim no futuro imediato.

A capacidade de soletrar não é minha preocupação principal, quando ligo para a senhorita Luellen em uma casa, e para a senhorita Bessie em outra, e para um terceiro local na rua Thirty-fifth – babás que regularmente cuidam de crianças, mas não em creches, e sem licença ou registro. A mulher da Thirty-fifh me pede para levar Christopher na segunda pela manhã e diz que posso pagá-la por semana. Cem dólares. Não há nenhuma economia real, exceto que posso pagar conforme utilizo os serviços. Embora isso não sirva para me garantir que ele vai ter o melhor tratamento possível, é melhor que nada.

Para passar aquela noite encontro um quarto em West Oakland, na rua West em The Palms, bairro assim chamado por causa de uma única palmeira em um pátio e uma segunda na esquina, quinhentos metros adiante. Pelo que percebo, os únicos residentes além de nós são as prostitutas. Mais tarde, isso não me incomoda, mas, por enquanto, tudo o que posso fazer é entrar no quarto o mais rápido possível, fechar a porta girando a chave duas vezes e ligar a

televisão em volume alto para que não tenhamos que ouvir a trilha sonora de qualquer farrinha que esteja acontecendo.

Pago 25 dólares pela diária de um quarto equipado com TV em cores, uma escrivaninha com cadeira e um banheiro. Mas tudo bem, estamos aqui. A minha nova filosofia é: onde quer que estejamos, estamos aqui, aqui é onde estamos e vamos fazer disso o melhor que pudermos. Por enquanto.

Quando consegui sair do borrão de espaço e tempo para analisar o quadro maior, a realidade mostrava-me que eu tinha o emprego e a oportunidade que mudariam nossas circunstâncias e vida para sempre. Nada abalaria minha confiança, nem mesmo os cálculos mentais e reais do que havia sobrado depois das despesas com o quarto em The Palms e com a babá, e nem os gritos e soluços de Christopher quando entramos na casa dela.

Aquilo deixou-me arrasado. Provavelmente, ele sentiu minha relutância em deixá-lo com estranhos, mas não havia outra escolha. Tudo o que eu podia fazer era garantir a ele que voltaria. Afastando-me, chorando também, eu repetia:

– Vou voltar. Vou voltar

Quando voltei para pegá-lo naquela noite, ele correu e quase pulou nos meus braços:

– Viu? Eu não disse que voltaria? – lembrei a ele.

Porém, na manhã seguinte, foi pior. Tirá-lo do hotel e colocá-lo no carrinho foi uma luta e tanto; ele começou a choramingar assim que viramos a esquina em direção à rua Thirty-fifth, e eu repetia porta adentro e porta afora:

– Vou voltar. Vou voltar. Vou voltar.

Os dias e as imagens começam a passar rapidamente, conforme as noites ficam mais longas e o ar torna-se mais frio e mais úmido. Depois de apanhar Christopher, geralmente levo-o para comer alguma coisa em algum lugar quentinho e barato, e divido minhas preocupações com meu pequeno companheiro, dizendo-lhe:

– Ah, não! Isso não vai dar certo. The Palms é caro demais, meu amigo. Você se lembra de casa? É... A casa em Berkeley, a nossa casinha. Era nossa. Essa coisa de vida errante não dá certo.

Christopher me dá uma de suas olhadas com as sobrancelhas franzidas.

Como explicar a ele ou a mim mesmo? Não se trata apenas das prostitutas, mas dos viciados, dos bêbados dos marginais; é a sensação de não ter um lugar para dormir, de não ter uma base fixa ou um grupo de apoio. É o barulho e são as luzes constantemente acesas do lado de fora, porque The Palms é bem na boca do lixo, com carros buzinando, música tocando, gente gritando. A TV ajuda a abafar um pouco tudo isso, pelo menos o suficiente para eu refletir sobre qualquer uma e todas as opções e para me concentrar no que fazer e como fazer.

De vez em quando, um gesto de bondade aparecia do nada e nos lugares mais improváveis, como aconteceu uma noite, quando voltávamos para The Palms e uma das primas que trabalhava na rua aproximou-se de nós. Ela e suas amigas me viam toda manhã e toda noite levando Christopher no carrinho, e provavelmente percebiam a nossa situação. Um negro com um garoto no carrinho, pai solteiro – não haviam visto isso antes.

– Ei, seu malandrinho – disse ao se aproximar de nós com uma bala na mão para dar a Christopher. – Pegue, uma balinha para você.

– Não, não – insisti mantendo as ordens de Jackie contra doces. – Ele não precisa de balas.

Christopher, infelizmente, ficou contrariado e começou a chorar.

– Não chore – disse ela e buscou em seu decote mágico uma nota de cinco dólares, que deu a ele,

Se eu a recusei? Não. Christopher ficou tão feliz que parecia preferir o dinheiro à balinha. Garoto esperto.

– Bem... Obrigado – murmurei, não sabendo se ela sabia que, com a nota de cinco dólares, iríamos pagar nosso jantar na esquina,

no Mosell's, restaurante de cozinha sulina que eu e meu filho adorávamos.

A mesma prima e algumas outras damas da noite começaram a dar a Christopher notas de cinco dólares com bastante regularidade. De fato, houve dias em que não teríamos jantado se não tivéssemos tido a ajuda delas. Em meus momentos de mais fome, quando estávamos de estômago vazio, eu conduzia, de propósito, o carrinho para a calçada onde elas ficavam, indo bem devagar, na eventualidade de que nenhum dos rostos familiares ainda não estivesse batalhando na rua. Havia certa pureza na ajuda dessas mulheres, que nada pediam em retorno. Bondade pura e simples. Nos dias incertos, eu imaginava que vagávamos pelo deserto, sabendo que estávamos sendo levados para uma terra prometida, e que Deus enviava maná para nos alimentar de maneira realmente inusitada.

A partir desse momento, ninguém poderia humilhar uma prostituta na minha presença. Claro que não defendo a prostituição, mas esse é o negócio delas e não tenho nada com isso.

Meu negócio era Wall Street, nada mais.

No serviço, discando e sorrindo, logo me torno o Senhor do Telefone, o vendedor definitivo, aquele das ligações-surpresa. É meu *élan* vital. Minha saída. A cada uma dessas duzentas ligações, estou nos tirando do buraco, talvez com uma colher de chá, mas gota a gota. A premência aumenta e sinto-me mais estimulado ainda quando olho para meu filho e sei que tenho que me separar dele todo dia, e sei também que não posso me dar ao luxo de apenas ser positivo e perseverante. Não, eu tenho que chegar lá *hoje*. Não é como se eu pudesse fazer um pequeno cruzeiro e depois aumentar o ritmo. Diabos! Não é isso! É o *agora.* Ninguém está me dando um negócio de mão beijada; não sou Donald Turner que tem um irmão lá em cima, e não sou um dos veteranos que já têm suas carteiras de ações e apenas atendem aos seus clientes. Tudo depende de mim. Cada ligação é uma tentativa, uma oportunidade de chegar um pouco mais perto de nosso próprio cantinho, de ter uma vida melhor, uma vida de felicidade para mim e para meu filho.

Sem oferecer qualquer explicação, em várias ocasiões eu trouxe Christopher comigo para o serviço, outro indicativo de minha persistência para os meus colegas de trabalho. Depois que todos saíam, geralmente às 5:00 em ponto, ou, no mais tardar, às 5:30, eu ficava e continuava as ligações, e depois nós dois nos esticávamos no chão debaixo da mesa e dormíamos lá. O restante do pessoal estava acostumado a me ver trabalhando até mais tarde e nunca pareceu suspeitar de nada. Alguns achavam engraçado e a maioria estimulava-me com o usual “Vá atrás deles, vá atrás deles”.

Pela manhã, eles reagiam da mesma maneira: quando a maioria chegava, por volta das 7:30 ou 8:00, eu já estava na minha mesa, fazendo as ligações, Christopher estava ocupado com um livro cheio de ilustrações ou rabiscava uma folha de papel. Apesar de ainda nem ter dois anos, ele tinha um incrível talento para brincar sozinho e não me perturbar no trabalho.

A única pessoa que parecia intrigada era o gerente da filial, que, tipicamente, era a primeira pessoa a chegar no escritório todo dia. Ele nunca disse uma única palavra, mas eu tinha certeza de que ele se perguntava como eu conseguia chegar antes dele e, ainda por cima, com meu filho a reboque.

No meu entender, acho que ninguém lá sabia que eu e Christopher dormíamos debaixo da mesa nas noites em que eu não tinha para onde ir – quer eu o levasse para a babá bem cedo, fosse apanhá-lo e voltasse para o escritório na mesma noite, quer ele ficasse comigo no escritório naquele dia. O que eles de fato sabiam era que eu tinha fome de sucesso. Mas nem imaginavam o tamanho da fome.

Parte do que me impelia eram minhas circunstâncias. Como eu havia decidido construir minha própria carteira, levaria mais tempo para ver os dólares em meu bolso. Eu estava começando pequeno, construindo confiança, desenvolvendo relações; era como plantar sementes, regá-las e deixá-las crescer até chegar a hora da colheita. Tratava-se de um processo que tinha seu próprio ciclo, geralmente de quatro a seis meses, e algumas vezes até mais. Essa metáfora do cultivo levou-me direto para o inverno, que eu sabia que

seria muito difícil até chegar a primavera. Assim, reduzi as despesas, tomando o cuidado de carregar todas as nossas coisas comigo todo dia. Fazendo malabarismos para levar a mochila, a pasta, minha sacola, o pacote de Pampers e um guarda-chuva, mudamo-nos de The Palms – onde um quarto e uma TV em cores custavam 25 dólares – para um hotel de beira de estrada, com um quarto e TV em preto e branco a dez dólares por dia. Os vizinhos agora eram, na maioria, motoristas de caminhão e as prostitutas que serviam a essa clientela, bem ao lado da rodovia. Rotatividade da pesada. Toda noite, depois do jantar, trancávamo-nos no quarto, recusando-nos a sair até mesmo quando o tempo estava bom.

Nos finais de semana, quando não chovia, aproveitávamos os muitos parques públicos de San Francisco e as oportunidades de entretenimento grátis. Um de nossos passeios favoritos era o *playground* infantil no parque Golden Gate. Lá, Christopher podia brincar na caixa de areia e subir no trepa-trepa, enquanto eu me sentava em um balanço, pensando em como passar de hoje para amanhã. Um dia tenho apenas o suficiente para pagar a passagem de volta para Oakland no trem da BART e ficar no hotel dos caminhoneiros ou para pegar uma bebida e um sanduíche do carrinho de lanches.

– Hoje não tem refrigerante, Christopher. – Tento acalmá-lo quando ele começa a chorar. – Tomamos um refrigerante com pipoca da próxima vez. – Isso me mata.

Na próxima vez é o mesmo dilema; compro o que ele pede, incapaz de dizer não. É nessas noites tão agradáveis que dormimos, ou tentamos dormir, em um canto com grama macia na Union Square, não muito distante do mesmo local onde o cara que tentou me cantar uma vez chamou San Francisco de “a Paris do Pacífico”.

Dormimos perto do lado do parque que fica abaixo do Hyatt Hotel, na Union Square, não tão luxuoso como alguns dos outros hotéis das redondezas, mas asseado, moderno e uma referência de segurança e conforto que, de alguma forma, faz eu me sentir melhor, mesmo dormindo à sua sombra. Em sentido diagonal ao

nosso canto, está a propriedade verdadeiramente perigosa da cidade, sobretudo à noite, fazendo fronteira com o Tenderloin, o bairro onde morei no início, quando era mais fácil tocar o barco.

Mas tocar o barco hoje tem um significado totalmente novo. Depois de achar que eu realmente conhecia San Francisco, começo a conhecer a cidade de maneira mais íntima – não apenas onde há ou não há colinas, mas o ângulo de cada uma delas, o número de passos que é preciso dar para empurrar o carrinho, quantos quarteirões é preciso caminhar para evitar essa ou aquela colina, e até mesmo onde estão as rachaduras nas calçadas de concreto. Rachaduras no concreto. Familiarizar-me com as rachaduras no concreto não é uma coisa obsessivo-compulsiva; é uma questão de sobrevivência para conduzir uma criança em um carrinho frágil, carregando tudo o que tenho comigo – com as limitações de tempo e das condições climáticas.

As chuvas chegam pesadas nesse inverno de 1982 e início de 1983, eliminando as opções de atividades ao ar livre ou de dormir no parque. Embora eu tenha evitado filas para ganhar uma refeição, não consigo mais – não com um garotinho faminto – e logo começamos a tomar o caminho da Igreja Glide Memorial, no Tenderloin, em cujo porão, na cozinha de Moe, o reverendo Cecil Williams e outros ativistas da comunidade vêm alimentando os moradores de rua e os famintos 3 vezes ao dia, 7 dias por semana, nos 365 dias do ano.

A melhor parte para mim é que, aos domingos, depois dos serviços religiosos, em vez de ficarmos do lado de fora, de pé, nas filas que descem a rua a contornam a esquina, podemos tomar uma rota diferente através do prédio e descer as escadas até a cozinha de Moe. Mas não importa como chegamos lá. Quando pego uma bandeja e entro na fila da cafeteria, vejo apenas dignidade – não importa se frágil – em todos os rostos na fila comigo, todos adultos, nenhum com crianças, alguns que parecem ter emprego, como eu, outros que estão claramente desempregados.

Você jamais se sentia inferior depois de comer lá. Você ficava na fila com homens, mulheres, negros, brancos, latinos e chineses –

como nas Nações Unidas –, muitos em diferentes fases de algum tipo de problema: drogas, álcool, violência e pobreza, ou no limite da loucura, sob medicação, enfrentando tempos difíceis. Mas estávamos todos lá para comer.

Não havia perguntas, interrogatórios ou pedido de apresentação de credenciais por ser carente. Não parecia que era esmola. Mais parecia a mãe de alguém querendo dar comida a você: *Menino, sente-se aí e coma alguma coisa*. E quando a comida chegava, era uma porção generosa, não mesquinha, mas farta e saborosa. Do tipo encontrado em restaurantes e cafeterias americanos. Mais maná.

Anos mais tarde eu teria que advertir todos na Igreja Glide sobre o que pode acontecer com as crianças quando elas começam a comer na cozinha de Moe. Na verdade, Christopher virou um rapagão de mais de um metro e oitenta, e mais de cem quilos. Ele podia comer na Moe, até mesmo quando era bem pequeno. Quando você sai de lá, não sente fome alguma. E não era apenas o fato de não sentir fome; você sentia-se melhor. Você sentia-se melhor porque as boas-vindas na Glide não tinham fim. As boas-vindas na Moe não tinham fim.

Os sermões do reverendo alimentavam minha alma também, lembrando-me do que eu vivia esquecendo – que os passos de bebê também contavam, mesmo que não estivessem acontecendo tão rápido quanto eu desejava. Depois dos serviços religiosos, invariavelmente, o reverendo ficava do lado de fora do santuário, no *hall* de entrada ou nos degraus da saída, abraçando cada um que ia embora. Qualquer um que desejasse um abraço, ganhava um. A primeira vez que ganhei um abraço, senti como se Cecil Williams já me conhecesse mesmo antes de me conhecer. Com o que parecia ser um sorriso permanentemente gravado no seu rosto sábio, redondo, e que não parecia envelhecer, e com seu porte majestoso que me convenceu de que ele era muito mais alto do que era, seus braços se esticaram quando ele me deu um abraço de urso e disse:

– Aja de acordo com seu discurso.

Abracei-o também, abençoando-o com meus agradecimentos, dizendo a ele que agiria de acordo com meu discurso, não apenas faria discurso, e que seguiria adiante.

Mais tarde, o reverendo admitiu que eu havia chamado sua atenção, porque não era comum ver um homem com um bebê na fila da refeição. Eu não tinha explicação alguma a dar sobre minha situação. Ele parecia saber. Ele não apenas havia notado que eu era um pai solteiro, mas também quem eu era, a titulação que havia recebido de Deus – como mamãe diria – minha bondade, minha alma e meu potencial. Talvez tenha sido por isso que, quando descobri sobre o hotel para os sem-teto que ele havia começado a construir na rua, ele concordou em me deixar ficar lá.

Bondade personificada. O primeiro hotel para sem-teto no país, na Plaza Concord, na esquina da O'Farrell com a Powell, construção iniciada por Cecil com a ambiciosa ideia de dar a mulheres e crianças sem teto um lugar provisório para recomeçar e para ganhar algum poder de direito. Eventualmente, muitas acabavam indo trabalhar no hotel, no restaurante ou em um dos muitos diferentes programas de expansão que a Glide oferecia. Embora não fosse necessário pagar para passar a noite em um quarto, por razões de segurança, justiça e organização, havia regras de conduta que tinham que ser seguidas à risca.

Quando falei com o reverendo, disse a ele que, obviamente, eu não era mulher, mas era morador de rua e tinha um filho. E o mais importante: eu tinha um emprego. Eu só precisava de um lugar onde morar até que conseguisse o dinheiro para pagar um apartamento.

– Ótimo – ele disse ele sem pestanejar. Ele tinha ficado observando a mim e Christopher. E confiou em mim. – Desça lá – disse tranquilizando-me e indicando com quem falar e o que dizer.

Quando entrei lá pela primeira vez, fui engolfado por um mar de verde-ervilha – carpete verde-ervilha e papel de parede verde-ervilha, mas já bem descascado. Muito parecido com qualquer hotel-favela para mendigos do Tenderloin, o local havia sido adquirido pela Glide e só precisava de algum serviço – assim como todos nós, em muitos dos programas da Glide, precisávamos de algum serviço,

de um pouco de chamego e de um pouco de tempo. Mas, mesmo assim, o lugar me pareceu bonito. O acordo era o seguinte: ninguém podia entrar no hotel antes de 6:00 da tarde, e todos tinham que sair até 8:00. Ninguém recebia chave. Depois de entrar, à noite, não era permitido sair; também não era permitido deixar os pertences no quarto, porque, na volta, você não os encontraria mais. Ao deixar o quarto, era preciso levar tudo com você e ninguém podia ficar no mesmo quarto por duas noites seguidas.

Era na base do vire-se como puder. Se você não chegasse lá cedo, azar o seu, porque o hotel ficava lotado. Não aceitavam reserva e ninguém recebia tratamento especial, ouvindo, por exemplo, algo como*:* "Sabíamos que você viria e, por isso, reservamos um quarto para você".

Os quartos eram todos diferentes e a maioria deles só tinha o básico – cama e banheiro. Alguns tinham televisão. Na realidade, Christopher e eu estávamos mais interessados na comida e em um quarto para passarmos a noite do que em saber o que estava passando na televisão.

Pelo resto de minha vida, nunca terei como retribuir o que Cecil Williams e a Glide fizeram por mim; ele foi absolutamente maravilhoso para mim, para meu filho e para gerações de pessoas de San Francisco, e de todos os cantos da comunidade. Nessa época, todo domingo, enquanto eu rezava na igreja para encontrar uma solução para os meus problemas, eu sabia que, se persistisse, tudo daria tão certo que eu nunca mais teria que me preocupar.

Bem, é claro, como descobri mais tarde, nem tudo funciona desse jeito. Quem acredita que o dinheiro salva, certamente nunca teve dinheiro – como eu naquela época. O grande *rapper* Notorious BIG, já falecido, disse bem claro: "Quanto mais dinheiro, mais problema". O que eu descobriria era que, enquanto é melhor ter dinheiro que não ter, ele não apenas resolve problemas como também traz problemas que Chris Gardner, lá pelo início da década de 1980, jamais teria imaginado. O único vislumbre do futuro que tive, e estava correto, foi a noção de que fosse lá o que fosse que

eu conseguisse alcançar, eu compartilharia com a Glide; devolveria às mãos de Cecil, mesmo que eu ainda não soubesse como.

Será que alguma vez imaginei em minhas visões mais loucas e atrevidas que eu ajudaria a bancar um projeto de 50 milhões de dólares que Cecil Williams e a Glide empreenderiam 25 anos mais tarde para comprar um terreno de um quarteirão e construir moradia barata para famílias de baixa renda e um complexo financeiro e lojas do varejo para criar oportunidades de emprego – bem lá no Tenderloin, onde eu costumava contar as rachaduras na calçada, um quarteirão distante da Union Square e hotéis a quinhentos dólares por noite, para não mencionar lojas mais sofisticadas da cidade, como Neiman Marcus e Gucci? Nem por um segundo.

Tudo o que eu sabia era que se o reverendo não estivesse lá, meus sonhos poderiam nunca ter se realizado. Talvez alguma outra coisa teria acontecido ou alguma outra pessoa teria aparecido para me ajudar. Entretanto, é difícil conceber a ideia de ter a mesma sorte incrível de poder caminhar junto com uma magnanimidade como ele. Mais tarde, casado com a famosa poetisa nipo-americana Janice Murikatani, Cecil já era um importante líder social, alguém que parecia sintonizado em um nível mais alto que a maioria dos seres humanos. O importante é que ele ficava lá, e ficaria lá até muito depois que tive a bênção de ter tido sua ajuda, não apenas fazendo discurso, com sua oratória brilhante, mas agindo de acordo com ele – alimentando, ensinando, ajudando e espalhando milagres diários.

Um milagre instantâneo aconteceu comigo depois que Cecil nos acolheu. Sem ter que gastar de trezentos a seiscentos dólares por mês para pagar por um lugar onde dormir, consegui trazer Christopher de volta para a creche de San Francisco, no Hayes Valley, que agora custava quinhentos dólares, mas era um lugar que oferecia um serviço de excelente qualidade. Todas as manhãs, bem antes das 8:00, eu já tinha empacotado toda a nossa tralha e desempenhava o papel de um homem querendo ter oito braços, segurando, como podia, o guarda-chuva sobre a cabeça, depois de proteger Christopher com o plástico de lavanderia armado sobre seu carrinho. Era hora de partirmos.

Depois de tanto trabalho, nem valia a pena entrar no ônibus. Desequilibrar a sacola, o guarda-chuva, a pasta, a mochila e a caixa de Pampers, e tentar dobrar o carrinho dava mais trabalho que caminhar quinze minutos a mais. Até mesmo quando chovia. Isto é, contanto que eu pudesse evitar os morros. A parte boa da história é que eu podia estacionar nosso carro (o carrinho de Christopher) na creche, enfiar as tralhas lá dentro, e depois pegar o ônibus para ir trabalhar.

Nos finais de semana, tínhamos que sair do Concord Plaza durante o dia. As regras eram rígidas. Nada de ficar na cama até tarde. Ou você ia para o serviço ou ia procurar serviço. Christopher e eu já tínhamos a rotina de aproveitar todo e qualquer tipo de entretenimento grátis na cidade. Íamos ao parque, ao museu, ao parque, ao museu, ao parque, ao museu; eventualmente visitávamos alguns amigos ou, se tivéssemos alguma grana sobrando, pegávamos o trem para Oakland e fazíamos algumas visitas, comíamos alguma coisa e voltávamos a tempo de garantir um quarto para nós.

Enquanto eu conseguia ficar sob as luzes, metaforicamente falando, mantendo meu foco naquilo que eu podia controlar, o medo e as preocupações ficavam à distância. É por isso que eu me concentrava nas tarefas à minha frente e não me martirizava pensando na colina íngreme que eu subia, empurrando o carrinho com a maior dificuldade, mas estudava cada rachadura e cada fenda na calçada de concreto, analisando os sons das rodas do carrinho e notando que eu podia me mover ao seu ritmo sincopado. Algumas vezes, o esforço deixava-me feliz, fazia-me dançar, embora algumas pessoas pudessem dizer que eu não tinha qualquer motivo para querer dançar. Eu me sentia feliz de poder guardar dinheiro, em pequenos incrementos de cem ou cinquenta dólares, de fazer o depósito e não tocar nele, nem mesmo pensar nele, mas de saber que eu estava fazendo alguma coisa para nos levar para mais perto da meta de ter nosso próprio cantinho.

Para não tocar nas nossas economias, às vezes eu vendia sangue e jurava que nunca faria aquilo de novo. Não era pela vergonha de ter que ir até lá, embora eu não tivesse nenhum

orgulho de escolher o menor dos dois males – vender sangue para poder pagar um quarto ou dormir no parque, caso perdêssemos a vaga no abrigo. O que me angustiava eram os derrotados que eu via na clínica; alguns haviam feito escolhas infelizes; outros chegaram lá não por escolha própria.

Em uma noite de chuva, saí voando da Dean Witter, 15 minutos atrasado, pulei no ônibus e fui em disparada até a creche para apanhar Christopher, arrumar as tralhas e seguir em alta velocidade até o Tenderloin para garantir nosso quarto no Concord Plaza. Por uma questão de dez minutos perdemos a vaga.

Louco da vida, cansado e molhado, vou para a Union Square, fazendo Christopher caminhar debaixo dos toldos dos hotéis e das lojas. Com o salário a ser pago só dentro de uma semana, eu só tenho dinheiro para o jantar e o trem e, como já aconteceu antes, viajamos através da noite, até que nós dois conseguimos dormir um pouco e a manhã chega. Ah, cara, só mais cinco verdinhas e eu poderia garantir uma noite no hotel dos caminhoneiros. Tenso e cansado, sinto o cheiro gostoso de cigarro. Se há uma coisa com a qual não vou gastar dinheiro, é cigarro. Entretanto, um cigarrinho Kool de mentol, nesse exato momento, iria, com certeza, aliviar bem a tensão.

– Papai – Christopher diz quando passamos pela entrada do Hyatt Embarcadero. – Quero ir ao banheiro.

– Jura? – digo todo animado, já que estamos trabalhando para tirá-lo das fraldas. – Ok, aguente firme que já vamos achar um banheiro. – E entramos no saguão do Hyatt, seguindo as placas indicativas do banheiro masculino – nos fundos, descendo a escada. Depois que ele se alivia, com muito sucesso, saímos e percebo que um hóspede do hotel, de terno e gravata, está na máquina de cigarro inserindo suas moedas de um quarto – dez moedas – sem, no entanto, conseguir seu pacote de cigarros. Antes de sair de lá, ele começa a chutar a máquina, balançando-a e arqueando-a, pensando que, assim, os cigarros aparecerão.

– Senhor – diz um funcionário da recepção que vem ver que confusão é essa. – Ok, a máquina deve estar quebrada. Por favor,

vá até a recepção e diga a eles que o senhor perdeu o seu dinheiro. Eles lhe darão o reembolso. – O hóspede sobe as escadas e eu o sigo, vendo-o abrir caminho na multidão que está no *lobby* e chegar até a recepção e receber seu reembolso.

Duas verdinhas e cinquenta centavos, assim, sem mais nem menos. Tenho que fazer uma tentativa, mas em vez de entrar nessa imediatamente, Christopher e eu ficamos enrolando por ali, comportando-nos *como se* fôssemos hóspedes. Então, chego para a jovem na recepção e digo a ela que perdi meu troco na máquina de cigarros.

– Sinto muito – ela acena com a cabeça, abrindo uma gaveta. – Outra pessoa também perdeu dinheiro um pouco antes do senhor. Precisamos colocar um aviso naquela máquina.

– Boa ideia – digo, aceitando cortesmente meu “reembolso” de dois dólares e cinquenta centavos.

Essa pequena tramoia funcionou tão bem que tentei novamente no St. Francis, no Hyatt da Union Square e em vários outros hotéis naquela mesma noite. Com mais ou menos 25 hotéis na vizinhança, nos dias que se seguiram, pontuei em dez hotéis de cada vez e ganhei 25 dólares extra por dia. Com minha astúcia, eu tomava cuidado para entrar sempre depois de uma troca de turno para que ninguém me reconhecesse de uma vez anterior.

Depois de duas semanas, parei antes que a sorte parasse de sorrir para mim. Mais tarde, quando voltei a fumar e podia pagar por um cigarro, achei que estava reembolsando, e muito bem, os fabricantes de cigarro. Quanto aos hotéis, nos anos que se seguiram, eu pagaria meu débito a muitos deles, muitas vezes até em dobro, embora no início de 1983, não muito tempo depois do segundo aniversário de Christopher, esse não fosse um futuro que eu pudesse prever.

Embora aquele milhão de dólares e aquela Ferrari vermelha que um dia eu dirigiria ainda existissem em teoria nos meus planos futuros, chegou um ponto em que achei que não conseguiria mais chegar lá e agarrá-los. Meus pés doíam, meu corpo doía. Uma

grande escuridão começou a invadir meus dias, não apenas lá fora, no clima, mas também em minha mente. Mas não no escritório. Lá o sol brilhava e o brilho de meu potencial alentava meu espírito. Lá, as plantações que eu havia feito estavam agora começando a florescer por toda a parte. Mas no momento em que eu deixava o escritório, meu ânimo despencava – porque sempre no fundo de minha mente eu sabia que se o ônibus estivesse atrasado, ou se Christopher não fosse enfiado rapidamente dentro de suas roupas de inverno, ou se chegássemos atrasados no abrigo, ou se eu não tivesse tempo para comprar alguma coisa para comermos antes de subirmos para o quarto e nos trancássemos lá, eu tinha que pensar imediatamente em um plano B.

Ter que compartimentalizar e organizar todos os nossos cacarecos para caber na sacola e na mochila, como no exército, acabava comigo. Tudo tinha que ser enrolado e preparado para caber lá dentro no espaço de um segundo e tudo tinha que ser fácil de ser localizado a qualquer momento, o que você precisasse e quando precisasse – um par de meias, uma Pampers, uma camisa, uma escova de dentes, as roupas de Christopher, escova de cabelo, um livro que alguém esqueceu no trem e que eu estava lendo, um brinquedo favorito. Toda a porcaria que eu carregava, além do estresse e do medo, começou a pesar.

Até nos finais de semana – quando eu tentava fazer coisas divertidas com Christopher e dar a ele uma sensação de normalidade, eu tinha que carregar tudo comigo. Nos parques, nos museus e na igreja.

O pior dessa época acontece mais ou menos em março, bem na época em que sei que as coisas estão para florescer no serviço, e nessa noite específica, chego na recepção do abrigo, onde todos me conhecem e ouço:

– Chris, sinto muito, estamos lotados.

O que posso fazer? Vou para a rua em direção à estação da BART, perguntando a Christopher:

– Quer ir ver os aviões no aeroporto de Oakland?

Já fizemos esse exercício antes, tomando o transporte público para um dos dois aeroportos e encontrando uma área de espera com bancos semiconfortáveis – onde parecíamos viajantes comuns. Conforme viajamos para Oakland e nos aproximamos da estação MacArthur, da BART, Christopher me diz que precisa ir ao banheiro, e eu saio do trem e me encaminho para um banheiro individual que já usei antes. Assim que chegamos lá, percebo que não precisamos sair imediatamente. Podemos descansar, tomar banho, dar um tempo e até mesmo dormir.

– Vamos esperar – explico a Christopher – porque agora é hora do *rush*. Então vamos ficar aqui um pouco e fique bem quietinho, certo? – Invento um jogo chamado “Schhh” – digo a ele que mesmo que alguém bata bem forte na porta, o objetivo é não dizer nenhuma palavra. Não importa o que aconteça.

MacArthur, uma importante parada para baldeação em Oakland, é provavelmente a maior estação do sistema BART, onde passam todos os trens subterrâneos. Com tanta atividade, eles mantêm os banheiros bastante limpos, mas a demanda é muito grande. Não demora muito e as batidas na porta começam – gente que, claro, não quer esperar. Mas, finalmente, ouvimos o trem chegar e aquela onda de gente vai embora, tendo deixado para ir ao banheiro quando chegar em casa. Conforme vai ficando mais tarde, as batidas vão se tornando muito mais esporádicas.

Sem janelas, sem ventilação, sem luz natural, o banheiro foi azulejado do teto ao chão e não tinha mais que dez por cinco, com um vaso sanitário, uma pequena pia e um espelho feito de aço inoxidável reflexivo. Com a luz apagada, ficava totalmente escuro – escuro o suficiente para poder dormir, se eu estivesse realmente cansado. Christopher tinha o dom de adormecer em todo e qualquer lugar. Eu não podia ficar lá muito tempo, só uma ou duas vezes para passar a noite, mas por pouco tempo, talvez pouco mais de duas semanas. A abençoada misericórdia do banheiro público da BART deu-me o abrigo de que precisei durante a parte mais negra de minha vida de sem-teto.

Talvez o motivo que me fez vê-la dessa forma tenha vindo da dupla vida que eu estava levando. À noite, nos finais de semana e depois do serviço era o lado sombrio de *California dreamin'*: ter que ficar ao relento, esgueirar-me no saguão de hotéis de luxo para fugir da chuva, sonhando estar em qualquer outro lugar que não fosse aquele banheiro da estação BART. A redenção vinha durante o dia, quando eu vivia o grande sonho americano, correndo atrás das oportunidades, levado-me ao limite de minhas habilidades e adorando cada minuto disso. Minha intimidade com a BART tornou-se uma bênção sob outros aspectos. Muitos anos mais tarde, minha firma foi escolhida para ser a principal administradora das centenas de milhões de dólares em emissões de títulos para a BART. Acredito sinceramente que, quando disse ao seu conselho administrativo, com toda a honestidade, que eu conhecia esse sistema melhor que qualquer um dos rapazes da Merrill Lynch ou da Solomon Brothers porque eu costumava viver na BART, isso fez toda a diferença.

Embora a Glide tenha sido a minha única coisa boa do passado, fixei um prazo para mim mesmo em termos de quanto tempo eu me permitiria ficar lá, sabendo que tinha algumas economias se acumulando e que o momento de minhas comissões começarem a crescer estava chegando. É claro que não havia ninguém, com um cronômetro ou com uma agenda, na minha cola. Mesmo assim, eu acreditava que se conseguia arranjar algumas horas de descanso durante a hora do *rush* ou dar uma paradinha naquele banheiro da BART depois de ter dormido no aeroporto ou no trem, pelo menos com tempo para me lavar antes de ir para o serviço, então qualquer outra pessoa poderia conseguir um quarto na Plaza Concorde naquela noite; ou seja, era assim que eu raciocinava.

A grande vantagem do banheiro da BART era que ninguém mais aparentemente pensava nele e, por isso, não era preciso entrar na fila, para não dizer que eu não tinha que correr feito um maluco no final do dia para chegar lá em tempo e que não havia nenhuma regra a ser seguida, exceto minhas próprias regras. Se eu conseguisse chegar a Glide e garantir um quarto, ótimo. Se conseguisse um guarda-volume na estação da BART em San

Francisco e não tivesse que arrastar a tralha por uma noite, melhor ainda.

Mas agora meu cérebro estava ficando maníaco com uma questão. Por que eu estava me submetendo a tudo isso e obrigando meu filho a se submeter também? Por que não ir mais devagar, levar mais tempo para sair da rotina, usar as economias e voltar a pagar por um quarto no The Palms? Por que eu me recusei a trocar a nota de vinte dólares que podia ter sido usada para pagar uma noite no hotel dos caminhoneiros? Segui meu instinto que me dizia que rachar a nota de vinte significava ficar sem dinheiro para comer. Vinte dólares eram, e ainda são, algum dinheiro, mas quando são 15,12, 7, 4, vai embora rápido. Ter uma nota intacta de 20 dólares na carteira dava-me paz de espírito e sensação de segurança.

Mas não era apenas a luta interna contra cada gasto, por menor que fosse, que acabava comigo. Havia também uma luta de magnitude muito diferente, uma batalha real entre mim e as forças que controlariam meu destino. Eram as mesmas forças que destruíram todos os sonhos de minha mãe – começando com seu pai e sua madrasta recusando-se a ajudá-la a fazer um curso superior, depois meu próprio pai dando-lhe um filho para criar sozinha, depois Freddie agredindo-a física e psicologicamente e um sistema de justiça que a trancafiou na prisão só porque ela tentou se livrar daquela vida de servidão. No período de seis, sete, oito meses que fiquei sem casa, uma voz de escárnio, que havia ficado à espreita lá no fundo de minha mente, agora, de repente, pareceu ganhar força – bem no momento em que eu vislumbrava a linha de chegada. A voz zombava de mim, parecendo muito com a voz de Freddie, dizendo: *Seu filho da puta espertinho, você se acha muito sabichão porque sabe ler e passou naquele teste, mas isso não vale nada, seu filho da puta orelhudo, QUEM VOCÊ PENSA QUE É?* Algumas vezes parecia um maldito sociólogo citando estatísticas, dizendo-me: *Infelizmente, sua educação socioeconômica predeterminou que sair do círculo da pobreza – além ter sido criado só pela mãe – é altamente improvável, dado o fato de que você está entre os 12% a 15% dos sem-teto que, apesar de terem um emprego real, não recebem um salário que lhes dê condições de*

viver. A voz deixava-me irritado e fazia-me lutar ainda mais. Quem eu estava pensando que era? Eu era Chris Gardner, pai de um filho que merecia mais que meu pai pôde fazer por mim, filho de Bettye Jean Gardner, que disse que se eu quisesse vencer, eu venceria. Eu tinha que vencer, e ia vencer. Qualquer coisa mais que eu tivesse que fazer, qualquer fardo que tivesse que carregar, eu iria me mostrar à altura e superar tudo. Mas quanto mais eu aumentava o meu ritmo e mais energia empregava na caminhada, mais alta e menos confiante a voz se tornava. *Você está louco? Você está apenas se iludindo!* Quando cheguei ao nível mais baixo, pensando em finalmente desistir, jogar a toalha, parar com tudo, gastar todo o dinheiro que havia guardado e pedir carona para qualquer outro lugar, encontrei um alento – uma explosão de confiança – como se tivesse atingindo um estado de graça. *Aguente firme,* a voz dizia, *aguente firme.* E eu aguento.

Chega a primavera trazendo mais chuva, mas lá fora está mais agradável. Os contra-cheques começam a crescer e o saldo de minhas economias me diz que já tenho o suficiente para pagar um aluguel barato. Os apartamentos em San Francisco são muito caros e, portanto, sobra Oakland, onde começo minha busca nos finais de semana. Há um monte de perguntas a responder: “Bem, há quanto tempo você está empregado? Você não é casado? Tem um filho? O que está acontecendo? O que significa um homem com um bebê?”

Algumas dessas perguntas foram explícitas, outras não. Mas o processo torna-se um pouco desanimador conforme continuo a descer, degrau a degrau, tanto nos bairros onde estou procurando, quanto nas minhas expectativas. Na verdade, como último recurso, um sábado, quando o tempo dá uma pausa – não chove e há até alguns retalhos de sol atravessando a neblina –, decido ir até as proximidades de The Palms – de volta ao passeio pelo “Ho”.

Quando estou passando por um lugar na Twenty-third com a West, minha atenção é atraída por um velho varrendo um jardim – ou melhor, um trecho coberto de concreto, com algumas lâminas de grama rebelde ainda surgindo das fendas e que poderia ser chamado de jardim. Não é a grama que me surpreende, mas o que vejo bem na frente da casinha – uma roseira. Embora eu deva ter

passado pela casa outras vezes, nunca a havia visto e muito menos a roseira. Pensando bem, nunca havia visto uma roseira nessa parte tão árida da cidade. Estou fascinado. Como se consegue ter rosas no gueto?

Começo a conversar com o velhinho cujo nome é Jackson. A julgar pelas rugas em seu rosto rude, ou ele é realmente bem velho ou teve uma vida difícil. Depois de um bate-papo amigável sobre o tempo e sobre meu filho lindo, quando me preparo para continuar rodando, noto que as janelas da frente da casa estão forradas com papel.

– Tem alguém morando aqui? – pergunto ao senhor Jackson, apontando para a casa com a cabeça.

– Não, não tem ninguém morando aqui – ele diz explicando que ele e sua família são os proprietários, mas moram em outro lugar, mais adiante. Eles a estão usando como depósito há quase três anos.

– Está para alugar?

– Até poderia. – Ele dá de ombros e, em seguida, oferece-se para me mostrar a casa e os serviços de conserto de que ele necessitaria.

Entro e sinto-me sufocado por um cheiro de mofo muito desagradável. É um lugar que não vê a luz do dia ou um pouco de ar há muito tempo, mas quando vejo esse amplo espaço no térreo, cobrindo toda a extensão da casa, o cheiro torna-se subitamente quase insignificante. É tudo tão bonito, mesmo com pouca luz, que fico sem palavras. Tem uma porta de frente, depois um quarto muito grande e perfeito para Christopher, um banheiro, a cozinha ao lado da copa, e uma pequena porta que dá para outro quarto, que poderia ser meu.

Agora é hora do teste.

– O senhor a alugaria para mim? – digo, bem alto, e antes que ele possa dizer não ou comece aquelas perguntas, já lhe digo de cara: – Veja bem, faz pouco tempo que estou no meu emprego. Meu filho está comigo e não tem mulher à vista, mas...

– Filho – ele diz. – Pode parar por aí. Você já me disse tudo o que eu precisava saber. Pode se mudar para cá.

Por alguns segundos, não acredito que acabou; que acabou a minha longa noite de sem-teto, que venci. O senhor Jackson confirma tudo, dizendo-me que tudo o que devo fazer é dar-lhe o correspondente ao aluguel do primeiro mês e um depósito de cem dólares para pagar a limpeza.

– E se eu mesmo limpar a casa e economizar os cem dólares? – proponho.

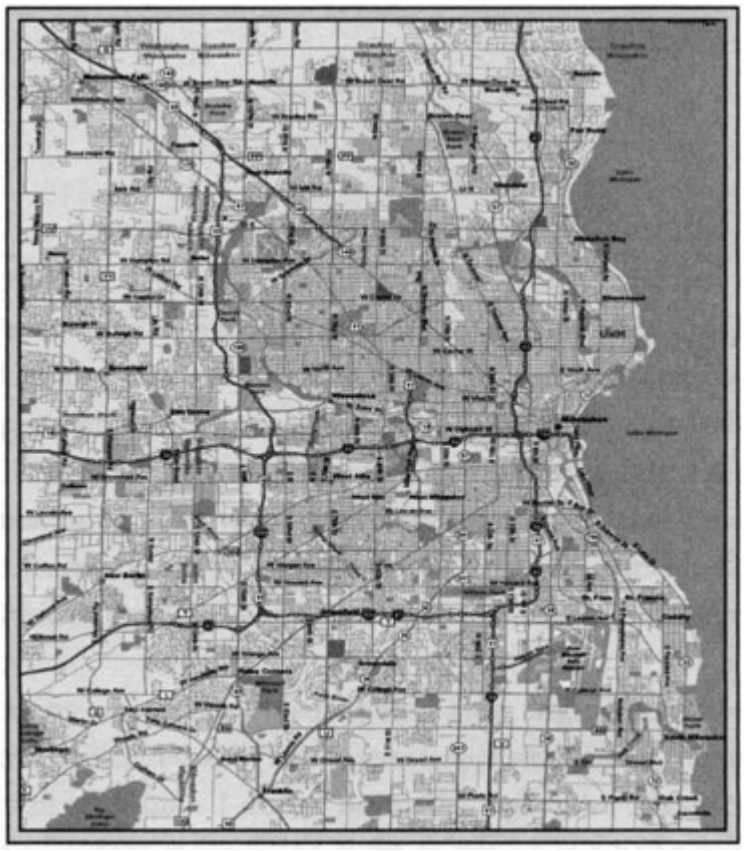
Enquanto ele me analisa por uns segundos, meu coração dispara, com medo de que ele mude de ideia. Então, ele diz:

– Ok, filho.

Foi assim que tudo aconteceu. Esse tornou-se o lugar mais lindo do mundo para mim. Um lugar que eu podia chamar de lar para mim e para meu filho. Em todo o espectro emocional de felicidade, não há nenhum sentimento que possa chegar perto do que senti naquele lindo dia de primavera e em cada dia que se seguiu, quando, em minha memória, eu via aquela roseira no gueto, que me levou à nossa primeira casa, longe da rota dos sem-teto.

Muito apropriadamente, isso aconteceu não muito tempo antes da Páscoa, a celebração do renascimento e da ressurreição – tempo de novos começos, novos caminhos. Para me lembrar dessa época, a partir daqueles dias, fiz questão de tentar voltar à Glide para o domingo de Páscoa todo ano – não importava quão longe ou ocupado eu estivesse –, não para reviver as memórias dolorosas de onde eu havia vivido antes, mas para celebrar os milagres que aconteceram em seguida.

PARTE 3



CAPÍTULO 11

Rosas no gueto

Todos queriam ajudar quando começamos a viver na nossa nova casa de Oakland, Califórnia – uma versão centro-decadente de Kansas. Quando telefonei para os amigos que não ouviam falar de mim há algum tempo, as ofertas começaram a surgir. Havia uma mesa de carteado que um amigo tinha em seu porão e podia nos ceder, uma cama de verdade e um colchão que alguém mais ofereceu, jogos de toalhas e pratos que não estavam sendo usados. Contanto que eu fosse lá pegar, era tudo nosso.

Minha grande amiga Latrell Hammond insistiu para que eu fosse pegar os dois quilos de ossobuco que ela havia acabado de comprar. Que diacho! Eu nunca faria ossobuco, mas fui lá e peguei da mesma forma, imaginando que poderia fazer um pouco de TLT na cozinha e, por isso, resolvi comprar um *freezer* de segunda mão. Na mercearia, cujo açougueiro, senhor Tookie, estava interessado em mim, consegui algumas dicas úteis quanto às coisas básicas de culinária. E quando a perspectiva de ter que assumir outra tarefa doméstica me deixou bem-acabrunhado, fui logo colocado no devido lugar só de pensar em uma mãe solteira carregando sacos da mercearia, duas crianças, mais uma pasta. Se ela conseguiu dar conta, então, eu também conseguiria.

Amigos de bairros diferentes e de diferentes condições sociais, que conheci nas minhas viagens pela Bay Area, vieram ajudar-me a me livrar da velharia que havia na casa e a limpar o local, que melhorou de imediato, simplesmente com a entrada do ar e da luz

do sol que erradicou o cheiro de mofo. O lugar ficou bem legal. Sério mesmo. Comparado com os lugares onde havíamos ficado, estávamos morando no Taj Mahal.

Christopher era meu assistente número um, não apenas com a tarefa gigantesca de limpar o local, mas também de me ajudar a organizar nossas coisas e me lembrar sempre do que precisávamos fazer.

– Papai – ele perguntou-me antes de mudarmos. – Vamos consertar o quintal?

Fui verificar a floresta de três anos que havia lá e disse a ele:

– Ainda não, filho. Precisamos de um facão e ainda não temos um. – Pouco a pouco, entretanto, lá dentro, o lugar ficou organizado rapidamente.

Depois de nossa primeira noite lá, quando nos preparávamos para sair na manhã seguinte para eu deixar Christopher na creche e depois tomar novamente o trem e chegar no escritório em tempo, ele ficou muito preocupado quando viu que não estávamos carregando toda a nossa tralha.

– Está tudo bem – expliquei e mostrei a ele a chave da casa para que ele visse que não precisávamos mais carregar tudo conosco. – Agora temos uma chave, Christopher. Veja.

Ele olhou para aquela chave modesta e solitária em minha mão aberta e não entendeu.

– Papai – ele disse apontando para a mochila com nossas coisas e minha sacola com meu segundo terno. – Temos que levar isso.

– Não, filho – eu disse a ele. – Não temos que levar nada. Agora temos uma chave. Vamos deixar tudo aqui, não tem problema nenhum. Vamos embora.

Sorrindo, mas parecendo um pouco desorientado, ele mostrou que havia entendido:

– Podemos deixar tudo aqui?

Curvando-me e aproximando meu rosto do dele, sorri com surpresa e alívio e repeti o que havia dito:

– Sim, vamos deixar tudo aqui.

Juntos, e dando risadas, usamos a chave para trancar a porta. Em seguida, fomos para a estação da BART, praticamente saltitando durante todo o caminho.

Ainda era bizarro para mim o fato de que havíamos completado um ciclo perfeito, desde o tempo em que primeiro encontrei um quarto no The Palms. Por que eu nunca havia visto esse lugar? Desde então, o mundo havia mudado para nós, e ainda assim nossa viagem de quatro horas, de ida e volta todo dia, colocou-nos justamente ao lado das profissionais da noite que ficavam na esquina e nos reconheceram.

– Ei, malandrinho! – Ainda era assim que chamavam Christopher, mesmo que ele não estivesse mais no carrinho, pois já estava bem-crescido, e andava de mãos dadas comigo ou brincava com um pequeno jogo que nos distraía enquanto íamos para a estação BART e voltávamos – revezávamos chutando uma garrafa de suco de laranja vazia. – Ei, pequeno traquinas – elas chamavam e algumas vezes, exatamente como antes, davam a ele uma nota de cinco dólares.

Aquilo ainda era maná para nós. Em primeiro lugar, era geralmente 9 horas da noite quando voltávamos da cidade. Portanto, cozinhar não era a primeira coisa que eu estava morrendo de vontade de fazer, para não dizer que ainda não era minha especialidade. Em segundo lugar, mesmo com o aluguel modesto que eu estava pagando, o dinheiro ainda andava curto. Assim, cinco dólares era um jantar na esquina, no Mossel's, onde a vitrola automática tocava a canção favorita de Christopher, *Rocket Love,* com Stevie Wonder. Toda vez que entrávamos lá, era essa a canção que estava tocando, e Christopher me alertava:

– Papai, é Stevie. Stevie! – Ele já tinha um gosto incrível para música e comida.

Depois que eu fazia o pedido, ele atacava primeiro, e eu comia o que sobrava. Conforme ele e seu apetite cresciam, passei a tomar o cuidado de pedir o prato que pudesse esticar ao máximo – como arroz com feijão vermelho e pão de milho. Tornamo-nos fregueses tão fiéis que, depois de algum tempo, os proprietários permitiram que eu fizesse um plano de pagamento: eu pagaria a cada duas semanas, quando recebesse o salário. Mesmo assim, mantivemos o prato que regularmente pedíamos. Os hábitos de sobrevivência eram difíceis de quebrar e continuei a aproveitar cada oportunidade que tinha para aumentar nossas economias.

Mas quando chegavam o arroz e o feijão, eu tinha que desembolsar uma grana na caixa de música para que o pequeno Chris pudesse ouvir *Rocket Love* novamente. Que imagem feliz – meu filho comendo ao som da canção, cantando junto e balançando a cabeça. Mas a salivação e o estômago roncando de fome não eram uma imagem necessariamente feliz, principalmente em uma noite quando o vi realmente se esbaldando com aquele jantar. Percebendo que eu o observava, ele pôs o garfo na mesa e disse:

– Por que você não está comendo?

– Não se preocupe! Vá em frente e coma, filho. – Foi o que eu disse, mas, honestamente, eu estava pensando: *Diabos! Será que você vai comer toda a comida? Será que você não vai deixar nada para mim?* Já com quase dois anos e meio, ele comia como um elefantinho. Aparentemente, ele havia aprendido nessa idade precoce que come-se quando se pode comer.

Foi o que aconteceu durante os seminários do festival de pizza, patrocinado pela Dean Witter, sob a recomendação de um consultor chamado Bill Goode, cuja habilidade era qualificar indivíduos como investidores potenciais ao telefone. Eu havia tornado-me muito bom nisso, mas estava sempre aberto para aprender mais com os grandões. A ideia era que, depois do trabalho, um grupo de mais ou menos seis de nós ficava até mais tarde e ligava para cada pessoa em nossa carteira, informando, por exemplo, que havia uma nova oferta de ações provenientes de companhias como Pacific Gas & Electric. No meio de risadas e ligações, saboreávamos pizza paga

pela Dean Witter. E eu ainda conseguia ir até a creche, pegar o pequeno Chris e trazê-lo de volta. Enquanto ele estivesse comendo pizza, eu tinha certeza de que ele ficaria quietinho.

– Aqui, filho – eu disse a ele na primeira festa de pizza quando voltei ao serviço pouco antes de a pizza chegar e de começar com as ligações. – Sente-se aqui e coma sua pizza. Papai precisa falar ao telefone, tudo bem?

– Papai, você vai falar ao telefone outra vez?

– Vou sim, vou falar ao telefone outra vez.

– Papai, você ainda vai falar?

– Vou sim, ainda vou falar.

– Papai, você gosta de falar?

– Gosto sim, filho. Gosto de falar. Coma mais um pedaço de pizza.

Não demorava muito e lá estava eu sorrindo e fazendo ligações, e o restante do escritório também.

Já que Christopher estava tão ansioso por me ajudar em qualquer tarefa, ocorreu-me recrutar sua assistência quanto a ser admitido na creche onde haviam colocado o quadro com o errado "felissidade". Se isso acontecesse, nossos longos dias – saindo às 5 da manhã e só voltando depois das 9 da noite – seriam muito mais fáceis de administrar. O único problema era o treinamento do troninho. Só ocasionalmente ele pedia para ir ao banheiro, mas na maioria das vezes, não se preocupava com isso.

No trem de volta para casa, depois da pizza, fiz minha proposta:

– Filho, quer ajudar o papai?

– Quero!

– O jeito de ajudar o papai – disse-lhe eu – é quando você achar que quer ir ao banheiro fazer xixi, só levante a mão uma vez. Quando você quiser fazer cocô, levante a mão duas vezes, combinado?

– Combinado – ele disse radiante como se tivesse ficado feliz por ter uma tarefa que era só dele. Fizemos disso um jogo. Com efeito, em duas semanas ele saiu das fraldas e eu o matriculei na creche ao lado da estação BART. Em nossa nova rotina, agora parecia que estávamos em férias. De manhã, às 7:00, eu o deixava na creche, pulava de volta no trem e chegava ao serviço bem cedo. À noite, voltava com tempo para pegá-lo às 6:00 e irmos comer o nosso prato da culinária sulina com aquela colher engordurada. Depois fazíamos uma visitinha ao Joe TV – dono de uma loja do mesmo nome, que vendia e consertava televisão.

Um camarada simpático e esperto, Joe não se importava se parássemos lá para um bate-papo ou se sentássemos para ver televisão por algum tempo. Com toda certeza, ele imaginava que não tínhamos TV, mas nunca fez qualquer referência a isso. Na verdade, quando televisionavam algum evento esportivo importante, como uma luta de Muhammad Ali, a que eu assisti lá uma vez, dávamos um jeito de calcular bem o tempo e aparecer por lá como se fosse por acaso, para assistirmos o que quer que fosse.

Depois do jantar, de um pouco de televisão e de uma visita a Joe TV, nosso último passeio, antes de irmos para casa, era cruzar The Palms, onde as damas da noite já estavam em seus postos, muitas chamando a mim e ao meu filho: “Ei, Chris! Ei, malandrinho!” Para Christopher, agora elas eram como se fossem da família:

– Ei! – Ele acenava para elas sabendo que mesmo que já tivéssemos jantado, ele poderia ter a sorte de ganhar uma daquelas costumeiras notas de cinco dólares.

Em seguida, continuávamos nosso caminho e chegávamos em casa. Um quarteirão antes de chegar, eu já punha a mão no bolso, certificando-me de que a chave ainda estava lá. Aquilo me fazia lembrar de quando viajei de avião, levando no bolso o anel de diamante para Sherry. Mas, para mim, a chave valia dez vezes mais que o Diamante Hope. O que mais me deixava feliz com isso, eu não sei. Não se prendia a um chaveiro. Era apenas essa pequena chave, solitária, sem chaveiro. Mas era nossa.

E a sensação de alegria que eu tinha toda vez que via as rosas abrindo-se no gueto, na frente de nossa casa, e quando dei um passo naquele degrau, naquele primeiro degrau, nunca diminuiu. É impossível explicar o que significou para mim pôr os pés no degrau, com a chave na mão, abrir a porta e finalmente entrar na casa. Era exatamente o oposto da sensação de impotência. Era o antídoto do medo de não saber o que aconteceria aquela noite, para onde iríamos ou como nos arranjaríamos. A chave era como a chave do reino, um símbolo da caminhada que eu havia feito até esse ponto, começando onde eu havia estado, no fundo mais absoluto do poço, e chegando onde eu estava agora – uma transição inacreditável.

Se as coisas ainda estavam difíceis? Claro que sim, mas dava para administrá-las. Agora que eu podia nos dar cobertura, tendo onde morar, e podia pagar a creche, o transporte e a alimentação, achei que podia dar uma arejada na cabeça, exatamente como havia feito com a casa, e depois engatar uma marcha mais potente no serviço. Não que nossas preocupações tivessem ficado para trás; logo no início, por ter atrasado o pagamento da conta de luz, a eletricidade foi cortada.

Acendi velas e disse a Christopher, tentando não deixar que ele percebesse que eu estava me sentindo deprimido e muito frustrado com o que era, na verdade, apenas um pequeno revés no esquema das coisas:

– Vamos lá! Você vai tomar um banho à luz de velas.

Mesmo assim, enquanto esfregava o pequeno Chris na banheira, eu não conseguia deixar de me atormentar acerca de como eu poderia realmente concretizar meu grande sonho, se continuasse a ser tragado por tantas minúcias diárias. Sim, claro, eu sentia que estava progredindo, mas parecia que eu ainda estava longe demais do lugar aonde queria chegar. Meu pensamento mais claro era: “*Não sou o super-homem!*”

Exatamente nesse momento, absolutamente do nada, meu filho levantou-se na banheira e me disse, com um olhar sério no rosto, iluminado pela luz da vela:

– Papai, sabe de uma coisa? Você é um papai legal.

Ah, cara! Juro que derreti. Esqueci as preocupações, os pormenores, e senti que tudo daria certo. Partindo daquele garotinho, essas palavras eram tudo o que eu precisava. Christopher sempre me estimulava ou acendia em mim qualquer chama que estivesse faltando na época.

Uma foto de nós dois, tirada pouco tempo depois que ele fez esse comentário resumia o que esse período significou. Chamei-a de “A Foto dos Dois Leões”. Nela, Christopher e eu estamos sentados lado a lado diante de nossa casa, bem no degrau superior, e estou olhando acima da lente da câmera, como se contemplasse o horizonte, com a expressão orgulhosa, determinada, do Papai Leão e uma expressão de rei do bando, como quem diz: *De onde vai sair a próxima refeição?* E no rosto de meu filho, o filhote, há um olhar que diz: *Estou com fome. Estou com fome*.

Isso formou a moldura daquela “Foto dos Dois Leões” e apagou todas as minhas dúvidas quanto a estar fazendo a coisa certa. Não estávamos olhando para trás. Nunca. Meu foco estava no horizonte. O que vinha a seguir? Como ir atrás de tudo? O que eu precisava saber para fazer acontecer?

———

Minha curva de aprendizagem foi ativada novamente quando a Dean Witter trouxe um dos maiores vendedores da companhia, um figurão superinteligente chamado Gary Abraham, de Las Vegas, Nevada. Encarregado de visitar diferentes filiais e ajudar os mais verdinhos a construir seus negócios, Gary e eu nos demos bem desde o início.

Pessoalmente ou por telefone, sempre que eu lhe pedia conselhos ou queria reconquistar um cliente, ele estava disponível, com seu constante bom senso, perguntando-me:

– Olá! Como vão as coisas? O que está acontecendo?

Apesar de sua aparência despreocupada, Gary era muito inteligente. Um mago, lotado de *insights* sobre o que estava fazendo e como havia se desenvolvido na profissão. Um dos conceitos que ele ajudou-me a entender – uma coisa que eu só dominaria mais tarde – foi a ideia que, era melhor que dizer a alguém o que devia comprar e por que devia comprar, era adotar uma abordagem muito mais estratégica e produtiva, descobrindo o que meu cliente queria comprar. No meu entendimento do que significava oferta e procura, essa abordagem fazia muito sentido, embora sua aplicação prática levasse tempo.

Quando Gary começou em Vegas, onde há sempre influxo de dinheiro novo, em vez de fazer a coisa pelo telefone, ele saía sempre à busca de novos loteamentos, onde casas milionárias estivessem em vários estágios de construção.

– Você os visitava pessoalmente? – perguntei tentando-me ver fazendo algo parecido com isso.

Gary se recordava:

– Pode crer. Era isso mesmo que eu fazia. Vestia meu melhor terno azul e tocava a campainha de cada uma das casas, sem ter agendado, e me apresentava.

Cara, eu queria o roteiro dele, a sua fórmula: o que ele havia feito e como havia feito.

Não havia nada de especial, insistia ele:

– Eu apenas dizia: “Olá, sou Gary Abraham, trabalho para a Dean Witters aqui em Las Vegas e gostaria de saber se há alguma coisa que podemos fazer para ajudá-lo a se estabelecer aqui, e, a propósito, o senhor tem alguma ligação com o mercado de ações?”

Foi exatamente esse tipo de abordagem idiossincrática que me fez tomar o caminho mais longo, construindo minha própria carteira, em vez de aderir ao programa da companhia, como fazia a maioria do pessoal trabalhando à minha volta. Eu olhava para Gary e sabia que era aquilo que eu queria fazer e era daquela maneira que eu queria jogar.

Com 29 anos, cheguei à conclusão que eu era muitíssimo afortunado por ter tido como mentores – direta ou indiretamente –, indivíduos extraordinários, verdadeiros modelos. Que elenco fabuloso de indivíduos empurraram-me para frente: seja começando com Miles Davis, que foi o primeiro a despertar em mim a vontade de ser grande; seja com Dr. Robert Ellis, que instigou em mim a determinação de estar sempre à frente em qualquer coisa que eu fazia; seja com Robert Russell, bem lá no começo, quando eu era ainda um principiante na área de negócios, e sua ambição de atingir cifras bem altas; seja com a fé e a paixão por Wall Street que Bob Bridges e sua Ferrari vermelha acenderam em mim; seja os diferentes estilos de estrelas da Dean Witters, como Andy Cooper, Dave Terrace e, agora, Gary Abraham.

Nunca me passou pela cabeça que esses modelos ajudaram-me mais ou menos, porque eu era negro, ou esperavam mais ou menos, porque eu era negro. Se eles fizeram isso, não percebi. Mais tarde, li uma citação de Berry Gordy acerca de como ele chegou ao grande sucesso da Motown e por que ele tinha certeza de que seus discos agradariam tanto a crianças brancas quanto a crianças negras. Seu argumento – de que seu sucesso musical não era lance nem de negro nem de branco, mas uma coisa de verde – ressoou em mim. No cenário financeiro onde eu me encontrava, meus mentores e os exemplos com os quais aprendi poderiam ter vindo de qualquer ambiente. Acontece que a maioria deles era de brancos, mas eles eram italianos, judeus, estrangeiros, WASPS, de diferentes níveis socioeconômicos. Nessa área, o sucesso não era coisa de branco ou de negro; era uma coisa de verde. Esse era o padrão de medida – o quanto de verdinhas você estava fazendo girar e o quanto você estava ganhando.

Talvez, sem ter consciência disso, Gary Abraham tenha me ajudado a identificar quais de meus pontos fortes me ajudariam a subir para o próximo patamar. No topo de lista estava, provavelmente, a habilidade de lidar com a volatilidade – experiência que extraí de minha própria vida. Essa descoberta ocorreu-me um dia, no serviço, quando a Dow começou a enlouquecer e superou a casa dos mil, emitindo eletrizantes ondas

de choque para todo o mercado. Mas um dos corretores mais velhos ficou muito irritado:

– Viu isso, filho? – ele disse a um dos outros corretores principiantes. – Acabou. Venda tudo.

Estávamos observando as ações subirem, chegarem a 850, depois 900 – por aí. E quando bateram mil naquele dia, ele pensou que era mesmo o fim do mundo – o que para um corretor significa "Venda tudo".

Volatilidade e mudança haviam sido senhas de minha vida. Se houve algo que aprendi nesse tempo, foi que nunca é o fim do mundo, não importa o quão difíceis as coisas possam estar. O que isso mostrou-me, também, foi que pouquíssimas pessoas à minha volta sabiam verdadeiramente alguma coisa. Chocante. Elas falavam como se soubessem de tudo, mas, no fim, ninguém tinha a menor ideia do que aconteceria com o mercado. Na verdade, bem poucos no ramo de corretagem têm esse dom. E também esse não era meu dom, embora eu tivesse a preocupação de conhecer os melhores analistas e prestar atenção ao que eles diziam. Mas prever os altos e baixos do mercado e suas permutações não era coisa que me afligia.

O que eu realmente sabia era que o mercado se abriria. Então, uma de duas coisas iria acontecer: ou ele subiria ou ele desceria. Era só apostar. Ter a consciência disso me levou a permanecer firme e a oferecer garantias genuínas aos clientes. De tudo o que eu trouxe desse período de iniciação na Wall Street, onde tudo se relacionava com o preenchimento de boletos, o princípio mais importante que adotei foi o compromisso de que se fosse para preencher um boleto, teria que ser um boleto honesto.

Gary Abraham dizia assim: "Preencha um boleto que possa garantir o próximo. Não coloque alguém em algo apenas para conseguir um bom negócio. Porque, se fizer isso, esse será o último negócio que você fará com esse cliente".

Gary era um recurso fenomenal, cujos conselhos não apenas tentei seguir, mas também nunca esqueci. Nunca lhe faltou

informação e sabedoria, quando eu o procurava. Com o tempo, eu olharia para trás e veria que foi em San Francisco que aprendi a vender, enquanto Nova York realmente me ensinou sobre negócios. Só bem mais tarde fui aprender que conhecer o negócio e vender são duas coisas muito diferentes. Gary Abraham vendia da maneira como grandes cantores parecem atingir aquelas notas incríveis: sem fazer qualquer esforço. As pessoas queriam trabalhar com ele, mas ele nunca pressionava; deixava que elas próprias fizessem suas vendas.

Ele mostrou-me a eficácia de não tentar vender o que tenho, mas de descobrir o que você quer comprar, ou o que você comprará, ou o que você já possui. Em resumo, a questão era: *O que posso lhe mostrar que é semelhante ao que o senhor já tem, que irá satisfazer seus objetivos atuais?*

Essa era a direção que eu queria tomar, um ponto de partida de *Tenho esse produto e esse material que tenho que fazer girar, e não me interessa o que você quer ou o que já tem*. Infelizmente, a Dean Witter era uma corretora como outras – uma corporação enorme com uma agenda que nem sempre coincidia com a dos clientes.

Não obstante, mesmo que meu contracheque tivesse melhorado e que o pequeno Chris e eu nos aventurássemos mais nos finais de semana em busca de mais convívio social, comecei a me perguntar se não deveria examinar melhor algumas opções.

Era esse o meu pensamento quando estávamos em um clube de *blues* do bairro, onde a banda liderada por Troyce Key, um rapaz branco bem baixinho que havia levado com ele a irmã de cor mais linda do mundo, tocava música quente. A comida feita por Shep – cinco dólares por prato – era mais quente ainda. Christopher teve a sorte de receber educação musical e culinária enquanto nos sentamos lá durante a noite toda, ouvindo *blues* e comendo alguma coisa escolhida do cardápio. Shep fez bagre com arroz, feijão, verduras, batata doce, churrasco de costela, costeleta de porco com molho, e serviu tudo com pilhas de pão de milho. Havia também frango de todo tipo: frito, refogado com molho espesso, recheado e no churrasco. E eu me vi obrigado a levantar a proibição de doces

para que pequeno Chris e eu pudéssemos tomar chá gelado com açúcar. Da melhor qualidade.

Depois, fizemos a nossa já familiar caminhada: passamos pela calçada das prostitutas – ou a calçada das perdidas –, acenamos para as garotas e elas responderam da mesma forma. Fomos para casa.

Nos finais de semana, no verão, eu me sentava no alpendre e trazia o pequeno Chris para o trecho de concreto do jardim, mostrando a ele que ele podia brincar com as outras crianças da vizinhança que aparecessem por lá, mas deveria ficar perto de casa e principalmente, não devia ir em direção à rua. Com mão dupla, era uma via de muito tráfego, com estacionamento e muitas ruas que a cruzavam. Observando as idas e vindas das pessoas que por lá passavam, os dias se esvaíam rapidamente.

Com uma parte do cérebro, eu pensava em como poderia praticar mais o tipo de venda que Gary Abraham fazia, e com a outra parte, eu estava ali no gueto, em um dia de verão, ouvindo todo tipo de música ecoando de carros, estéreos e toca-fitas portáteis. Um gueto verdadeiro, com uma palmeira na esquina e uma roseira que, por acaso, ficava em meu jardim.

Uma das coisas de que eu mais gostava de fazer quando tinha vontade de dar uma saída, era ajeitar o pequeno Chris no carrinho de compras que passou a substituir seu velho carrinho azul. Como eu ainda estava bem longe de poder comprar um carro de verdade e jamais recuperaria aquele que eu dividia com Jackie, o carrinho tornou-se nosso único meio de transporte particular. Christopher referia-se a ele carinhosamente como nosso carro, perguntando, quando entrávamos em algum lugar:

– Papai, onde você estacionou o carro?

Quando o tempo estava bom, passeávamos pelo bairro; descíamos a Telegraph até Berkeley – uma caminhada longa para valer. Passeando, eu me esquecia de tudo e entrava em estado zen, sentindo as vibrações e os sacolejos das rodas do carrinho chegarem até minhas mãos. Com ruídos totalmente diferentes do

carrinho azul, esse fazia sua própria música de gueto com *cluc-clac, cluc-clac, cluc-clac*, conforme rolava pela calçada. Em Berkeley, às vezes parávamos na casa da mãe de minha amiga Latrell, filávamos uma refeição e partíamos para o longo caminho de volta.

Estávamos voltando de uma dessas excursões em nosso “carro” quando o dia ensolarado de repente mudou, ficou frio e ameaçando chuva, que começou a cair pesada.

– Papai – Chris disse olhando-me e piscando por entre os pingos da chuva. – Quando vamos ter um carro com capota?

Devo ter morrido de rir. De tudo o que ele poderia ter dito com relação a melhorar as condições de nosso carrinho de compras, não foi a respeito de portas, ou de motor, ou de assentos de couro que ele falou. Nada disso; ele queria uma capota.

Em um outro dia de verão, estou empurrando o carro em direção a um parque em West Oakland e vejo um casal de idosos, negros, colocando alimento e outros suprimentos em uma pequena carroça para levar a um piquenique de família. Com todo o espaço em nosso carrinho, é justo que eu lhes ofereça ajuda.

Imediatamente, o pequeno Chris começa a conferir o que havia nas sacolas e nos outros recipientes.

– Christopher! – tento fazê-lo parar.

Os velhinhos acham isso tão bonito e engraçado que não se importam. Quando encontramos o grupo e estou ajudando-os a tirar as coisas do carrinho, alguém grita:

– É o filho do Willie!? Olha! O filho do Willie!

Viro-me devagar e vejo todos olhando para mim.

O que devo fazer? Explicar a eles que não sou filho do Willie, ou finjo que sou e aproveito para comer de graça com os parentes? O cheiro de churrasco está bom demais. Fazendo minha melhor tentativa, viro-me para o sujeito que acabou de gritar e digo:

– O que está acontecendo? O que há com você? – No mesmo instante, estamos todos sentados e uma montanha de comida é

colocada em nossos pratos. Tratados como realeza, comemos como verdadeiros reis, enquanto um dilúvio de perguntas me atinge.

– Bem... E como vai Willie?

– Ele ainda está na prisão?

– Quando ele sai?

Claro, não sei nada sobre Willie, sobre o que ele fez e há quanto tempo ele está na cadeia. Então, digo apenas:

– Bem, sabe como é... Willie está bem.

– Está certo, garoto – uma matrona diz. – Quer mais um pouco disso? – Enquanto nos serve a terceira porção, acrescenta: – Pegue mais um pouco daquela salada.

Caramba! Não é maná; é leite e mel em abundância. E fica melhor ainda quando a festa termina e eles começam a repartir a comida, dizendo-nos:

– Leve um pouco disso, um pouco disso aqui e aquele bolo lá. Pode levar.

Estou mordendo os lábios para não cair na risada. Temos comida para uma semana em nosso carrinho. Deus seja louvado.

Quando começamos a dizer adeus e todos nos dizendo para mandar lembranças a Willie, vejo-me de pé, face a face com uma jovem e linda irmã, e me ligo nela.

Na maior parte do tempo em que meu filho e eu temos vivido sozinhos, a última coisa em que penso é o vazio sexual e romântico em minha vida. Não que eu tenha me qualificado para uma vida monástica, ou que não tenha havido nenhum potencial no escritório ou com amigas de amigos, mas até recentemente, mesmo que eu tivesse sentido vontade, não havia como colocar tudo em prática.

Houve uma visita embaraçosa de Jackie, depois que mudamos para a nova casa, quando ela apareceu para ver Christopher. Curiosamente, embora o pequeno Chris de vez em quando perguntasse sobre a mãe, ele não se apegou muito a ela; não reagiu como eu reagia durante e depois de me haver separado de

minha mãe. Talvez porque ele não a conhecesse tão bem quanto eu conhecia a minha. Ou talvez tenha sido pela maneira como ela se relacionava com ele. De qualquer forma, meus sentimentos eram muito mais complexos, em parte por causa dos sinais confusos que ela me enviava, mas, sobretudo, por causa de tanta raiva residual que eu não havia revelado a ela. É claro que ela ouviu poucas e boas dessa vez. E depois transamos. Foi isso aí, não uma transadinha esportiva, só para liberar. Do meu ponto de vista, foi um literalmente um “fodas-se!”. Se ela tinha qualquer intenção de voltar, agora que eu estava progredindo – não havia chegado lá ainda, mas já havia ultrapassado os portões que ela tinha certeza de que eu não ultrapassaria – ela percebeu que isso não aconteceria. Então se mandou para Los Angeles tão de repente quanto apareceu em casa.

O pequeno Chris perguntou para onde ela havia ido e eu expliquei:

– Ela está se mudando para Los Angeles. Logo você a verá novamente. – Era tudo o que ele precisava saber.

Agora isso tudo é passado, e aqui estou eu, tentando ganhar essa fofura em uma reunião de família em um parque de Oakland, onde estão me arranjando um parente chamado Willie.

Exatamente quando estou me preparando para pegar o número do telefone dela, um dos cavalheiros mais idosos se aproxima e diz:

– Sabe que ela é sua prima?

Quase morro do coração. Pensando bem rápido, digo:

– Oh! Puxa! Fazia tanto tempo que não nos víamos, que não a reconheci.

Com a mão em meu ombro e me observando bem, ele acena com a cabeça, dizendo:

– Sim, eu entendo. Além do mais, ela ficou muito bonita e você provavelmente esperava que ela não fosse sua parente, não é mesmo?

– Exatamente! Ela tornou-se uma linda jovem!

– É verdade – ele diz e olha para a irmã, que vira o olhar e se prepara para ir embora. – Ela realmente cresceu e ficou uma coisinha linda.

Foi uma saia-justa. Agora é tarde demais para mostrar minha verdadeira identidade e provar que não temos nenhum parentesco. Viro-me para ele e digo:

– Obrigado pela informação.

– Não há de quê – ele diz com um adeus para mim e para o pequeno Chris com um aceno de mão, e nós vamos embora rapidinho.

Enquanto eu estava, ao mesmo tempo, maravilhado por estar empurrando um carrinho cheio de sobras do piquenique e divertindo-me pensando em como é fácil um caso de identidade equivocada funcionar, aquele dia passou a ser outro marco decisivo em minha vida. Havíamos sobrevivido às tempestades e havíamos encontrado um lugar no gueto, onde lançar âncora o tempo suficiente para eu me orientar. E eu estava subindo, ganhando agora alguns milhares por mês. Em meu próximo passo, fosse ele qual fosse, eu deveria, pelo menos, duplicar aquele valor. Assim, eu teria condições de voltar para San Francisco, que era, sem sombra de dúvida, a “Paris do Pacífico”.

Pela primeira vez depois de muito tempo, talvez a primeiríssima vez, não me senti como se estivesse carregando um fardo, arrastando-o contra tudo e contra todos. Mas eu ainda era um sonhador, porém agora mais realista que nunca, e sabia que havia chegado a minha vez de velejar. No horizonte, vislumbrei o futuro brilhante, como antes. A diferença era que, agora, eu sentia o vento soprando nas minhas costas. Eu estava pronto.

CAPÍTULO 12

A esfera da influência

Todo dia, quando chegava a hora do almoço, um sujeito de meia-idade, baixinho e magrelo aparecia na mesa de operação da Dean Witters; sentava-se ao lado do biombo que demarcava meu espaço de trabalho. Preocupado apenas com meu serviço ao telefone no meio de cinquenta outros corretores falando e negociando, eu mal o notava ou levava em consideração o fato de que a razão de sua presença lá era provavelmente para ver Suzy, a linda corretora loira, minha vizinha de biombo.

Quando percebi isso, imaginei que ele era um cliente devotado, fazendo uma visitinha à sua corretora. Perto dos trinta anos, ou um pouco mais, Suzy era brilhante, viva e muito atraente em suas minissaias e sapatos de salto alto, com seios que ou ela havia comprado ou se orgulhava de ter. Eficiente no serviço, ela iria sempre se dar bem naquele jogo.

De qualquer forma, se ele era cliente ou não, não era problema meu. Portanto, nunca me passou pela cabeça que ele ficava lá sentado, ouvindo-me ao telefone. Tive um choque bem grande quando, um dia, sem mais nem menos, ele me disse:

– O que você está fazendo aqui? Este lugar não é para você. Aqui está meu cartão. Ligue para mim e venha me visitar. Vamos tomar um café juntos.

Um fato é que esse não era um cara qualquer que vinha visitar sua corretora; ela era sua namorada. Outro fato é que esse judeu

magricela que falava como e parecia um Sammy Davis Jr. branco era Gary Shemano, o sócio gerente da Bear Stearns em San Francisco.

Mas que firma era a Bear Stearns? Era exatamente o que eu queria descobrir quando vi o cartão. Perguntei à minha volta e a resposta veio: Bear Stearns era, nessa época, uma das sociedades privadas mais lucrativas na história de Wall Street. Eu conhecia as grandes corretoras como a Dean Witter, a Merrill Lynch, a E. F. Hutton e a Paine Webber. Elas deviam ter 10, 12, 15 mil corretores, com todas as operações e comunicações feitas por telefone. A Bear Stearns tinha apenas seiscentos ou setecentos corretores e, em vez de operar no mercado das massas – investidores tradicionais tipo papai e mamãe, gente querendo ações de empresas públicas, conta de aposentadoria, arroz com feijão –, essa sociedade menor ia atrás de peixe maior no mercado de investimento: bancos, fundos de pensões, companhias de seguros, gerentes financeiros, negócios maiores.

Vendendo diretamente para investidores individuais, era possível falar com o cliente a respeito de um novo produto que poderia ser uma ótima ideia e contar-lhe a respeito de uma nova oferta de ações. Você vai girar algumas ações. Isso porque, pelo menos naquela época, eles não conheciam profundamente o mercado e nem o que havia lá para comprar. Eles esperavam que você, corretor, lhes mostrasse tudo. Mas as grandes instituições conhecem realmente os mercados, e não é para isso que eles precisam de um corretor. Elas investem somas impressionantes e não querem um pouquinho disso ou um pouquinho daquilo; elas querem um corretor que junte muito disso e muito daquilo, da maneira mais rentável possível. Lá no porão de vendas do mercado das massas, é aquele jogo numérico de X ligações que, no fim, se torna X contas e X valor de crescimento em dólares. Não se joga assim em grandes negócios. Em vez de fazer duzentas ligações para duzentos clientes potenciais, você poderia fazer cem ligações para um cliente potencial apenas, antes mesmo de se encontrar com ele.

Lá em cima, tratava-se – e ainda se trata – de construir relações. Lá em cima, no estilo Bear Stearns de fazer negócios, trata-se da esfera de influência, algo que passei a entender muito mais claramente nos meses e anos que se seguiram.

Ainda não muito por dentro dessa empresa, logo depois que Gary Shemano me dá seu cartão, resolvo fazer uma visita ao meu gerente e pedir-lhe um aumento. Se bem entendo, isso não é nenhum bicho de sete cabeças. Antes, sempre que eu pedia aumento nas comissões menores que conseguia, a atitude era: “Não se preocupe com os dólares das comissões brutas. Eles chegarão depois que você abrir as contas”.

Agora vou lá e peço mais dinheiro porque eu ganhei mais – estou abrindo novas contas e seguindo o programa Dean Witters, o que significa que estou vendendo o que a companhia quer que eu venda, produzindo sempre e me sentindo confiante. Enquanto estou lá, como quem não quer nada, faço-lhe uma pergunta, porque planejo visitar Gary Shemano:

– Quem é Bear Stearns?

Franzindo as sobrancelhas, meu gerente diz:

– Por que você está me fazendo essa pergunta?

– Esse sujeito chamado Gary Shenano acabou de me dar seu cartão. Podemos fazer algum negócio com eles? – Talvez eu esteja sendo ingênuo, pensando que tenha conseguido um novo contato de negócios, porque não vejo isso como um conflito.

Mas o gerente vê. E ele sabe muito mais que eu sobre a Bear Stearns. Aparentemente, ele sabe que a empresa não tem programa de treinamento para corretores, e como estão construindo suas operações no varejo, a Bear Stearns anda em busca de talentos em outras companhias, contratando corretores que já foram treinados por outras e autorizados a operar, e atraindo-os para seu lado da rua. É isso o que meu gerente sabe.

Mas eu não sei de nada. Só estou querendo ganhar mais dinheiro.

– Não – ele responde sem deixar qualquer espaço para discussão. – Você não fez o suficiente para merecer mais dinheiro.

Foi como se tivessem batido a porta na minha cara. Fiquei ressentido com a atitude dele, como aconteceu quando me fizeram ser o Corretor do Dia só para conseguir negócio que era imediatamente passado para um corretor branco, porque o cliente queria “alguém com mais experiência”.

Mas a coisa realmente recebeu a chancela no instante em que pisei nos escritórios da Bear Stearns para tomar um café com Gary Shemano. Foi o mesmo susto que eu havia tido na primeira vez que entrei em um escritório de corretagem, só que agora mais sério, e minha reação instintiva, exatamente como antes, foi: *Ah! É aqui que eu deveria estar!*

Na Dean Witter, eu era o único que fazia duzentas ligações por dia. Aqui todos estavam em sintonia, fazendo muitas ligações em busca de alguns clientes potenciais do alto escalão. Grandes *VIPs* em nível institucional ou indivíduos com renda líquida significativa, gerentes de portfolio, consultores de investimento, sociedades anônimas, banqueiros, executivos de companhias de seguros, o executivo principal do estado da Califórnia, da cidade de San Francisco, ou da cidade de Los Angeles. Eles não precisavam atender ligação de ninguém. Portanto, para fazê-los retornar sua ligação, era necessário continuar ligando para eles.

Era isso que os caras da Bear Stearns faziam. Na primeira vez, fiquei aturdido com a intensidade do trabalho. Eu achava que era o único que podia se concentrar daquele jeito. Novamente, eu me sentia como se estivesse vindo para casa, para o meu verdadeiro lugar, ao mesmo tempo que estava me mudando para uma nova e inimaginável dimensão. Dava para sentir a energia, como se o pessoal da Bear Stearns estivesse tomando esteroides ou algo parecido. Na Dean Witter, o ambiente parecia tranquilo, fervoroso, quase formal. Sentados às suas mesas, de maneira geral, os rapazes usavam paletó, principalmente se estavam esperando um cliente. Na Bear Stearns, eles arregaçavam as mangas, afrouxavam a gravata, alguns com charutos na boca ou entre os dedos, todos

conectados ao telefone, elaborando um acordo, tentando um preço melhor para o cliente, caçando informação acerca de um título que ninguém tinha. A adrenalina corria solta. Dava até para senti-la, degustá-la e tocá-la. Não havia como ignorá-la. Até mesmo Stevie Wonder poderia ter visto essa coisa de doido!

O *timing* não podia ter sido mais perfeito. Como acabou se tornando evidente, a Bear Stearns queria consolidar o crescimento que já havia garantido na área institucional, fazendo mais negócios com os indivíduos de alta renda líquida que agora começavam a aparecer, conforme o Vale do Silício se desenvolvia e prometia grande avanço. Mesmo que o grande crescimento econômico dos anos 1990 ainda estivesse para acontecer, havia algumas figuras tipo "geniozinhos", já descobrindo petróleo no mundo *high tech*, e a Bear Stearns estava tentando obter uma fatia maior no processo. Esse foi o começo dos dias tranquilos de vendas de ações restritas que prometiam Ofertas Públicas Iniciais. Novos clientes que ontem eram engenheiros fazendo cinquenta mil dólares por ano, hoje, de repente, tinham alguns milhões.

A Bear Stearns queria se colocar à frente desses novos milionários com perguntas relevantes*:* "O senhor deseja fazer investimento em apenas uma coisa ou gostaria de diversificá-lo? Gostaria de separar uma parte para a faculdade dos seus filhos? Gostaria de comprar alguns títulos isentos de imposto?"

Gary Shemano, um tipo nada tímido e nada despreocupado, convida-me para um café e diz que acha que eu sou o sujeito perfeito para ajudar a Bear Stearns a encontrar um ponto de apoio firme nessa área dos negócios – com base no que ele havia observado a meu respeito na Dean Witters.

Descendente de muitas gerações de Shemano de San Francisco, Gary está ligado a todo e a cada pedacinho da cidade, além de ser um jogador amador de golfe. Veemente e irritadiço, ele costuma dar socos na mesa e é isso que ele está fazendo agora quando me diz:

– Você está perdendo seu tempo lá, entendeu? Você precisa vir para cá. O seu lugar é aqui. Aqui!

Batendo na mesa também, digo:

– Ok! Quero vir para cá!

– Ok – Gary diz sem pestanejar. – Do que você precisa para ajeitar as coisas? De quanto?

Para ser bem honesto, peço aquilo de que preciso para que eu e Christopher possamos encontrar um lugar legal para morarmos em San Francisco. Cinco mil. Cinco vezes a minha retirada na Dean Witter.

– Ótimo – ele diz, novamente sem pestanejar. – E vou pôr um prêmio de 50%. Esteja de volta em duas semanas e vamos ao trabalho.

Hurra! Viva! Por um segundo fico perguntando-me se devo pedir mais. Mas o que ele me oferece é a estrutura ideal – seis meses garantidos, recebendo cinco mil por mês, com a condição de, no período seguinte, fazer o dobro para a companhia, a fim de manter isso mais uma comissão de 50% sobre cada dólar ganho. É segurança, pressão e incentivo. Me segura, baby!

Deixar a Dean Witter não foi difícil para nenhum dos lados. Se eu sentia que devia a eles alguma coisa por terem me dado a chance inicial, meu débito foi pago quando lhes informei que estavam se apoderando de todas as minhas contas. Todas as minhas anotações detalhadas sobre que ações meus clientes possuíam, onde trabalhavam, qual era o seu histórico de família, nomes dos animais de estimação e das secretárias. Todas aquelas contas e as preciosas informações que eu havia cultivado durante meses e meses, passadas a contragosto para os caipiras que nunca haviam ligado para ninguém.

No meu primeiro dia na Bear, tenho que criar coragem para admitir que cheguei sem uma única de minhas contas anteriores. Quando digo isso a Gary, ele diz:

– Não se preocupe com isso. Na verdade, nem vamos precisar dessa gente.

A filosofia na Bear é: “Nenhum negócio é grande demais. Nenhum negócio é pequeno demais. Queremos uma chance com todos eles”. Mas acabo descobrindo que eles realmente preferem o primeiro ao segundo. O que é boa notícia para mim. Topo a parada.

No primeiro dia, tenho também a chance de conhecer alguns dos colegas que trabalharão comigo na nova sala de varejo que a Bear está montando. Um deles é um camarada chamado Jerry Donnelly, que tem seu próprio especialista de ligações iniciais, John Ahser, carinhosamente conhecido como “Asher, o Demolidor”. Conheço também Bob Edgar, um jogador de pôquer que não telefona para ninguém, mas cujo telefone toca sem parar. Em um grupo de oito sujeitos escolhidos para agirem como ponta de lança nesse novo negócio, já estou entrando em um nível superior. Novamente sou o único corretor negro da firma, o que, conforme noto, não é nada de especial nem para mim nem para meus colegas.

Com um misto de nervosismo e animação, estou organizando minha nova mesa de trabalho, tentando guardar meus lápis, quando ouço uma recepcionista chamar da sala do lado:

– Chris, há uma ligação para você. Atenda.

Sem a menor ideia de quem poderia ser, já que ninguém sabe que estou aqui, apanho o fone e pergunto:

– Quem é?

A recepcionista diz:

– É Ace Greenberg.

Para mim mesmo, digo: “Ace Greenberg?” Para ela, digo alto:

– Ace Greenberg?

Não conheço nenhum Ace Greenberg, mas em uníssono ouço todos na sala dizendo:

– Atenda! Atenda!

A recepcionista completa a ligação

– Alô? – digo sem imaginar que Ace Greenberg é o sócio majoritário e presidente da Bear Stearns, responsável por trazer a firma ao ponto em que ela chegou.

Sua ligação é para me dar as boas-vindas à Bear Stearns; e ele acrescenta:

– Queremos que você saiba de uma coisa, Chris Gardner. A Bear Stearns não foi construída por gente que tem MBA. A Bear Stearns foi construída por gente PIV!

PIV? O que será isso?, penso comigo. Mas antes de minha pergunta, Ace Greenberg explica:

– PIVs são pessoas Pobres, Inteligentes, com uma enorme Vontade de ficar rica. Nós as chamamos PIVs. Bem-vindo à firma, Chris.

Então o telefone fica mudo. Eu morri e fui para o céu! Pobre, Inteligente e com uma enorme Vontade de ficar rico. É exatamente isso que sou, um PIV.

Aquele telefonema foi o pontapé inicial. Começava o jogo.

———

No decorrer do ano seguinte, conforme minha estrela subia na Bear Stearns, eu me vi voltando ao ponto de partida, quando me mudei com Christopher de volta para a cidade, para um bonito apartamento em um enorme prédio vitoriano, na esquina da Mason com a Hays em Hays Valley. Estávamos de volta ao bairro, bem perto da já tão familiar creche, levando a vida em San Francisco, sem esbanjar, mas com segurança e estabilidade.

Com móveis alugados, o apartamento tinha assoalho de madeira de lei, dois quartos, uma ampla sala de estar e uma lareira. Uma de suas mais curiosas vantagens era o ponto de ônibus bem em frente à porta de entrada: se nossas janelas ou persianas estivessem abertas, sempre que o ônibus parava e as pessoas desciam, era como se fossem entrar direto em nossa sala de estar para uma visita.

Esse era o sonho americano, bem ao estilo San Francisco, na década de 1980. Podíamos fazer escolhas. Se precisássemos de algo, tínhamos dinheiro para comprar. Podíamos ficar em casa e eu cozinhava, fazia um sanduíche ou aquecia uma sopa, ou saíamos para comer fora. Não precisar usar ônibus ou trem para ir e vir fazia toda a diferença. Meu maior luxo era tomar um táxi para ir ao trabalho todo dia. Era um luxo. Seis dólares, mais um dólar e meio de gorjeta, e eu sentando no banco traseiro, curtindo cada segundo, como se estivesse sentado no banco traseiro de uma limusine, o que realmente aconteceu algum tempo mais tarde.

Gary Shemano, que havia notado que toda vez que nos encontrávamos eu estava usando sempre os mesmos ternos – ou o azul ou o cinza, com minha camisa branca e uma das duas gravatas que tinha – acabou me dando até um adiantamento para eu comprar um terno novo.

Gary estava sempre na moda. Gostava de ternos Brioni, sapatos de couro de crocodilo, mocassins, abotoaduras, gravatas bonitas e um sempre presente lenço de bolso. O dinheiro não me mudou por dentro, mas, sem dúvida, permitiu que eu me rendesse ao meu hábito de ter roupas boas. Conforme o tempo passava e meu poder aquisitivo melhorava, eu não apenas podia usar os modelos de ternos de que sempre gostei, mas também acrescentar toques sutis de cor e estilo, o que outros caras talvez não tivessem condições de fazer. Um dos sujeitos importantes na Bear Stearns, Dave “Meias” Cranston, com seu acessório característico, ficou muitíssimo impressionado mais tarde quando comecei a usar meias vermelho-vivo com qualquer roupa que estivesse usando. Um elegante terno azul com uma camisa branca de tecido enrugado e meias vermelho-vivo. Sutil, mas forte. Minha primeira extravagância assustou até a mim quando fui lá e comprei: meu primeiro cinto de couro de cobra na Neiman Marcus. Quatrocentos dólares por um cinto? Levei meses para me sentir bem depois desse luxo todo.

Mas, na minha opinião, para o pequeno Chris, as extravagâncias não tinham fim. Com dois anos e meio, três, três e meio, até ele entendia o que significava ter coisas novas. Uma cama nova, roupas novas, brinquedos novos. Ficava entusiasmado. E mais, éramos tão

ligados emocionalmente que ele conseguia sentir a minha paz de espírito. Saíamos e nos divertíamos em San Francisco, não porque não tínhamos onde morar, mas porque queríamos ir ao parque Golden Gate, empinar pipa ou tentar andar juntos no *skate* que eu havia feito, em vez de comprar um – porque eu sabia fazer um. Agora, ao contrário dos dias em que ele e eu tínhamos que procurar abrigo para passar a noite ou fugir da chuva, passávamos os finais de semana com chuva indo ao cinema, às vezes vendo três ou quatro filmes por dia – e no mesmo cinema.

Vimos *Os Caça-Fantasmas.* Christopher entrou em pânico quando viu o monstro Pillsbury Doughboy gritando rua abaixo.

– Papai – ele cochichou. – Quero pôr o cinto de segurança.

Em uma de nossas muitas saídas para ver *Purple Rain*, com Prince, Christopher teve um acidente e fez xixi nas calças, provavelmente porque havíamos ficado muito tempo no cinema, mas eu disse a ele:

– Você só precisa me dizer “Quero fazer xixi!”.

Fomos ao banheiro para que eu pudesse lavá-lo, e ele percebeu que eu estava irritado, apenas querendo que as coisas fossem mais fáceis. Então ele disse, sério:

– Papai, não quero ver você bravo. Quero ver você feliz.

Depois disso, não faltou oportunidade para eu dizer a ele:

– Você me deixa muito feliz, pequeno Chris. Você me faz o pai mais feliz do mundo!

Se eu havia aprendido alguma coisa sobre o que era ser pai, ali – bem ali – estava a lição mais importante, quando meu filho disse aquilo: os filhos não querem nos ver bravos. Eles querem nos fazer felizes.

É inacreditável o número de vezes que fomos ver *Purple Rain* – não apenas porque era divertido, mas porque nos protegíamos da maldita chuva. Vimos o filme tantas vezes que era inevitável toparmos com alguém que conhecíamos. Com efeito, não muito

tempo depois que eu havia começado na Bear Stearns, em uma das sessões, eu me vi sentado perto de um novo colega.

Seu nome era Mike Connors, um dos indivíduos mais inteligentes na empresa, e ele estava destinado a ser um de meus melhores amigos, alguém com que eu poderia abrir um negócio um dia. Nos termos de Wall Street, mesmo que ele fosse branco e eu negro, e fôssemos de origens e formação diferentes, nos tornamos grandes amigos.

O ambiente na Bear Stearns, até chegar a época da avalanche de enormes fusões dos anos 1980, ajudou todos a encontrar seu próprio nicho – aquele produto ou segmento do mercado que você realmente conhece por dentro e por fora, seu próprio pequeno grupo especial de instituições nas quais tem interesse. Um único indivíduo cuidava de poupança; outro lidava com o departamento fiduciário; outro só falava com companhias de seguros. Quando procurei descobrir qual poderia ser a minha especialidade, como eu havia sido uma perfeita esponja no campo médico, aprendendo com Rip Jackson e Gary Campagna, eu queria aprender e dominar da melhor forma possível tudo o que podia, mas queria isso imediatamente.

Não demorou muito e era isso o que eu estava fazendo, aprendendo não apenas como receber retorno de minhas ligações, mas como cultivar essas relações, com base no domínio de informações que eu tinha e que meus concorrentes talvez não tivessem. Assim, se Bill Anderson ligasse, eu poderia dizer com tranquilidade: “Vejo que o senhor já tem um corretor. Não queremos absolutamente interferir nessa relação. Entretanto, gostaríamos de poder complementá-la, mostrando-lhe uma ou duas posições que temos aqui”.

Um investidor esperto estava sempre aberto para isso.

“Ótimo. A próxima vez que os sócios de Bear Stearns fizerem algo, gostaríamos de entrar em contato com o senhor. Está bem assim?”

A resposta era quase sempre sim, porque quem perderia a chance de, pelo menos, saber de que oferta especial se tratava? Outro sim quase sempre vinha depois desse em resposta às perguntas sobre se eu poderia enviar algum material junto com meu cartão. Assim, estabelecia-se uma relação para que, quando eu o contatasse novamente, não seria para desperdiçar seu tempo, mas para construir uma relação harmônica e um diálogo, para descobrir o que Bill Anderson queria comprar, o que ele andava comprando, ou se ele gostava ou entendia de capital de tecnologia. Estaria ele procurando uma oportunidade de valorização de capital? Se ele fosse mais velho, estaria ele procurando complementar a renda quando se aposentasse? E se estivesse perto de se aposentar, que tal um fundo de pensão?

Talvez usando minha experiência na área de medicina e serviços de saúde, eu fizesse essas abordagens exatamente da mesma maneira como discutiríamos alguma coisa tão vital e pessoal como sua própria saúde – a saúde financeira. À minha própria maneira, eu estava, afinal, tornando-me o Dr. Chris Gardner.

Reconhecidamente, desde o começo, os figurões da Bear Stearns gostavam do que me viam fazer. Gary virou meu fã logo de cara, mas Marshall Geller era *o* cara, e a comissão que me avaliava retirou-se por um tempo para confabular com ele. Gary administrava o escritório. Marshall administrava Gary. Na verdade, Marshall administrava simultaneamente vários escritórios da Bear Stearns em San Francisco, Los Angeles e Hong Kong. Marshall – ou a “Caveira Vociferante”, como era conhecido pelas costas – media um metro e oitenta, usava óculos, tinha cabelos brancos bem-esparsos que ele conseguia manter no que eu chamava de estilo afro-judaico, e tinha um pequeno problema de sobremordida nos dentes incisivos que o faziam parecer quase bonito. De fato, na maior parte do tempo, ele era um cara encantador, simpático e meigo. Mas, de repente, sem mais nem menos, em um piscar de olhos, ele passava a vociferar:

– Você já usou essa porra de cabeça para pensar? Já usou essa porra de cabeça para pensar?

Se você trouxesse um caso para Marshall analisar, mesmo com a porta da sala dele fechada, todo mundo no andar saberia que ele estava absolutamente furioso com você. É claro que tentei ficar do seu melhor lado, ou evitá-lo de vez.

No fim, entretanto, quando, um dia, ele me viu trabalhando na minha primeira lista de clientes e organizando os cartões de visita para as duzentas ligações que tinha que fazer, Marshall decidiu que estava na hora de uma conversinha.

– Ei, Gardnerberg – ele disse usando o apelido que me tornou membro do clube dos quase todos judeus na firma. – Venha cá. Quero falar com você. – Eu o segui até a sala de reunião, onde ele apontou para a pilha de cartões ainda na minha mão. – Não é assim que os grandes fazem a coisa – disse, fazendo eu saber que o jogo de números para o qual eu havia sido treinado não o impressionava nem um pouco.

Pensei comigo: "*Bem, então o que é que os grandes fazem?*" Mas não disse nada.

– Vou te mostrar como se faz aqui na Bear Stearns. Os grandes fazem tudo por meio da esfera de influência. – Percebendo que eu não havia entendido nada, ele fez sinal mais uma vez. – Venha comigo.

No saguão, paramos para observar Phil Schaeffer, um sujeito que, aparentemente, não sabia amarrar cordão de sapatos, pois só usava mocassins. Sua esfera de influência incluía Walter Mondale, o futuro candidato democrata à presidência. O principal cliente de Phil era o fundo de pensão do estado de Minnesota. Ah, bem simples, não? Excelente, mas como eu poderia chegar lá?

– Esfera de influência – Marshall repetiu indicando que eu devia voltar para minha mesa, sem me dar uma sugestão prática de como eu poderia desenvolver isso. A ideia era: eu saberia quando a encontrasse.

Isso levaria outros vinte anos, mas nesse ínterim, com o propósito de construir relações, ainda tive que atingir os números. Eu ainda tinha que fazer as minhas mágicas para passar pelas

guardiãs – as secretárias que gostavam de minha voz aveludada tipo Barry White –, e pelos conhecidos “jacarés” – que me arrancariam a cabeça se até mesmo suspeitassem que eu estava ligando para o patrão deles a fim de conversar sobre uma oportunidade de investimento. De vez em quando eu achava ouro e o cliente potencial efetivamente atendia a ligação. Foi exatamente isso que aconteceu um dia, depois que decidi ir atrás de alguns milionários de petróleo texanos, fazendo uma ligação surpresa.

Um desses caubóis, cujo apelido era J.R. não apenas atende a ligação, mas também me escuta.

– J.R., – começo. – Aqui é Chris Gardner, da Bear Stearns, San Francisco.

– Sim, conheço vocês. O que você quer?

– Bem, eu só queria falar sobre...

– Bom, é o seguinte: antes de você me dizer qualquer coisa, deixe eu te dizer uma coisa. – Então ele prossegue contando tudo quanto era piada de negro, de judeu, tudo quanto era piadinha infame. Sem saber se devia desligar ou tomar um avião para dar um pontapé no seu traseiro racista, fico estático e ouço. Depois, tomando fôlego, volto ao ponto em que estávamos no começo da conversa e tento convencê-lo a negociar comigo e com a empresa.

Isso é tudo o que ele precisa ouvir.

– Ok, então – ele diz. – Compre para mim cinquenta mil ações de seja lá qual for a companhia que levou você a me ligar e vamos ver o que acontece.

Cinquenta mil ações a cinquenta centavos por ação era uma comissão de 25 mil dólares! Por essa grana toda... Caramba!... É... Até aguento uma piada racista. E aguento mesmo. Começo a ligar para ele, e ele me joga negócios cada vez maiores, sempre me contando as piadas mais racistas, mais aviltantes que acumulou desde a última vez que conversamos, sem repetir nenhuma. Para expandir minha esfera de influência, continuo rindo bestamente – Hilário! –, algumas vezes até achando que uma ou outra era mesmo

engraçada. De vez em quando, paro para pensar: *Se ele soubesse que sou negro...* Obviamente ele nem imagina.

Para meu grande desgosto, ele me liga para dizer:

– Ei, aqui é J.R. Minha mulher está indo para a China. Vou levar minha namorada para Lake Tahoe e vamos dar uma parada em San Francisco para eu conhecer esse tal corretor Chris Gardner, que tem me ajudado a ganhar tanto dinheiro.

Muito bem, vamos lá! Em pânico, voltando na memória aos tempos de Corretor do Dia, quando todos os clientes criavam um certo problema com o lance do "com mais experiência", estou vendo todo esse negócio ir por água abaixo, quando ele descobrir que vem contando todas aquelas piadas de negros para um "negrão". Tentando manter a calma, lembro a mim mesmo que apenas uma de duas coisas pode acontecer. No cenário A, ele irá fechar a conta que tem comigo e será o fim de nossa relação. No cenário B, se eu jogar direitinho, ele irá fechar as contas que tem em todos os outros lugares e deixará tudo sob minha responsabilidade. O que devo fazer para jogar direito?

Por acaso, Marshall "Caveira Vociferante" Geller não está no escritório no dia em que J.R. e sua namorada nos visitam. Não há ninguém para me dizer que não posso temporariamente me mudar para a enorme sala de Marshall. Também não há dano algum se substituo seu nome pelo meu na porta. Pensando bem rápido, também tiro aquelas fotos de sua linda família de brancos da sua mesa e as guardo na gaveta.

Minha secretária e meus colegas concordam com esse arranjo temporário e não dizem nada. Quando J.R. e sua companhia feminina chegam, minha secretária lhes dá as boas-vindas e os traz para me encontrar. Quando J.R. entra, estou sentado na enorme cadeira de Marshall, olhando pela janela, apreciando a vista espetacular de San Francisco e fingindo estar falando ao telefone, espinafrando alguém em um vernáculo bem-colorido, não apropriado para publicação. Como se só agora eu notasse meus visitantes texanos, desligo, giro em minha cadeira e digo:

– Olá, J.R., como vai? Sente-se, por favor. Aceita um café?

Literalmente, vejo o sangue desaparecer do rosto de J.R. Ele tem um puta choque. Não são apenas as piadas racistas e a cor de minha pele, embora isso já seja suficiente para que ele tenha um ataque cardíaco. É também o fato de que ele é um caubói baixinho, pequeno e largo – barba bem-feita, sessenta e poucos anos, cabelo cortado à escovinha, óculos de aviador, jeans, botas feitas do couro de alguma espécie em extinção, e uma enorme fivela no cinto, como se ele tivesse acabado de ganhar algum campeonato de rodeio, e que tem que olhar para cima para apertar minha mão. Sua namorada – nenhum brotinho, mas bem mais nova que J.R., também mais alta, longos cabelos loiros e o peito grande – apenas observa, sem ter muita certeza do que está acontecendo, mas aparentemente feliz por estar em qualquer lugar que não seja aquele onde costuma ficar enfurnada.

Pois muito bem, vamos lá. Espalho a papelada relativa ao fechamento de um investimento que ele fez de meio milhão junto à Bear Stearns, com um relatório completo: cada posição, cada recomendação, cada ação que foi colocada em seu portfólio, onde a compramos, onde a vendemos e o percentual obtido. Mostro-lhe quanto de dinheiro ganhei para ele até o momento e os números são bonitos: um percentual de retorno entre 34% e 35%. Essa é a minha chance de partir para o tudo ou nada. De maneira bem direta, digo a ele:

– Com base nesses números e no que você já me disse a respeito de outras contas que possui, precisamos fazer mais negócios, J.R. O que você acha?

O que ele achava, ficou claro, era que eu tinha razão. Parecia que ele havia tido uma epifania e visto a luz: não se tratava de uma coisa branca ou uma coisa preta; era uma coisa verde. Ele fechou as contas que tinha junto à Goldman, à Lehman e à Morgan, e onde quer mais que fosse que ele estivesse investindo seu dinheiro, para que a Bear Stearns cuidasse de todos os seus interesses. A partir daí, só com a conta dele, eu acho que tirava 200 mil dólares por ano. Curiosamente, depois daquela visita, ele parou de contar

piadas de negros. Nos contatos futuros que tivemos, ele nunca mais usou o termo “negrão”. Ainda contava algumas piadas de judeus e algumas outras piadinhas infames, mas tudo indicava que, a partir desse momento, ele havia passado a aceitar seus irmãos de cor.

Pelo simples fato de que eu cuidava de *todos* os seus negócios e ele era minha maior conta, J.R. era a primeira pessoa para quem eu telefonava todo dia, algo financeiramente mais do que compensador por todas aquelas piadas racistas que aguentei no começo.

Toda manhã, nosso ritual começava com meu relatório sobre as perspectivas do mercado para aquele dia e com minhas recomendações sobre se deveríamos ficar quietos onde estávamos ou se deveríamos negociar. Por causa das enormes quantias de dinheiro que eu estava fazendo para ele, a resposta era sempre:

– Faça o que achar melhor, Chris.

Foi assim por mais de dois anos. Começando lá em San Francisco e continuando depois que fiz a inevitável mudança para Nova York – para trabalhar no escritório da Bear Stearns de lá, na Wall Street real, a nave-mãe.

Mesmo que nem todos os corretores tenham que ir para Nova York para chegar ao auge do sucesso, desde o momento em que fiz minhas fantasias com esse tipo de ocupação, isso era sempre parte do sonho. Estava no meu DNA, uma parte que não era PIV, exatamente como era inevitável que comprasse aquela Ferrari um dia – o que, a propósito, realmente aconteceu, depois que mudei para Chicago no final dos anos 1980 a fim de estabelecer minha própria companhia. Mas também é preciso levar em consideração que os sonhos mudam. Se a minha primeira Ferrari era vermelha, a segunda era preta. Na verdade, comprei a Ferrari preta de Michael Jordan, e como um gesto simbólico que somente mamãe e eu podíamos compreender, minha placa personalizada era NOT MJ.

Quando eu tinha 17 anos, minha mãe mandou-me cuidar da minha vida, dizendo-me que eu não precisava ser nenhum jogador de basquete para ganhar um milhão de dólares. Dezessete anos

mais tarde, tive a certeza de que ela tinha razão, quando fiz meu primeiro milhão só naquele ano. Para chegar lá, após ter começado como corretor em San Francisco, pus na cabeça que tinha que ir para Nova York. Foi lá que tive a última prova: como diz a canção, se você consegue o sucesso lá, você consegue o sucesso em qualquer lugar.

Muita gente no escritório de San Francisco ficou triste com a minha decisão. Meu amigão Dave “Meias” Cranston me advertiu assim que soube que eu estava indo embora da Costa Oeste:

– Você ficou maluco? Sabia que para viver feito um cão danado em Nova York você vai ter que tirar uns malditos trezentos mil dólares no primeiro ano?

– Eu sei disso – menti.

Eu não sabia nada disso, e se ele tivesse razão, azar o meu. Tem mais: o que ele não sabia era que além de ter que trabalhar como um cão danado, agora eu precisava de uma renda que desse para sustentar não uma, mas duas crianças.

É isso aí; por mais surpreendente que possa parecer, em 1985, tornei-me o orgulhoso pai de uma garotinha linda, brilhante e fantástica chamada Jacintha Gardner. Sua mãe era Jackie, a mãe de Christopher, minha ex. Concebida durante uma visita que Jackie fez ao pequeno Chris, Jacinta, como seu irmão, iria sempre me ter na sua vida, e eu estaria sempre lá para ela, independentemente de quaisquer conflitos que eu tivesse com sua mãe. Por 12 horas naquela noite, quando cedi novamente à tentação sexual que Jackie havia sempre significado para mim, eu, na verdade, me convenci de que devíamos voltar a viver juntos. Mesmo com tudo o que havia acontecido antes, havia uma parte de mim que pensava: “Ok, é para o bem de Christopher”. Talvez agora que o dinheiro não estava tão apertado e eu tivesse me estabelecido profissionalmente, ela teria a chance de ir atrás de seus sonhos. Só Deus sabe o que passava pela minha cabeça. Parecia que algumas vezes tudo o que eu tinha a fazer era jogar-me no fogo para descobrir o que é se queimar. Em menos de 24 horas voltei ao bom senso.

Quando tomei a decisão de me mudar para Nova York, Jackie, já grávida, andava bastante ocupada fazendo campanha para voltar a viver comigo. Embora eu estivesse irredutível e soubesse que isso estava absolutamente fora de cogitação, propus a ela que, com minha ajuda financeira, levasse Christopher e nossa nova filhinha para viver com ela em Los Angeles. Era uma escolha prática, considerando que eu, muito provavelmente, teria que trabalhar por muito mais tempo e teria que fazer o pequeno Christopher ajustar-se a todo um novo sistema em uma nova creche. No fim, ela concordou, e, pensando bem, passar um tempo com a mãe seria a melhor coisa para ele, muito embora eu tivesse sofrido terrivelmente com a separação nas primeiras semanas.

Lá chegando, senti que Nova York era realmente um lugar que intimidava, como já me haviam dito. Felizmente, eu tinha acabado de ganhar uma conta nova, o que me ajudou a montar meu novo cenário para causar sensação no escritório. Mais uma vez, exatamente como aconteceu com J.R., a conta foi o resultado de uma ligação surpresa para um cliente potencial.

O sujeito com quem entro em contato, ligando para Las Vegas, chama-se Ed Doumani, que, depois de eu me apresentar, responde:

– Não, não compro muitas ações, mas posso querer vender algumas.

Sem saber onde isso vai parar, sou cortês e digo:

– Bem, que ações são essas?

Como quem não quer nada, Ed responde:

– Tenho uma parte de uma pequena companhia aqui em Las Vegas e ando pensando em vender algumas ações.

– Ah é? Qual é a empresa, senhor Doumani?

– The Golden Nugget – ele diz.

– Ótimo – digo e depois pergunto: – Qual a sua participação no capital da empresa?

– Aproximadamente seis milhões de ações.

Sem perder uma única batida do coração, informo Ed que a Bear Stearns é especializada em vendas restritas de ações:

– Então, informe-nos se podemos ajudá-lo e se podemos também ajudá-lo a minimizar a mordida do leão.

– Ok. Esse negócio me interessa.

Depois que desligo, meio aturdido, tenho que pensar bem como vou entrar nesse jogo. Levo um bom tempo para juntar as peças e atinar que Ed e seu irmão Fred são os produtores do escandaloso *Cotton Club,* junto com Bob Evans e alguns outros caras, para não mencionar que os irmãos Doumani estão tendo alguns problemas com a divisão de jogos de azar em New Jersey.

Em vez de fechar eu mesmo a operação dos seis milhões de ações, coloco Ed e Fred em contato com as pessoas certas na Bear Stearns – o que fez de mim uma estrela da noite para o dia quando cheguei em Nova York. Trazer seis milhões de ações, ou aproximadamente 6% do título de propriedade da Golden Nugget deu-me credibilidade instantânea com os pesos-pesados do escritório da Bear Stearns. O zunzunzum era: “Quem é esse maldito cara de San Francisco? Como ele conseguiu isso? Quem é que ele conhece?”

Não era apenas o fato de que eu estava entregando a eles o que potencialmente era um negócio de dez milhões de ações; era também o fato de que Ed Doumani só falaria comigo; não falaria com ninguém fora de Nova York sem me ter na linha com ele.

Então, mesmo que eu tivesse muito que aprender para me garantir com esses caras, vim com algumas flechas na minha aljava. O que percebi imediatamente foi que a Bear Stearns, do leste ou do oeste, era mais ou menos como os Oakland Raiders de Wall Street. Todo mundo lá, na Costa Leste e na Costa Oeste, era durão e talentoso. Muitos eram PIVs, e muitos não tinham necessariamente ido para Harvard. Havia abundância de tipos interessantes, mas no fundo, apesar do espírito de competição, todos preocupavam-se um com o outro, e todos, na hora da necessidade, estavam prontos para ajudar os colegas. A diferença entre os escritórios da Bear em

San Francisco e em Nova York estava muito relacionada com a diferença entre as duas cidades. A Bear Stearns de San Francisco tinha vigor, entusiasmo, criatividade, oportunidade e gente muito inteligente. A de Nova York era tudo aquilo também, mas usava esteroides! Tudo era levado ao grau máximo. Essa intensidade maior ajustava-se a mim e eu me ajustava a ela. Mais ainda: havia um novo nível de desafio. Lá, de onde eu vinha, emitíamos boletos e recebíamos comissões sobre cada negócio feito. Em Nova York, muitos dos caras falavam em estabelecer um negócio com base em honorários, o que eliminaria a necessidade de emitir boletos – estabelecer um fluxo de receita de, digamos, 3 milhões por ano.

Era nesse tipo de negócio que eu queria entrar. Mas como? Da mesma maneira como sempre fiz, fazendo perguntas: “Como você faz?” A resposta era entrar no negócio de administração dos bens dos clientes. Um dos caras abriu o jogo, explicou-me tudo direitinho e eu fiquei absolutamente embasbacado.

– Deixe-me ver se entendi direito. Então alguém dá a você cem milhões de dólares por ano para administrar. Então, você recebe cinquenta pontos-base? Isso significa que você faz cinco milhões de dólares por ano, certo?

Essa era a esfera da influência de que Marshall Geller havia falado. Assim, entre os irmãos Doumani, J.R., e algumas outras contas polpudas, eu não comecei minha aventura na Bear Stearns de Nova York de mãos vazias. Mas também, no início de 1986, a secretária de J.R. me ligou para dizer:

– Chris, tenho más notícias. J.R. faleceu na noite passada enquanto dormia.

Era realmente péssima notícia. Lá se ia minha conta mais importante! Aquilo não me afetaria a longo prazo. Era dor imediata. Isso porque, quando uma conta morre, as operações ficam bloqueadas pelo espólio, que então chega e faz a partilha de tudo entre um bando de abutres e beneficiários. Ironicamente, nos seus últimos dias, J.R. estava preocupado com o mercado, dizendo-me que deveríamos vender tudo e fazer caixa. Então, para honrar seu último pedido, peguei o telefone e vendi todas as ações de seu

portfólio, tirando minha comissão de 60 mil dólares como reembolso das piadas racistas. O espólio nada tinha a dizer sobre isso, não depois de todo o dinheiro que eu havia conseguido para eles e seus herdeiros.

Mas agora que o velho J.R. não existia mais, eu não estava à procura de uma conta que substituísse a dele. Minha ideia era fazer uma tentativa no negócio de administração de bens com base em honorários. Uma vez, em uma ligação surpresa para um cliente potencial, entrei em contato com Bob, executivo encarregado de um portfólio de renda fixa para uma empresa de Ohio, a Great American Insurance Company. Entrosamo-nos bem e ele se interessou em operar comigo, mas havia um problema, como se viu mais tarde: a empresa já devia ser coberta pela Bear Stearns. Para me garantir, liguei para Ace Greenberg, presidente e sócio majoritário, que foi o primeiro a me apresentar o significado de PIV. Pedi seu aval com relação à minha cobertura da Great American Insurance, e me senti bem quando Ace disse, depois de checar a situação:

– Chris, o negócio é o seguinte: você pode cobrir a conta, mas quero notícias uma vez por semana. Quero saber como você está se virando. – *Clic* – desligou.

Passam-se duas semanas e estou trabalhando com Bob, mostrando-lhe algumas ideias, títulos, todo tipo de coisas, e ele gosta do que está vendo e me dá meu primeiro pedido para principiantes. E é um pedido de 25 mil dólares. Nada mal, e não se esqueça que estou na arena institucional. Entusiasmadíssimo, ligo para Ace e lhe digo:

– Acabamos de fechar 25 mil.

Silêncio mortal. Depois de uma pausa, ele diz:

– Gardner, você está demitido. – É o que ele diz; assim, de sopetão. Suas razões? – Você vem conversando com esse cara há duas semanas e tudo o que você tirou dele foi 25 mil?

Acho que pela segunda vez em minha vida sei o que significa ter um ajuste no músculo do esfíncter que me impede de me borrar

todo. Ser demitido por Ace Greenberg é o fim de minha carreira. Não há recurso em nenhum tribunal, nenhuma instância superior.

Antes de pensar no que dizer, a maior gargalhada que já se ouviu no mundo chega aos meus ouvidos pela linha telefônica. Ace diz:

– Belo trabalho, Chris. Tenha um ótimo dia.

Esse foi um claro rito de passagem para o mundo do investimento institucional e um exemplo do perverso senso de humor de Ace Greenberg. A experiência também abriu meus olhos para a intensa competição pelo mercado institucional. Para ter essa vantagem e poder oferecer algo diferente, eu desenvolvi uma estratégia inovadora, nos meses que se seguiram, para ir atrás daquele gerenciamento de bens e daquele negócio baseado em honorários, sobre os quais os outros colegas de Nova York andavam falando. Mas minha abordagem era de um jeito muito pessoal. Era um processo de muitas fases, que primeiro implicava contatar a segunda pessoa mais importante na hierarquia da administração e oferecer-lhe algumas oportunidades de investimento e depois, quando não havia interesse imediato, transformar em dólares verdadeiros o que eles haviam rejeitado. Três meses mais tarde, eu ligaria para a pessoa número um na empresa e diria que já havia ligado antes, dizendo:

– Eu estava ligando para dizer que estava enviando um cheque de cem mil dólares, mas parece que na época não houve muito interesse de sua parte. Estou ligando agora para... – Interesse imediato e negociações subsequentes surgiam da parte de quase todo mundo.

Conforme fui dominando essa estratégia, acabei descobrindo em que tipo de negócio eu realmente queria estar – o mercado que estava sendo flagrantemente ignorado pela Wall Street, o nicho que eu teria permissão para desenvolver em Nova York e que logo se tornaria uma parte fundamental de meu próprio negócio, quando eu abrisse um escritório em Chicago.

Minha ideia era ir atrás desse mercado ainda não explorado e oferecer aos clientes potenciais a gama de produtos e serviços fornecidos pela Bear Stearns – uma das empresas mais rentáveis na história de Wall Street. Que mercado não explorado era esse? Bem... Eu queria começar a ligar para afro-americanos. Eu queria gerenciar o dinheiro de pessoas físicas na esfera de influência compartilhada por Quincy Jones, Stevie Wonder, Oprah, Michael Jordan. Eu queria investir não apenas para artistas e atletas famosos, mas em nome de instituições para negros, bancos para negros, companhias de seguros para negros, empresários e executivos negros, fundações para negros. Era isso o que eu queria fazer. Além do fato de que ninguém mais pensava em ir atrás desse mercado, eu gostava da ideia de promover propriedade e prosperidade da minoria.

Com o aval de Ace Greenberg e meus outros patrões na Bear, mergulhei de cabeça, algumas vezes acertando, outras errando. Mas, no fim das contas, no início de 1987, quando as coisas realmente começaram a andar, eu fazia tantos negócios que ninguém questionava minha decisão de dar o próximo salto e estabelecer um escritório sob meus próprios auspícios.

Foi um enorme risco, talvez o maior de minha vida, e exigia que eu começasse praticamente da estaca zero. Também exigia alguma assistência financeira e alguém que acreditasse na visão ambiciosa que eu tinha para minha empresa. A pessoa que se apresentou com disposição para investir em meu sonho foi um cavalheiro que atende pelo nome de W.J. Kennedy III, presidente da Mutual Life Insurance Company, da Carolina do Norte, a maior companhia de seguros controlada pela minoria do país.

Eu seguia adiante. A minha visão continuou a se expandir. Além do negócio da minoria, eu queria honrar meus tios tão diligentes e administrar dinheiro do mercado de trabalho. Eu queria fazer investimentos para educadores e patrocinadores de educação pública e alfabetização. Para criar a coalizão arco-íris que eu imaginava, eu queria contratar PIVs, talvez não exatamente como eu, mas com a mesma vontade de sonhar grande: eu queria ter a mesma chance de cultivar o potencial que a Dean Witter havia me

dado. Para fazer meu negócio crescer, eu queria explorar algumas ideias que tinha acerca do que acabei chamando de “capitalismo consciente” – tanto como um interesse filantrópico pessoal em restituir um percentual de meus lucros financeiros ao setor público nas áreas nas quais ganhei dinheiro, quanto como uma forma de investimento para estimular potencial e oportunidade em um nível global. Algumas dessas ideias haviam sido moldadas pelo reverendo Cecil Williams e pela Igreja Glide Memorial, e outras eu havia tido graças a algumas leituras que havia feito em economia avançada; eu parava em bibliotecas públicas sempre que podia, só para tranquilizar mamãe, mostrando-lhe que eu não havia me esquecido de todos os seus conselhos.

Ao escolher Chicago como a cidade onde estabelecer a Gardner Rich & Company, nome com que batizei minha empresa, eu havia mais uma vez feito uma viagem completa, retornando ao ponto não distante de Milwaukee e de mamãe, e a uma cidade onde eu tinha muitos parentes. Essa ideia fazia sentido porque Chicago era uma cidade onde Christopher, de seis anos, e Jacintha, de dois – que haviam se mudado de Los Angeles –, poderiam crescer e ter um local para chamar de lar. Assim, em um certo sentido, eu havia refeito o círculo. Mas eu estava também abrindo novos caminhos e criando meus filhos. Eu havia quebrado o ciclo de filhos sem pai que meu próprio pai havia começado.

À medida que minha empresa crescia e meus sonhos se materializavam, dando-me a oportunidade de trabalhar para fundos de pensão institucionais e patrimônios no montante de vários bilhões de dólares, além de sustentar o crescimento e a saúde financeira de organizações como National Education Association, minha maior cliente com seus milhões de afiliados, eu realizava aquele outro sonho: viajar e conhecer o mundo. As mulheres eram realmente tudo aquilo que tio Henry havia descrito e muito mais.

Viajar pelo mundo é, sem dúvida alguma, cansativo, mas é algo que nunca envelhece. Chegar na cidade seguinte e ter a oportunidade seguinte é sempre uma grande emoção. Não importa se eu esteja muito ocupado ou onde esteja, tento sair e caminhar pelas ruas para ver se as calçadas têm buracos, lembrar-me do

quanto caminhei, apreciar cada pequeno passo no caminho e sentir-me estupefato e feliz com o fato de que a busca nunca termina.

EPÍLOGO

Mais abençoado do que os sonhos de mil homens

Abril, 2004

Não há nada que possa prepará-lo para a beleza dura de Joanesburgo, na África do Sul, conforme o avião desce através das nuvens e você contempla os contornos da parte sul da África, que se abre lá embaixo. É realmente um mapa vivo.

Não importa quantas vezes eu tenha visitado a África do Sul, cada vez que lá retorno, sinto uma intensidade única de emoções diferentes. Esses sentimentos tornam-se ainda mais intensos conforme meu avião toca o solo para essa visita, em abril de 2004, depois que recebi um convite do comando do COSATU – Convenção de Sindicatos Sul-Africanos – para ser um dos duzentos observadores de todo o mundo nas eleições de 2004 – um evento monumental que coincidirá com a celebração do décimo ano de democracia e liberdade para o povo da África do Sul.

Embora tenha aceitado o convite – uma honra – com muito orgulho, lancei uma advertência, dizendo:

– Não saio da África do Sul sem ter uma conversa privada com Nelson Mandela.

– Tudo bem – disseram-me. Se eu tivesse paciência, eles cuidariam disso.

Alvoroçado com a experiência total, quando chego, faço algo que nunca fiz na vida – saio e compro uma câmera, com o objetivo de capturar a realidade do que estou para testemunhar, o clímax de dez anos de democracia e liberdade. Como tantos milhões de sul-africanos e pessoas de todo o mundo, sinto-me em estado de estupefação. Quem diria que isso algum dia viria a acontecer?

Em minha primeira visita à África do Sul, fui acompanhado de um homem que passei a considerar um pai. Bill Lucy, da AFSCME – Federação Americana de Empregados Municipais e de Condados Estaduais – e da CBTU – Coalizão dos Sindicalistas Negros – apresentou-me ao senhor Mandela. O senhor Mandela apertou minha mão com firmeza e disse palavras que eu jamais havia ouvido de um homem:

– Seja bem-vindo à sua casa, filho.

Fiquei muito emocionado e chorei feito um bebê. Nessa época, ter 46 anos e Nelson Mandela como o primeiro homem a me dizer tais palavras valeu cada dia do *blues* do sem-pai.

Agora, quatro anos depois, estou de volta. No dia 14 de abril, dia de eleições, todos os observadores internacionais são colocados em pequenos grupos depois de receberem, no dia anterior, credenciais e instruções. Sou escalado com duas mulheres sul-africanas negras, ambas observadoras experientes e veteranas de luta contra o *apartheid* que vem existindo em todo o decorrer de suas vidas. Com minha câmera preparada, começamos nossas inspeções na East Rand, depois vamos para Alexandra, Orlando e, finalmente, para o bairro Soweto. Vendo as filas de sul-africanos incrivelmente longas – todos de pé, com tanta dignidade, humildade e paciência – não tenho coragem de tirar a câmera do bolso uma única vez. Fazê-lo teria sido desrespeitoso, como tirar fotos dentro de uma igreja.

Os rostos lembram-me algo antigo e familiar, com se fossem gente que conheci lá em Chicago, Nova York, Oakland, Milwaukee, ou mesmo em casa, na Louisiana. Essa gente, entretanto, parece

saber que não sou da África do Sul. Mais tarde menciono isso a Jan Mahlangu da COSATU e lhe pergunto como todos sabem que não sou sul-africano. Com um sorriso, Jan diz:

– É o seu jeito de andar. Você anda como se o espaço fosse seu. Provavelmente você fica o tempo todo em Wall Street.

Caio na risada.

Na noite da eleição, estou em um local de apuração de votos, convertido em uma fortaleza. Nossa tenda fica em um estacionamento no centro de Joanesburgo, próxima à Ponte Nelson Mandela. Nossas instruções são simples; entre elas estão: "Ninguém entra, ninguém sai" até que todos concordemos com a contagem final. Meu primeiro pensamento é "Nada de café, nada de líquido".Não há banheiro em nossa tenda. Finalmente, depois de algumas horas muito longas, tensas e, algumas vezes, ansiosas, acabamos. Conforme o esperado, o ANC – Congresso Nacional Africano – obteve 86% dos votos só em nossa contagem.

Para mim, é muito interessante observar não apenas a contagem, mas também a interação entre os negros, *os coloreds* – de origem miscigenada – e os indianos. Os grilhões do *apartheid*, embora fisicamente destruídos, continuam operando psicologicamente.

Continuando a digerir muito do que resultou de minha visita até agora, começa oficialmente, em 15 de abril de 2004, a minha espera pelo encontro com o senhor Mandela. Conforme fui informado, o aniversário da democracia e da liberdade na África do Sul está sendo celebrado ao redor do mundo. Aparentemente, todos os países do planeta estão enviando representantes, embaixadores e chefes de estado para cá. Meu lugar na fila, embora seguro, parece muito distante. Sem problema, posso aguardar.

Durante o período de espera, a posse de Thabo Mbeki para seu segundo mandato de cinco anos é outra experiência sem precedentes em minha vida. Os negros nunca pareceram tão bem, tão bonitos, tão majestosos. É quase a vida imitando a arte – em certos aspectos, uma cena extraída diretamente do filme de Eddie

Murphy, *Um Príncipe em Nova York*: uma procissão e uma cerimônia acontecem na Union Building, a Casa Branca sul-africana, e em seu gramado interno, equivalente ao nosso Rose Garden. O povo aplaude cada governante e líder que chega. Os monitores Jumbotron mostram a multidão do outro lado – acima de 100 mil pessoas – esperando pela posse e pela festa que acontecerá. Em seguida, ouço um som ensurdecedor, como nada igual que já tenha visto. Só pode significar uma coisa: Mandela chegou.

Nessa fase de minha vida, tive o prazer de me sentar nas quadras para assistir às finais dos jogos da NBA, ao lado dos ringues para assistir a lutas de boxe, e na primeira fila para assistir a um concerto, mas jamais havia sentido um som como esse de 100 mil almas gritando “Mandela!”. Choro de novo e os que estão à minha volta perguntam-me por quê. Eles não entendem, mas perto de meus cinquenta anos de vida, é a primeira vez que vejo um presidente negro!

Meus soluços só são sufocados pelo som de três aviões 747 da South African Airlines, que voam sobre nossas cabeças, saudando o presidente.

Nos dias que se seguem, uso meu tempo para me preparar, enquanto espero meu encontro com o senhor Mandela. Nelson Mandela foi o primeiro advogado negro da África do Sul e seguiu adiante fundando a firma Tambo e Mandela com o líder do ANC, Oliver Tambo, seu estimado amigo. Mantenho isso em mente, quando me preparo para apresentar meu caso – um caso claro, conciso e imperativo.

Também encontro a empresa que fabrica as bonitas camisas de seda que Nelson Mandela sempre usa.

– Tenho um encontro com o senhor Mandela – anuncio assim que entro no escritório principal. – Quero que me façam uma camisa. Quero estar vestido adequadamente quando for encontrá-lo.

Enquanto continuo a esperar, exploro melhor Joanesburgo, o Soweto e a Cidade do Cabo, e meus olhos abrem-se de uma

maneira diferente agora. Eu costumava pensar que sabia alguma coisa sobre a pobreza. Quem nunca esteve na África não sabe o que é pobreza. Sinto um aperto no coração quando vejo e conheço mais a respeito das condições a que seres humanos são submetidos para garantir sua sobrevivência. Ainda assim, apesar dessa pobreza abjeta, percebe-se um sentimento de esperança por toda a parte. Entre os sul-africanos há o sentimento de que, sim, as coisas estão difíceis, sim, precisamos de empregos, sim, precisamos de moradia, sim, precisamos lidar com o HIV e com a AIDS, mas sim, também pela primeira vez em nossa vida, podemos sonhar. O impossível é agora simplesmente possível.

A espera não me causa nenhum estresse. O sentimento do que é possível ajuda-me a passar os dias. Também encontro o lugar exato onde um dia vou viver. A propriedade não está à venda, mas, sim, é possível.

Uma vez mais a preparação me consome. Tenho duas páginas de notas que quero discutir e as condenso em dois envelopes, frente e verso, depois em um envelope, frente e verso. Finalmente o telefone toca:

– O senhor Mandela irá recebê-lo amanhã às 11:00 da manhã – me informam.

Estou pronto. Esperei 27 dias, mas lembro-me que o senhor Mandela esperou 27 anos na prisão: e eu fiquei em um lugar muito mais bonito do que ele. Quando a manhã chega, a única decisão que me resta tomar é qual das fabulosas camisas de seda vou usar para o encontro. Hazel, minha funcionária favorita no Park Hyatt, olha para todas elas e escolhe a mais suntuosa de todas, explicando:

– É esta aqui! O senhor parece Madiba! – Ela está usando o nome do clan de Mandela para descrever a camisa e por que devo usá-la.

Sou levado ao encontro por um dos mais importantes empresários da África do Sul, Eric Molobi, que também ficou preso em Robben Island com o senhor Mandela.

Nunca me senti tão tenso – no sentido positivo – em minha vida. Já tive alguns importantes encontros com líderes conhecidos, mas esse em especial é mítico, vai além da esfera de qualquer coisa que já me aconteceu antes. Somente uns poucos heróis verdadeiros têm tido significado especial para mim – minha mãe, Miles Davis, Muhammad Ali. O fato de que está chegando o momento de eu me encontrar com Nelson Mandela, um herói personificado, me faz perceber o que é uma experiência extrassensorial.

Finalmente Zelda, a assistente pessoal do senhor Mandela, aparece para me acompanhar até a sala dele, informando-me que tenho 15 minutos com Madiba.

Entro na sala e lá está ele, de pé, o corpo bem-aprumado, parecendo nada menos que um rei usando uma fantástica camisa "Madiba". Ao perceber que eu estava muito tenso, ele pergunta com voz majestosa:

– Chris, por que você está usando a minha camisa?

Relaxo-me totalmente e sento-me à sua frente, conforme as orientações. Aos 86 anos, ele movimenta-se premeditadamente, porém com cautela. Seus olhos, entretanto, esquadrinham-me com atenção. Esses são os olhos de um homem de 86 anos, de um guerreiro da liberdade, que, na maior parte desse tempo, teve que olhar para alguém e tomar uma decisão instantânea: *Será que posso confiar nessa pessoa? Será que essa informação está correta? Será que isso vale meu tempo?*

Começo a apresentar meu caso. Os fundos públicos nos Estados Unidos aumentaram seus aportes para mercados emergentes ao redor do mundo, mas esses aportes não retornaram à África do Sul. Muitos dos *young Turks* no movimento trabalhista dos EUA, que lideraram o movimento para liberar companhias americanas de investimentos sul-africanos, são agora presidentes, tesoureiros-secretários e administradores de seus fundos de pensão. Como tal, eles estão em condições de influenciar, controlar ou gerir capital de bilhões de dólares. Como base de comparação, a África do Sul tem se saído melhor que todos os outros mercados emergentes. A África do Sul, recentemente, celebrou dez anos de

democracia e liberdade. Da mesma maneira como o capital foi usado uma vez como ferramenta para ajudar a produzir mudanças no país, ele pode ser novamente utilizado como ferramenta para o seu crescimento e desenvolvimento sustentados.

Zelda entra e, com as mãos, faz o sinal internacional de “acabou o seu tempo”, dizendo:

– Senhor Mandela, o embaixador já chegou para a reunião.

Novamente ouço a voz rica e majestosa do senhor Mandela:

– Peça ao embaixador para aguardar.

Isso deixa-me todo vaidoso. Concluo a apresentação de meu caso com um comentário que, percebo claramente, tocou o senhor Mandela:

– Algumas vezes as estrelas apenas ficam enfileiradas – comento. Nosso tempo é este. Meu tempo é este. Esta é a minha oportunidade de usar tudo o que aprendi em 25 anos de trabalho em Wall Street e nos mercados de capital para ajudar a fazer a diferença no mundo para pessoas que são iguais a mim. – É uma oportunidade – digo a ele – de tornar a liberdade econômica tão disponível quanto a liberdade política.

O senhor Mandela me faz algumas perguntas depois que termino e finalmente diz: – Como posso ajudá-lo? – menciono coisas específicas e concordamos que vamos ver aonde nossa ideia pode nos levar.

Finalmente posso usar a câmera que comprei para as eleições, pedindo a Zelda que tire uma foto de Madiba e eu, sentados lado a lado. Até hoje é a coisa mais valiosa que possuo.

Despedimo-nos com um aperto de mãos, e eu me inclino para beijar-lhe a fronte. Ele sorri. Ele sabe o que o tempo significa para mim. Estou preparado para seguir adiante, preparado para correr atrás. Ironicamente, quando estou saindo do encontro e passo diante do embaixador, que foi obrigado a esperar 45 minutos, ele e sua comitiva olham para mim, com uma expressão de dúvida nos rostos: *Quem será esse sujeito?*

Nesse mesmo período, continuando a busca de meu conceito de capitalismo consciente, voei da África do Sul para San Francisco, onde encontrei o reverendo Cecil Williams, para discutir sua visão quanto ao desenvolvimento econômico do Tenderloin (meu antigo bairro). A ideia básica de Cecil era comprar um quarteirão inteiro no ‘Loin e desenvolvê-lo em um complexo grande o suficiente para incluir um pequeno centro de convenções, lojas de varejo, restaurantes e até mesmo estacionamento, e – o mais importante – moradia acessível para os trabalhadores do centro de San Francisco. A reunião terminou com a decisão de que nosso plano original deveria ser reduzido; ou seja, não adquirir o bloco inteiro por aproximadamente 250 milhões, mas escolher locais e terrenos a um custo perto de 50 milhões. Nunca foi o tamanho do empreendimento que me motivou. Foi verdadeiramente a ideia de completar o círculo. Não é negócio; é coisa pessoal.

O que é o sonho americano senão a possibilidade de alguém, qualquer um, poder sair das ruas do Tenderloin e pensar em como dar o próximo passo para poder ajudar a fornecer moradia acessível e segura naquele mesmo bairro para os que trabalham? Afinal, há estudos comprovando que aproximadamente 12% de todos os sem-teto da América têm um emprego e vão para o trabalho todo dia. Mais e mais americanos estão vendo o sonho esvair-se e isso está errado. E, a propósito, a riqueza pela qual todos lutam não deveria ser vista apenas como dinheiro. Na verdade, sempre me perguntam se dinheiro equipara-se à riqueza verdadeira. Minha resposta é sempre a mesma: dinheiro é a parte menos significativa da riqueza. Meu valor líquido não está entre os 400 da Forbes, nem é minha ambição entrar na lista, mas tenho saúde, criei, como pai solteiro e abençoado com o apoio de toda uma vida, dois filhos que se tornaram jovens notáveis, e tenho condições de prestar um serviço que reflete meus valores. Essa é a minha definição de riqueza.

Riqueza também pode ser aquela atitude de gratidão com que nos lembramos todos os dias de contar as graças que recebemos. Tem sido uma bênção para mim ter podido romper o ciclo que me privava de estabelecer uma relação com meu pai – uma das razões por que eu fazia tanta questão de estar sempre ao lado de meus

filhos. E eles estão ao meu lado. Meu filho, Christopher, e minha filha, Jacintha, são dois jovens adoráveis, e, sem dúvida, fazem parte do meu grupo de pessoas favoritas no mundo – tanto que os contratei para trabalhar em minha empresa, não apenas porque os amo, mas também porque eles são esforçados e capazes. Sempre tive orgulho de ser pai deles e eles sempre me fazem verdadeiramente feliz.

Ser feliz, para um viciado em trabalho como eu, pode também significar tirar uma folga nessa busca disso, daquilo e daquilo outro para me divertir um pouco. O dia 26 de junho de 2005 ofereceu-me essa oportunidade. Nossa empresa foi anfitriã de uma festa da NEA – Associação Nacional de Educação – em Los Angeles. Meu sócio, Ndaba Nstele, voou diretamente da África do Sul. Sydney Kai Inis, nosso coordenador de eventos especiais, mais uma vez superou-se trazendo artistas premiados com o Grammy, tais como Dave Koz, Jonathan Butler e Waymon Tisdale. Para levantar fundos para a organização Black Caucus da NEA, preparamos um sorteio. O primeiro prêmio foi uma viagem de ida e volta – classe econômica – para a África do Sul, incluindo um pacote turístico. O valor total da viagem era acima de 30 mil dólares, enquanto o preço de um bilhete do sorteio era de apenas dez, e vendemos muitos.

O clima de celebração e de encontro de amigos e clientes maravilhosos foi inesquecível, mas o ponto culminante da noite para mim foi a oportunidade de agradecer a tantos que têm feito parte de minha jornada: toda a família da NEA, e um agradecimento especial a meu antigo patrão, Marshall Geller.

Foi Marshall Geller quem deu o sim final que me levou a ser contratado pela Bear Stearns e quem me ensinou o valor da esfera de influência. Até hoje, Marshall não sabia que usei seu escritório como apoio, quando J.R., o cliente que gostava de contar piadas racistas, decidiu me visitar pessoalmente pela primeira vez. Mas Marshall conhecia muito bem meu coração. Ele me via, todo santo dia, tentando cumprir uma cota de duzentas ligações por dia, e frequentemente ficava de pé, ao lado de minha mesa, e depois comentava:

– Não é assim que os grandes fazem; os grandes usam a esfera da influência.

Levei os vinte anos seguintes para desenvolver essa esfera. Só agora é que acho que peguei o jeito da coisa. Preciso dizer que é impressionante ver como você consegue falar com as pessoas ao telefone quando você pode dizer, com toda a honestidade, que foi o senhor Mandela quem sugeriu o contato.

Além de levantar fundos para a Black Caucus da NEA, nossa festa em Los Angeles homenageou amigos queridos e autoridades da área de educação. Anne Davis, da Associação de Educação de Illinois, e Linda Poindexter-Chesterfield, da Associação de Educação de Kansas – ambas estavam se aposentando depois de terem representado por décadas professores de escolas públicas e pessoal de apoio escolar. O evento, que atraiu cerca de oitocentos representantes da NEA, foi o cenário perfeito para eu expressar publicamente meus agradecimentos a Marshall. Minha mãe sempre me ensinou que as palavras mais importantes da língua inglesa são *por favor* e *obrigado.*

Para muitas crianças em fase de crescimento, lembrei aos muitos presentes, há, algumas vezes, uma única pessoa na sua vida, frequentemente um professor ou um empregador, que está disposta a dar-lhes aquela chance, aquele voto de confiança, aquela oportunidade necessária. Marshall Geller, expliquei, foi alguém que deu uma chance a um jovem corretor chamado Chris Gardner.

Marshall tomou a palavra depois de mim, dizendo a todos que entre seus negócios estava o de tomar muitas decisões, algumas boas, algumas ruins.

– Chris Gardner acabou provando que havíamos tomado uma boa decisão – disse ele com falsa modéstia, mesmo que não pudesse esconder seu orgulho quase paternal.

A grande ausência nessa noite inesquecível foi mamãe. Se eu não tivesse tido a chance de compartilhar meu sucesso com ela, eu teria morrido. Felizmente, antes de sua morte há dez anos, ela teve a chance não apenas de me ver prosperar, mas de também

compartilhar meu sucesso comigo. Por algum tempo, mamãe ficou sem entender que diabos eu fazia na vida. Depois de várias explicações e analogias, finalmente coloquei a coisa assim:

– Digamos que todas essas empresas que eu represento estão no cassino e eu sou o estabelecimento. – Assim, ela entendeu.

No fim de sua vida, Bettye Jean não estava nada bem. O que seu corpo e sua mente suportaram no decorrer dos anos teve um preço bem alto. Se o dinheiro pudesse trazer-lhe a saúde de volta, eu teria gastado até o último centavo. Mas isso não foi possível, e quando recebi a notícia de que eu a havia perdido, eu e minhas irmãs tivemos a certeza de que mamãe, aquela linda dama que vinha fazer balinhas para mim tanto tempo atrás, havia apressado sua própria morte, quando não obedeceu aos conselhos médicos de que não deveria beber.

Perder mamãe partiu meu coração e criou um vazio no mundo onde seu sorriso havia estado – e vou sentir a falta dela para sempre. Tanta coisa ainda aconteceria e eu queria compartilhar tudo com ela. Deixá-la feliz.

Foi sobre isso que conversei com tia Dicey Bell, quando nos reencontramos em Chicago, e contei a ela a respeito de todas as boas coisas que andavam acontecendo, não apenas da festa da NEA, mas do andamento dos projetos com a Glide, e da minha sociedade com a Pamodzi Investment Holdings, da África do Sul. Eu havia me tornado um adulto decente e havia-me graduado como cidadão do mundo, créditos transferidos para os muitos que me deram as oportunidades que tive, mas para ninguém mais importante que mamãe. Para mim, era muito importante que ela soubesse onde, graças a ela, consegui chegar.

Tia Dicey Bell garantiu-me que minha mãe havia ficado exultante com cada segundo glorioso de minhas aventuras.

– Chris – ela disse e isso era tudo o que eu precisava saber –, sua mãe está agora no céu, dançando com suas asas de anjo.

Um arremate perfeito. Dito da maneira como foi, eu só podia acreditar que era verdade. Mamãe estava dançando com suas asas

de anjo e certificando-se de que eu continuaria a ser mais abençoado que os sonhos de mil homens. Com toda a certeza.

CHRIS GARDNER é o presidente da Gardner Rich & Company, uma corretora de valores muito bem-sucedida, com escritórios em Nova York, Chicago e San Francisco. Filantropista ardoroso e palestrante motivacional, ele está ligado a inúmeras organizações – sobretudo as educacionais – e foi recentemente agraciado com o prêmio Father of the Year Award, concedido pela National Fatherhood Initiative. Nascido em Milwaukee, Gardner tem dois filhos e reside em Chicago e Nova York.

QUINCY TROUPE colaborou com Miles Davis em *Miles: The Autobiography*. Escreveu também *Miles and Me* e *Little Stevie Wonder*. Poeta respeitado, é autor de *Transcircularities*.

Agradecimentos especiais pela reprodução de partes do poema “Mother to Son”, extraído do livro *The Collected Poems of Langston Hughes*, de Langston Hughes. © 1994 by The Estate of Langston Hughes. Utilizado com a permissão da Alfred A. Knopf, uma divisão da Random House, Inc.

Uma versão capa dura do livro foi publicada em 2006 pelo selo Amistad da Harper Collins Publishers.

The Pursuit of Happyness. Copyright © 2006 by Chris Gardner. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem autorização prévia por escrito da editora, exceto no caso de citações breves em resenhas e artigos críticos.

As fotos do livro são cortesia do autor com exceção das que estão indicadas.

© 2007 by Editora Novo Conceito
Publicado sob acordo com a Harper Collins Publishers.
Todos os direitos reservados.

Produção Editorial
Equipe Novo Conceito
Tradutora: Alzira Allegro
Preparação de Texto: Henrique Zanardi Sá
Revisão: Solange Pinheiro e Carla Montagner
Capa: Esper Leon
Foto Capa: Crédito Getty Images
Diagramação: Megaart Design

eISBN 978-85-81631-17-2

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br